

UM DOS MELHORES *THRILLERS* DE SEMPRE
O FENÓMENO LITERÁRIO DO ANO

A RAPARIGA SEM NOME

HÁ DESEJOS QUE TEMOS
DE MANTER EM SEGREDO

LESLIE WOLFE

alma
livros





LESLIE WOLFE

**A RAPARIGA
SEM NOME**

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

Traduzido e editado pela Alma dos Livros, com a permissão de Italics Publishing. Esta tradução é baseada no livro *Dawn Girl* de Leslie Wolfe.

© 2016 Leslie Wolfe. Todos os direitos reservados.
A Italics Publishing não tem filiação com a Alma Dos Livros
e não é responsável pela qualidade da edição traduzida.

© 2019 Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Título: *A Rapariga sem Nome*
Título original: *Dawn Girl*
Autor: Leslie Wolfe
Tradução: Carla Ribeiro
Revisão: Silvina de Sousa
Paginação: Maria João Gomes
Capa: Vera Braga/Alma dos Livros
Imagens de capa: Shutterstock
Impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.
ISBN: 978-989-8907-81-3
1.^a edição em papel: junho de 2019

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

PRONTA

Esforçou-se por abrir os olhos, obrigando as pálpebras a obedecer. Comprimiu a respiração, tinha a garganta seca e em carne viva, enquanto incitava a onda de náusea a diminuir. Zonza e confusa, lutou por recuperar a consciência. Onde estava?

Sentia-se dormente e trémula, incapaz de se mexer, como se estivesse a acordar de um sono profundo ou de um coma. Tentou mexer os braços, mas não conseguiu. Algo a mantinha imóvel, mas não a magoava. Ou talvez já não sentisse a dor.

Os olhos começaram a adaptar-se à escuridão, o suficiente para distinguir o homem que se movia silenciosamente pela sala. A sua silhueta inundou-lhe o cérebro enevoado com uma vaga de memórias. Arquejou, sentindo a garganta apertada e lágrimas quentes a correr-lhe pelas faces inchadas.

A consciência crescente enviava-lhe fluxos de adrenalina pelo corpo e tentou desesperadamente libertar-se das amarras. A cada esforço inútil, arquejava mais, à procura de ar, forçando-o a entrar-lhe nos pulmões.

O medo comprimia-lhe fortemente a garganta e ganhava terreno, enquanto ela sacudia, impotente, as amarras, mais fraca a cada segundo. Sentiu-se engolida por uma torrente de escuridão, vinda do cérebro cansado. Procurou afastar essa escuridão enquanto combatia o corpo que não lhe respondia.

Os ruídos chamaram a atenção do homem.

— Vejo que estás acordada. Ótimo — disse ele, sem se virar.

Viu-o pôr uma seringa num pequeno tabuleiro metálico. A asa tilintou, seguida de outro som, desta vez o som áspero e revelador de uma lima a quebrar a ponta de uma ampola de vidro. E um estalido, quando o homem abriu a ampola. Pegou na seringa e encheu-a com o líquido, removendo entretanto o ar, empurrando o êmbolo até saírem várias gotas.

Nesse instante, uma tontura dominou-a e fechou os olhos por um segundo.

— Merda — resmungou o homem. Depois abriu uma gaveta e vasculhou-a apressadamente.

A seguir, aproximou-se.

Ela sentiu a agulha cravar-se-lhe profundamente na coxa, como se estivesse a acontecer a outra pessoa. Sentia-a, mas de forma distante. Notou um ligeiro ardor onde ele lhe injetava o líquido, que desapareceu quando retirou a agulha. Fechou de novo os olhos cansados, indiferente às amarras.

O homem obrigou-a a cheirar sais de amónia e ela voltou à realidade à velocidade de um raio, consciente, alerta e zangada. Por um segundo, debateu-se na tentativa de se libertar, mas paralisou novamente quando os seus olhos se concentraram na figura sinistra que se apresentava diante dela.

Viu um bisturi perto da cara. O pequeno e brilhante objeto prateado era capaz de trazer curas formidáveis, bem como imensa dor. A diferença estava na mão de quem o brandia. Naquele caso, ela sabia com absoluta certeza que nenhuma cura se aproximava; apenas dor.

— Não, não, por favor... — pediu, as lágrimas a cair-lhe abundantemente dos olhos inchados, ardendo enquanto lhe desciam pela cara. — Por favor, não. Eu... faço qualquer coisa.

— Estou pronto — declarou o homem. Parecia calmo, sereno e frio. — Estás pronta?

— Não, não, por favor... — choramingou ela.

— Sim — disse ele baixinho, quase num sussurro, a centímetros da sua cara. — Por favor, diz-me que não. Adoro isso.

Ela calou-se, terrivelmente assustada. Desta vez era diferente. *E*le era diferente.

AMANHECER

— E se formos apanhados? — sussurrou a rapariga, indo atrás do rapaz. Caminhavam rapidamente pela pequena rua residencial envolta em escuridão, seguindo pelo meio da estrada. Não havia passeios. Casas de luxo alinhavam-se de ambos os lados, provavelmente equipadas de holofotes com sensores que eles não queriam ativar.

Ela puxou-lhe a mão, mas ele não parou.

— Nunca te importas com estas coisas, Carl, mas eu, sim. Se formos apanhados, fico de castigo, tipo, para sempre!

O rapaz continuou a andar, apertando-lhe firmemente a mão.

— Carl! — Ela aumentou o tom do sussurro, revelando mais da sua ansiedade.

Ele parou e virou-se, encarando-a. Franziu um pouco o sobrolho ao ver a sua angústia, mas sorriu e acariciou-lhe uma madeixa de cabelo rebelde que lhe saía do capuz da camisola.

— Não há ninguém, Kris. Ninguém nos vai ver. Vês? Não há luzes acesas, nada. Estão todos a dormir. Zzz. São cinco da manhã.

— Eu sei — suspirou ela —, mas...

Carl beijou-lhe suavemente os lábios, com uma pequena hesitação e desconforto infantil no gesto.

— Vamos ficar bem, prometo — disse, e pegou-lhe de novo na mão. — Estamos quase lá, anda. Vais adorar.

Mais alguns passos e a pequena rua acabava no parque de estacionamento asfaltado do que iria ser uma espécie de futuro empreendimento, talvez um centro comercial. A partir daí, tinham de atravessar a Highway 1. Agacharam-se junto à estrada, à espera de que não houvesse trânsito. Não podiam permitir-se ser vistos, nem à distância. No momento certo, atravessaram a estrada de mãos dadas, e cortaram pelo campo em direção à praia. Seguiu-se atravessar a Ocean Drive e depois cortar por uns quantos metros de arbustos e árvores até à areia.

— Caramba, Carl — protestou Kris, parando bruscamente junto à linha das árvores. — Sabe-se lá que criaturas vivem aqui? Pode haver cobras. Lagartos. Brr...

— Pode haver, mas não há — respondeu Carl, parecendo seguro de si. — Confia em mim.

Ela susteve a respiração e baixou a cabeça, depois apertou com força a mão de Carl. Ele acendeu a lanterna do telemóvel e indicou o caminho sem hesitação. Passados alguns segundos, chegaram à praia, e Kris soltou uma longa e tensa expiração.

A luz da convexa lua minguante refletia-se nas ondas calmas do oceano, lançando centelhas de luz e cobrindo a praia de sombras prateadas. Estavam sozinhos. As únicas

criaturas a fazer-lhes companhia eram caranguejos pálidos que assumiram posturas belicosas quando Kris e Carl pisaram a areia à sua volta, rindo-se.

— Vês? Eu disse-te — observou Carl. — Aqui, ninguém nos vê. Podemos fazer o que quisermos — acrescentou, brincalhão.

Kris guinchou e correu em direção à torre salva-vidas. De dia, a torre mostrava os seus brilhantes amarelo e laranja, uma mancha de cores alegres na extensão de areia onde abundavam banhistas.

À noite, a estrutura revelava-se sombria, assemelhando-se a uma criatura ameaçadora com pernas altas como as de um inseto.

— Parece um dos extraterrestres d'A *Guerra dos Mundos* — disse Kris, começando depois a correr, agitando os braços, a fingir que voava.

Carl perseguiu-a, rindo e guinchando, à volta da torre e tecendo padrões de pegadas entre os maciços postes de madeira.

— Ufa — disse Carl, parando a perseguição e afastando-se um pouco. — Tresanda a mijo. Vamos sair daqui.

— Ehhh... — respondeu Kris, seguindo-o. — Porque fazem os homens isso?

— O quê? Mijar?

— Toda a gente mija, génio — respondeu Kris, ofegante da corrida. — Mijar onde tresanda e incomoda as pessoas, era o que eu queria dizer. As mulheres fazem chichi nos arbustos. Os homens deviam mijar na água se não gostam dos arbustos.

— A sério? Isso é nojento.

— Onde achas que mijam os peixes? Ao menos as ondas levavam o chichi e assim não cheirava mal, para estragar o nosso nascer do Sol.

— Os peixes mijam? — Carl chegou-se para trás, incrédulo.

— Não?

Caminharam de mãos dadas, deixando mais alguns metros de distância entre eles e a torre. Então, Carl atirou-se ao chão, arrastando Kris. Ela voltou a guinchar, e riu-se.

— Vamos sentar-nos aqui — disse ele. — Está na hora do espetáculo. Vejamos se nos calha um dos bons.

O céu começava a clarear a leste. Assistiram em silêncio, de mãos dadas, enquanto as sombras escuras de azul e de cinzento se incendiavam gradualmente, misturando vermelhos-escuros e tons de laranja. A linha do horizonte era clara, uma aresta afiada que assinalava onde o oceano se encontrava com o céu.

— Vai ser fantástico — disse Carl. — Não há nuvens nem neblina. — Beijou-lhe rapidamente os lábios e voltou de novo a atenção para o espetáculo de luzes celestial.

— És um rapaz estranho, Carl.

— Sim? Porquê?

— Outros rapazes pedir-me-iam que me escapasse a meio da noite para uns amassos. Contigo, é um nascer do Sol, ponto final. Devo ficar preocupada?

Carl esboçou um grande sorriso e depois fez cócegas a Kris até ela implorar por misericórdia entre arquejos e ataques de riso incontrollável.

— Acaba com isso. Não consigo respirar!

— Talvez eu queira avançar para esses amassos, sabes — disse Carl, rindo-se.

— Nah, está a ficar dia. Podiam ver-nos — Kris afastou-se, pouco convencida. —

Alguém podia passar por aqui.

Carl encolheu os ombros e virou a atenção para o nascer do Sol. Pegou-lhe na mão e segurou-a gentilmente, brincando-lhe com os dedos.

Quase metade do céu tinha pegado fogo, desafiando o luar e obliterando a maior parte da sua luz refletida contra as felizes e serenas ondas do oceano.

Carl viu as horas no telemóvel.

— Mais alguns minutos até nascer — anunciou num tom sério, como se estivesse a prever um acontecimento raro e significativo. Tirou algumas fotografias ao céu e então, de repente, tirou uma a Kris.

— Ah... não — reagiu ela —, dá-me isso já, Carl.

Arrancou-lhe o telemóvel da mão e olhou para a foto. A imagem mostrava uma rapariga com o cabelo castanho-dourado em desordem, cobrindo parcialmente um rosto tenso e com vincos profundos na testa. Via-se Kris concentrada a roer a unha do indicador e a babar o punho da manga.

— Horrível — reagiu, carregando na opção de apagar.

— Não! — protestou Carl, tirando-lhe o telemóvel. — Eu gosto!

— Não há nada para gostar. Pronto — disse ela, descontraindo um pouco e arranjando brevemente o cabelo com os dedos longos e finos. — Eu poso para ti. — Sorriu.

Carl tirou-lhe algumas fotografias. Estava linda contra o fundo do céu em fogo, areia rosada e águas azul-turquesa. Captou imagem atrás de imagem, enquanto ela entrava no espírito e fazia caretas, e rodopiava, rindo-se, à frente dele.

O primeiro raio penetrante de sol surgiu do mar no momento em que Kris gritava, um grito de gelar o sangue que fez com que Carl se levantasse de um salto e corresse para ela.

Sem palavras, Kris apontou com uma mão trémula para a torre salva-vidas. Entre os postes de madeira que sustentavam a estrutura elevada, estava o corpo nu de uma jovem. Parecia ajoelhada, como se rezasse ao sol nascente. Tinha as mãos unidas à frente, no gesto universal e inconfundível de uma silenciosa súplica.

Sustendo a respiração, aproximaram-se cautelosamente, curiosos e, no entanto, assustados. A luz crescente da nova manhã revelava mais pormenores a cada passo que davam. As costas, cobertas de hematomas e pequenos cortes, manchadas de sangue esborratado e seco. Os olhos azuis muito abertos, vidrados. Alguns grãos de areia colados às longas pestanas negras. O belo rosto, imóvel, coberto de cintilantes grãos de areia. Os lábios ligeiramente entreabertos, como que para deixar escapar um último suspiro. Os longos cabelos louros, molhados pela maresia, quase conseguiam disfarçar o corte profundo no pescoço.

Não gotejava sangue da ferida; há já algum tempo que o seu coração deixara de bater. Mas mantinha-se direita, inabalável na postura de oração, os joelhos firmemente presos na

areia coberta das pegadas deles e os olhos fixos no belo nascer do Sol de que tinham vindo desfrutar.

CENA DO CRIME

O detetive Gary Michowsky praguejou em surdina ao abrir a porta do *Crown Vic* da polícia de Palm Beach. Mordeu o lábio e retesou os músculos cansados, preparando-se para a dor aguda que lhe ia disparar pelas costas no segundo em que pusesse os pés no chão e tentasse sair do carro. Se tivesse sido considerado digno de um dos novos *Ford SUV* distribuídos à polícia por todo o estado, talvez tivesse menos problemas a entrar e a sair do veículo. Mas não, pelo menos não ainda.

Esperou que o parceiro, Todd Fradella, saísse primeiro. Não queria que um indício do seu ataque de ciática gerasse comentários na sala de patrulha. A última coisa de que precisava era de um monte de piadas estúpidas perpetradas por detetives espertinhos e cretinos de uniforme, atacando a sua idade, capacidade de fazer o trabalho e, acima de tudo, a autoestima. Não era assim tão velho; só tinha quarenta e nove anos. A poucos meses dos grandes cinquenta. Não havia uma razão etária para o ataque de ciática, além, claro, de levantar pesos sem cinto, pensando que tinha vinte anos. A proximidade diária do jovem parceiro, Fradella, com o seu bom aspeto boémio, o cabelo pelos ombros e a reserva interminável de chamadas de raparigas bonitas, não ajudava. Sentia-se compelido a competir, a agarrar-se a qualquer juventude que ainda lhe corresse nas veias.

Pois, por isso estava lixado por uns dias, tendo de trabalhar com dores excruciantes, apesar dos analgésicos que tomava de duas em duas horas. Não podia tirar folgas, não com o novo caso que lhes caíra no quintal. O capitão arquearia pelo menos uma sobrelance se ele as pedisse sequer.

Fradella saltou do carro com invejável agilidade e bateu com a porta. A onda de choque enviou uma rápida e afiada lâmina de dor às costas de Michowsky, um aviso de que tinha de ir com calma. Resmungou e agarrou-se discretamente com a mão esquerda ao aro da porta, usando-a como alavanca para se levantar. Passado um par de segundos terríveis, estava a caminho da área isolada, as costas quase direitas, embora um pouco mais lentamente do que o costume.

A torre salva-vidas já estava rodeada de fita amarela da polícia, presa em estacas improvisadas espetadas na areia. A primeira equipa a responder fora rápida, isolando a área. Michowsky parou junto à linha, hesitante. Curvar-se para passar por baixo da fita, como habitualmente, estava fora de questão. Decidiu ir à volta, ao ver que a fita não se estendia até à água. Caminhou o mais rápido que pôde e contornou a linha no momento em que a carrinha do médico legista estacionava, as rodas meio enterradas na areia macia.

Chegou à torre salva-vidas e teve a primeira visão clara da vítima. Quase arquejou. A posição era chocante, parecendo viva. Nua, ajoelhada na areia, ligeiramente curvada, mas com as costas direitas e a cabeça erguida. Era bela, mesmo na morte. Abanou a cabeça,

amargamente. Às vezes, o trabalho deixava-o doente, desgostoso com a vida, com os monstros da humanidade.

— O que temos? — perguntou, mantendo-se a alguns passos do corpo.

Um agente de uniforme aproximou-se, com o bloco de notas aberto na mão.

— A chamada veio às seis e quarenta e oito. Aqueles dois miúdos encontraram-na. — Apontou para um rapaz e uma rapariga sentados na areia junto à área isolada, encolhidos ao lado um do outro, com os ombros encostados. A rapariga chorava em silêncio. — Carl Collunga, dezasseis anos, e Kristen Bowers, também com dezasseis. Está a ver aquele ponto ali, na areia-do-mar, assinalado com o marcador de provas sete? Vomitou ali, a rapariga, Kristen. Um par de vezes. Estava muito perturbada.

— Estou a ver. Os pais já foram notificados?

— Oh, sim — respondeu o polícia de uniforme. — Vêm a caminho.

— O que disseram os miúdos? — perguntou Fradella.

— Disseram que vieram ver o nascer do Sol e descobriram ali o cadáver. Mais nada.

— Nascer do Sol, ah? — resfolegou Michowsky.

— Pois... — O agente riu-se. — Rico encontro que tiveram.

— Antecedentes destes miúdos? — perguntou Michowsky, encostando-se a um dos postes de madeira que sustentavam a torre.

— Famílias abastadas, locais, não têm cadastro. Escapuliram-se; vão enfrentar alguns sarilhos quando os pais chegarem.

— Aposto que sim. E ela? — continuou Michowsky, indicando o cadáver. — Alguma identificação?

— Não há nada visível.

— Não estamos preocupados com pegadas, suponho — resmungou Michowsky, olhando para a areia coberta delas. Durante alguns segundos, viu como a brisa do oceano transportava grãos de areia de e para a cena do crime, erodindo, alterando tudo. A natureza era a contramedida forense perfeita, sobretudo ali na praia. — É inútil. Este sacana é esperto... Aqui, não se consegue tirar provas. De qualquer modo, este é o sítio onde largou o corpo. Não há sangue. Mas teremos de escavar por baixo do corpo, só para ter a certeza. Recolher alguma desta areia.

Aproximou-se lentamente da vítima, analisando-a, observando pormenores.

— Ah... — disse, apontando para as mãos da rapariga.

— Pois — respondeu Fradella. — Também não vi isso, pelo menos de início.

Tinha as mãos amarradas com fio de pesca fino, quase invisível, numa postura como que de oração. Daquele fio, subia outro, atado à estrutura de madeira, o qual lhe mantinha as mãos no sítio e garantia a posição do corpo. O filho da mãe montara-lhes um espetáculo.

Michowsky calçou uma luva e tocou no fio de pesca. Estava resistente. Pressionou um pouco mais, mas as mãos recusaram-se a mexer-se. Devia haver mais alguma coisa a mantê-las no lugar.

— Vejamos... — disse Michowsky, semicerrando os olhos. — Vê-lhe a cabeça. Está

demasiado direita para ser natural.

— Não lhe toco até o Doutor Rizza chegar — respondeu Fradella.

— Escolha inteligente — retorquiu o Dr. Rizza, surgindo atrás da fita amarela. Aproximou-se, seguido de dois assistentes que carregavam as habituais pilhas de equipamento. — Vamos instalar-nos aqui — acrescentou, apontando para uma área perto da torre.

O primeiro assistente, um jovem a quem chamavam AJ, pousou a maca e abriu o saco para cadáveres. Depois, escancarou uma mala e entregou ao Dr. Rizza a sonda para medir a temperatura do fígado.

O Dr. Rizza pegou na sonda, sem desviar os olhos do cadáver. Com a mão enluvada, examinou-lhe gentilmente a ponta dos dedos, convidando depois com um gesto o técnico de cenas de crime, Javier Perez, a tirar-lhe as impressões digitais. Então, o médico legista puxou gentilmente para trás algumas madeixas do seu longo cabelo louro, expondo uma incisão profunda no lado esquerdo do pescoço.

Michowsky gostava de ver o Dr. Rizza trabalhar. Era da velha guarda, respeitoso e metucioso, levando o seu tempo, sem estar constantemente obcecado com estatísticas, números e relatórios. Era de confiança; importava-se.

— Tenho uma causa de morte preliminar para si — anunciou o Dr. Rizza.

— Dispare — disse Michowsky, pronto para tirar apontamentos.

— Vou apostar em exsanguinação, devido a traumatismo com objeto cortante no pescoço. Por agora. Conhece a regra. Não me cite até acabar o relatório.

— Arma do crime? Alguma pista?

— Terei de fazer moldes... provavelmente um bisturi. Não há marcas de hesitação. Ele já fez isto antes.

O Dr. Rizza passou a mão enluvada pelo cabelo cada vez mais escasso, limpando o suor que se lhe formava no escalpe reluzente, depois parou e olhou para a mão por uma fração de segundo.

— Esperto... mesmo esperto... — murmurou. Tirou a luva contaminada, enfiou-a no saco do lixo e calçou uma nova luva estéril.

— Não está no sistema — anunciou Javier, guardando o leitor de impressões digitais e pegando na câmara de alta resolução. — Vou começar com as fotografias.

— Ainda não — pediu o Dr. Rizza. — Dá-nos um minuto. — Procurou fios de pesca adicionais e encontrou mais alguns. Eram difíceis de ver à sombra da estrutura da torre.

Tinha a cabeça segura por um fio atado debaixo do maxilar e outro em torno da testa, escondido no cabelo. Os ombros estavam suspensos, com as voltas do fio tapadas também por madeixas cuidadosamente posicionadas.

— Estava à espera de mais ataduras — comentou o Dr. Rizza, afastando-se para abrir espaço para a câmara de Javier. — De que mais precisa? Oh, sim, hora da morte. — Verificou a sonda e franziu o sobrolho. — O momento do óbito é entre doze e dezasseis horas atrás, talvez mais.

— Então foi trazida para aqui horas depois de morrer — disse Michowsky. — Esta praia

é frequentada até às nove, talvez mesmo até às dez da noite, todas as noites.

— Pois. Abre a distância para a sua cena primária do crime, lamento — confirmou o Dr. Rizza. — Pode ter sido morta a quilómetros daqui. — Virou-se para Javier. — Já acabaste? Ajuda-me a soltá-la.

AJ aproximou-se do outro lado, sustentando o cadáver, e Javier passou-lhe as ferramentas que ele pedia em voz baixa e profissional. Cortou os fios de pesca um a um, mas o corpo manteve a maior parte da postura.

— Tem a certeza de que apanhou todos? — perguntou Michowsky.

— Sim — respondeu o Dr. Rizza. — É só a rigidez. Confirma a minha estimativa da hora da morte. O mais provável é que tenha sido trazida para aqui com o *rigor mortis* já instalado.

Michowsky virou costas, deixando o Dr. Rizza e os técnicos a acabar. Deu a volta à fita policial, dirigindo-se aos dois jovens encolhidos, a poucos metros dali, e fez sinal a Fradella para que se juntasse a ele.

Quando se aproximaram, os dois adolescentes levantaram a cabeça e olharam para eles sem dizer palavra.

— Sou o detetive Michowsky e este é o detetive Fradella. Segundo percebi, foram vocês que encontraram o corpo?

— S-sim — respondeu o miúdo. — Sou o Carl, e esta é a Kris.

— E é só isso? Simplesmente encontraram o corpo? — questionou Michowsky. — Não viram ninguém, não ouviram nada?

— Não. Juro — respondeu o rapaz, um pouco depressa demais, despertando a curiosidade de Michowsky. Estaria a esconder alguma coisa? Provavelmente, nada mais do que alguma compreensível ansiedade.

— O que faziam os dois aqui, afinal?

— Víamos o nascer do Sol. Mais nada, a sério — respondeu o rapaz. — Quem era ela?

— Ainda não sabemos. Se se lembrarem de alguma coisa, por favor, liguem-me. — Michowsky entregou-lhes o seu cartão de visita. Kris estendeu a mão para lhe pegar.

— Podemos ir para casa agora, por favor? — perguntou, com voz ténue. — Nós... não dissemos a ninguém que íamos sair. Os meus pais vão...

— Não te preocupes, vêm a caminho. Já lhes ligámos.

Kris começou a chorar.

— Porquê? Nós não fizemos nada!

— Não vão a lado nenhum, ouviram? — avisou Fradella.

Dirigiram-se lentamente à carrinha do Dr. Rizza, suficientemente devagar para Michowsky se sentir confortável.

— Deus, preciso de um café — disse Michowsky, esfregando vigorosamente o queixo. — Necessito de qualquer coisa para acordar o cérebro.

— O que achas?

— Dos miúdos? Creio que estão com mais medo dos pais do que de toda a situação.

— Não, deste caso. Nunca vi nada assim. Achas que é um fanático religioso?

— É difícil dizer. Parece-me uma morte ritual. A forma como a posicionou revela que o sacana nojento queria que fosse encontrada daquela forma. Queria espetáculo.

— Por falar em espetáculos, temos circo — disse Fradella, apontando para duas carrinhas da comunicação social que estacionavam na praia. — Quem diabo os chamou?

A alguns metros dali, Michowsky e Fradella viram o Dr. Rizza ameaçar um punhado de repórteres, inabalável até recuarem pelo menos mais quinze metros com as carrinhas. Então, Rizza mandou um par de polícias uniformizados montar outra linha, afastando mais os mirones e cortando-lhes o acesso aos dois miúdos.

— Precisamos de confirmar a identificação dela de imediato — disse Michowsky.

Fradella anuiu, apontando qualquer coisa no bloco de notas.

— Ver as pessoas desaparecidas?

— Para começar — confirmou Michowsky. — Talvez tenha desaparecido há tempo suficiente para estar no sistema. Alguém deve ter sentido a falta dela.

— Ahã — respondeu Fradella. — Achas que é obra de um assassino em série? Quer dizer, olha... o ritual, a postura, a ousadia do gajo ao trazê-la para aqui. Sabe Deus de onde.

Fradella, como a maioria dos jovens, saltava logo para conclusões extremas. Mas, desta vez, Michowsky não encontrava uma falha imediata na sua lógica além do número de corpos. Uma só vítima não bastava para se tratar de um assassino em série.

— Precisamos de três vítimas para lhe chamar série. Por agora, tudo o que sei é que necessitamos de ajuda. Isto — disse, estendendo a mão na direção da torre — ultrapassa aquilo com que normalmente lidamos. Não acho que estejamos preparados para tirar as conclusões certas.

— Gostava de tentar, ao menos. Daria uma bela captura para a nossa equipa.

Sim, demonstrava ambição, o novo parceiro. Era também bastante promissor, perspicaz, motivado e tinha o coração no sítio certo. Contudo, às vezes desejava um parceiro mais experiente, alguém que já tivesse queimado o entusiasmo da juventude e amadurecido o suficiente para saber em que batalhas valia a pena morrer.

— E correr o risco de amanhã encontrar outra rapariga como aquela? Ou na próxima semana? Porque falhámos uma pista? Sê razoável, parceiro, precisamos de ajuda. Não há vergonha nisso.

— Pensei que podíamos... — Fradella franziu o sobrolho, enquanto argumentava, mas foi interrompido por um dos repórteres.

— Desculpem, detetives — gritou um homem, dobrado o máximo que podia sobre a fita policial.

Irritado, Michowsky dirigiu-se ao repórter a passos largos e zangados, ignorando as pontadas de dor que sentia nas costas. Aproximou-se e pôs-se à frente dele.

— Está no meu espaço — disse baixinho, apontando para a fita amarela. — Recue.

O repórter deu imediatamente um passo atrás, mas continuou a estender o microfone na direção de Michowsky.

— Detetive, têm a identificação da Rapariga sem Nome? Foi um assassino em série que

fez isto?

Michowsky respirou fundo, tentando acalmar os nervos tensos e à flor da pele.

— Como se chama?

— Brandt Rusch. Canal Sete.

— Senhor Rusch, aconselho-o vivamente a não começar já a arranjar cabeçalhos sensacionalistas para alimentar as audiências do seu canal. Se vir que se está a aproveitar da situação...

— O que é que faz? — repeliu-o Rusch. — Liberdade de imprensa, lembra-se?

— Oiça, esta miúda é mais do que um cabeçalho que espeta numa reportagem para vender a sua verborreia. Ela não merece isso. É uma pessoa, com nome, família e entes queridos. Não faça isso. Por favor.

— O que me impede?

— Só posso pedir. De forma simpática.

— Então diga-me o nome dela — insistiu Rusch, o seu sorriso a provocar Michowsky, pondo-o fora de si.

— Ainda não temos o nome. Assim que confirmarmos a identidade, notificamos os parentes mais próximos e depois entramos em contacto.

— Liga-me? — Rusch riu-se. — Não sou assim tão estúpido.

— Dê-me o seu cartão e eu ligo-lhe. Prometo. E nada de falar em assassinos em série também. Não temos quaisquer provas disso.

Rusch franziu os lábios e abanou a cabeça, depois pôs o cartão na mão de Michowsky.

— Fica a dever-me uma — disse e virou costas para partir, abrindo caminho por entre a multidão crescente.

Passado um segundo, outro repórter ocupou o seu lugar, brandindo o microfone.

— Detetive, terei acabado de ouvir que designaram este caso como A Rapariga sem Nome? E que terá sido morta por um assassino em série? Pode confirmar?

Ia ser um dia muito longo.

MISSÃO

Tess Winnett encheu de novo a chávena de café, ficando de olho na porta do elevador. Entrara cedo, de modo a deixar o seu relatório na secretária do agente especial responsável, Alan Pearson, antes da sua habitual hora de chegada. Sabia que seria chamada quando o agente acabasse de o ler, e só queria que aquilo tudo terminasse.

Ouviu um tilintar e olhou de novo para as portas do elevador, no momento em que estas se abriam e saíam outros agentes, analistas e técnicos, conversando animadamente, prontos para começar o dia. Conversa de circunstância... outra pequena coisa da vida de que sentia falta, que não sabia como trazer de volta.

Sacudiu os pensamentos sombrios e tornou a concentrar-se no café. Encheu a chávena e pôs a cafeteira de novo na máquina, com cuidado para não derramar.

— Sabes que nunca vais ter sexo se continuares a fazer isso, certo? — disse ruidosamente um homem atrás dela, ao passar, absorto na conversa com outro colega.

Tess sobressaltou-se e as mãos tremeram-lhe, atirando café para todo o lado. Manchou-lhe a blusa branca e as calças cinzentas. Derramou-o na pequena mesa, na máquina de café, por baixo, nos lenços de papel, no boião de açúcar. Um generoso salpico aterrou na parede e desceu até ao chão em pequenos regatos. Outro atingiu a alcatifa.

— Raios partam — murmurou Tess. Que tipo de idiota pôs a máquina de café neste estúpido corredor, obrigando-a a ficar de costas para o tráfego?

Respirou fundo, recuperando alguma da compostura. O tipo de idiota que não tinha medo de pessoas pusera a máquina naquele lugar, para conveniência de todos. Não havia nada de errado nisso. Ali não corria perigo, no meio do quinto andar do novo edifício do FBI em Miramar, na Florida. Aquelas pessoas eram boas... eram os colegas. Eram seguros. Respirou novamente, mais fundo, devagar, e começou a limpar o que sujara.

— A fazer decorações esta manhã, Winnett? — perguntou um analista, mostrando duas filas de dentes direitos e impecavelmente brancos, sinal de boas famílias e de uma ótima educação.

— Ah, vai-te lixar, Donovan — respondeu secamente, continuando a limpar as manchas de café na parede.

— É sempre um prazer falar contigo — respondeu o analista, impávido, dirigindo-se aos elevadores.

Outro longo suspiro escapou-se-lhe dos pulmões. Ninguém reparara em nada fora do vulgar; era só uma mancha de café. Acontece a toda a hora, em vários escritórios. Estes derrames são a razão por trás dos tratamentos industriais de alcatifas com *Teflon*, facilitando o trabalho de pessoas como ela. Ninguém reparou em nada, mas eram investigadores. Eventualmente iam perceber, se ela não se controlasse.

— Winnett — a voz do agente Pearson atravessou meio andar. — No meu gabinete, agora.

Frustrada, fez uma bola com o toalhete de papel e atirou-o ao lixo com força, quase derrubando o cesto.

— Estou a caminho — respondeu, virando-se para olhar para o agente Pearson. Estava à porta do gabinete, com o relatório dela numa mão e apoiado na moldura da porta com a outra. Parecia tenso, impaciente. Ela apressou-se.

— Fecha a porta e senta-te — ordenou Pearson. Parecia intransigente, quase zangado.

Tess obedeceu em silêncio e esperou que o exercício começasse, encolhendo-se por dentro e preparando-se.

O agente Pearson folheou as páginas do seu relatório e anotou algumas coisas num bloco.

— Fechaste o caso de fraude na saúde com uma bela detenção. Parabéns — disse ele, soltando um longo suspiro, como se o reconhecimento do seu sucesso lhe causasse dor física.

Ela anuiu, mantendo-se em silêncio.

— Também conseguiste um número recorde de queixas para um único caso. Quatro queixas escritas e formalmente registadas.

Tess mordeu o lábio e absteve-se de fazer a pergunta óbvia. Tinha a certeza de que o agente Pearson não tardaria a ser generoso com os pormenores.

Ele folheou as notas, enquanto a sua expressão se aprofundava, franzindo a fronte maciça e peluda.

— É verdade que decidiste visitar e interrogar uma testemunha importante às duas da manhã?

Ela franziu os lábios e assentiu uma vez, desviando o olhar.

— Diz aqui que lhe bateste à porta até ela abrir e que, por essa altura, metade da vizinhança estava acordada. O que precisavas de discutir que não podia esperar até de manhã? Era um caso de fraude, Winnett, não um rapto.

— Na altura — começou Tess, mas parou por um segundo a fim de aclarar a voz, irritada com a própria hesitação. — Várias pessoas tinham começado a destruir provas. Qualquer minuto de atraso podia custar-nos um conjunto completo de provas para sustentar o processo.

— Sim, mas na altura não sabias disso — ripostou Pearson. — Só descobriste a destruição no dia seguinte, não foi?

— A modos que sabia, senhor. Era a coisa lógica a fazer, e o terceiro turno da segurança dissera-me que vários executivos tinham estado a trabalhar até muito tarde.

— Foi portanto o teu instinto a dizer-te que batesse àquela porta a meio da noite, para que o governador me pudesse ligar na manhã seguinte referindo o teu nome?

Tess baixou a cabeça, derrotada por um segundo, depois recuperou.

— É o que usamos em campo, senhor. E provou-se que estava certa.

O último comentário fez Pearson franzir ainda mais o sobrolho. Cerrou os maxilares, os

músculos presos a dançar-lhe sob a pele barbeada.

— Também não conseguiste integrar-te na equipa, Winnett. Era suposto trabalhares em conjunto com as autoridades locais e representantes da Medicare. Mas limitaste-te a sair por tua conta, sem os informares dos planos. Não é assim que uma equipa funciona, Winnett.

Ele esperava que ela respondesse, mantendo um frustrado contacto visual. Ela resistiu ao impulso de desviar o olhar e respondeu:

— Sim, senhor.

— Quando estás em campo, a trabalhar num caso, representas esta instituição e tens de agir segundo os seus padrões e políticas. Não podes envergonhar o FBI com as tuas ações, nem deteriorar sozinha o relacionamento entre as unidades locais de aplicação da lei e a agência regional. A nossa capacidade de resolver casos de forma eficaz depende da aptidão para conduzir trabalho de equipa, envolvimento e colaboração. Faz parte das nossas políticas, do código de conduta que juraste acatar e respeitar.

Tess não encontrou nada para dizer em sua defesa. A verdade teria sido uma opção, mas garantir-lhe-ia uma resposta ainda mais zangada de Pearson. Os agentes das forças da lei locais eram lentos, indolentes e incapazes de acompanhar o que ela procurara fazer. Já desperdiçara tempo demais a tentar explicar os seus atos. Conquanto fosse a verdade, definitivamente não a mencionaria a Pearson, nem para se defender.

— Por falar em código de conduta, Winnett — prosseguiu ele —, estás em violação direta, e desta vez é documentável.

— Com o quê, senhor? — deixou escapar Tess, surpreendida.

— Apostaste durante o horário de trabalho.

— Fiz o quê?

— Não fizeste uma aposta com um tenente da polícia local? Deves lembrar-te dessa aposta... Diz aqui que perdeste cem paus.

— Oh, isso — disse ela, mordendo novamente o lábio.

— Sim, isso. Importas-te de explicar?

— Bem, precisava que a equipa andasse mais depressa do que eles estavam dispostos. Para conseguir isso, apelei ao ego do homem, e resultou. Quando fiz a aposta, eu queria perder, senhor.

— Manipulaste aquele tenente, é o que estás a dizer?

— Hum... sim, senhor.

— Caramba, Winnett. Não há limites contigo. Pensaste em explicar, colaborar ou motivar a equipa local?

— Sim, mas a aposta funcionou mais depressa. Só me levou um minuto, e estávamos com falta de tempo.

Pearson passou a mão pela cara, como que para se libertar da tensão, talvez cansaço. Talvez exasperação.

— Finalmente, fizeste as detenções sozinha, sem esperares por reforços e sem sequer te dares ao trabalho de dizer à tua equipa que os mandados tinham chegado. Há um

motivo para isso ser contra os procedimentos. Sabias, e quebraste-os de qualquer forma. Porquê?

Tess hesitou, respirou fundo e respondeu, o mais suavemente que conseguiu.

— Voltando ao seu ponto anterior, senhor, era um caso de fraude, não um rapto. O risco era baixo.

— Não estou a falar do risco, mas de uma equipa local frustrada porque sente que lhes foi roubado o crédito que merecia. Refiro-me a quebrares os procedimentos. Outra vez.

— Com o devido respeito, senhor, eles não mereciam muito crédito neste caso. Os mandados tinham sido emitidos e enviados por fax para a sala de patrulha deles, e decidiram ir antes tomar o pequeno-almoço. *Donuts* e café. Eu simplesmente não quis esperar. Quis encerrar o caso. Eles sabiam onde eu ia e chegaram tarde demais. A escolha foi deles.

Pearson levantou-se, empurrando a cadeira com força, e começou a andar de um lado para o outro no gabinete. Ela seguiu-lhe os movimentos por algum tempo, mas desistiu, mantendo os olhos focados na janela, no céu azul que prometia outro dia soalheiro.

Então Pearson parou diante dela. Instintivamente, Tess puxou a cadeira para trás, sentindo-se ameaçada. Depois levantou-se, lendo-lhe a postura como uma sugestão de que a reunião terminara.

— Ainda não acabámos, Winnett. Senta-te.

Ela obedeceu, afastando ainda mais a cadeira, pondo o máximo de distância possível entre Pearson e ela, lutando contra o pânico que sentia a controlar-lhe o cérebro. Concentrou-se na respiração, o que tornou as coisas mais suportáveis.

Pearson voltou para trás da secretária e sentou-se. Tess descontraíu-se, soltando um longo suspiro lenta e discretamente.

— Há meses que trabalhas sem parceiro. És brusca, desdenhosa, é difícil lidar contigo. As pessoas queixam-se porque as irritas. És um processo à espera de acontecer, por mais esperta que sejas. És vista como arrogante, desrespeitosa, e isso vai acabar. Hoje. — Pearson bebeu alguns goles de água engarrafada. — Sabes porque exige o protocolo que os agentes trabalhem em equipas, Winnett?

Ela aquiesceu. Pearson continuou, sem esperar que ela respondesse.

— É melhor para todos os envolvidos. É menos provável que recebas queixas, que faças coisas estúpidas e te metas em sarilhos. Os parceiros ajudam-se mutuamente, mantêm-se honestos, protegem...

— Protegem-se um ao outro, senhor? — interrompeu ela, a voz repleta de tons amargos e angustiados. — Tenho a certeza de que concordará que isso não é verdade. Nem sempre.

— A morte do Mike não foi culpa tua! Foste ilibada de qualquer responsabilidade.

— Isso não quer dizer nada, senhor. Não para mim. O Mike morreu quando era suposto eu proteger-lhe as costas. Agora, o filho de quatro anos não tem pai. Portanto, vamos concordar os dois que é melhor para a saúde de todos se eu trabalhar sozinha, está bem?

— Não és tu quem faz as regras, Winnett! Nem quem define os termos. Sou eu. —

avisou Pearson, erguendo a voz. — Entendido?

— Sim, senhor.

— És nova, Winnett — continuou ele, soando um pouco mais calmo, mas também mais ameaçador. Folheou um ficheiro por uma fração de segundo. — Só trinta e quatro anos. Podes ter uma boa carreira como agente do FBI, ou decidir sair, voluntariamente ou não. — Pearson parou, pensativo por um minuto. — Vou pôr-te sob advertência. Os teus problemas comportamentais acabam agora. Neste preciso momento. Vais ser educada, cortês, prestável, cola...

— Quer dizer politicamente correta, senhor?

Pearson abanou a cabeça, incrédulo, engolindo um palavrão.

— Não vais interromper os colegas e superiores enquanto falam. Serás uma agente modelo, respeitosa e digna de louvor. Se receber mais a treta de uma queixa, estás fora, Winnett.

— É merda, senhor.

— Desculpa?

— Se sente a necessidade de usar um palavrão, então use o verdadeiro. Não fuja ao termo. Fá-lo parecer fraco.

— Cristo, Winnett, és inacreditável! Sabes sequer porque estás aqui? Porque ainda não saíste?

— Hum... não, senhor. — Sentiu um baque de medo retorcer-lhe as entranhas. Não se apercebera de que as coisas estavam tão más. O trabalho era tudo o que tinha, o que lhe restava.

— Há quanto tempo és agente do FBI, Winnett? Dez anos?

— Sim, senhor, pouco mais de dez anos.

— Deste-me, e aos teus colegas agentes, dez longos anos de frustração, mas também o melhor registo de resolução de casos desta agência regional. Trazes novos métodos, e a agência reconhece e aprecia a inovação.

— Novos métodos, senhor?

— Ah, como se chama, hum, a análise de deteção de fugas que utilizaste no caso de fraude na saúde. Ainda não posso acreditar, mas Quantico quer incorporá-la no manual. Pretendem chamar-lhe «método Winnett». Acreditas nisso?

Tess sorriu, um pequeno sorriso de orgulho e de conquista.

— Ah, tira esse sorriso da cara, Winnett! Método ou não, estás sob advertência. Vou atribuir-te um novo parceiro nos próximos dias, alguém mais experiente que possa ensinar-te uma ou duas coisas sobre profissionalismo e respeito. Até lá, vou entregar-te o caso do homicídio em Juno Beach.

— Um homicídio, senhor? Esse não é o procedimento típico. Porque não são os locais a investigar? É esta a forma de me pôr no banco?

— Não te atrevas a citar-me os procedimentos. Faz o teu trabalho e dá graças por ainda teres um. Estás dispensada.

HISTÓRIA

Tess guiou pela areia a passo de caracol, murmurando palavrões. Era garantido que hordas de curiosos invadiam o cenário de um crime minutos após a polícia ser chamada. Maníacos de todo o tipo, de jornalistas a simples amadores, tinham rádios da polícia e excitavam-se ao ver cadáveres. Tinha perguntado a alguém sobre isso, um dos *profilers* de Quantico. Ele dissera-lhe que ver a morte é, de forma estranha, uma celebração da vida, de se estar vivo. É por isso que alguns casais têm sexo depois de ir a funerais. Um mundo doentio, era o que era. Pois é.

Relutante, a multidão afastou-se, obrigada pelas luzes vermelhas e azuis do seu carro, e Tess estacionou paralelamente à carrinha do médico legista. O corpo ainda estava ali; boa. Se se apressasse, talvez o conseguisse apanhar tal como fora encontrado, antes de o médico legista o meter na carrinha.

Saltou do SUV, bateu com a porta e aproximou-se da fita da polícia num passo saltitante, ignorando a areia macia que lhe enchia os sapatos. Dois detetives, provavelmente os primeiros a chegar, aproximavam-se da fita vindos do outro lado. Deslizou os dedos longos e finos pelo cabelo louro pelos ombros e tirou o distintivo.

— Agente especial Winnett, FBI. Foram os primeiros?

— Sim, Gary Michowsky, caso se tenha esquecido, e este é o meu parceiro, Todd Fradella — respondeu Michowsky, apertando-lhe firmemente a mão. O aperto de mão de Fradella foi menos convicto, e ele desviou o olhar.

Tess dobrou-se para passar por baixo da fita e foi direita à torre salva-vidas.

— Não acredito que chamaste os *feds*, Gary — disse Fradella, mal se dando ao trabalho de baixar um pouco a voz. — Podíamos ter resolvido este caso. Só tu e eu.

Ótimo, sem dúvida. Um jovem e ambicioso detetive, que garantidamente a ia desafiar a cada encruzilhada e que talvez fizesse uma queixa ou duas, só porque não ia poder reivindicar a detenção para o seu maldito currículo.

— Confia em mim nisto, Fradella — respondeu Michowsky, soando simultaneamente derrotado e frustrado. Tess virou-se e olhou de novo para Michowsky, prestando-lhe mais atenção. Havia nele algo um pouco estranho. Talvez estivesse doente... Quanto a Fradella, estava furioso.

Apressou-se ao ver o médico legista e os assistentes prontos para mover o cadáver.

— Esperem — gritou, mostrando o distintivo. — Olá, doutor — disse, cumprimentando calorosamente Rizza.

— Olá para si também — respondeu o Dr. Rizza. — Quer dar uma olhadela antes de a levarmos?

— Sim, obrigada.

Contornou o corpo um par de vezes, com cuidado, aproximando-se a cada passagem, reparando em mais pormenores. Corpo perfeitamente posicionado, postura expressiva. Sem pegadas utilizáveis, uma confusão arenosa como local de abandono, a deteriorar-se a cada segundo à forte brisa oceânica. Um assassino doentio, esperto e ousado.

— Agora estamos a perder tempo — queixou-se Fradella a Michowsky. — Vê só.

— Porque nunca confias no meu discernimento, hã? — perguntou Michowsky. — Porque tens sempre de te queixar e lamentar sobre tudo?

— Esta era a nossa oportunidade...

— Ah... oportunidade de quê? De ver mais raparigas assassinadas antes de apanharmos o tipo?

Tess conteve o riso. Aquela dupla não estava em sintonia. Virou-se para o Dr. Rizza.

— Sabemos sequer se é um tipo?

— Atrever-me-ia a dizer que sim, mas não posso ter a certeza. Não consigo determinar isso aqui — apontou para os muitos operadores de câmara alinhados ao longo da fita amarela.

— É justo — respondeu ela. — Hora da morte?

— Doze a dezasseis horas atrás.

— Está bem, pode levá-la agora, obrigada.

Viu o Dr. Rizza e AJ, um dos assistentes, debaterem-se com o corpo em plena rigidez cadavérica. Certificaram-se ambos de que os jornalistas não captavam nenhum vislumbre do corpo, enquanto o carregavam na maca e fechavam o saco para cadáveres.

— Então é você outra vez — disse Michowsky. — Vai ser um mimo.

— Conhecem-se? — perguntou Fradella.

— Sim — respondeu Tess —, infelizmente.

— A Theresa e eu trabalhámos juntos num caso há alguns anos — acrescentou Michowsky. — Foi memorável.

— É Tess, não Theresa.

— Como favor, talvez. No distintivo, é Theresa — replicou. — Para ser sincero, tinha esperança de que a agência mandasse outra pessoa.

— Então é agente especial Winnett para si — respondeu ela, secamente.

Não era culpa sua que não construísse relacionamentos melhores. Ela tentava. Mas aquele tipo, para começar, fazia com que fosse impossível. Decidira agarrar-se a um velho rancor, por um erro que fora ele a cometer em primeiro lugar. Às vezes, Tess simplesmente não entendia as pessoas. Era difícil lidar com elas. Era suposto deixar passar os erros sem os abordar, correndo o risco de comprometer o caso? Agora devia ser ela a humilde, tentar forjar um relacionamento já ameaçado pelo velho ressentimento de Michowsky? Invejava as pessoas que eram políticos natos, indivíduos astuciosos que sabiam o que dizer e quando, que tinham carisma, que eram imediatamente considerados bem-sucedidos mesmo que não tivessem resultados reais.

Não fazia ideia de como consertar as coisas com Michowsky. Em vez disso, desdramatizou e voltou a concentrar-se no caso.

— Está bem, façam-me um resumo.

Michowsky e Fradella olharam um para o outro, e então Fradella decidiu falar.

— Um casal de adolescentes encontrou-a ao amanhecer. Estava posicionada e amarrada à torre com fio de pesca. Cortámos o fio antes de chegar.

— Alguma impressão utilizável, marcas de pneus, qualquer coisa?

— Nada. O Javier está a recolher alguma areia. O laboratório vai examiná-la, a ver se conseguem encontrar alguma coisa.

Tess olhou em redor uma vez mais, imersa em pensamentos.

— Então o que acham? — perguntou.

— Não é... — começou Michowsky, mas Fradella interrompeu-o.

— Trata-se obviamente do local de abandono, uma cena secundária do crime. Assim que o médico legista tiver mais pormenores, haverá uma causa de morte confirmada, uma arma e uma hora da morte. Ainda não temos identificação.

— O seu resumo não me disse nada de útil — respondeu Tess friamente. — Perguntei o que acha, não o que sabe.

— Oh — disse Fradella, depois franziu o sobrolho, enquanto corava um pouco. — Pensamos que pode ser um homicídio ritual, talvez com algumas conotações religiosas. Também achei que podia tratar-se de um assassino em série, com base no aspeto de tudo.

— Interessante — comentou ela, pensativa, os olhos vagueando na direção dos dois miúdos, ainda encolhidos juntos. — Houve mais alguma vítima?

— Não, nenhuma que saibamos — respondeu Fradella, enquanto Michowsky revirava de imediato os olhos.

— Eu avisei-te — disse Michowsky. — Primeiro, as devidas diligências; depois, as conclusões. Caso contrário, és como a comunicação social.

Fradella franziu os lábios e desviou o olhar, embaraçado.

— Detetive Michowsky, uma palavra, por favor? — pediu Tess, e pegou-lhe no braço antes que ele pudesse dizer que não.

Deram alguns passos e então ela parou e largou-lhe o braço.

— Não à frente dos outros — disse ela. Ao ver como ele parecia confuso, acrescentou: — Repreendeu Fradella. Agora, ele está ressentido consigo, e com bons motivos.

— Não preciso que me diga como falar com o meu parceiro. Não é propriamente uma especialista, segundo me lembro.

— Está bem. Como queira.

Voltou para junto de Fradella e retomou a conversa.

— Concordo que pode ser um assassino em série, detetive Fradella, embora ainda não tenhamos outras vítimas identificadas. Deixou-a aqui, quando os Everglades estão a uma curta distância de carro. Se a tivesse largado nos Glades, ninguém a encontrava. Ele queria que a descobríssemos assim. É uma das características dos assassinos em série. Fazem declarações com as mortes.

— Não tem dados suficientes para utilizar a palavra série — ripostou Michowsky. —

Odeio o sensacionalismo destes casos. O que aconteceu a cinco vítimas antes de podermos chamar-lhe série?

— Todos começam por algum lado, Gary. Importa-se se o apanharmos cedo? E são três, não cinco. Novas orientações.

Ele escarneceu, zangado.

— Eu sabia disso.

— Sei que não se importa se o apanharmos mais depressa. Foi por isso que nos chamou, certo? O que o incomoda, então? História antiga? Não consigo evitar o que aconteceu, Michowsky. Mas posso ajudá-lo agora. Podemos ajudar-nos.

Michowsky passou a mão pelo cabelo à escovinha, visivelmente frustrado, mas não respondeu.

A alguns metros dali, os dois adolescentes continuavam sentados na areia, de mãos dadas e costas curvadas. A rapariga chorava em silêncio, e o rosto inchado e vermelho era prova de que já durava há algum tempo.

— Há quanto tempo é que ela está a chorar? — perguntou Tess.

— Desde que chegámos, e não parou. Também vomitou um par de vezes — respondeu Fradella.

— Alguma ideia do porquê?

— Suponho que esteja com medo de ficar de castigo assim que os pais chegarem — respondeu Michowsky, irritado.

— Supõe. — Tess repetiu a palavra lentamente, baixinho, com um toque de sarcasmo. — Os adolescentes de hoje não choram por muita coisa e também não vomitam tão facilmente. Ela está mais abalada do que ele, por isso algo se passa. E não é o cadáver. Veem cadáveres na televisão o dia todo e querem lá saber. Posso? — perguntou, apontando para os dois jovens.

Michowsky encolheu os ombros e Fradella seguiu-a à distância, talvez curioso para ver o que ela queria fazer.

Tess aproximou-se dos dois devagar e agachou-se à frente deles.

— Olá, sou a agente especial Tess Winnett, do FBI. Mas podem chamar-me Tess, está bem?

Estendeu a mão e a rapariga apertou-a primeiro, timidamente.

— Kris — apresentou-se ela, depois fungou e limpou a cara com a manga ensopada da camisola.

— Carl — acrescentou o rapaz.

— Vejo que estão perturbados — disse ela, concentrando-se na rapariga. — É compreensível, sabem? Eu também estaria assustada.

Kris levantou os olhos cheios de água, as lágrimas a rolarem-lhe pela cara. Tess viu medo naqueles olhos, um medo indescritível que reconhecia.

— Estaria aterrada — prosseguiu, baixando a voz quase para um sussurro. — E se algo assim me acontecesse?

À medida que falava, Tess sentiu algum desse medo indescritível a dominá-la, gelando-

lhe o sangue. Respirou, afastando a sensação sinistra e paralisante.

Kris anuiu, mantendo os olhos cor de avelã presos nos de Tess.

Tess decidiu insistir com base num palpite.

— E se o assassino me tivesse visto, não é? — continuou, e Kris assentiu ligeiramente.

— E se ele estivesse ali, a poucos metros?

Kris respondeu com o mesmo aceno quase impercetível.

— Não, Kris — sussurrou Carl, apertando-lhe a mão com mais força.

— E se eu tivesse estado a poucos metros de um monstro daqueles enquanto ele acabava o trabalho? — sussurrou Tess, e Kris voltou a anuir. Então, virou-se de repente para o lado, esboçando vômitos secos, misturados com soluços, enquanto Tess lhe segurava o cabelo e apoiava a testa.

— Água — gesticulou para Fradella, e ele correu a ir buscar alguma.

Kris convulsionou um pouco mais, depois aceitou a água, lavou a boca e ergueu os olhos ao encontro do olhar inquisitivo de Tess.

— Diz-me — pediu Tess, baixinho. — Diz-me o que viste.

— Nada, juro — disse Carl, embargado. — Ela não estava lá quando chegámos. A rapariga. Estivemos lá a brincar. Mesmo ali. Oh, Deus...

Tess manteve o contacto visual com Kris, que voltou a assentir. Novas lágrimas formaram-se nos olhos dela.

— Depois viemos para aqui, tirar fotografias, à espera do nascer do Sol — acrescentou Carl. — Então a Kris olhou e viu-a ali. A rapariga morta.

— Oh, raios! — resmungou Michowsky, e Carl calou-se imediatamente. Tess lançou-lhe um olhar assassino.

— O assassino esteve a poucos metros de vocês e não viram nada... Entendo que isto deve ser assustador — prosseguiu Tess, tocando na mão de Kris. — Mas estão vivos, saudáveis e bem. Ele não vos tocou e nunca tocará. Sabem porquê? Porque vamos apanhá-lo. E isto? Isto vai ser o nosso segredo.

— Promete? — perguntou Kris, baixinho.

— Sim, prometo. Não vai demorar muito até apanharmos o sacana.

Levantou-se e fez sinal a Michowsky para que a seguisse.

Assim que estavam fora do alcance dos ouvidos dos miúdos, Tess virou-se e encarou-o, zangadíssima.

— Faça-me isso outra vez e denuncio-o. Nunca intimide uma testemunha a não falar connosco, está a ouvir?

— Eu não...

— Não fizeram o vosso trabalho, nenhum dos dois — interrompeu Tess, agora que Fradella os apanhara. — Estragaram aquele interrogatório por completo e deixaram escapar informação crítica. O assassino foi suficientemente audaz para largar um corpo em pleno *rigor* a dezoito metros destes miúdos. Estamos a falar de um indivíduo que corre um risco tremendo para fazer uma afirmação. É extremamente seguro de si e está pronto para matar outra vez a qualquer instante.

— Não sabe isso — respondeu Michowsky, já sem tentar esconder a raiva. — Está a presumir.

— O que acham que aconteceria se os miúdos o tivessem visto a largar o corpo, durante todo o tempo que demorou a prendê-lo com fio de pesca? Tê-los-ia matado aos dois, ali mesmo.

— Não está a dizer que presume que estes miúdos lhe disseram a verdade, que o corpo não estava lá quando chegaram.

— Não se finge aquilo — respondeu Tess, apontando para os dois jovens. — Você, Michowsky, presumiu que estavam com medo dos pais. Não insistiu, e estava errado. Tal como da última vez — deixou escapar, lamentando instantaneamente a última frase.

O rosto de Michowsky franziu-se de raiva, e os punhos cerraram-se-lhe.

— Para deslocar um cadáver neste estado avançado de rigidez é preciso um SUV grande, um monovolume ou uma carrinha — continuou Tess. — Agora que temos a hora exata em que o assassino esteve aqui, podemos sacar o vídeo das câmaras de rua. Recolham toda a videovigilância da zona, vejam o que conseguem encontrar. Não me parece que houvesse muito trânsito àquela hora.

— Não preciso que me diga como fazer o meu trabalho — disparou Michowsky.

— Bem, aparentemente, precisa. Façamo-lo, e pronto.

Michowsky semifechou os olhos, de maxilares cerrados e com a boca torcida, ladeada por duas rugas profundas.

— Não mudou nem um pouco, agente especial Winnett. Ouvi dizer que está nas últimas com a agência. As pessoas comentam que está por um triz. Com alguma sorte, quem sabe?, talvez este seja o seu último caso. O mundo terá menos uma cabra com distintivo.

Tess hesitou perante aquela dureza. As palavras dele rasgavam-na por dentro. Conseguiu responder com um pinga de dignidade.

— Continue a sonhar, Michowsky. O dia ainda é uma criança.

SONYA

Tess seguiu o carro deles até à esquadra e demorou alguns minutos na receção a fim de obter uma autorização de estacionamento. Depois, subiu as escadas até ao segundo andar e encontrou tanto Michowsky como Fradella reunidos à volta de um computador. Pôs-se ao lado deles, sem ter a certeza do que dizer. Parecia que tudo o que dissesse só piorava as coisas com o detetive Gary Michowsky, longe do que ela pretendia.

Fradella vasculhou a base de dados de pessoas desaparecidas, comparando, de vez em quando, os rostos com a fotografia no seu telemóvel.

— Ali está ela — disse Fradella —, é esta. Sonya Weaver, vinte e dois anos. Dada como desaparecida há cinco dias, a vinte e dois de março.

Tess recuou um passo, sentindo-se subitamente doente ao olhar para os belos olhos azuis de Sonya. Cinco dias... cinco dias de um medo terrível, de tortura, de dor. Ficou com pele de galinha, como se um milhão de calafrios lhe enviasse arrepios gelados para os nervos tensos. Estremeceu.

O que lhe fizera aquele monstro durante cinco dias inteiros? Tess esfregou, furiosa, a parte de trás do pescoço, passando a mão esquerda da nuca para a lateral, debaixo da orelha, pressionando com força. Cinco dias... descobririam em breve, quando o Dr. Rizza acabasse o exame. Mas tinha a certeza de que, independentemente do relatório do médico legista, Sonya Weaver acolhera de bom grado a lâmina que lhe acabara com a vida.

Voltou a estremecer e recuou outro passo, chocando numa secretária. Encostou-se a ela e fechou os olhos por um segundo, tentando orientar-se. Contra as suas pálpebras fechadas, formavam-se imagens de pesadelo, assombrando-a. Abriu os olhos, ansiando ainda pelo alívio proporcionado pela retirada para o seu interior, outra pequena coisa que perdera para sempre. Em vez disso, acolheu a luz cristalina do dia, a única forma de dissipar os pesadelos e estilhaçar os medos.

— O que se passa? — perguntou Michowsky, soando indiferente.

— Nada — mentiu Tess —, só uma dor de cabeça. Vou buscar café. Quando foi a última vez que ela foi vista?

— Hum... há cinco dias, à noite. Desapareceu após uma saída com amigos. Estavam a celebrar. Tinha acabado de se formar na universidade, *cum laude* — respondeu Fradella.

— Está bem — disse ela, esfregando de novo a nuca. — Vamos buscar os registos telefónicos, contas nas redes sociais, finanças, tudo. Quando é que o Doutor Rizza estará despachado?

— Acabou de começar — replicou Michowsky. — Ainda nem é meio-dia. Está com uma pressa dos diabos.

— E você não está? — questionou Tess, olhando intensamente para Michowsky. Depois

baixou os olhos. — Vamos recomeçar, que raio. Estamos na mesma equipa.

— Estamos? — replicou Michowsky, com frieza. — Da minha posição, não me parece.

— Estamos a tentar, mas é um processo — afirmou ela, esforçando-se por conter uma risada. Os homens e os seus egos. Tinham de ter a última palavra. Prometeu silenciosamente a si mesma que se ia calar, fosse qual fosse a última palavra dele.

— Como queira — disse Michowsky, algo aplacado, facilitando-lhe a mudança de assunto.

— Vamos procurá-la no Google, a ver o que encontramos.

Fradella pô-lo em prática. Muitas jovens chamadas Sonya Weaver tinham o seu perfil *online*. Localizaram o perfil certo no Facebook e começaram a olhar para as suas publicações, fotografias e interesses.

— Nah, o material público é demasiado geral — comentou Tess, após passar alguns dias de publicações. — Nada de útil. Precisamos de aceder ao perfil completo. Vamos confirmar a identificação. Temos de notificar os parentes mais próximos.

— Sim, nós sabemos — respondeu Michowsky secamente, um pouco de irritação a tingir-lhe a resposta.

— Antes disso, quero falar com o polícia identificado no relatório de desaparecimento. Quem tratou disso?

— Um tal Felipe Garcia, de Miami Norte — respondeu Fradella, lendo no ecrã.

— Obrigada. Vamos avançar com a identificação.

— Já a enviei ao Doutor Rizza.

Assim que Fradella disse o nome, o telefone na secretária de Michowsky ganhou vida com um toque ruidoso e perturbador. O ecrã dizia «médico legista». Michowsky atendeu a chamada em alta voz.

— Fala Michowsky.

— Preciso de todos aqui em baixo.

A voz do Dr. Rizza soava sombria e cansada.

AUTÓPSIA

Jazia ali, imóvel, sem vida, aparentemente serena, contra um fundo de aço inoxidável e azulejos brancos. Um lençol branco cobria-lhe o corpo, vendo-se apenas o seu belo rosto. Agora, tinha os olhos fechados, talvez obra do médico legista. A areia desaparecera-lhe do cabelo, deixando-o liso, brilhante, como seda espalhada pelo aço frio e estéril da marquesa.

Tess engoliu em seco, um pouco engasgada. Estava junto à mesa, a olhar para o rosto sereno de Sonya, murmurando palavras incompreensíveis sem se aperceber. Que tipo de homem faria aquilo? Contudo, ela sabia. Já os vira. Enquanto investigadora, caçara-os, apanhara-os ou matara-os. Com aquele sacana não seria diferente.

Há dez anos que era agente do FBI e encontrara todo o género de psicopatas, seres hediondos com mentes dominadas pelas trevas dos seus desvios e que tinham posto em prática as mais sádicas e incompreensíveis fantasias, deixando rastros de cadáveres para agentes como ela enterrarem. Um a um, Tess apanhara os assassinos que perseguira; no entanto, parte dela não conseguia entendê-los. Volvidos dez anos... não havia grande esperança de perceber como essas mentes funcionavam e, na maior parte das vezes, nem queria. Evitava que o seu horror a contaminasse, não queria que o abismo lhe devolvesse o olhar. Desejava saber e perceber apenas o suficiente para apanhar os assassinos antes que eles pudessem voltar a matar.

Quase tocou com a mão no cabelo de Sonya, mas deteve-se e enfiou-a bem fundo no bolso. Quão pouco sabiam acerca de Sonya... só que era uma jovem recém-licenciada a começar a vida. Quanto ao assassino, nada conheciam dele. Nem impressões digitais, nem vestígios, zero. Mas, por mais inteligente que fosse e cuidadoso que tivesse sido, Tess ia encontrá-lo. Isso era um facto, mais do que uma promessa. O compromisso do seu registo impecável que até o agente especial responsável Pearson tinha de reconhecer. Ela *ia* encontrá-lo. Em breve.

— Também faço isso, sabe? — afirmou o Dr. Rizza, baixinho.

— O quê?

— Falar com eles — disse ele, apontando para a marquesa.

— Ah... e *e/es* falam consigo?

— Sim, sempre. Ela já me disse muito, e nem sequer acabámos a nossa conversa.

— Importa-se de partilhar?

— Vamos esperar pelo Michowsky e pelo Fradella. Devem estar a chegar.

— Está bem, claro — respondeu Tess, deixando os olhos vaguear, distraídos, pelas coisas, os incontáveis pormenores do gabinete do Dr. Rizza. Os diplomas, impecavelmente emoldurados, estavam pendurados por cima da secretária, talvez exibidos por ordem

cronológica. Não havia retratos a adornar as paredes frias, mas, junto à secretária, um par de prateleiras recebia alguns objetos pessoais. Um pequeno rádio, uma relíquia de antes da era digital que provavelmente ainda funcionava. Alguns livros de referência, ilustrados, sobre entomologia, biologia marinha, botânica e zoologia, sem dúvida também anteriores às respetivas versões em base de dados. Uma chávena de café com a mensagem: «Os médicos legistas também são *cool*.» Exemplo típico do humor negro da profissão. Há anos que não o visitava, mas pouca coisa mudara.

— Como se mantêm são, doutor? — perguntou Tess.

— Depois de fazer isto? — questionou ele, junto ao lavatório. O som de instrumentos metálicos a serem largados num tabuleiro ressoou ruidosamente pela grande sala, ecoando contra as paredes vazias revestidas de azulejo.

— Sim...

A água parou de correr e, por um segundo, a única coisa que Tess ouviu foi o zumbido grave do compressor de refrigeração.

O Dr. Rizza endireitou as costas e limpou as mãos a um toalhete de papel, deitando-o depois num caixote do lixo ativado por sensor. Então, passou as mãos pelo cabelo escasso, como que para convencer as restantes madeixas a ficar no sítio. Também ele não mudara muito desde que Tess visitara a sua morgue. Um pouco menos de cabelo, mais alguns quilos, e várias rugas.

— Penso em cada laceração e contusão como pistas úteis para vos ajudar a apanhar estes animais. Quando chegam a mim, estas vítimas já partiram. Já não sofrem. Encontraram a paz. Concentro-me nisso.

Tess olhou para ele, surpreendida. Parecia perturbado, assombrado, apesar do que partilhava. Passado um pouco, continuou, numa voz quase inaudível.

— Há dias, porém, em que os meus jantares são líquidos, se é que me entende. Saio daqui e não consigo ver, nem falar com ninguém. Limito-me a ir para casa e a fechar-me lá dentro com uma garrafa de uma bebida forte, esperando que isso apague tudo.

— E apaga?

— Nah... só amortece a dor e a raiva. Torna-a suportável e dá-me forças para voltar no dia seguinte.

Juntou as mãos, embrenhado em pensamentos.

— Oiço música clássica sempre que posso — continuou, decorrido pouco tempo. — Resulta comigo... é pura, limpa, cheia de emoção, de vida. E às vezes voo.

— É piloto?

— Piloto privado, sim. Só a licença mínima necessária para ir lá acima sozinho. Alugo uma pequena aeronave de vez em quando. Levo-a lá para cima e limito-me a deixar que aquela serenidade entre em mim. Durante uma hora, posso imaginar que o mundo é um sítio melhor, livre destes horrores sem sentido.

Olhou para o nada durante algum tempo e depois perguntou:

— O que faz?

Tess pensou na resposta que estava prestes a dar. Não havia muito que pudesse

partilhar sem abrir a porta a mais perguntas.

— Oh... leio, sobretudo. Policiais, se é que acredita — disse, rindo-se. O som da sua voz ecoou de forma inquietante na quietude fria da sala. — Assassinos em série, dramas policiais, investigações à moda antiga, histórias de detetives modernos. Thomas Harris é um dos meus favoritos; tenho um monte de teorias sobre a psicologia do Doutor Hannibal Lecter.

— Não tem que chegue disso no trabalho? — O Dr. Rizza arqueou as sobrancelhas, enrugando a testa alta.

— Tenho, e sobra. Mas mantém-me a mente aberta a novas ideias. Fascina-me como o mundo do crime se tornou de súbito perverso, à falta de melhor palavra, há cerca de cinquenta anos. Antes dos anos mil novecentos e setenta, o crime era relativamente simples. Esfaqueamentos, estrangulamentos, ferimentos de bala. Motivos claros, como o ciúme, a ganância ou a vingança. Crimes limpos, quase elegantes, comparados com hoje. Descobrir o culpado era um desafio para o cérebro, a maior parte das vezes. Não algo que nos dava voltas ao estômago.

O rosto do Dr. Rizza iluminou-se.

— Sei o que quer dizer. Há uma teoria que defende que, nos anos mil novecentos e setenta, com a expansão da televisão, as pessoas começaram a ter mais consciência deste tipo de crimes, quando, na verdade, eles existem desde o início dos tempos. A história tem os seus exemplos, como Jack, o *Estripador*, ou Calígula, há dois mil anos. Outra vertente defende que até os psicopatas precisam de inspiração e que, com as tendências atuais do entretenimento, na música, no cinema e na literatura, obtêm todo o tipo de ideias. Mas não é assim que se mantém sã, Winnett, isso é como fica melhor no que faz. Está a fugir à pergunta?

— Não intencionalmente, não. Eu...

— Desculpem termos demorado tanto — disse Michowsky, precedido pelo som das portas automáticas. — Cruzámo-nos com o capitão. Queria uma atualização.

— Está bem, vamos começar — respondeu o médico. O entusiasmo trazido pela sua conversa anterior tinha desaparecido, substituído por uma inconfundível expressão de tristeza misturada com aversão. — Isto não é o relatório completo. Sabem bem que não devem contar com isso antes de quarenta e oito horas. Isto é preliminar. Queria dar-vos um avanço.

Michowsky e Fradella puxaram dos blocos de notas.

O Dr. Rizza soltou um suspiro antes de falar.

— Neste momento, posso confirmar a causa da morte. Foi apunhalada, talvez com um bisturi, e depois a lâmina foi empurrada para a frente, assim. — Levou uma faca para junto de um manequim e fez a demonstração. — Não seccionou. Esta perfuração profunda, seguida do corte ao empurrar para a frente, levou a que a jugular e a carótida fossem cortadas. Não há sinais de hesitação. Morreu por exsanguinação, rapidamente. Os salpicos de sangue arterial devem ter sido enormes. Quando encontrarem a cena primária do crime, verão o que quero dizer. É aí que acabam as notícias relativamente boas.

Esperou que Michowsky e Fradella terminassem de escrever e prosseguiu:

— Como esperado, não há vestígios nem impressões digitais no corpo. Ao depositá-la na praia, o assassino expô-la à areia e à maresia, e isso limpou tudo.

— E quanto ao exame toxicológico? — perguntou Tess.

— Já lá chegamos. O relatório toxicológico preliminar veio com uma confusão de vestígios de vários químicos. Enviei amostras para um conjunto completo. Saberemos mais dentro de trinta e seis a quarenta e oito horas.

— Vou ver se consigo apressar isso — sugeriu Tess. — Puxar uns cordelinhos.

— Dei o meu melhor, mas veja o que pode fazer. Talvez os *feds* tenham mais peso do que nós, os locais. Agora, voltemos à morte propriamente dita. A acumulação de sangue mostra que morreu e foi mantida *post mortem* naquela posição de oração, mas sem que os joelhos tocassem no chão.

— O que quer dizer com isso, doutor? — perguntou Michowsky.

— Que ela estava suspensa nalgum tipo de arnês quando foi morta.

— Oh, Deus — exclamou Tess, baixinho.

— Então, *depois* de a rigidez estar instalada, ele moveu-a e posicionou o corpo como o encontrámos.

— Isso quer dizer marcas de contenção? — perguntou Tess.

O Dr. Rizza afastou delicadamente o lençol, expondo-lhe apenas o braço e a perna esquerdos.

— Muito reduzidas. Estava à espera de mais. A ausência de marcas de contenção mais profundas só pode ser explicada se ele tiver utilizado algo assim — disse ele. Carregou num botão de um telecomando e projetou uma imagem na televisão montada na parede. — Estes arneses são vendidos em *sex shops* de luxo. São forrados de pelo artificial e, embora restrinjam eficazmente o movimento, são também macios e não rompem nem arranham a pele. Podem, todavia, deixar marcas de fricção, se a vítima se debater contra o cativeiro durante muito tempo, precisamente o que encontrei aqui — clarificou, apontando-lhe para o pulso. — Os tornozelos mostram o mesmo tipo de fricção, e também o pescoço. A cintura apresenta menos fricção, mas há alguma, o suficiente para me permitir prever o tipo de arnês com que ela foi imobilizada.

Carregou noutro botão e a imagem mudou para um arnês sexual comercialmente embrulhado em cores brilhantes. A embalagem mostrava a imagem de uma mulher suspensa do teto. Tinha os pulsos algemados e puxados para a frente, a cintura e os ombros sustentados por uma grossa faixa semelhante a couro forrada de pelo, e as pernas imobilizadas nos tornozelos, com os joelhos meio dobrados. Havia um homem na fotografia, aproximando-se por trás da mulher suspensa enquanto puxava com as duas mãos as cintas do arnês para a posicionar como quisesse.

Uma náusea atingiu Tess ao ver as imagens no monitor. Respirou fundo algumas vezes, afastando-se. O Dr. Rizza dirigiu-lhe um olhar inquisitivo, mas ela rejeitou a sua preocupação com um retorcer dos lábios e um rápido abanar de cabeça.

— Estes artigos estão disponíveis em algumas lojas — continuou Rizza. — Pode ser

esta marca ou diferente. Eis algo que talvez possam usar: estas coisas não saem baratas. Custam centenas de dólares. O assassino tem posses. Não há muitas *sex shops* a vendê-las; só as de luxo. Também há poucos fabricantes e importadores. Talvez consigam elaborar uma curta lista de estabelecimentos e rastrear uma transação.

Bebeu um gole de chá e fez uma careta. Estava provavelmente frio e insípido.

— Foi violada, sodomizada e espancada — prosseguiu — repetidamente. Saberei mais com o exame completo. Não encontrei fluidos; nenhum ADN que possamos utilizar.

— Impressões digitais? — crocitou Tess, com a voz embargada. Pigarreou. — Quero dizer dela.

— As impressões digitais correspondem às registadas no relatório do desaparecimento. Era demasiado recente para terem estado no sistema, mas correspondem. Há mais.

— Desculpe... — sussurrou Tess. Era a segunda vez que o interrompia.

— Foi cortada, superficialmente, muitas vezes, com uma lâmina afiada, um bisturi ou talvez um X-ato. Conteí cento e cinquenta e três cortes diferentes, não mais de alguns milímetros de profundidade, nas costas e nas coxas, bastante superficiais para deixar uma cicatriz fina, quase invisível. Todos os cortes foram *perimortem*. Alguns estão quase curados.

Tess sentiu o estômago formar um novo nó.

— Não se trata de cortes fatais. Foram feitos para infligir dor e terror. Imaginem cento e cinquenta e três cortes de papel — esclareceu o médico. — Há vestígios de inflamação nalguns que ainda não consigo explicar.

— Está a dizer... — começou Michowsky.

— Está a falar em tortura — respondeu Tess, antes que o Dr. Rizza pudesse falar, mas o médico legista assentiu. — Isto teve que ver com tortura, física e psicológica, levada a cabo durante dias.

— Disse que foi espancada, doutor — comentou Fradella —, mas não lhe vejo hematomas na cara e também não deteto muitos no corpo.

— Por algum motivo, este assassino manteve-lhe o rosto quase intacto. Encontrei uma mordedura no lábio inferior, praticamente curada. Dependendo da profundidade original, pode ter sido mordida vários dias antes da morte. Não tenho a certeza se está relacionada, mas não podemos descartá-la. Quanto ao resto do corpo, o fluoroscópio mostrou sinais de hematomas profundos, provavelmente recentes, nas últimas vinte e quatro horas antes da morte. Acreditem em mim, ela foi espancada.

— É quase como se tivesse sido atencioso — disse Fradella. — Rosto intacto, amarras macias.

— Não seja idiota, Fradella — disparou Tess, mais brusca do que pretendia. — Ele violou-a durante cinco dias, por amor de Deus. Isto não tem que ver com ser-se atencioso, mas sim com controlo, com poder total.

Tess viu Fradella desviar o olhar, cerrando os maxilares. Agora, fizera o mesmo que criticara em Michowsky, repreendera Fradella em público.

— Desculpe, detetive Fradella, não queria...

— Não faz mal — respondeu ele friamente.

— Mais alguma coisa? — acrescentou Michowsky.

— Sim. Isto também é preliminar, como tudo o que vos disse até agora. Foram-lhe dadas injeções, repetidamente, tanto intravenosas como intramusculares. Este achado, combinado com um trato gastrointestinal vazio, mas sem sinais de desidratação, diz-me que ele a alimentava por via intravenosa.

— Porque haveria ele de fazer isso? — perguntou Fradella.

Tess retraiu-se, em antecipação à resposta do médico legista.

— Para gerir as excreções — respondeu ele. — As suas necessidades sanitárias. Provavelmente, manteve-a o tempo todo presa num arnês e queria as coisas o mais limpas possível.

— Oh — disse Fradella, e desviou o olhar.

— Pois. No entanto, isso só explica as marcas das agulhas intravenosas, não as das nádegas. Tirei amostras e enviei-as para detetar vestígios. O exame toxicológico revelará muitos químicos diferentes, e pode ter sido assim que eles lhe entraram no sistema, através de injeções. Logo que souber, dir-vos-ei. É tudo o que tenho, para já.

Ficaram em silêncio durante alguns momentos. Embrenhada em pensamentos, Tess esfregou vigorosamente a nuca, depois insistiu um pouco no lado esquerdo, por baixo da orelha. Às vezes, sentia necessidade de passar a mão naquela zona, para aliviar a dolorosa rigidez dos músculos doridos e do stresse. Algumas pessoas acumulam stresse na parte superior das costas, devido às más posturas, refletindo a tensão do cérebro cansado. Com ela, era principalmente do lado esquerdo. Desde que começara a trabalhar naquele caso, a dor quase esquecida do lado do pescoço tinha regressado em força, colando-lhe uma amostra de dor ardente que se estendia da cervical à parte de trás da orelha, junto à linha do cabelo. Talvez fosse a morgue... demasiado fria, imensas correntes de ar. Ou o ar condicionado junto à orelha. Uma compressa de aquecimento devia tratar disso mais tarde.

— Vejamos então se percebemos isto bem, doutor — disse ela. — Este assassino não foi hesitante, certo?

— Nem por um segundo — confirmou o Dr. Rizza. — É hábil com um bisturi e conhece os soros, tendo acesso a qualquer medicação de que precise, de fluidos intravenosos a tudo o mais que vamos encontrar no relatório toxicológico. A minha conclusão é que é algum profissional de saúde, provavelmente um médico, com acesso livre a medicamentos, o que pode significar um clínico de hospital, não de ambulatório. Também pode ser um hospício. Este homem já cortou carne humana antes. Não há dúvidas.

— Eu disse — observou Fradella —, isto tem assassino em série escrito em toda a parte.

— Sim, concordo — respondeu Tess, baixinho. — Precisamos de encontrar as outras vítimas. Doutor, alguma hipótese de a Sonya ser a sua primeira vítima?

— É possível, mas não é provável.

— Obrigada — respondeu ela, preparando-se para partir.

Os dois detetives dirigiram-se às portas automáticas e Tess seguiu-os de perto. Ia a virar a cabeça para se despedir quando o Dr. Rizza chamou o seu nome.

— Agente Winnett.

— Sim — respondeu ela. As portas fecharam-se, silenciosas, atrás de Michowsky e Fradella. Viu-os entrar no elevador a caminho da sala de patrulha.

— O meu jantar esta noite vai ser algum tipo de líquido — disse o Dr. Rizza, sorrindo tristemente. — O que vai fazer?

— Não tenho tempo para líquidos, doutor. Quando o seu trabalho termina, o meu começa. Vou apanhar um assassino.

MEMÓRIAS

Entrou no elevador mal as portas se abriram e esperou, impaciente, que se fechassem. Ato contínuo, soltou um longo e entrecortado suspiro, sentindo os olhos a arder com lágrimas. Um pouco zozna, estendeu a mão e tocou na parede do elevador. Frio ao toque, o painel metálico oferecia equilíbrio e algum alívio. Virou-se e viu a sua imagem refletida no espelho manchado. Feições tensas, olhos assombrados, rugas profundas à volta da boca e na testa.

— Controla-te, por amor de Deus... és agente do FBI — sussurrou ao reflexo. — Estás aqui para lutar por eles, não para chorar por eles. Estás aqui para matar o saca...

Parou a meio da palavra e franziu os lábios, zangada consigo mesma. Então, carregou no botão do elevador para o segundo andar.

— Apanhar, não matar, o que se passa contigo? Apanhar, não matar — sussurrou.

Quando as portas se abriram, parecia já normal, ou quase. Dirigiu-se à secretária de Michowsky, onde ele estava sentado, em frente ao computador, com Fradella encostado à parede e a olhar-lhe por cima do ombro.

— Estamos prontos para os parentes mais próximos?

— Sim — respondeu Michowsky, hesitando em descolar o olhar do ecrã.

— O que procura? — perguntou Tess, reconhecendo o familiar ecrã de busca.

— Outras vítimas. Estou a testar a sua teoria do assassino em série.

— Alguma coisa?

— Acabámos de começar. Quer ir falar com a família agora?

— Dê-me um par de horas, sim? — pediu Tess, já a caminho das escadas. — Preciso de conversar com o polícia dos desaparecidos. Depois falamos com a família, está bem?

Não esperou pela resposta; não tinha de o fazer. Provavelmente não estariam satisfeitos por adiar a notificação dos parentes, empurrando-a para o final do dia, quando o trânsito se intensificava e tudo ficava mais difícil, com toda a gente exausta e irritável. Depois, havia também a questão da imprensa, que andava a pressioná-los, exigindo saber a identidade daquela que apelidavam como Rapariga sem Nome. Não podiam libertar a sua identificação antes de notificar a família; era esse o procedimento, e fazia sentido. Mas todos queriam saber quem era. Quem era a bela jovem que encontrara a morte na sua pequena e tranquila vila costeira? A sua presença na praia, por mais breve que tivesse sido, deixara uma memória perturbadora na mente dos pacíficos locais. Todos queriam respostas; que fosse dado repouso à tal Rapariga sem Nome e que o assassino desaparecesse — das suas vidas, dos seus bairros, das suas conversas de café.

Tess enfiou a chave na ignição do *Suburban* e, assim que o motor arrancou, pôs o ar condicionado no máximo. Os veículos-padrão do FBI eram pretos, mas essa cor fazia

pouco sentido no Sul da Florida. Sobreaquecia ao sol tórrido, queimando-lhe os pulmões ao inspirar e a pele quando se sentava nos bancos de cabedal.

O veículo estava equipado com um poderoso ar condicionado e, em segundos, Tess pôde respirar normalmente no SUV sobreaquecido e tocar no volante sem se encolher.

Deu por si a adiar a partida, remexendo no GPS e nas configurações do rádio. Não tinha de pensar no porquê. Já sabia. As notificações aos parentes mais próximos não são fáceis para ninguém. Mas para ela, depois de ter tido de dizer a Rose que o marido, Mike, morrera num tiroteio, estas complicaram-se ainda mais.

Mike fora o seu parceiro e mentor quando Tess era uma jovem agente federal, ensinando-lhe todas as regras, como não se deixar matar e como não se sentir desencorajada na luta constante com a linha vermelha das políticas da agência. Durante quase nove anos, tentara desesperadamente incutir-lhe algo de politicamente correto, não muito, apenas o suficiente para a manter longe de sarilhos. Os seus ensinamentos tinham resultado um pouco, talvez o bastante para funcionar quando ela estava calma mas, não mais do que isso. Também a ensinara a ser boa investigadora, a fazer as perguntas certas e a seguir o instinto, mesmo com pouco sentido lógico. Ao longo dos anos, os dois tinham construído uma ótima relação profissional que se estendeu naturalmente a uma sólida amizade, incluindo a esposa de Mike, Rose, e mais tarde o filho deles, quando nasceu. Os três tinham-se tornado a família de Tess. Eram os seus planos para o jantar de Ação de Graças e as manhãs de Natal. Eram a família dela.

Então, num dia fatídico, estavam a apertar o cerco a uma rede de droga com ligações ao terrorismo. Os membros do gangue tinham descoberto que era mais fácil arranjar dinheiro para o terrorismo se angariassem um capital de arranque e depois o fizessem crescer exponencialmente através de operações de droga. Tess e Mike trabalhavam numa força conjunta com a DEA¹, e tinham apoio da SWAT² quando chegaram àquela casa.

Irromperam portas adentro e espalharam-se pelo interior, revistando uma divisão atrás da outra. Ouviu vozes à medida que os agentes entraram nas divisões. «Livre!» «Livre!» Entrou numa sala onde não encontrou ninguém, pelo que seguiu em frente, gritando «Livre!»

Ouviu-se então o tiro. Um único e trovejante disparo, vindo do andar de cima, seguido do pesado baque de um corpo a bater no chão. O resto era um borrão na sua memória, com ocasionais retalhos de clareza, nada mais. Acabaram de verificar a casa pouco depois, e o atirador foi rapidamente dominado e levado dali algemado. Um miúdo, talvez com dezanove anos, ou dezasseis.

Os agentes da SWAT e da DEA saíam daquela maldita casa, um a um, mas Mike não se via em lado nenhum.

Quando por fim foi ao piso de cima à procura dele, sustendo a respiração e sentindo o punho do medo a rasgar-lhe as entranhas, Tess já sabia. Não teve de perguntar. Encontrou Mike deitado e sem vida na alcatifa esparsa, o sangue ainda a jorrar-lhe do orifício da bala na têmpora.

Lembrava-se de gritar, após afastar a mão consoladora do comandante da unidade

SWAT. Depois de novo um borrão, até ao momento em que tocou à campainha da casa de Mike.

Rose abriu a porta e inicialmente sorriu, mas, numa fração de segundo, o seu sorriso gelou. Tess ficou àquela porta, paralisada, incapaz de proferir o mais ínfimo som, mas Rose não precisou de palavras; entendia demasiado bem, só de olhar para os seus olhos assombrados, o rosto abatido, as mãos trémulas. Gritou, um grito agonizante e interminável, depois esbofeteou Tess, deixando-lhe marcas vermelhas na face lacrimosa. Bateu-lhe uma e outra vez. Tess ficou ali, indefesa, sem pestanejar, não pensando nem por um segundo que não merecia nenhum daqueles golpes. Mike era o seu parceiro, para manter em segurança, para cuidar, para manter vivo. Falhara.

De repente, Rose tinha os braços à volta do seu pescoço, soluçando descontroladamente com o rosto enterrado no peito de Tess, e isso era pior de suportar. Enroscou os braços à volta da sua minúscula e frágil figura e abraçou-a com força, inconsciente do fluxo das próprias lágrimas, gotas de sofrimento líquido emaranhadas no cabelo de Rose.

Nunca mais a vira, excetuando o funeral. Não se atrevia a tocar àquela campainha, não tendo a certeza se tornaria a ser bem-vinda. Culpava-se... porque não haveria Rose de a culpar também? Não havia redenção para a morte de Mike, e ela não queria causar mais sofrimento à viúva. Passara pela casa algumas vezes, até parara do outro lado da rua durante alguns minutos, certificando-se de que estavam bem. Não... não era apenas isso. De alguma forma, gostava de ter conseguido reunir a coragem para atravessar aquela rua e confortar a amiga num momento de grande perda, mas não encontrava as palavras. Não era capaz de reter as próprias lágrimas.

Uma rápida buzina dela trouxe-a de volta à realidade. A luz do semáforo já tinha mudado há algum tempo, mas Tess não reparara. Acelerou, atravessando o cruzamento no preciso momento em que o semáforo passava a amarelo.

Drug Enforcement Administration: órgão da polícia federal dos Estados Unidos responsável pelo controlo e investigação de casos relacionados com drogas. (*N. da T.*)

Special Weapons and Tactics: unidade de forças especiais da polícia nos EUA. (*N. da T.*)

PESSOA DESAPARECIDA

Registrou-se na recepção do Departamento de Polícia de Miami Norte. O agente, um jovem hesitante que não teria mais de vinte e cinco anos, levou um minuto a olhar para o seu distintivo antes de lhe dizer que se sentasse e chamar o resto da equipa para que se juntasse a eles no andar de baixo.

Passados alguns minutos, outro agente igualmente jovem convidou-a a entrar numa pequena sala de reuniões, escassamente mobilada e mais digna de ser chamada sala de interrogatório. Este, contudo, não estava de uniforme; portava apenas a *Glock* de serviço e usava o distintivo no cinto.

Seguiu o gesto silencioso do jovem agente e sentou-se, franzindo o sobrolho.

— Estou aqui para ver o detetive Filipe Garcia, a respeito do desaparecimento de Sonya Weaver.

O jovem estendeu a mão, sorrindo com confiança.

— Sou o detetive Garcia, prazer em conhecê-la.

— Caramba, Garcia, tem quinze anos sequer? — reagiu Tess, enquanto lhe apertava a mão.

Surpreendido, o jovem abreviou o aperto de mão e corou um pouco. Franziu o sobrolho e afastou-se. Tess mordeu o lábio, pensando amargamente em como sabia o que dizer para irritar cada ser humano que conhecia.

— Do que precisa, agente Winnett? — Garcia sentou-se do outro lado da mesa, o sorriso de boas-vindas evaporara-se.

— Preciso de saber tudo o que foi feito no caso Weaver. Com quem falou, o que encontrou, tudo.

— Porque está o FBI a investigar este caso? Receberam um pedido de resgate?

— Porque não responde primeiro às minhas perguntas? — observou Tess friamente, irritada com a postura descontraída do detetive. Não havia qualquer sentido de urgência na sua forma de falar sobre o caso de Sonya, mas não significava que não tivesse de fazer o seu trabalho. Sentia que ele não se preocupava ou talvez as expetativas dela fossem demasiado elevadas.

Garcia abriu uma pasta e reviu algumas notas.

— Sonya Weaver, vinte e dois anos — recitou. — Desapareceu no dia vinte e dois de março, já a noite ia avançada, após uma ida com amigas ao Clube Exhale.

— Que tipo de clube é esse?

— Uma discoteca. Um dos clubes noturnos mais populares da região. Surpreende-me que não tenha ouvido falar nele.

Tess deixou passar o comentário.

— Descreva-me o que aconteceu.

— Sonya e duas amigas, Ashely King e Carmen Pozzan, estavam a divertir-se no Exhale. Na pista de dança, a conviver, a conhecer pessoas, a curtir.

Tess fulminou-o com o olhar.

— Estou apenas a citar os depoimentos delas, agente Winnett. Não sou eu quem está a ser crítico aqui — respondeu Garcia, e abanou a cabeça uma vez, em reação ao que devia ter pensado sobre ela.

— E? O que aconteceu depois?

— A Sonya simplesmente desapareceu do bar. Ninguém viu nada, ninguém se lembrava de nada.

— Videovigilância do bar?

— Inconclusiva. Os nossos técnicos não conseguiram encontrá-la a sair da discoteca, e todas as câmaras funcionavam nessa noite. Mas estava escuro e as luzes das discotecas não contribuem muito para a clareza do vídeo.

— Quem a deu como desaparecida?

— Os pais, depois de as amigas irem a casa deles a meio da noite. Mas não registámos o caso até à manhã seguinte. Com jovens adultos, há sempre a possibilidade de terem partido por vontade própria ou estarem desmaiados algures, devido ao excesso de álcool ou drogas.

— Esta situação era diferente. Porque não abriu uma exceção? Não se tratava de alguém que saiu e não voltou para casa a horas, mas sim de uma jovem que desapareceu de uma pista de dança cheia de pessoas, por amor de Deus. — Tess deixou a raiva infiltrar-se-lhe na voz, demasiado difícil de controlar quando confrontada com a indiferença que sentia no homem recostado na cadeira diante dela.

Garcia pareceu aborrecido com o seu tom elevado, quase insultado.

— Eu *abri* uma exceção, agente Winnett. Normalmente, não registamos esses relatórios durante pelo menos vinte e quatro horas. Registei-o em menos de doze.

— E depois?

— Hum... interroguei as duas raparigas. A única coisa fora do vulgar acontecera quase um mês antes. Estavam numa festa na mesma discoteca quando a Sonya se juntou a um tipo e saiu com ele, mas largou-o no parque de estacionamento. Na manhã seguinte, disse à Ashely que o fulano era uma espécie de tarado e que fora sozinha para casa.

— Quando foi isso?

Ele verificou novamente o ficheiro.

— No dia vinte e oito de fevereiro. Não acho que esteja relacionado. Mas mostra que ela gostava de festas, penso.

Tess sentiu o sangue ferver. Que fácil era colar uma etiqueta em alguém e responsabilizá-la. Ela gostava de festas; logo, não merecia uma investigação completa. Apreciava festas; portanto, o que quer que tivesse acontecido era culpa sua.

— Seguiu esta pista?

— N-não — respondeu ele. — Ela só desapareceu três semanas depois. Não era

realmente uma pista.

— Então o que mais fez?

— O habitual. Alerta de desaparecimento, monitorização de cartões de crédito, comunicados de imprensa, tudo. É demasiado velha para um alerta AMBER³, mas fora isso fizemos tudo.

— Está bem, mas pessoalmente, o que fez? De que outras formas investigou o caso?

Ele olhou para ela, sem ter a certeza de como reagir. Cruzou os braços sobre o peito.

— Sabe quão ocupados ficamos. O nosso volume de casos...

— Eu digo-lhe o que fez, detetive Garcia. Ficou sentadinho, enquanto ela esteve lá fora durante cinco dias, a ser torturada e morta.

Sistema de alerta utilizado em casos de rapto de crianças. (*N. da T.*)

A PROMESSA

A hora de ponta chegara enquanto Tess visitava o detetive Garcia, e agora tinha de se arrastar pelo trânsito a um ritmo desesperante. O seu carro não estava equipado com sirene. Tinha luzes de emergência incorporadas na grelha frontal, nos espelhos retrovisores e nas palas solares, mas adiou o momento em que teria de as ativar. O protocolo era claro: só podia utilizar as luzes perante uma verdadeira emergência.

Sim, segundo o manual de procedimentos, conduzir uma investigação sobre a morte de alguém não era considerado uma emergência, bem como a transmissão de más notícias à família de uma vítima. Nem tudo era bom no FBI, nem sequer lógico, mas continuava a ser a escolha de carreira que fazia sentido para ela. Avançou devagar, juntamente com o tráfego horrendo na I-95, recordando o momento em que decidira tornar-se agente do FBI.

Era uma promissora estudante de direito, arrasara nos exames até ao terceiro ano. Nesse verão, estagiara numa grande firma de advogados em Fort Lauderdale, recebera os maiores elogios de um dos sócios e o convite para entrar em contacto quando tivesse passado no exame da ordem. Ainda se lembrava de quão empolgada estava. Pensava que tinha tudo resolvido. Nessa noite, juntou-se aos amigos num bar e partilhou a história da sua conquista.

— Uau, vais ser podre de rica! — dissera um dos amigos. — Não te vamos ver mais, porque, sabes, esses advogados de topo trabalham, tipo, um montão de horas, mas saberemos a quem ligar a pedir dinheiro.

Lembrava-se de todos se terem rido, o riso alegre e descontraído da juventude invencível, mas Tess não se riu com eles. O que queria ela fazer da vida? Estar ocupada e ser rica? Providenciar acesso à justiça a quem melhor o pudesse pagar? Não fazia sentido. Não para ela. Queria que a sua vida fizesse a diferença.

Passara a noite inteira às voltas. Na manhã seguinte, sabia o que queria fazer com o resto da vida. Provavelmente, escolhera o caminho mais difícil para uma jovem advogada se livrar dos empréstimos estudantis, mas desde então não olhara para trás; não se arrependera nem por um segundo.

Virou para a rua dos Weaver, um tranquilo cenário suburbano de classe alta com casas de meio milhão de dólares, cada uma delas envolvida por um oásis privado. Estacionou frente à generosa entrada e demorou alguns segundos a passar os dedos pelo cabelo. Liso, comprido e de um louro-acinzentado natural, chegava-lhe aos ombros e tinha risco ao meio, o corte simples e despretensioso de uma profissional ocupada. Percorreu a distância até à porta da frente, endireitando a saia e o casaco, e tocou à campainha, retraindo-se por dentro.

Uma mulher de meia-idade com olheiras abriu-lhe a porta sem dizer palavra.

— Senhora Weaver? Sou a agente especial Tess Winnett, do FBI. Posso entrar?

O rosto da mulher iluminou-se um pouco enquanto mostrava a Tess o caminho para uma sala de estar primorosamente mobilada. Estava tudo escuro, as persianas corridas, não permitindo a entrada de muita luz. Ligou um interruptor e acendeu a luz do teto, cerca de duas dúzias de lâmpadas em forma de vela num candelabro de cristal.

— Desculpe... enxaquecas — desculpou-se a Sra. Weaver.

Tess reparou na elegância envelhecida de tudo o que havia na sala. A mobília escura de carvalho esculpido incluía várias estantes cheias de livros. Cadeirões ladeavam a lareira, com candeeiros de pé ao lado, o cenário ideal para amantes de livros que gostavam de ler juntos. A cornija da lareira albergava vários artefactos geológicos raros. Uma catedral de ametista e vários outros grandes cristais de cores fascinantes que Tess não conseguia nomear. Era o tranquilo lar de intelectuais abastados.

O Sr. Weaver apareceu vindo da cozinha, apertou-lhe silenciosamente a mão e depois sentou-se no sofá ao lado da mulher. Deram as mãos, sustendo a respiração.

— Encontrou a nossa menina? — perguntou o Sr. Weaver.

— Receio ter notícias terríveis, Senhor Weaver. Encontrámos o corpo da Sonya hoje de manhã.

— Não... não... — sussurrou a Sra. Weaver entre soluços. — A minha bebé, não. Por favor, Deus, não.

— Têm a certeza de que é ela? — insistiu o Sr. Weaver, com o queixo a tremer violentamente.

— Infelizmente, temos.

O homem escudou a mulher nos braços, aninhando-lhe o rosto contra o ombro. Ela agarrou-se a ele com dedos agonizantes, torcendo-lhe a camisa.

— Encontre-o, agente, prometa-me que vai descobri-lo.

Tess anuiu, sem palavras.

— Prometa-me — insistiu, com voz trémula. De repente, parecia dez anos mais velho, frágil e quebrado.

Tess olhou-o firmemente nos olhos enquanto falava.

— Prometo.

MEDIA LUNA

Já estava escuro quando Tess deixou a residência dos Weaver. Cansada e zozna, subiu para o *Suburban* e soltou um suspiro de frustração. Nem uma pequena informação útil obtida dos pais de Sonya. Era uma boa menina, aluna do quadro de honra, recém-formada, nada digno de nota, nem sequer uma querela com um vizinho.

Lembrava-se de ter ouvido o telemóvel vibrar várias vezes durante a conversa com os pais de Sonya. Pegou-lhe e verificou o ecrã. Um par de mensagens de voz irritadas de Michowsky, seguidas de duas mensagens de texto. Uma dizia: «Daqui Michowsky, continuamos à sua espera para falar com a família.» A segunda mensagem, também de Michowsky, referia: «A história da Rapariga sem Nome saiu na televisão local às sete. Caramba, Winnett, onde raios está?»

Suspirou de novo e fechou os olhos por um segundo. Depois respondeu-lhe: «Não posso falar agora. Vemo-nos de manhã.» Seria o Inferno na Terra quando eles soubessem que visitara os Weavers sozinha. Pois... era melhor lidar com isso de manhã, após uma grande chávena de café.

Uma sensação difusa de algo a roer-lhe o estômago recordou-a de que não comera nada o dia todo. Fez uma visita virtual ao frigorífico de casa e lembrou-se de que estava quase vazio. Demasiado cansada para ir comprar um jantar de micro-ondas, decidiu-se por uma opção melhor e mais fácil. Passados poucos minutos, estacionou no parque lateral de um pequeno bar chamado Media Luna. Candeeiros de parede em forma de quarto crescente, retroiluminados por uma luz amarelada, eram o único elemento de decoração nas paredes exteriores.

Tess entrou no bar tenuemente iluminado e empoleirou-se ao balcão, num banco com quatro pernas que já vira melhores dias. Todo o local já tinha visto melhores dias. O bar só era para não fumadores nos últimos anos, mas não fora renovado. As paredes ainda ostentavam a pátina de muito fumo. A pintura original, um indeciso tom de *bordeaux* ou castanho-avermelhado, estava estalada em alguns sítios, expondo o estuque branco.

A licença de venda de álcool era basicamente a única arte emoldurada naquelas paredes, mas havia dúzias de fotografias presas com pioneses, tiradas ali no bar. Ao longo dos anos, os mesmos clientes tinham ficado mais velhos, perdido cabelo, ganhado alguns quilos, as habituais marcas da impiedosa passagem do tempo. Mas alguns desses rostos mantiveram-se leais ao longo dos anos, num testemunho de bons tempos e noites memoráveis.

Apoiou-se nos cotovelos, firmemente pregados ao balcão, e enterrou a testa nas mãos. A três bancos dali, um homem cumprimentara-a com um sorriso e uma frase de engate idiota. Depois, manteve os olhos fixos no ecrã da televisão ao canto, mal captou um

vislumbre do seu distintivo. Havia outro tipo sentado perto da outra ponta do balcão, olhando desanimadamente para o fundo do copo quase vazio, resmungando qualquer coisa para consigo. Não havia grande movimento no Media Luna essa noite. Não era uma surpresa... Era quarta-feira, demasiado cedo para começar a celebrar a aproximação do fim de semana.

O *barman* olhou para ela e sorriu. Tess piscou-lhe o olho e arriscou um sorriso fraco. Ele continuou a lavar uns copos altos, mantendo-se, de vez em quando, de olho no ecrã da televisão, onde as notícias mais recentes, o desporto e a meteorologia se revezavam. Alto e bronzeado, o *barman* tinha bom aspeto apesar de estar perto dos sessenta anos. Há alguns dias que não fazia a barba e os longos cabelos ondulados apresentavam-se mais grisalhos, mas no geral parecia bem, ao estilo de um Kenny Rogers, ou um Willie Nelson mais novo. O que noutros sugeriria desganhado resultava bem nele.

Usava camisa havaiana com os três botões de cima desapertados, e a tatuagem no peito arrebatava o olhar de todos. Com um desenho tribal de um tigre com olhos hipnóticos e penetrantes, integrado num motivo de chamas que se expandiam e transformavam nas riscas do tigre, a tatuagem valera ao *barman* a alcunha por que todos o conheciam, mas que só alguns estavam autorizados a chamar-lhe.

Terminou de lavar os copos, pôs um no balcão e começou a misturar uma bebida. Tess viu-o trabalhar, sentindo-se um pouco mais descontraída, menos assombrada pelos horrores do dia. Estendeu a mão para a taça de amendoins e quase pegou em alguns.

— Não toques nisso — disse o *barman*. — É a coisa mais nojenta que tenho nesta espelunca. Andaram aí dentro as mãos sujas de toda a gente. — Tirou da despensa um novo pacote de amendoins e uma taça limpa, e abriu-o para ela. — Toma.

Tess não respondeu, limitou-se a mastigar distraidamente, enquanto ele acabava de misturar a bebida. Depois, espetou duas palhinhas finas na bebida turva e pô-la em cima de uma base à frente dela.

— Mesmo como tu gostas, miúda.

— Muito obrigada, Cat.

Brincou com as palhinhas, chocalhando os pequenos cubos de gelo contra o vidro e empurrando as ervas para o fundo. Depois, bebeu alguns goles, de olhos fixos no ecrã da televisão, onde as notícias locais estavam prestes a começar.

Não foi a primeira notícia a ir para o ar, mas uma reportagem sobre uma nova dolina que se abria debaixo de uma casa em Tampa. Veio logo a seguir, sobre um fundo de imagens distantes e mal editadas que não mostravam grande coisa e com um comentário igualmente mau em voz *off*.

Fez um gesto na direção do *barman* e ele aumentou o volume da televisão.

— O corpo foi encontrado esta manhã bem cedo, a sua identidade ainda é desconhecida e o caso daquela que chamam A Rapariga sem Nome está a gerar apreensão entre a comunidade local. Embora não tenhamos uma causa de morte confirmada, é provavelmente de natureza violenta, suscitando o medo de que Juno Beach tenha um assassino em série à solta.

— Raios partam — murmurou Tess, fazendo um gesto de cortar o pescoço com a mão direita, o que levou Cat a silenciar a televisão.

— Ei, eu estava a ver isso — protestou o homem ao fundo do balcão, de forma um pouco arrastada. Cat não se deu ao trabalho de reagir.

Depois, puxou um banco e sentou-se ao lado dela.

— És tu? — perguntou baixinho. — Estás a trabalhar naquilo?

Ela olhou para o copo durante alguns segundos.

— Sim — respondeu, as palavras pesadas, ditas através de um suspiro trémulo.

Cat olhou para o homem sentado alguns bancos à esquerda e fez-lhe sinal com a cabeça, convidando-o a sair. O indivíduo levantou-se de um salto e enfiou o resto da bebida pelo caminho, largando o copo vazio na ponta do balcão junto à porta. O outro cliente, porém, não reparou, por mais intensamente que Cat o fitasse.

— Dá-me licença por um segundo — pediu ele, e foi até ao fim do balcão. — Precisa de chamar um táxi — disse ao homem. — Já.

— Estás a mandar-me embora?

— Pois. Volte amanhã. Esta é por minha conta, mas precisa de sair.

— Certo, já percebi. Estou a ir — concordou ele com voz enrolada, e arrastando os passos. No momento em que fechou a porta, Cat trancou-a e virou o sinal de *aberto*.

— Não tens de fechar a espelunca sempre que eu bato no fundo, Cat — disse ela, sentindo as lágrimas a sufocá-la, e esvaziando o copo. Ele já começara a preparar-lhe outro, e os cheiros e sons familiares puxaram-na para trás, afogando-a em memórias que não conseguia apagar. Da primeira vez que aterrara à porta de Catman, numa noite escura como aquela, que engolira toda a sua vida, mudando-a para sempre, entrara por ali adentro coberta de sangue, agarrando-se às roupas em farrapos com mãos trémulas, ainda ofegante da corrida desesperada para se salvar. Cat fizera o mesmo... mandara os clientes embora, trancara o bar e cuidara dela durante todo o tempo que precisara. Era um perfeito estranho, na altura. Agora, era um querido amigo.

— Aqui tens — disse ele, pondo-lhe outra bebida à frente, desta vez num copo maior. — Preparei-te um duplo.

Ela riu-se amargamente.

— Obrigada, Cat.

Ele sentou-se ao lado dela, em silêncio, à espera. De vez em quando, Tess mordiscava os amendoins, o cérebro inundado por um lamaçal de pensamentos negros e memórias dolorosas.

— Fiz uma promessa hoje, Cat — acabou por sussurrar. — Prometi aos pais dela que apanhava o assassino.

— E vais apanhar. Apanhas sempre, certo?

— Não... nem sempre. Há um... um que escapou. O que nunca teve um número de caso. Tu sabes quem. E tentei, Cat. Continuo a tentar. Ainda procuro aquela estúpida tatuagem, porque é a única coisa de que me lembro. Ainda sonho com aquela maldita coisa. Uma serpente enroscada... como pode alguém lembrar-se apenas disso? — Calou-

se durante algum tempo, franzindo o sobrolho, enrugando a cara em desespero. — Olhei para milhares de serpentes de milhares de lojas de tatuagens. E não consegui nada, com todas as minhas fantásticas credenciais do FBI e bases de dados em que posso procurar. Há anos que procuro um homem branco com uma serpente tatuada no braço. Não há a mínima hipótese. Nada, tal como com este tipo hoje. Não temos nada. Nem vestígios, nem impressões digitais, nada. Só... o que ele lhe fez.

— Há quanto tempo foi? — perguntou ele, baixinho.

— Encontrámo-la esta manhã.

— Não ela... tu.

— Oh... — respondeu Tess, e desviou brevemente o olhar. — Dez anos, sete meses e doze dias. Sim, continuo a contar.

— Nunca o denunciaste? — perguntou Cat gentilmente, tocando-lhe na mão para oferecer conforto.

— Para quê, Cat? Estava a dias de começar o meu treino no FBI. Teria arruinado a carreira. Ficaria no meu registo para o resto da vida, e para quê? Não precisava de ajuda das forças da lei. Algumas semanas depois, eu *era* as forças da lei, com uma arma e um distintivo, e mesmo assim não o consegui encontrar.

Tirou as palhinhas e deu um trago na bebida turva. A mão tremeu-lhe um pouco ao pousar o copo.

— Ainda tenho aquele quarto vago no andar de cima, miúda. É teu durante o tempo que precisares.

Ela apertou-lhe a mão, sentindo uma lágrima a correr-lhe pela cara.

— Não posso. Não agora. Fiz uma promessa hoje e pretendo cumpri-la. Tu não sabes... este sacana é mesmo... temos de o apanhar, Cat. *Tenho* de o apanhar.

— Tenho a certeza de que o farás. Se alguém consegue, és tu — respondeu ele, com um pouco mais de ênfase na voz. — Impressiona-me que trabalhes nestes casos, miúda, considerados todos os aspetos.

— Com a minha história, queres dizer?

Ele assentiu.

— Pois... não é que trabalhe só com assassinos em série ou crimes sexuais. São-nos atribuídos casos, de todo o tipo. Acabo de encerrar um processo de fraude na saúde, de colarinho branco. Mas ao longo dos anos trabalhei nuns quantos maus, e nenhum me abalou assim. Este é diferente, Cat. De alguma maneira. O pior que já vi.

Esfregou repetidamente a nuca, distraída e introspetiva. Depois, esfregou o lado esquerdo do pescoço, por baixo da orelha, até a sensação de ardor se desvanecer.

— Porquê? — perguntou ele, baixinho. — Porque é este diferente? Só tu podes responder a isso, miúda.

— É estranho, é quase como... não sei, na verdade. Entro no gabinete do médico legista sem qualquer ideia do que ele irá dizer-nos, mas quando nos apresenta as suas conclusões, eu... — parou por um longo e pesado momento. — Não sei do que raio estou a falar, Cat. Este caso afeta-me, só isso. Desencadeou todo o tipo de merdas na minha

cabeça. Mas vou ficar bem.

Esforçou-se por recuperar alguma da compostura. Não devia puxar Cat para as profundezas do abismo pessoal.

Ele percebeu isso e levantou-se de um salto.

— Desde a tua última visita, acrescentei este grelhador. Agora servimos hambúrgueres e batatas fritas. — Encostou-se ao balcão, brincalhão. — Queres um?

— Adoraria! — respondeu ela, sentindo um pouco de normalidade regressar à sua vida.

Cat pôs alguns hambúrgueres na grelha e estes começaram imediatamente a crepitar. Pegou em vários punhados de batatas fritas congeladas e largou-os numa fritadeira, depois tirou o papel a um pouco de queijo *cheddar* e aqueceu os pães. Era tão pacífico e reconfortante ver Cat trabalhar. Um mundo simples, contido, seguro, onde nenhum mal lhe podia acontecer.

— Tens visto o Jim ultimamente? — perguntou ele, sem virar a cabeça.

— Oh, Deus, como vi essa a aproximar-se — disse Tess, rindo-se. — Pode ser o Jim para ti, mas para mim continua a ser o Doutor Navarro, sabes?

— E? — insistiu ele, ainda concentrado nos hambúrgueres.

— Não, não nos últimos tempos. — Franziu o sobrolho, incapaz de encontrar um motivo sério para ter deixado de falar com o seu psiquiatra oficioso. — Estava a ajudar, mas...

Cat rodou nos calcanhares e pôs dois grandes pratos com hambúrgueres e batatas fritas no balcão, depois trouxe os frascos de mostarda, *ketchup* e maionese. Mais uma volta e tinham pickles.

— Mas? — insistiu ele.

— Há limites para o que ele pode fazer, sabes. Estamos a manter as coisas oficiosas, por isso não há medicamentos, só conversa. Não quero tomar nada, de qualquer forma. Conversámos imenso, mas parte de mim terá sempre dificuldades. Ele diz que tenho stresse pós-traumático. Não preciso de etiqueta; sei o que tenho. Estou... estragada, e a maior parte não tem conserto. Conversa e exercícios de respiração só me ajudarão até certo ponto.

Cat deu uma grande dentada e mastigou lentamente. Tess seguiu-lhe o exemplo.

— Sim, está bem, mas porquê parar de tentar?

Comeram em silêncio, enquanto Tess se esforçava por responder a essa simples pergunta. Não havia resposta, pelo menos não uma lógica.

— Tens razão, não devia ter parado — declarou. — Vou resolver este caso e volto. Já tenho medo que reparem no trabalho, sabes, que ando estranha, antipática, nervosa.

Ele anuiu, acabando as batatas.

— É só que, sabes, sinto-me inquieta perto das pessoas. O Doutor Navarro diz que passei a desconfiar de todos, por causa... do que aconteceu. Talvez tenha razão, mas talvez eu também esteja certa em ser desconfiada. Sabes a rapidez com que me expulsavam se soubessem o que se passa? Quem achas que quer alguém com stresse pós-traumático armado e com distintivo? Uma agente federal com ataques de pânico?

— Talvez pudesses começar a confiar de novo nas pessoas — disse Cat, gentil. — Nem

todas são más. Algumas são, mas nem todas.

Tess fitou-o com olhos cansados. Como podia ela sequer tentar? Por onde começaria?

— As pessoas albergam medo e dor, cada uma com o seu próprio tipo de problema — prosseguiu ele. — Confia em mim, eu sei. Quando estão no fim da linha, vêm para aqui, com as suas histórias. Tenta confiar em algumas, vê o que acontece.

— Não posso, Cat. Esqueci-me de como se faz.

— Confias em mim?

— Sim, mas tu és especial — concordou ela, com um sorriso triste.

— Talvez possas encontrar no teu trabalho pessoas dignas de confiança que valham a tentativa.

— Não estão propriamente contentes comigo por estes dias, e isso magoa, porque adoro o trabalho. Mas ataco as pessoas e estou sempre zangada. Depois, este caso. — Empurrou o prato para o lado, inacabado. — Quando apanho um destes monstros, encontro um pouco mais de conforto. Talvez um dia tenha o suficiente para me sentir outra vez normal.

— Vais apanhar este filho da mãe doentio, certo? — perguntou ele, com um sorriso aberto e inclinando a cabeça.

— Oh, sim, Cat, eu sei que vou. Ainda não sei como, mas vou.

OS QUE MORREM

Ainda não eram oito horas quando Tess chegou à sala de patrulha, levando uma caixa com três chávenas de café numa mão e um saco de *donuts* frescos na outra, a sua oferta de paz à equipa que ignorara na noite anterior.

— Finalmente — disse Michowsky, levantando-se de um salto e pegando no casaco. Abriu uma gaveta e tirou a arma.

— Calma, mais devagar — disse ela, oferecendo-lhe uma das chávenas de café. — Já está feito. Vamos antes ao gabinete do médico legista, ver o que há de novo.

— Como assim, já está feito? — perguntou Michowsky, pousando a chávena intacta.

— Os pais da rapariga. Falei com eles ontem à noite.

— Sem nós? — interveio Fradella. — Por que raio fez isso?

— Oh, bem, Miami Norte demorou mais do que esperava, depois o trânsito. Não pensei que quisessem fazê-lo tão tarde. Julguei que já tivessem ido para casa. Lamento — disse ela —, a sério que sim.

— Não volte a fazer isso, está bem? — respondeu Michowsky. — É suposto sermos uma equipa. Foi o que disse.

— Palavra de escuteira — jurou ela.

— Há alguma palavra envolvida em vender bolachas porta a porta? — gracejou Fradella.

— Muita palavra, juro.

— Está bem, vamos lá abaixo — disse Michowsky, ainda de sobrolho franzido.

Partilharam o elevador em silêncio, Tess sentindo-se grata pela facilidade com que os aplacara acerca da sua visita à família da rapariga. Não fazia mal nenhum se deixassem de aterrar queixas na secretária do agente especial Pearson, para variar.

Um silvo e a porta abriu-se, deixando-os sentir o ar frio da morgue. O Dr. Rizza estava ao telefone. Acenou-lhes, convidando-os a sentar-se. Michowsky e Fradella fizeram-no, mas Tess continuou de pé, andando lentamente junto às paredes.

Atrás da secretária do Dr. Rizza, o diploma emoldurado no topo era o do curso de medicina. O médico estudara na Califórnia, em Berkeley. Interessante. Depois, os olhos de Tess desceram pela parede, e viu que ele tirara um segundo doutoramento, em psicologia clínica, na Universidade do Estado da Florida. Valia definitivamente a pena trocar algumas ideias com o Dr. Rizza. Reparou então no cobertor e na almofada em cima do sofá. Ele não voltara a casa na noite anterior. Mentira sobre o planeado jantar líquido e ficara a trabalhar.

— A sua intervenção deu frutos — disse o Dr. Rizza, acabando o telefonema. — O relatório toxicológico chegou esta manhã às seis.

Juntaram-se à volta dele e ele ligou a televisão montada na parede. Depois, foi até ao

computador e abriu um anexo de *e-mail*. Percorreu-o.

— Temos a confirmação do espectro toxicológico completo, tanto no sangue como nos muitos locais de injeção. Foi drogada com vários compostos poderosos e raros. Um deles foi flibanserina, um medicamento que aumenta a libido nas mulheres.

Tess retraiu-se.

— Depois vemos aqui opiáceos em doses baixas, mas também estimulantes e redutores dos limites da dor. Este especificamente, uma variante do metilfenidato, é um estimulante do sistema nervoso central.

— Doutor, isso que referiu dos limites da dor não é comum? — perguntou Fradella. — Há analgésicos em toda a parte.

— Inibição dos limites da dor significa que o fazem sentir *mais* dor, não menos — respondeu o Dr. Rizza. — Conjugue isso com os finos cortes espalhados pelo corpo e o que obtém é tortura quimicamente aumentada.

— Oh, Deus, isso é... é doentio.

— E o resto não é? — reagiu Tess, rindo-se amargamente.

— Tinha vestígios de amónia nas narinas. Desmaiou, e ele pôs-lhe ampolas de sais de amónia debaixo do nariz para a acordar. Alimentou-a, de facto, por via intravenosa, com uma solução de glucose a cinco por cento. É tudo o que tenho do exame toxicológico. Continuo à espera do resultado dos vestígios nos cortes inflamados. Vou dar-vos a lista de compostos que podem procurar.

— Estamos em Miami, doutor — disse Michowsky. — Pode conseguir-se tudo em qualquer lado.

— Algumas destas coisas são bastante raras. Pode ser contrabando, claro. Nunca se sabe.

— O assassino sabe lidar com estas drogas. Isto não é algo que se aprenda num programa de televisão ou na Internet — disse Fradella.

— Precisamente — respondeu o Dr. Rizza. — Este homem tem algum tipo de treino médico. Adiante.

Carregou em algumas teclas e a televisão mostrou um grande plano da boca de Sonya.

— A mordedura. Analisei o tecido cicatricial e pode ser mais antiga, digamos algures entre os sete e os quinze dias. É difícil ser preciso, mas é anterior ao rapto; talvez não esteja relacionada. Foi suficientemente forte para lhe rasgar a pele em dois locais, mas não deixou grande cicatriz.

— Pode, de alguma forma, ter sido accidental? — perguntou Tess.

— Não consigo pensar em nenhum cenário desses, exceto se, por algum motivo, ela tivesse mordido o próprio lábio, mas depois algo a tivesse feito morder de novo com demasiada força.

Algum tipo de choque... como passar por cima de um buraco enquanto conduzia. É possível, mas não é provável. O mesmo se aplica a mordeduras eróticas. Podia acontecer, mas não é crível.

— Duas semanas, diz? — insistiu Michowsky.

— Por aí, sim. Depois... encontrei vestígios ínfimos de perfume no corpo. Enviei-os para o laboratório. Talvez queira fazer a sua magia e apressar isso.

— Ahã! — aquiesceu Tess.

— A seguir, o ADN. Não fiquem entusiasmados, não há nenhum. Fiz esfregaços de tudo o que podia e não encontrei um único vestígio. Usou preservativo e teve muito cuidado com aquilo em que tocava. Provavelmente também usou luvas. Mais uma coisa.

— Dispare — respondeu Tess.

— Há sinais de asfixia sexual. Ela foi estrangulada quase até à morte algumas vezes antes de ser morta.

Olharam silenciosamente para o rosto lívido de Sonya, refletido no ecrã de parede.

— Pronto, é tudo o que tenho — concluiu o Dr. Rizza.

— Doutor, façamos um resumo — pediu Tess. — Estamos a lidar com um cortador experiente, talvez um profissional de saúde, que sabe muito sobre drogas, é arrojado o bastante para largar um corpo em plena rigidez cadavérica a poucos metros de espetadores inocentes e que tem um lugar suficientemente remoto para se sentir confortável a torturar alguém que deve ter gritado como o raio durante cinco dias. Está a escapar-me alguma coisa?

— Não. Acertou em cheio.

— Se tivesse de adivinhar, com que tipo de homem lidamos?

— Não gosto de adivinhar, sabe disso. Posso dizer que é relativamente jovem, vinte e muitos ou inícios dos trinta, rico, ousado. Precisa de uma forma elaborada de gratificação. É um psicopata clínico, e estou disposto a apostar que a sua ressonância magnética mostra anomalias estruturais na amígdala.

— Mais alguma coisa que possamos utilizar? — perguntou Tess.

— Aviso-os se me lembrar.

— Está bem, doutor, obrigado — disse Michowsky, e virou-se para partir.

Tess ficou para trás, a olhar para o rosto de Sonya no monitor, pensando no pouco que separa os que vivem dos que morrem.

VITIMOLOGIA INICIAL

A viagem de elevador foi tão silenciosa como a anterior, só que por motivos diferentes. Cada um imerso nos pensamentos e um pouco mais sombrio. Tess não era exceção. Potenciador da libido? Redutores dos limites da dor? Não havia dúvidas de que o assassino era psicopata, mas, mesmo para um psicopata, que tipo de cérebro inventava uma tão elevada receita para a tortura? Antes de as portas se abrirem no segundo andar, Tess cogitara na resposta. Este psicopata narcisista e sádico não se excitava com o sexo. Excitava-se com a dor, com o poder. Por isso tivera o cuidado de não danificar o rosto de Sonya. Para ele, a vítima tinha de apresentar a imagem de uma criatura imaculada engolida pela dor e completamente sob o seu poder. Não havia nenhum ritual religioso envolvido, como pensaram no início. Obedecia a um ritual, sim; porém não tinha que ver com religião, mas antes com uma afirmação de poder, do *seu* poder absoluto. Sonya estava em posição de oração, não a Deus, mas a ele. Era essa a fantasia do assassino.

— Vamos trabalhar, pessoal — disse Tess, dirigindo-se energicamente à secretária de Gary e pegando pelo caminho na mala do seu portátil. — Está na hora de encontrarmos as outras vítimas.

— Passámos a noite a procurar, enquanto esperávamos que regressasse. Não há nada, ninguém encaixa neste *modus operandi* — respondeu Michowsky.

— Onde e como procuraram ao certo? — perguntou Tess.

— Pesquisámos nas bases de dados por todas as vítimas com menos de trinta anos, caucasianas, que foram, de alguma maneira, postas em pose. Encontrámos um par delas, uma na Costa do Golfo, perto de Tampa, e outra aqui perto, em Miami — respondeu Fradella. — Mas descartámos as duas vítimas. Não estavam relacionadas.

— Porquê?

— A de Tampa foi gravemente espancada e tinha a cara desfeita, não encaixa nada neste tipo. A outra foi alvejada, mas de resto estava intacta, nem espancamentos nem violações. Mais uma vez, não corresponde.

— Quão longe procuraram?

— Só temos acesso ao nível estadual — respondeu Michowsky, franzindo o sobrolho.

— Então está na altura de subir a parada — disse Tess, ligando o portátil. — Primeiro, vou ativar um alerta. Seremos informados no instante em que outra jovem desaparecer no Sudeste.

— Vai receber dezenas de avisos antes de o dia acabar — disse Michowsky. — Não sei até que ponto será útil.

— Até reduzirmos as opções, venham os avisos — respondeu Tess. — Não sabemos que tipo de período de arrefecimento tem este assassino. Neste momento, pode estar lá

fora, a raptar a próxima vítima.

Michowsky assentiu, mas não pareceu convencido. Fradella postou-se atrás dela.

— Posso ver o que está a fazer?

— Sim — respondeu ela, um pouco aborrecida.

Ter um homem tão perto, sem poder ver os seus movimentos, desencadeava a sua ansiedade, mas Tess decidiu obrigar-se a aceitar a sua presença. Precisava de agir normalmente e, acima de tudo, ser racional. Todd Fradella era polícia, e um bom homem também. Estavam no meio de uma sala de patrulha repleta de outros polícias. Ninguém a ia atacar ali, por isso decidiu esforçar-se e abafar as vozes de pânico que cresceram dentro de si quando ele se aproximou para olhar por cima do ombro. Concentrou-se na pesquisa e reparou que conseguia respirar um pouco melhor. Maldita hipervigilância.

— Os *feds* usam uma coisa chamada SIVD, ou Sistema de Integração e Visualização de Dados. Retira informação de todas as bases ligadas a ele, a maioria das forças da lei em toda a parte. Fornece-nos uma única interface de busca. Vamos introduzir alguns parâmetros — acrescentou. — Recuemos, hum!, dois anos.

— Isso chega? — perguntou Fradella.

— Provavelmente não, mas dispomos de poucos filtros para que possamos ter a certeza, por isso vamos ser inundados de resultados. Quando descobrirmos como reduzir a nossa vitimologia, então podemos recuar mais no tempo.

— Ah — disse Michowsky —, está assim tão convicta de que este tipo é um assassino em série?

— Depois do que viu lá em baixo, ainda duvida? — perguntou Tess. — O que mais precisa de ver?

— Estou só a pensar que ouviríamos falar nisso. Se tivéssemos um assassino em série no nosso quintal, saberíamos.

— E se ele não for daqui? E se Miami não for o seu território habitual? — perguntou Fradella.

— Precisamente — respondeu Tess. — Deve pensar a nível global, ou, neste caso, nacional. Ele pode ter começado noutro lado e mudado de *modus operandi*, tornando-se invisível para si até agora. Vejamos o que os dados nos dizem. Portanto, moldura temporal de dois anos, depois... digamos vítima de homicídio, caso ainda aberto, sexo feminino. Branca, adulta, com menos de trinta anos.

— Porquê adulta? — perguntou Fradella. — Como sabe?

— Os pedófilos são um animal diferente. Não se excitam a violar e torturar um adulto. Só crianças, a maior parte das vezes de tenra idade.

— Deus... — reagiu Fradella, o seu rosto transmitindo o maior dos ascos.

Tess carregou no *enter* e o sistema devolveu-lhe cento e vinte e sete vítimas.

— Oh, uau — reagiu Fradella. — São muitos homicídios por resolver.

— A seguir, vamos aplicar filtros de exclusão e reduzir isto um pouco. — Recostou-se na cadeira, a pensar. — A maioria dos assassinos em série tem uma fisionomia definida. As vítimas são substitutos do verdadeiro alvo da sua raiva, geralmente uma mulher que os

rejeitou, lhes feriu o ego ou fez algo que eles entenderam como lesivo. Vamos acrescentar as características físicas da Sonya a esta pesquisa.

O SIVD misturou os dados com os novos parâmetros e devolveu trinta e duas possíveis correspondências.

— Não podem ser todas dele, pois não? — perguntou Fradella.

— Provavelmente não são.

Acrescentou «encontrada na praia» como filtro, e a base de dados devolveu-lhe zero resultados. O que lhes estava a escapar? A praia era um fator importante; tinha de ser. O risco excessivo que correria ao colocar o corpo de Sonya na areia, a ousadia dos seus atos, levavam-na à certeza de que a praia como local de eleição para o abandono do corpo era, de alguma forma, fundamental. Talvez mais até do que a fisionomia.

Os violadores deslocados chegavam a atitudes extremas para raptar, torturar e violar vítimas que pareciam quase idênticas ao objeto da sua raiva. Estas tinham de ter cabelo semelhante e a mesma cor de olhos, altura e peso similares, até o penteado. Um investigador, ao olhar para fotografias da vítima, podia identificar imediatamente as semelhanças. Mas nem todos os assassinos em série eram violadores deslocados. As descobertas do médico legista apontavam para um assassino sádico, o que indicava mais um modelo de raiva-excitação do que raiva-retaliação. As vítimas do assassino por excitação podiam transcender os aspetos físicos, cruzando até linhas raciais. Mas mesmo os assassinos de raiva-excitação tinham cenários, fantasias que lhe alimentavam a raiva e a excitação, e um cenário desses podia incluir largar o cadáver na praia.

Talvez esta representasse parte da sua assinatura, e os olhos azuis e o cabelo louro-acinzentado de Sonya fossem irrelevantes, mera coincidência. Talvez aquela praia significasse algo... aquele local específico, ou as praias em geral. Talvez a areia... ou a água? Talvez o seu fator de stresse, o acontecimento traumático ativador que leva à escalada de comportamentos homicidas em certos psicopatas, tivesse acontecido numa praia.

Apagou os filtros fisionómicos e manteve o da praia, depois carregou no *enter*.

— Olááá — disse ela, mais para si própria.

A base de dados devolveu duas vítimas. Ambas encontradas na praia, voltadas para o nascer do Sol, em pose. Uma perto de Atlanta, a outra próximo de Summerville, na Carolina do Sul. Foram retidas durante pelo menos três dias, torturadas e violadas.

— Acho que temos um padrão, rapazes. Parece-me. Vamos buscar os ficheiros e pôr os relatórios do médico legista nas mãos do Doutor Rizza. Ele ajudar-nos-á a aprofundar a assinatura deste assassino. Toca a andar!

Levantaram-se, prontos para partir, mas Tess voltou de súbito a sentar-se e recuperou o ecrã dos parâmetros na função de pesquisa da base de dados.

— O que foi? — perguntou Michowsky.

— As bases de dados são precisas no que toca à idade das pessoas. As pessoas, não. Às vezes, cometem erros — esclareceu ela.

Apagou o parâmetro «adulta» e substituiu-o por «mais de quinze anos». Voltou a

carregar no *enter* e uma terceira vítima apareceu, uma jovem asiática, encontrada numa praia do lago Michigan voltada para leste. Tinha dezassete anos quando morreu.

— Agora podemos falar em vitimologia — disse ela, soando confiante, mas franziu o sobrolho, um pouco preocupada.

Encontra-as a todas? E se o aspeto da praia fosse novo, apenas um passo recente na evolução daquele assassino? O que fizera ele ao corpo das vítimas antes de se ter tornado suficientemente ousado para as largar a poucos metros dos espetadores? Quantas mais havia por aí, ainda sem terem sido localizadas?

FICHEIROS

Uma após outra, as páginas de material dos processos iam saindo da impressora a cores, e Fradella juntava-as com uma mão, segurando o que restava da fatia de piza com a outra. Tess engoliu o seu último bocado de piza, meia mastigada, e levantou-se de um salto.

— Precisamos de um quadro branco, aqui mesmo — apontou para um ponto na parede da sala de reuniões. — Necessitamos dele já. Diga-lhes que, se não o tivermos dentro de uma hora, usaremos a parede e terão de voltar a pintá-la.

— Digo a quem? — perguntou Michowsky, baixinho, ostensivamente divertido.

— A quem faz estas coisas para vocês, o pessoal das instalações.

Michowsky lançou um olhar rápido a Fradella, que suspirou, resignado. Limpou os dedos gordurosos a um toalhete e depois passou-os pela parte de trás das calças de ganga, por via das dúvidas. Tirou as chaves do carro de uma gaveta.

— Volto já — disse, desaparecendo na escadaria.

— Arranje um grande — gritou Tess, do outro lado da sala de patrulha, fazendo com que várias pessoas lhe lançassem olhares desaprovadores.

Michowsky ocupou o lugar de Fradella junto à impressora.

— Como nos estamos a sair com isto? Quantos temos?

— Temos os três ficheiros. Estamos a meio da impressão do segundo. Quando o Fradella voltar, devemos estar prontos.

Encostou-se à secretária de Fradella e pegou na última fatia de piza, agora fria.

— Continuo a sentir que nos falta alguma coisa — disse ela. — Temos as últimas vinte e quatro horas antes do rapto da Sonya completamente mapeadas? Sabemos tudo o que fez, as pessoas com quem falou, todos os movimentos do cartão de crédito, cada minuto?

— Hum, não, ainda não. Já começámos e temos alguns dos dados, mas não todos. Estamos à espera dos registos telefónicos e das palavras-passe das redes sociais.

— Ainda?

— Pois. A papelada demorou séculos.

Tess mastigou em silêncio durante algum tempo, a pensar nos filtros que introduzira na pesquisa no SIVD. Recuara apenas dois anos. Mas este nível de competência, precisão e autoconfiança assassinas não se constrói em dois anos e três vítimas. Leva mais tempo, por mais perverso, zangado e motivado que o assassino estivesse. Quantas vítimas lhe escaparam?

Quatro chegavam para estabelecer a vitimologia. Ou assim esperava. Teria sido fácil refazer a pesquisa e abrir a moldura temporal. Talvez encontrasse quinze vítimas em vez de quatro. Mas estudar quinze ficheiros levar-lhes-ia mais tempo. E se ele estivesse a

preparar-se para matar novamente? E se houvesse alguma pobre rapariga pendurada num daqueles arneses horríveis, a gritar com dores indescritíveis, desejando estar já morta? Não. Precisava de manter o foco e de estudar as quatro vítimas conhecidas. Só até encontrarem o assassino. Ligá-lo a vítimas anteriores seria mais fácil, sem o potencial risco de pôr outras vidas em perigo. Teriam tempo depois de o apanharem. Agora não tinham.

— Então, quando vai chamar a sua equipa? — perguntou Michowsky. Limpou a boca com um guardanapo, acabou o refrigerante e esmagou a lata antes de a atirar para o cesto da reciclagem com um tiro de precisão de três metros de altura.

— Sou só eu. Não há equipa. Sou a única coisa que vão receber.

— Estou a ver — disse ele, franzindo o sobrolho. — Bem, trouxe-nos até aqui, certo?

Tess perscrutou-lhe o rosto. Não via muita confiança escrita na expressão facial: só um pouco, talvez, e alguma aceitação. Demonstrava-se cansado, de algum modo, as feições quase caídas, inertes.

— O que se passa consigo? — perguntou ela. — Parece em baixo.

Ele ficou calado e virou a cabeça, observando os movimentos rítmicos da impressora durante alguns segundos.

— Vá lá, não pode ser só por eu não chamar mais vinte *feds* neste momento, pois não?

Ele riu-se amargamente.

— Não, não é isso. Sou eu.

Tess esperou, paciente, que ele continuasse quando estivesse pronto.

— É o raio das minhas costas. Desloquei-as há dias no ginásio. Desde então que tomo comprimidos como se fossem rebuçados para o hálito. E escapou-me.

— Escapou-lhe o quê?

— Os miúdos, no sítio onde largaram o corpo. Isso foi só culpa minha. Uma trapalhada daquelas pode dar cabo de um caso. Teve de intervir e limpar a minha confusão. Ainda bem que o fez, a propósito, mas isso não torna as coisas mais fáceis.

— Todos fazemos asneiras, Michowsky. Quando faço asneiras, são em série, uma atrás da outra, como contas num fio.

Ele riu-se ligeiramente, ainda a olhar para a alcatifa.

— O Fradella nem sequer sabe. Das minhas costas.

Ela fitou-o e depois sorriu.

— Mas claro que não sabe, certo? Ele é tão jovem, forte e perfeito. — Deu dois passos na direção de Michowsky e ele olhou para ela, um pouco irritado.

— Notícia de última hora, Michowsky. Você não é velho e também não está morto. Está só... — hesitou, sem ter a certeza de como dizê-lo. — Na meia-idade. A aproximar-se da crise de meia-idade. Por isso, vá espatifar um *Ferrari* e volte bem.

Ele voltou a rir-se, desta vez visivelmente divertido.

— Não tem *Ferrari*, hã? Então vamos só apanhar este filho da mãe e orgulharmo-nos disso. Não há muito mais que possa fazer com um salário de polícia.

Um tinido e Fradella saiu do elevador carregando um grande quadro branco.

— Vou buscar alguém que espete uns pregos na parede — disse ele.

— Não há tempo para isso — respondeu Tess. — Olhe, vamos só encostá-lo à parede, nestas cadeiras. Por agora serve.

Puseram o quadro em posição e começaram a trabalhar. Ao fundo do quadro, Tess traçou uma cronologia que remontava a dois anos atrás. Assinalou as datas em que as raparigas tinham sido raptadas, mortas e localizadas. Depois, acrescentou qualquer tipo de incidente encontrado nos ficheiros e que revelasse uma hipótese, ainda que remota, de estar relacionado com o caso. Para Sonya, assinalou o dia em que estivera na discoteca com as amigas, e em que conhecera o suposto tarado que mais tarde largara no parque de estacionamento. Tess perguntou-se o que teria o tarado feito para merecer essa alcunha. O que fizera nos poucos minutos entre a discoteca e o parque de estacionamento, para que Sonya o dispensasse? Seria esquisito, mas de resto normal: foi mandado embora e desapareceu, fim da história? Ou seria o género de tarado que se vinga? Que persegue a presa que o rejeitou e, na altura certa, a rapta?

— Detetive Fradella — disse ela —, vai a discotecas, certo?

— Hum, às vezes, sim.

— Interprete esta cena comigo, está bem? Então, engata-me na discoteca. Dançamos e curtimos na pista. É ótimo, tão bom que decido deixá-lo levar-me a casa. Saímos da discoteca, de mãos dadas, depois de nos despedirmos das minhas amigas. O que fazemos a seguir?

Fradella sorriu, um pouco inquieto.

— Hum, continuamos a curtir a caminho do carro. Se está interessada em mim, não vou deixá-la arrefecer. Beijamo-nos e...

— Beijamo-nos, precisamente — anunciou Tess, triunfante. Depois assinalou uma data duas semanas anterior ao rapto, apenas oito dias após aquele em que ela foi à discoteca com as amigas. Era a data aproximada em que o Dr. Rizza estimara que a mordedura no lábio inferior de Sonya acontecera.

— Estão a ver? Foi isso que fez dele um tarado, mordeu-a. Sendo uma rapariga esperta, ela afastou-se. Este tarado é definitivamente uma pista. Não podemos ignorá-lo.

— Pode ser que sim — concordou Michowsky —, mas as datas não batem certo. Não acho que o Doutor Rizza se enganasse em mais de uma semana nestas coisas.

Tess franziu os lábios, frustrada. Faria mais sentido se as datas se alinhassem. Mas não alinhavam.

— Precisamos de voltar a falar com as amigas. Elas têm de se lembrar de alguma coisa acerca do tarado.

Mexeu nos papéis do ficheiro do Departamento de Desaparecidos de Miami Norte, onde o detetive Garcia tinha documentado as suas entrevistas e descartado a pista do tarado como irrelevante e sem qualquer relação. Infelizmente, pouco mais havia nas notas do caso; nada que ela pudesse utilizar.

— Muito bem, vamos acabar isto — disse ela, apontando para o quadro branco.

Por cima da cronologia, puseram as fotografias das raparigas, no topo do quadro.

Depois, colaram algumas fotos dos cenários do crime de cada vítima e listaram alguns elementos-chave. Quando acabaram, deram um passo atrás e olharam para o seu trabalho.

— Gosto de trabalhar a vitimologia dos assassinos em série em formato matricial — anunciou Tess, esclarecendo depois, ao ver como eles pareciam perplexos. — Limito-me a construir uma tabela e a introduzir todas as semelhanças possíveis.

Desenhou uma tabela por baixo das fotografias e por cima da cronologia e começou a escrever os nomes, alinhando-os com as fotos. Acrescentou uma última coluna e intitulou-a «?».

— Pensava que lhes chamavam suspeitos — disse Michowsky. — E o que faz ele na tabela das vítimas?

— Posso escrever suspeito, se preferir — respondeu ela, corrigindo o cabeçalho da tabela. — Isto é uma matriz de semelhanças. Identificamos o que as vítimas têm em comum, acrescentamos o pouco que sabemos sobre o suspeito, e talvez consigamos estabelecer onde se intersejam os seus círculos. À medida que descobrirmos suspeitos, podemos juntá-los à matriz e ver qual é a melhor correspondência. Está claro?

— Como água — respondeu Fradella, inclinando a cabeça com um sorriso de apreço.

— A primeira a ser encontrada, há quase dois anos, foi May Lin, uma sino-americana de Chicago, com dezassete anos e dez meses. Foi encontrada a norte de Kenosha, na praia voltada para leste do lago Michigan. O pai, Hiro «Hank» Lin, é construtor imobiliário, com muito dinheiro. — Acrescentou uma linha à tabela e, na primeira coluna, escreveu «\$\$\$». Depois, pôs um certo debaixo do nome de May, na coluna dos dólares. — Isto é uma das coisas que estas vítimas têm em comum. Vêm de famílias ricas. Mas sabemos, segundo a lógica impecável do Doutor Rizza, que o suspeito é também bastante abastado. — Acrescentou um certo à coluna do suspeito, na linha dos dólares. — O suspeito teve-a com ele apenas dia e meio, e em que mais estamos a reparar?

— Não foi largada nua — disse Michowsky. — Os polícias locais pensaram que alguém tapara o corpo quando o encontrara, mas não foi passível de confirmação. Estava coberta com um... — verificou as suas notas — lençol comum do tipo dos hotéis. Sem vestígios de fibras, sem desgaste, sem nada. Provavelmente comprou-o e abriu-o no local onde largou o corpo, usando luvas.

— Sim, precisamente. Sabem que isso significa remorso, certo? — perguntou Tess. — Em teoria, pelo menos. Os psicopatas não sentem culpa nem remorso.

— É possível que tenha sido a sua primeira vítima, então? — perguntou Fradella.

Tess remexeu nas impressões do caso.

— Não há marcas de hesitação no golpe letal nem nos outros cortes encontrados no corpo. Não podemos presumir que foi a primeira vítima. Não, consideremos isto impossível de verificar, por agora. Muito bem, vítima número dois, descoberta há dez meses. Shanequa Powell, vinte e um anos, uma afro-americana de Atlanta. Foi localizada, sim, adivinharam, numa faixa de praia voltada para leste do lago Lanier, a nordeste de Atlanta. Estava desaparecida há quase quatro dias. Licenciou-se em economia. A mãe adotiva é a

Carolyn O'Sullivan, autora *bestseller* de romances. Podre de rica, claro — acrescentou Tess, e pôs um certo na linha dos dólares —, e licenciada. — Traçou um certo na respetiva caixa e depois bebeu um gole de água de uma garrafa.

Olhou para a mesa durante um momento, perguntando-se que mais tinham as vítimas em comum. A dispersão geográfica dos locais de rapto e de abandono limitava quaisquer lugares ou eventos comuns que as vítimas pudessem ter frequentado. É relativamente fácil, quando as vítimas são da mesma área, estabelecer onde o suspeito as pode ter visto pela primeira vez. Uma igreja que todas frequentam, um ginásio ou uma casa de massagens. Talvez uma mercearia ou uma oficina automóvel. No seu caso, porém, a geografia era um inimigo. Uma vítima por estado, e numa idade em que não viajam nem fazem muito mais além da escola, dos amigos locais e das redes sociais. Podia este predador ter sido um perseguidor *online* antes de as apanhar? Sem dúvida uma teoria que valia a pena investigar. Rabiscou uma nota na lateral do quadro e circulou-a. Dizia: «Verificar a perspetiva *online*.»

— O que é isso? — perguntou Michowsky. — Esqueceu-se outra vez de nós, está a trabalhar sozinha. Não somos espetadores, sabe?

— Oh, vá lá, a sério? Estava a fazer-vos um favor, a apontar todas estas coisas. Caramba... — Espantoso como os homens se irritam com qualquer coisa. Tudo lhes ameaça os egos. Afastou o assunto e prosseguiu: — Estava a pensar que ele podia tê-las perseguido *online*, só isso. Com esta geografia alargada. E não, não é um espetador, por isso faz você o próximo, está bem? — Passou o marcador a Michowsky, que se riu ao pegar-lhe.

— Temos Emma Taylor, dezanove anos, caucasiana. Era de Summerville, Carolina do Sul, filha de Jerry Taylor, dentista. A mãe faleceu. Foi encontrada em Johns Island, voltada para leste, e mantida durante cinco dias. Que mais... sim, tinha acabado de concluir a preparação para o curso de medicina — acrescentou, pondo um certo na caixa da universidade. — Consideramo-la para a linha dos dólares? Um dentista não é assim tão rico.

— Estão bem na vida, por isso sim, diria para preencher a caixa — respondeu Tess. — Vejo um novo padrão. São raparigas de sucesso, muito espertas, disciplinadas e trabalhadoras. Olhem para a idade delas, e já acabaram a universidade? É bastante espantoso.

Tirou o marcador da mão de Michowsky e acrescentou outra linha intitulada «Bem-sucedida».

Traçou um certo nas caixas de Shanequa e Emma, mas acrescentou um ponto de interrogação para May. Ainda não sabiam isso acerca dela. O ficheiro de May era particularmente escasso.

— Por fim, temos a Sonya — mencionou, escrevendo a sua informação na tabela. — Caucasiana, vinte e dois anos, licenciada pela Universidade da Florida em *marketing* e comunicação. O pai é dono de um restaurante, por isso, sim, dinheiro. Talvez não tanto como o Senhor Lin ou a Carolyn O'Sullivan, mas definitivamente abastado.

Endireitou-se e esticou as costas, dorida de se dobrar para escrever no quadro.

— Assim facilita as coisas — disse Fradella —, a forma como faz isso. As semelhanças são claras.

— Vamos olhar para as discrepâncias. A primeira vítima é diferente. Mais nova, só a teve durante dia e meio, o corpo foi largado coberto e não nu — enumerou Tess, contando pelos dedos.

— Então, o que faz de May Lin uma vítima deste suspeito, afinal? — perguntou Michowsky. — Não vejo. É só o fator praia?

— O fator praia permitiu-nos encontrá-la na base de dados — respondeu Tess. — A praia como cena secundária de eleição para o crime não a torna vítima deste suspeito. O relatório da autópsia torna-a; o que ele lhe fez. Precisamos de ir ver novamente o Doutor Rizza. O meu palpite é que esta tabela de semelhanças não tardará a ter mais algumas linhas.

PROVAS

O Dr. Rizza leu os relatórios dos médicos legistas em silêncio e metodicamente, tomando notas de vez em quando. Não disse uma palavra até terminar os três, e então foi breve, informando-os de que ia reler as suas descobertas acerca de Sonya, para ter a certeza de que não estava a esquecer-se de nada.

Tess manteve-se de pé, mudando o peso de um pé para o outro, aguardando, impaciente, que o médico legista terminasse. Queria ir entrevistar as amigas de Sonya, a fim de ver se o seu instinto estava certo acerca do tarado. Lembrava-se de lhe ter sido dito em várias ocasiões, pelo agente especial responsável Pearson e por outro supervisor antes dele, que tinha tendência para fazer as coisas a correr, sem pensar o suficiente nelas. Que preferia a ação à colaboração e que muitas vezes deixava a equipa para trás, frustrada, a comer-lhe o pó. Mas isso era uma coisa má? Tinham-lhe dito que sim, e que precisava de parar. Destruía a coesão da equipa e era mais suscetível a erros, a falhas avultadas cometidas durante o decurso de investigações mais longas. Mas o seu registo de casos era excelente. Podia ter irritado os outros, mas para ela o método funcionava na perfeição.

Por outro lado, o Dr. Navarro, seu terapeuta ocasional, dissera-lhe que precisava de entrar em ação, pois não aguentava ficar quieta e deixar que memórias e sentimentos descontrolados lhe invadissem a mente. Ali de pé, no meio da fria morgue, e a olhar para as fotografias das cenas do crime espalhadas na mesa do Dr. Rizza, combateu uma vaga de memórias carregadas — que queria profundamente enterradas, de vez. Era difícil controlar a mente. Tornava-se impossível não se identificar com aquelas raparigas. Acima de tudo, odiava a ideia de que teria sempre essas memórias, essas cicatrizes para aguentar e esconder. O tempo só lhe podia trazer um alívio limitado e, no seu caso, aquele estivera retido durante anos. O tempo podia ser um filho da mãe quando queria. E destroçar-nos o coração, ao dar-mo-nos conta de que esquecemos o aspeto de um ente querido ou a forma como falava, pouco depois de partir deste mundo. Ou podia decidir torturar-nos para sempre, não nos deixando esquecer os momentos mais agonizantes, condenando-nos a revivê-los, em sonhos ou acordados. Deixando-nos num transtornado monte de nervos tensos, incapazes de desfrutar da vida ou de aceitar o amor, receando e ansiando em simultâneo pela companhia das pessoas. Transformando-nos, lenta e irreversivelmente, em aberrações.

— Sim, estou a ver o que quer dizer — afirmou o Dr. Rizza, rompendo o silêncio. Tirou os óculos de aros finos e esfregou a ponte do nariz. — Não estou totalmente convencido de que seja o mesmo homem, mas há semelhanças.

— Acha... — começou Michowsky, mas Tess interrompeu-o.

— O que vê? — pediu. Era melhor fazer perguntas pragmáticas. As pessoas tendem a ser mais objetivas e diretas dessa forma.

— Foram drogadas, é verdade. Mas as semelhanças acabam aqui. May Lin, a primeira vítima, foi quimicamente subjugada. Deram-lhe *Rohypnol* via oral, talvez numa bebida. Infelizmente, isto é comum por estes dias. Foi imobilizada com amarras de tecido, deixando-lhe queimaduras de fricção, diferentes das de Sonya. O laboratório identificou algumas fibras no caso de May. Seda, algodão, poliéster, tudo muito comum, algumas fibras minúsculas presas nas abrasões. Foi violada múltiplas vezes, e não se recuperou qualquer ADN. Foi morta com um ferimento causado por uma faca na lateral do pescoço. Isso encaixa, mas nada mais.

Falava devagar, e normalmente isso fazia Tess subir às paredes, mas era bastante organizado, estruturando muito bem a informação, poupando imenso tempo. Absteve-se de voltar a interrompê-lo.

— A vítima número dois, Shanequa — continuou ele —, foi drogada com codeína, também oralmente. E de igual modo não tem marcas de injeção. Os pulsos e tornozelos foram amarrados com abraçadeiras e apresentavam lacerações profundas devido às bordas afiadas das amarras. Shanequa foi gravemente espancada, inclusive no rosto. Este elemento não se ajusta ao perfil. Foi violada múltiplas vezes, incluindo penetração com objetos e algum tipo de eletrocussão. Tinha queimaduras de contacto nas coxas. Shanequa foi morta por estrangulamento, o que não encaixa.

Fechou o ficheiro de Shanequa e abriu o de Emma Taylor.

— É na vítima número três, Emma, que vemos mais semelhanças com Sonya. A primeira vez em que encontramos marcas de injeção intravenosa e redutores dos limites da dor, mas foram-lhe também dados ansiolíticos e opiáceos. Emma esteve imobilizada num arnês semelhante, deixando-lhe marcas de abrasão superficiais na pele, mas o arnês era diferente. Foi a primeira vítima a ser sodomizada. E também apunhalada no pescoço, mas com uma lâmina grande e serrilhada. — Parou um pouco, passando a mão pelo cabelo escasso. — E quanto à Sonya, sabemos.

— Então? — perguntou Tess, impaciente.

— Não sei — respondeu ele. — Parece inflexível em que é o mesmo assassino, mas podemos ter a certeza? Sim, existem várias semelhanças, mas temos mais diferenças. Podem ser explicadas pela natural evolução de um assassino em série? Geralmente, não vemos isso. Vemo-los repetir a fantasia. Este assassino, se for de facto o mesmo homem, só repetiu a violação, a praia e as drogas, mas não as *mesmas* drogas.

— Está então a dizer que não é o mesmo homem, doutor? — insistiu ela.

— Estou a dizer que não tenho a certeza, e sabe que não posso especular.

— Concordo. Não podemos ter a certeza — acrescentou Michowsky. — A modos que parece uma série, mas isso não chega. Varia demasiado; não pode ignorar as diferenças.

— Doutor, encontrou marcas de mordedura em alguma das vítimas anteriores? — perguntou Tess, lembrando-se da sua única pista no caso de Sonya.

— Vi qualquer coisa no ficheiro da Shanequa, uma referência do médico legista a que

podia haver uma mordedura no lábio inferior, mas ela fora tão gravemente espancada que não podia ter a certeza.

— Ah... e quanto à Emma Taylor?

— Vejamos... — murmurou, folheando as muitas páginas do relatório do médico legista. — O rosto da Emma não estava danificado, e não, não há marcas de uma mordedura no lábio inferior. Hum... mas há uma na orelha esquerda. — Tirou de novo os óculos. — Não sei... as mordeduras são comuns em crimes sexuais. Encontramo-las com frequência, infelizmente. No sadismo sexual, morder é uma expressão de frustração.

— Sei que não pode especular... a maioria dos médicos legistas odeia especulações, mas se tivesse de tomar uma decisão, qual seria? Isto é obra de um assassino em série ou estamos a olhar para múltiplos homicídios sem qualquer relação?

— Eliminaria a primeira vítima, May Lin. A idade está errada, o perfil não bate certo, quase não havia drogas, ou pelo menos nenhuma que exigissem proficiência médica. Não foi largada nua... na verdade, não há nada a que nos agarrarmos além da praia. Quanto à segunda vítima, é uma incógnita.

— Então e cortes superficiais? Alguma das vítimas tinha? — perguntou Michowsky.

— Só Emma, e não muitos. Apenas alguns, a maioria quase curados na altura em que morreu. No fundo das costas, nas nádegas e nas coxas.

— Estou a ver — respondeu Michowsky. — Então isso nem sequer conta.

— A sério? — perguntou Tess. — Não conseguem ver o padrão aqui?

— Eu consigo — disse Fradella. — Continuo a pensar que é o mesmo tipo.

— Eu não, lamento — acrescentou Michowsky. — Era pouco provável desde o início.

— Eu podia potencialmente vê-lo — replicou o Dr. Rizza — mas muda demasiado de *modus operandi*. Ninguém faz isso.

Tess franziu o sobrolho e apertou as mãos, sentindo uma onda de raiva subir dentro de si como a maré. Respirou fundo; certo ou errado, o que o Dr. Rizza dizia fazia sentido. Quem faz isso? Que tipo de assassino de raiva-excitação faz isso?

Então soube. A ideia surgiu-lhe como a metafórica lâmpada, iluminando todos os pormenores e levando lógica e sentido onde nenhum existira.

— Sei o que ele está a fazer, pessoal — disse, entusiasmada. — Está a experimentar.

O Dr. Rizza arqueou as sobrancelhas, enrugando a testa. O lábio de Michowsky torceu-se de descrença.

— Hã?! Com que propósito? — perguntou Michowsky.

— Lembra-se de que acabámos de discutir como todos os sádicos sexuais, todos os assassinos em série, têm a sua própria fantasia, ou receita, se preferirem, que seguem com poucas variações para obterem a satisfação por que anseiam?

— Sim — respondeu Michowsky —, e...?

O Dr. Rizza franziu o sobrolho, concentrado.

— E se eu estava enganada quando o classifiquei como um assassino de raiva-excitação? E se for retaliatório?

— Não sei se estou a acompanhar — disse Fradella.

— E se ele estiver a ensaiar para o evento final, a tortura, violação e morte da mulher objeto da sua raiva? E se estiver a aperfeiçoar o método para infligir a pior e mais longa dor e o terror possíveis? E se ele quiser descobrir como pode obter a máxima satisfação? Acho que é o mesmo tipo e que está a experimentar. É por isso que o número de drogas está a aumentar, e o mesmo acontece com o número de cortes e de dias em que as tortura. E que o seu período de arrefecimento é cada vez mais curto.

Ninguém falou durante alguns segundos, deixando que o silêncio fosse quebrado apenas pelo zumbido grave da unidade de refrigeração.

— Julgo que a sua dedução pode estar certa — respondeu o Dr. Rizza, esfregando a testa. — Acha que ele está a preparar-se para a derradeira matança? Se for esse o caso, quando o fizer, pode desaparecer para sempre.

Tess percorreu nervosamente a morgue, agitada. Precisava de tomar uma decisão.

— Acho que devia ligar para Quantico.

PEDIDO DE AJUDA

Tess acabou de escrever o seu elaborado relatório, reiterando o mais conciso possível os principais pontos da investigação ao agente especial Pearson. Claro que também podia ter-lhe ligado em vez de enviar um relatório, mas evitava isso como a peste. Recentemente, as interações com o supervisor tinham sido no mínimo frustrantes, e ela queria pôr um final nisso.

Levantou os olhos do ecrã do portátil e viu Fradella e Michowsky sentados a duas secretárias dali, embrenhados no mapeamento das últimas vinte e quatro horas de Sonya antes do desaparecimento. Tinham buracos nessa cronologia, e os registos telefónicos ainda não estavam disponíveis.

Tess releu o relatório e depois carregou em enviar. No fim de um memorando muito bem estruturado, pelo menos na sua opinião, ia o pedido de assistência de um dos especialistas de Quantico em perfis. Esperava que um especialista em comportamento de assassinos em série pudesse trazer alguma luz às inúmeras incógnitas do processo. Seria o suspeito um violador retaliatório ou de excitação? Com base numa vitimologia tão variada, qual poderia ser o objeto da sua raiva? Que outras motivações podia ter para saltar fronteiras raciais, fisionomias e linhas estaduais? Onde no mundo podia alguém, por mais rico que fosse, torturar mulheres dias a fio, em diferentes estados, sem ser apanhado? Sem levantar suspeitas? Onde e como apanhava as vítimas?

O seu telefone tocou, com o toque personalizado que associara à extensão do seu chefe, o grasnar de um pato. Era a sua forma humorística de exprimir a frustração que sentia de cada vez que o homem ligava. Encolheu-se, mas atendeu de imediato, sob os olhares curiosos de vários polícias na sala de patrulha.

— Fala Winnett.

— Winnett, daqui é o agente especial Pearson.

— Senhor.

— Li o teu relatório. Em primeiro lugar, estou espantado por pedires ajuda. Finalmente a estou-bem-sozinha, não-preciso-de-uma-equipa Winnett vê a razão. Parabéns.

— Hum... obrigada, senhor.

— De nada. Agora, quanto ao *profiler*, antes de desperdiçarmos recursos valiosos e incrivelmente escassos, deixa-me dizer-te que não vejo o assassino em série que descreves.

— Senhor, descrevi-o no relatório o melhor que pude. Tem o elemento da praia, corpos largados nus, o uso de drogas, o método de contenção e a forma de matar.

— Então e a vitimologia? Estão por todo o lado. Uma é asiática, a outra é negra...

— Se olhar para lá do aspeto físico, verá que a maioria delas são jovens, espertas,

licenciadas e bem-sucedidas — disse ela, engolindo um longo suspiro.

Devia ter lido o seu relatório na diagonal para lhe estarem a escapar todos aqueles dados. Era um chefe irritante e absorvido pela política, mas bom investigador; nem pensar que os padrões lhe escapariam. A menos que tivesse ignorado completamente o seu relatório.

— Ahã. Vejo o que queres dizer, mas mesmo assim. A vítima asiática não é definitivamente uma correspondência.

— Digamos que excluímos essa, continuamos a ter três. E três chegam para o classificar como assassino em série.

— Eu também excluiria a segunda vítima, a rapariga negra, Shanequa Powell. O *modus operandi* é completamente diferente. Sabes quantas raparigas são violadas e mortas todos os anos no nosso país? Mais de mil, Winnett, sabes disso. A maioria envolvendo drogas e álcool.

— Eu sei, senhor, mas...

— Não caias na armadilha de serializar casos aleatórios, porque é fácil cair nela. Os sítios onde se pode largar um corpo são limitados, sabes? Estas mulheres têm pouco, se alguma coisa, em comum além da praia como cena secundária do crime.

— Isso pode ser suficiente — insistiu Tess.

— É uma correlação bastante forte, concedo-te isso, mas acho que só restam duas vítimas, as últimas. Emma Taylor e Sonya Weaver. Eram também duas praias marítimas.

— Não acho que isso importe, o tipo de praia, quero dizer.

— Oceano *versus* lago?

— Sim, não acho que importe, penso que tem que ver com o conceito. Aquela praia voltada para leste ao nascer do Sol significa alguma coisa para ele.

— Não tens fundamentos para isso, Winnett. Estás a especular; a adivinhar, até.

Tess mordeu o lábio, pensando. Ele tinha razão, e ela odiava admiti-lo. Apenas o instinto lhe dizia que uma praia de água doce tinha o mesmo valor simbólico para o suspeito que uma praia marítima.

— Está bem, digamos que tem razão — concedeu. — Estamos portanto reduzidos a duas vítimas, mas continuamos a poder classificar este suspeito como assassino em série, segundo a definição oficial do FBI, certo?

Ele não respondeu de imediato e ela não insistiu.

— Se queres chamar-lhe série, Winnett, terei de enviar uma equipa. Não podemos ter-te a trabalhar no processo sozinha.

Ela bateu o pé, zangada, esperando que ele não tivesse ouvido.

— Não me tire o caso, senhor, por favor. Preciso de uma vitória e consigo apanhar este sacana. Sei que consigo.

— Winnett, é o protocolo. Em quantos casos de assassinos em série trabalhaste? Mais de uma dúzia, correto?

— Vinte e um, na verdade, desde que comecei.

— Então sabes como é. E mesmo que tenhas uma equipa, quando apanhares o

assassino, continuas a vencer. O que te faz pensar que só ganhas sozinha? Não tinhas este problema a trabalhar com o Mike.

— Hum... não é isso. Neste caso, sinto que temos de nos despachar. Preferia trabalhar sozinha. Por favor, sou mais rápida sozinha. Mas agradecia um analista, se me for permitido. Também preciso de tempos de resposta mais rápidos do laboratório e de um processamento mais célere dos mandados. Estamos a arrastar-nos aqui, no condado de Palm Beach.

O último comentário valeu-lhe um par de olhares fulminantes dos polícias ao alcance do ouvido. Boa!

Pearson resfolegou.

— Vou ver o que posso fazer. Mas com Quantico talvez tenhas azar. A equipa de perfis foi destacada para um caso de terrorismo. Eles...

— Pois, eu sei, o terrorismo é mais importante do que os assassinos em série.

— Bom, ainda bem que entendes. Vou atribuir-te um parceiro nos próximos dias, e isso não está aberto a discussão.

Tess não conseguiu obrigar-se a responder.

— Winnett? — perguntou ele. — *Vais* fazer com que resulte com o teu novo parceiro. Entendido?

— Sim, senhor — respondeu, baixinho.

— Tens estado a acumular mais queixas?

— Que eu saiba, não.

— Continua assim.

Pearson desligou, sem se despedir. Imbecil.

Bateu com o telefone na secretária, desejando poder permitir-se esmagá-lo debaixo dos pés num milhão de pedacinhos. Depois, dirigiu-se à cafetaria, onde se serviu de uma grande chávena de café. Bebeu um par de goles do que devia ser um forte candidato ao pior café da América e conteve uma vontade premente de gastar tempo valioso obcecada com quem seria o seu novo parceiro. Nunca ninguém poderia substituir Mike... ninguém devia sequer ser autorizado a tentar.

Depois, abriu o portátil e começou a procurar voos.

MAL-ENTENDIDOS

— Vai a algum lado? — perguntou Michowsky, com frieza.

Estava sombrio, tenso. Especado à frente da secretária de Tess, com os lábios arreganhados num esgar, não num sorriso. Todo o seu ser emanava desprezo, ou pelo menos uma dose saudável de irritação. Tess queria perguntar, mas a sala de patrulha podia revelar-se o lugar errado. Ninguém conseguia adivinhar... talvez tivesse recebido um mau telefonema, ou os analgésicos já não funcionassem. Talvez a Sra. Michowsky tivesse um problema com ele e lhe tivesse dado uma desanca em vez de sexo matinal. Ou a crise da meia-idade apanhara-o outra vez.

— Sim — respondeu, ignorando o tom gélido. — Acho que está na altura de entrevistarmos as famílias das outras vítimas. A primeira paragem é Chicago. Preciso do seu nome completo e data de nascimento para marcar o voo.

— Sou um polícia do condado de Palm Beach, Winnett. Não há orçamento para viagens para fora do estado. Está nisso sozinha, tal como gosta.

Rodou nos calcanhares e afastou-se.

— Ei — gritou ela para as suas costas —, o que raio quer isso dizer?

Ele voltou e debruçou-se sobre a secretária, batendo com as mãos na superfície gasta e arranhada, com força suficiente para fazer estremecer a estrutura inteira.

— Precisa de perguntar? Caramba, Winnett!

O que fizera ela desta vez? Absteve-se de lhe responder mal e engoliu as primeiras palavras que lhe vieram ao pensamento.

— Sim, preciso de perguntar — retorquiu. — Alguma coisa o perturbou e eu não faço ideia do que foi.

— Alguma coisa? — disparou ele, e riu-se. — Não foi alguma coisa, foi você!

Ela arqueou as sobrancelhas.

— O que fiz eu?

— Não sabe mesmo, pois não? Ou acha-nos tão estúpidos que não acredita que possamos entender algumas palavras em inglês quando as ouvimos com toda a clareza, hã?! Como foi... «Estamos a arrastar-nos aqui, em Palm Beach?»

— Oh... — disse ela baixinho, desejando poder pontapear-se.

Era a sua absoluta especialidade. Pisar os dedos das pessoas, magoando-as por acidente, insultando-as quando nunca tivera essa intenção. No que tocava a pessoas, era o elefante na loja de porcelanas de toda a gente. Durante a chamada com o agente especial Pearson, estivera tão concentrada na conversa que nem sequer reparara em quem estava à volta. Não achava que fossem entender ouvindo apenas parte da sua conversa.

— Eu... eu não estava a falar a sério, Gary — justificou-se, em jeito de desculpa. — Era

uma conversa com o meu chefe e ele queria saber de que tipo de ajuda eu... hum, nós precisamos. Por favor, acredite que não é nada pessoal.

— Irritou muitos bons polícias hoje, Winnett. Pensei que podia estar enganado a seu respeito, mas não, quando não tem cuidado, revela-se a mesma empertigada de sempre. O que faz com que não gostem de si.

— Fica registado — disse ela com firmeza, sentindo-se farta daquilo. — Agora, vamos concentrar-nos nos próximos passos. Isto é, se ainda quiser trabalhar neste caso.

— Não durou muito, pois não? — insistiu Michowsky, o lábio curvado num sorriso irónico.

— O quê?

— O seu remorso.

Tess suspirou, um longo e contido suspiro de frustração e desânimo.

— Pedi desculpas e expliquei. Recusou-se a aceitar ambas. O que quer que faça, que nos marque uma terapia de grupo?

Michowsky abanou a cabeça, mantendo os olhos focados no chão. Então, olhou para ela, quase desafiador.

— Está bem, agente especial Winnett, o que quer fazer a seguir?

Sentiu o tom das suas palavras, quando pronunciou o título e o nome, como bofetadas. Era essa a intenção; Michowsky deixava bem claro que dela só queria distância, mantendo apenas o envolvimento necessário relacionado com o caso em que trabalhavam. Engoliu um punhado de palavrões. Os homens e os seus malditos egos.

— Vou visitar as famílias das vítimas a partir de amanhã de manhã. A minha primeira paragem é Chicago. Se mudar de ideias e quiser vir comigo, por favor, avise-me.

— Porquê? Precisa de alguém a quem culpar pelos atrasos dos voos?

— Oh, vá lá, Michowsky, deixe-se disso de vez!

Nenhum deles falou durante alguns segundos, o silêncio foi interrompido por risinhos abafados de outros polícias que assistiam à conversa.

— Porquê Chicago? — perguntou Michowsky finalmente, algo pacificado. — Pensava que tínhamos descartado a May Lin como primeira vítima.

— Vocês descartaram-na, e o meu chefe também. No que me diz respeito, continua a ser a primeira que devíamos investigar.

— Na verdade, é divertido vê-la atuar, Winnett — disse Michowsky. — Finge que nos consulta, finge ter conversas e colaborar, mas limita-se a fazer o que muito bem entende, não é?

— Ainda bem que vê as coisas dessa maneira — respondeu ela, a voz pejada de sarcasmo. — Assim, digo-lhe apenas que quero que o ex-namorado da Sonya Weaver seja trazido para interrogatório e você não vai discutir, porque já sabe que não vale a pena!

— Quem diria? Nós, lentos e estúpidos polícias do condado de Palm Beach, não pensámos nisso sozinhos... felizmente que a poderosa agente especial Winnett veio salvar os nossos patéticos traseiros, certo?

Tess levantou-se abruptamente, desconcertada. O que raio se passava com ele? Quantas vezes precisava de pedir desculpa? Ficou ali, de boca aberta, sem articular uma

resposta, debatendo-se entre as palavras que queria dizer e a certeza de que não devia agravar o ridículo conflito. Bastava outra queixa para levar o agente especial Pearson para lá dos limites.

— O namorado encontra-se na Sala de Entrevistas Um. Há uma hora que o Fradella está a interrogá-lo — disse Michowsky, abanando a cabeça. — Não tem nada que agradecer.

Tess voltou a sentar-se na cadeira, lacerada, e olhou Michowsky nos olhos.

— Oiça, não era minha intenção irritá-lo, nem a ninguém, já agora — explicou. — Quando disse ao telefone que Palm Beach estava a arrastar-se, foi no contexto da emissão de mandados, o que compete à justiça do condado, e da realização de testes laboratoriais, o que também não vos cabe. Nem a mais ninguém daqui. Sinceramente, se não tivesse tanta pressa em sentir-se insultado, usaria esse cérebro de detetive para perceber que tudo o que afirmei destinava-se a ajudar-nos, não a ofender alguém. Exceto talvez a justiça do condado e o laboratório, mas eles não estavam aqui, pois não?

Michowsky olhou para ela sem dizer palavra, mas a tensão nas suas feições pareceu dissipar-se lentamente, substituída por tristeza e cansaço.

— Podemos enterrar o machado de guerra, Michowsky? — perguntou ela. — Somos ambos melhores do que isto.

Ele passou a mão pelo cabelo à escovinha.

— Com uma condição — impôs ele —, que me diga porque quer interrogar o ex-namorado, quando acredita tanto que é um assassino em série que anda a matar estas raparigas. É um verdadeiro suspeito?

— Podia ser — respondeu ela, pensativa —, no cenário em que todas as vítimas anteriores foram ensaios, experiências para o homicídio perfeito, e em que Sonya é o objeto da raiva do assassino. Embora duvide disso, tenho de cobrir todas as possibilidades; mas o que quero saber é o que ele viu nos últimos tempos em que estiveram juntos. Talvez ela estivesse a ser perseguida e ele tenha reparado. Talvez nos possa dar algo de útil.

Michowsky fez um gesto convidativo com a mão, e Tess seguiu-o até à Sala de Entrevistas Um. Através do espelho unidirecional, viram Fradella interrogar o ex-namorado durante algum tempo, fazendo as perguntas de rotina e recebendo respostas mais ou menos desinteressantes, banais e inúteis.

Verificou as suas notas para refrescar a memória. O ex-namorado, Anthony Gibbons, era alguns anos mais velho do que Sonya; acabava de fazer vinte e seis. Estava sentado na desconfortável cadeira metálica da sala de entrevistas como se de uma bela poltrona de cabedal se tratasse. Recostara-se e tinha as pernas cruzadas à maneira dos homens, pondo o tornozelo esquerdo em cima do joelho direito e mantendo a mão esquerda casualmente pousada na canela esquerda. Era agradável, atraente e agressivamente sexy, ao jeito de um jovem Tom Cruise, e arrogante, claro. Vendo na foto do ficheiro como Sonya era bonita, os dois deviam ter formado um casal notável.

Cheirava a dinheiro — na atitude, na postura, na expressão facial. O detetive Todd

Fradella não controlava a entrevista; era Anthony Gibbons quem o fazia. Mas Tess planeava guardar essa observação para si. Chegava de lojas de porcelana.

— Quero entrar — disse a Michowsky.

— Esteja à vontade. Mas tenha cuidado. O tipo é podre de rico. Surpreende-me que ainda não tenha um exército de advogados de topo aqui com ele.

Entrou na sala de entrevistas e acenou na direção de Todd. Depois, exibiu rapidamente o distintivo, sobretudo pelo espetáculo, diante da cara de Gibbons.

— Agente especial Winnett, FBI — disse friamente.

Puxou a cadeira suplementar da esquina da sala, as pernas produzindo um guincho ao arrastar pelo chão de cimento, e sentou-se no outro lado da mesa, olhando Gibbons de alto. Ele susteve-lhe o olhar, impávido.

— Então, quão emasculado se sentiu quando ela o largou, Anthony? Ou é Tony?

Aquilo abalou-o um pouco. Por uma fração de segundo, viu um lampejo de medo, mas depois recompôs-se com uma rapidez de loucos.

— O quê? Não... ela não me deixou. Mesmo que o tivesse feito, na verdade não me importo. Há muitas...

— Pare antes de dizer ratas, está bem? Isso irrita-me.

— Uau... Ia referir oportunidades, mas pronto — respondeu ele, sorrindo com arrogância.

Raios. Anthony mantinha a calma sob pressão. Tess decidiu mudar de tática.

— Então, o que aconteceu na realidade? Porque se separaram?

Ele mexeu-se ligeiramente na cadeira.

— Não estava a resultar. Discutíamos muito. Ela era demasiado cerebral; dava comigo em doido. Queria divertir-me... a vida é curta, certo? Ela trocava uma saída à noite por um bom livro, ou uma conferência estúpida que via pela Internet.

— Discutiram?

— Como adultos civilizados. Nenhum de nós andava a atirar coisas ou a arrancar os olhos do outro, se é isso que quer saber. Tínhamos discussões, conflitos de princípio.

— Queria andar sempre na festa, hã? O que faz na vida?

— Sou empreendedor. Começo negócios e depois vendo-os. Por uma pipa de massa.

— Estou a ver. Onde gostavam de ir?

— É esse o problema. A maior parte das vezes, tinha de a arrastar. Gostava de dançar, por isso tentava levá-la a alguns dos clubes mais badalados em Miami Beach, mas geralmente ela preferia algo mais recatado, como jantar fora e uma caminhada na praia, uma treta aborrecida dessas.

— O que queria o Anthony fazer?

— Dançar, beber um copo, curtir... Adoro a ação — respondeu, e o rosto iluminou-se-lhe enquanto falava e um sorriso brotou.

Ah... gostava de se exibir no meio de hordas de mulheres sensuais, todas a despi-lo com os olhos. Um narcisista em desenvolvimento, se não o fosse já. Mas um assassino? Tess não tinha essa sensação.

— Diga-me como acabaram. Quem deu início à separação e quem ficou a chorar?

— Ninguém, na verdade. Há cinco ou seis semanas, discutimos de novo. Então, eu disse-lhe que para mim não estava a resultar. Ela concordou e, a partir daí, cada um seguiu o seu caminho. No dia seguinte, fui a casa dela buscar as minhas coisas e levei-lhe as que ela deixara na minha. De vez em quando os nossos caminhos cruzavam-se, dizíamos olá, sem ressentimentos. Comecei a sair com outras pessoas, e ela também.

— Tudo pacífico e cordial, então?

— Pois.

— Quanto tempo estiveram juntos?

— Hum, talvez seis meses ou assim?

— Estou a ver.

Não mentia, isso era claro. A linguagem corporal apoiava cada palavra que dizia. Estava descontraído, calmo, ainda que irritantemente arrogante, mas isso não é ilegal. A sua história batia certo com as ações de Sonya. Uma semana ou duas apenas após a separação, ela estava a sair com amigas e a curtir com o tal tipo. Estranho como todas as histórias acabavam nesse ponto focal, com aquele tipo, a sua pista mais forte, como protagonista.

Teria Sonya saído com o tipo depois dessa noite há três semanas, antes daquela em que fora raptada? Entre os dias 28 de fevereiro e 22 de março, o que fizera ela? Onde tinha ido? Quando é que o raio dos movimentos bancários iam chegar? Precisava de ver se ela saía depois dessa noite, e para onde. Com quem. Talvez houvesse um rasto de papelada que conduzisse a esse tarado ou a alguma coisa. A alguém.

— Quando andava a sair com a Sonya, viu alguém a segui-los? — perguntou Tess, preparando-se para concluir a entrevista.

— Tipo quem?

— Alguém estranho, a dar em cima dela e a não aceitar um não como resposta, algo assim?

— Não... não reparei em ninguém, e ela também nunca referiu nada. — Esfregou pensativamente o queixo quadrado e prosseguiu, com tristeza na voz: — Não encaixávamos, mas eu preocupava-me com a Sonya. De início, quando me trouxeram para aqui, e quando vi que era do FBI, pensei que talvez alguém tivesse feito um pedido de resgate ou houvesse mais informações sobre o seu desaparecimento. Mas agora... é a Rapariga sem Nome, não é? Vi as notícias. Era a Sonya?

— O nome ainda não foi libertado para a comunicação social — respondeu Tess. — Lamento muito a sua perda.

AMIGAS

Tess saiu da sala de entrevistas e fechou a porta. Foi direita à sala de observação, onde Michowsky ocupava um pequeno banco junto ao espelho unidirecional, observando. A chávena de café meio cheia estava onde a deixara, na mesinha junto ao espelho, o conteúdo uns trinta minutos mais frio. Naquele caso específico, não era grande perda; o café não tinha sabor. Sedenta, bebeu-o quase todo.

— Vamos deixá-lo ir, presumo — referiu Michowsky.

— Sim, ele não está envolvido. — Leu algumas notas no ficheiro. — Vejo aqui que o álibi dele bate certo com a altura em que a Sonya desapareceu, e não ouvi nada hoje que valha a pena investigar mais a fundo.

Michowsky bateu duas vezes no espelho unilateral com a aliança, o brusco som metálico suficientemente alto para chamar a atenção do parceiro. Tess viu como Fradella levava Tony Gibbons e o acompanhava ao exterior.

— Precisamos de falar com as amigas o mais rápido possível. Acho que vale a pena seguir o ângulo do tarado. Quão depressa podemos fazê-lo? Agora?

— Quer as duas juntas? Ou uma de cada vez.

— As duas juntas serve perfeitamente.

— Está bem — disse ele, com um sorriso malicioso a puxar-lhe o lábio. — Está tudo pronto. Sala de Entrevistas Dois.

— Estão aqui? — perguntou Tess, surpreendida. — Detetive Michowsky, estou impressionada!

— Não somos completamente inúteis, aqui, na polícia do condado — gracejou ele, com um laivo da desilusão anterior. — Às vezes, até pensamos pela nossa cabeça.

— Ah... tinha de trazer isso à baila — disse Tess, rindo-se. Por impulso, deu-lhe uma palmadinha no braço, num gesto de gratidão e camaradagem. Depois paralisou e retirou a mão. A familiaridade há muito esquecida do gesto, o contacto físico com outro ser humano, se bem que furtivo e inconsequente, toda essa normalidade que perdera há mais de dez anos, reaparecera por um segundo e voltara a desaparecer. Não estava pronta para ela. Ainda não.

Pigarreou, por algum motivo com a garganta subitamente seca e bloqueada, e bebeu o último gole de café. Deixou a chávena vazia numa pequena mesa de serviço ao passar para a sala de observação contígua à Sala de Entrevistas Dois. Michowsky seguiu-a e fechou a porta atrás deles.

— Estas são, hum — verificou o ficheiro —, Ashely King, vinte e três anos, repare na forma estranha de escrever com o «e» antes do «l», e Carmen Pozzan, vinte e dois anos. Estavam com a Sonya na discoteca na noite em que ela conheceu o indivíduo a que

chamamos tarado. A Ashely é a loura.

— *Ela* chamou — interveio Tess. — Foi a Sonya que lhe chamou tarado, não fomos nós. A moldura de referência é importante.

— Sim, tem razão.

— Ei, preciso de mais um favor, e é grande.

— Dispare — respondeu Michowsky, franzindo um pouco o cenho.

— Faça com que aquela gente lenta como melaço da justiça do condado acelere com o raio da papelada — pediu, mal contendo um sorriso. Se ele voltara a falar no assunto, então ela também podia. — Precisamos dos registos financeiros da Sonya hoje.

Assim que chegarem, por favor, peça ao Fradella que os passe a pente fino, e tudo isso.

— De que anda à procura?

— Hum... é só um palpite, neste momento. Mas temos de os examinar na mesma, certo?

— Winnett, que raio? — insistiu ele.

— O quê?!

— Partilhe, por amor de Deus.

— Certo. Estou a pensar, e se o tarado era tão sinistro que ela nem sequer se atreveu a sair de casa depois dessa noite? Por algum tempo? E se ele a assustou tanto, ou o que aconteceu foi tão terrível, que ela nem foi capaz de contar às amigas? Se foi isso que aconteceu, os seus padrões de consumo mostrá-lo-ão. Falamos de uma jovem com posses, lembra-se? Fazem compras, bebem *cappuccinos* gelados de dez dólares todos os dias, comem fora, compram cosméticos e joias pelo menos uma vez por semana e, por último, mas não menos importante, saem à noite com as amigas. Vejamos se os seus padrões de consumo antes do dia vinte e oito de fevereiro mudaram depois de ela conhecer o tarado. Ele pode ter deixado a sua marca.

— Está bem. É digno de investigação. Você tem uma certa perspicácia, sabe?

— Pois... já me disseram.

— Posso dizer o seu nome ao juiz, para acelerar as coisas?

— Por estes dias, o meu nome não vale praticamente nada. Use o do agente especial responsável Pearson, é o meu chefe. Continua a ter bastante força.

— Certo — respondeu Michowsky, e depois saiu da sala.

Tess sentou-se no banco de três pernas frente ao espelho unidirecional e examinou as duas raparigas. Um retalho de amarga tristeza turvou-lhe um pouco a mente, enquanto assimilava os pormenores da sua aparência. As duas jovens eram lindas e deslumbrantes, um prazer para os olhos. Cheias de vida, de otimismo, daquela invencibilidade que coroa as existências juvenis até que o primeiro desastre da sua vida as recorda da fragilidade, da vulnerabilidade inata, envolvendo-as para sempre em medo. Tess costumava ser assim, como elas. Talvez não tão bonita, mas espontânea, alegre e ilesa. Talvez não tão rica, nem perto disso. Enterrada em empréstimos estudantis e mal conseguindo fazer face às despesas, mas sentia-se invencível, como se fosse ser sempre jovem e descontraída. Até

uma noite, uma negra noite há mais de dez anos.

Tess abanou vigorosamente a cabeça, empurrando a memória indesejada para o abismo negro e assombrado de onde emergira. Voltou toda a atenção para as raparigas. Estavam um pouco tensas, talvez desconfortáveis por se encontrarem numa sala de interrogatórios da polícia. Sala de entrevistas, chamavam-lhe os polícias, mas isso não enganava ninguém.

Ashely usava calças de ganga justas e de cintura baixa e um *minitop*, mostrando o umbigo e uma faixa de abdómen liso e bronzeado. Viam-se uns longos brincos atrás de cortinas de compridos, lisos e brilhantes cabelos louros. A maquilhagem era um pouco exagerada para aquela hora do dia, mas requintada. Só um pouco de *eyeliner* e uma sombra discreta, batom rosa e um laivo de *blush*. Era a que estava sentada, com os ombros curvados, tensa, franzindo o sobrolho e apertando as mãos.

Carmen tinha aquela vibração latina fogosa e apaixonada infiltrada em cada poro da sua pele perfeita. Mantinha a cabeça erguida, e os longos cabelos negros e ondulados apanhados num rabo de cavalo frouxo revelavam um rosto bonito. De calções elegantes e blusa de seda sem mangas, andava nervosamente de um lado para o outro, puxando de vez em quando a bainha dos calções. Provavelmente lamentava não ter vestido algo mais comprido, mais apropriado para as frias e intimidatórias salas de entrevistas da polícia. Carmen tinha o porte orgulhoso de uma leoa enjaulada; mesmo em cativeiro, continuava a ser nobre.

Tess pegou numa nota e rabiscou uma mensagem para Michowsky encontrar quando voltasse: «Já reparou que todos os intervenientes têm meios bem acima da média? O mundo dos cifrões é pequeno e exclusivo.» Colou a nota a meio do espelho unidirecional e entrou na sala de entrevistas para conversar com as duas raparigas.

— Boa tarde — disse Tess. Ashely levantou-se de um salto e Carmen aproximou-se por trás da mesa. — Sou a agente especial Tess Winnett. Por favor, sintam-se à vontade para me chamar Tess.

Sentou-se, convidando as duas jovens a seguir-lhe o exemplo. Estas obedeceram, evitando o olhar de Tess.

— Obrigada por terem vindo hoje; é útil — continuou ela. — Porque não me contam detalhadamente o que aconteceu na noite do dia vinte e oito de fevereiro, quando foram à discoteca com a Sonya?

Olharam uma para a outra.

— Já falámos com um detetive depois de ela ter desaparecido — disse Ashely, numa voz insegura e hesitante.

— Sei que sim. O detetive Garcia, certo?

Elas assentiram.

— Façam-me a vontade, por favor... Sou do FBI. Métodos diferentes, sabem? — Tess falou de forma ligeira e com um pequeno sorriso, encorajando-as a descontraírem um pouco. — Preferia ouvir a história em primeira mão a ler as notas do Garcia.

— Ah, estou a ver — disse Ashely, descontraindo um pouco os ombros. — Saímos

nessa noite, só as três, fomos ao Exhale. Ela tinha acabado com o Tony, e...

— Estava perturbada? — perguntou Tess. — Depois da separação?

As raparigas entreolharam-se por uma fração de segundo, depois Carmen respondeu.

— Nah. Ela estava bem. Sempre chamou ao Tony a sua peça de coleção. Sabia que não ia durar. Não havia verdadeira paixão de nenhum dos lados. — Riram-se baixinho.

— Coleção?

— Alguém que é tipo, sabe, um cachecol luxuoso, bonito de se usar no braço ao sair, mas superficial e irrelevante. Não era material de longo prazo.

— Ele traía-a? Enganava-a?

Trocaram olhares e encolheram os ombros, quase ao mesmo tempo.

— Ela não achava que ele a traísse, mas isso também não ia durar. Rapazes como o Tony acabam sempre por deixar-se levar por um rabo de saia.

— Ficou zangado? Com a separação?

— Acho que não — respondeu Ashely. — Parecia não ter problemas com isso. Havia muitas raparigas a fazer fila.

— Pois havia — acrescentou Carmen.

— Está bem, falem-me então da noite em que saíram antes da última vez. No dia vinte e oito do mês passado.

— Queríamos dançar, divertirmo-nos um pouco, talvez conhecer alguns tipos interessantes. Eu também estava entre namorados — partilhou Carmen.

— Então e a Ashely? — perguntou Tess, olhando para ela.

— Eu a modos que tinha alguém, mas estava fora da cidade em negócios nessa noite e não se juntou a nós. Era a oportunidade perfeita para sair com as amigas, certo?

— Certo... então o que aconteceu? Quem encontraram?

— Chegámos cedo porque queríamos uma mesa, e conseguimos uma. É uma treta nestas discotecas quando precisamos de recuperar o fôlego, mas não nos podemos sentar em lado nenhum. Além disso, estávamos de saltos — disse Ashely, num rápido e quase abafado riso de tensão.

Tess fitou-a durante alguns segundos, praticamente fulminando-a com o olhar. Uma mesa numa dessas espeluncas custava no mínimo mil dólares por noite. Não sentam ninguém a uma mesa a menos que comprem uma garrafa; garrafa essa vendida por novecentos e cinquenta dólares ou mais. Não só as raparigas tinham dinheiro, como também chamaram a atenção da discoteca inteira ao sentar-se a essa mesa. Era como se tivessem usado um cartaz a dizer: «Olhem para nós, somos podres de ricas.» E tinham álcool com fartura nas mãos.

— O que beberam?

— Champanhe. Não queríamos embebedar-nos. Éramos só nós as três — respondeu Ashely.

— E o que aconteceu depois?

— Fomos para a pista de dança. Ali, a música é fantástica — disse Carmen, fazendo um gesto de dança com as duas mãos e balançando os ombros. — Duas canções e este

tipo aparece do nada e começa a dar em cima da Sonya.

— Dar em cima como?

— A dançar à frente dela, a sorrir-lhe...

— A estabelecer contacto visual, sabe? — acrescentou Ashely. — Tinha bom aspeto, o tipo. Ela era sempre tão rápida a conseguir a atenção de homens interessantes.

— Porquê? — perguntou Tess, inocentemente.

— Já *olhou* sequer para a fotografia dela? Ela é linda! — respondeu Carmen.

— Inveja-lhe o aspeto?

— Por que é que... hum, porque haveria eu de fazer isso? Também sou bastante bonita! — respondeu Carmen, visivelmente surpreendida.

— É, sim — admitiu Tess, incapaz de conter um sorriso. — Falem-me então desse tipo, do que estava a dar em cima da Sonya. Ela mostrava-se interessada nele?

— Sim. Ele era *sexy* — disse Ashely com um sorriso sonhador.

— Descrevam-no — pediu Tess.

— Tinha cabelo louro e olhos azuis, mas não era como um Ken, sabe?

— Qual Ken?

— O namorado da Barbie — respondeu Ashely, não contendo a desilusão com o conhecimento limitado de Tess acerca dessas coisas.

— Estou a ver. De que forma é que ele não era um Ken?

— Era atraente, mas masculino, apesar de ter cabelo claro e olhos azuis. Era bem constituído, com braços fortes.

Para lidar com o peso de uma rapariga desmaiada ou de um cadáver em plena rigidez, pensou Tess. Mas esse pensamento significava que tirara conclusões precipitadas, e voltou a concentrar-se. Há muitos homens que têm braços fortes e não manejam cadáveres nos tempos livres.

— O que tinha ele vestido?

Ashely pareceu perdida por um segundo, mas Carmen interveio.

— Usava um casaco desportivo leve, branco, e camisa creme com os dois botões de cima desapertados. E calças de ganga, acho. Muito *sexy*. Coisas caras, também. Cheirava mesmo bem.

— Então dançaram juntos? Esse homem e a Sonya?

— Sim, dançaram — respondeu Ashely. — Canção atrás de canção, sincronizando os movimentos, sabe como é. Depois ele fez a sua jogada; foi bastante fixe. Pena que a Sonya disse que ele era um tarado...

— Que jogada?

As raparigas olharam rapidamente uma para a outra.

— Hum, hoje em dia, as discotecas já não passam *slows*. — disse Carmen, com um laivo de tristeza.

— Querem fazer-nos suar e beber e gastar mais — acrescentou Ashely, afirmando o óbvio, com as sobrancelhas perfeitamente depiladas meio franzidas.

— Por isso, após algumas canções, o tipo cansou-se de esperar por um *slow*. Tomou a

Sonya nos braços e, no meio da pista, limitaram-se a balançar ao seu próprio ritmo. Foi fantástico... as pessoas fizeram um círculo à volta deles.

— O que aconteceu depois?

— O óbvio... — respondeu Carmen, e resfolegou. — Saíram juntos. A Sonya despediu-se, enquanto ele lhe segurava a mão. Tinha olhos de cama.

— Pois tinha — confirmou Ashely. — Ele *era* sexy.

— Qual era a regra com a Sonya? Levar para casa tipos que acabava de conhecer?

— Não! — exclamou Ashely. — Ela nunca...

— Ela não é assim — interrompeu Carmen. — Este tipo era diferente. Era escaldante. Não sei explicar de outra forma. As feromonas devem ter disparado, ou coisa parecida. Era como se estivesse coberto de sensualidade líquida. Só se queria levá-lo para a cama, ali e agora. Era, tipo, uau, totalmente comestível.

— Carmen! — reagiu Ashely.

— Desculpem... — sussurrou ela.

— O que aconteceu depois?

— Ficámos por mais algum tempo, dançámos um pouco, sem qualquer preocupação — respondeu Ashely. Falou com tristeza na voz, a primeira vez que Tess reparava nisso desde que tinham chegado.

— Na manhã seguinte, ligámos à Sonya para lhe perguntar como fora a sua noite escaldante — acrescentou Carmen.

— Ligaram as duas?

— Oh, sim. Para coisas sumarentas, faz-se uma chamada em conferência — respondeu Carmen, séria. — Mas ela estava sozinha em casa e parecia perturbada. Disse-nos que o tinha largado no parque de estacionamento porque ele era um tarado. Fim da história.

— Deixaram-na escapar sem vos dar mais pormenores? — prosseguiu Tess.

— Insistimos, mas ela recusou-se a contar. Continuava a dizer que não se sentia muito bem.

— Depois evitou-nos durante alguns dias — acrescentou Ashely.

— Não, não evitou — reagiu Carmen. — Não estava bem, só isso.

— Podíamos ter ajudado. Sabe, arranjar-lhe uma massagista, um *chef* para preparar o seu prato favorito, qualquer coisa que ela quisesse.

O que diabo acontecera a preparar-se uma chávena de chá a uma amiga, dar-lhe um abraço ou encomendar uma piza? Escreveu um apontamento numa folha: Os ricos vivem num mundo diferente, mas matam e morrem como os restantes de nós.

Tess manteve-se calada durante algum tempo, a pensar. O que podia ter acontecido nessa noite no parque de estacionamento da discoteca? Seria esse homem um verdadeiro suspeito? Ou alguém que simplesmente não parecia tão apelativo a Sonya fora das luzes e dos sons glamorosos da cena musical de Miami Beach? Ter-lhe-ia feito alguma coisa que a assustara? Ou ela mudara apenas de ideias, sendo que nunca levava para casa homens que acabava de conhecer e não queria confessar a cobardia às amigas?

— Nessa chamada da manhã seguinte, como é que ela parecia?

As raparigas entreolharam-se novamente.

— Parecia algo cansada... — começou Ashely, mas Carmen interrompeu.

— Arrastava um pouco a voz. Presumimos que teria bebido depois de chegar a casa.

Pensámos que estava de ressaca — disse Ashely. — O que lhe aconteceu? Encontraram-na?

— Desde esse dia, a Sonya voltou a sair à noite convosco? — perguntou Tess, ignorando a pergunta de Ashely.

— N-não — respondeu Carmen, franzindo o sobrolho e remexendo-se. — Não até três semanas depois, na noite em que desapareceu. — As raparigas trocaram olhares preocupados.

— Também fomos comer gelado um dia, e às compras — lembrou-se Ashely.

— Mas não à discoteca. Não até essa noite.

— Foram as duas? Convidaram-na e ela disse que não? — insistiu Tess, na esperança de captar um vislumbre do que sucedera nessa noite, pelo menos através dos seus efeitos.

— Não — respondeu Carmen. — As estrelas simplesmente não se alinharam. A Ashely tinha um exame final, eu tive dores menstruais fortes no fim de semana antes do último. Depois fomos, e a Sonya... desapareceu.

— Aceitariam trabalhar com um desenhador para fazer um retrato do homem com quem a Sonya saiu nessa noite em fevereiro?

— Não me lembro de grande coisa — disse Carmen, limpando uma lágrima do canto do olho.

— Nem eu. Só do cabelo — sussurrou Ashely, estremecendo.

— Pode ser um ponto de partida. O artista sabe o que faz, ele orienta-vos. Vou marcar isso e entro em contacto o mais breve possível.

— Está bem, nós fazemos isso. Mas precisamos de saber o que lhe aconteceu — insistiu Carmen. — Por favor, diga-nos.

Tess respirou fundo.

— Receio ter más notícias. Ontem, encontrámos o corpo da Sonya na praia.

ALMOÇO

Tess regressou à sala de observação contígua à Sala de Entrevistas Dois assim que as duas jovens partiram. Michowsky estava lá, a folhear as suas notas, visivelmente à procura de algo. Ergueu os olhos do caderno e encontrou o seu olhar frustrado.

— Então é isso — disse Tess, largando a pasta que levava em cima da mesa, ou melhor dizendo, batendo com ela. — Fizemos montes de progressos durante todo o dia de hoje. Não temos praticamente mais nada além do que tínhamos esta manhã.

— Vi o seu apontamento sobre o dinheiro — disse ele, mostrando-lhe a nota adesiva. — Tem razão, quanto mais ricos são, mais pequeno é o seu mundo. Fez-me questionar uma coisa. Duas das famílias das vítimas foram consideradas abastadas, não ricas. O dentista e o...

— O dono do restaurante, sim, o pai da Sonya — interrompeu-o Tess, e arrependeu-se ao vê-lo suspirar de frustração. — Continue.

— Fiz algumas chamadas e adivinhe. O dentista é também o herdeiro de um grande negócio de mobiliário que gere, por procuração, a InStyle Furniture. De certeza que ouviu falar neles. Quinhentos milhões de dólares de valor de mercado.

— Sim, conheço-os. Então e os Weaver?

— A Senhora Weaver, que presumimos ser doméstica, fez fortuna em *day trading*, depois parou mesmo antes da recessão dos anos mil novecentos e noventa, altura em que ficou grávida. O valor líquido da sua fatura ultrapassa os cem milhões.

— Quem diria? O pequeno mundo que estamos a investigar acaba de ficar ainda mais pequeno. Tem uns grandes instintos, detetive.

— Pois... já me disseram — respondeu ele, parafraseando a sua conversa anterior, e ambos riram-se.

— Onde está o Fradella?

— A perseguir as finanças dos Weaver. Porquê?

— Então somos só nós os dois. Vamos comer um hambúrguer e discutir mais alguns cenários.

— Paga você — disse Michowsky, levantando-se do banco um pouco mais devagar do que desejava. — Deixe-me ir buscar as minhas chaves.

— Eu conduzo. Conheço o sítio ideal.

Fez corresponder os seus passos aos dele, abrandando ao lembrar-se da sua dor de costas. Viu o rosto dele iluminar-se um pouco ao ver o carro dela, estacionado bem perto da entrada. Devia estar desesperado de dor.

— Podemos libertar a identidade da Sonya agora — disse ela, assim que entraram na estrada. — De acordo?

— Sim... há alguém que precisa de saber primeiro, só isso.

— Quem?

— Um repórter, mais ou menos sacana, mas cumpriu a promessa que me fez. Brandt Rusch, talvez tenha ouvido falar nele. Devo-lhe uma. — Michowsky pegou num cartão de visita e digitou no telemóvel, provavelmente enviando um *e-mail* ao repórter.

Tess parou no parque de estacionamento do Media Luna e desligou o motor.

— Um bar, a meio da tarde? É cheia de surpresas, agente especial Winnett — disse Michowsky.

— Os hambúrgueres e as batatas fritas são fantásticos aqui. Não iria a mais lado nenhum.

Entraram e sentaram-se ao balcão. Era cedo; só dois ou três resistentes afogavam as suas desgraças, dispersos pela pequena sala do bar. Não havia música; provavelmente o *barman* gostava de algum silêncio antes do início da maior afluência, dali a cerca de duas horas.

Cat levantou os olhos dos misturadores e lançou um sorriso rápido na sua direção. Tess assentiu brevemente e piscou-lhe o olho, um gesto apenas detetado por Cat. Viu-o abrir o recipiente onde armazenava as ervas frescas e começar a misturar a sua bebida favorita. Sorriu para consigo, um sorriso alimentado pela reconfortante sensação de estar em casa sempre que ia ao Media Luna.

Então o seu sorriso abriu-se consideravelmente, quase se transformando em riso, ao ouvir Michowsky abordar Cat.

— Hum, ei, ouvi dizer que fazem uns hambúrgueres fantásticos aqui, pode servir-nos alguns? E também batatas, por favor.

— É para já — respondeu Cat, lançando a Tess um olhar rápido e um sorriso irónico. — Alguma coisa para beber?

— Sim... quero uma cerveja, *Bud Light*. — Michowsky virou-se para Tess, convidando-a a pedir a sua bebida, mas ela afastou a sugestão com um gesto e continuou a assimilar a sensação de segurança e de conforto. O bar de Cat era o único lugar na Terra onde as suas memórias eram subjugadas e os demónios domados.

Cat trouxe-lhe a bebida, com duas palhinhas, como ela gostava. As palhinhas finas eram melhores para os *mojitos*; não se engasgava com as ervas. Michowsky arregalou os olhos ao vê-la aceitar a bebida com um sorriso de gratidão.

— Conhecem-na por aqui, estou a ver — comentou.

— Sim, pode-se dizer que sim.

— *Cocktails* em horário de expediente? Confesso que essa não esperava.

— Não é nada, só...

— Como gosta do hambúrguer? — perguntou Cat a Michowsky.

Cat já não sorria. Parecia prestes a puxar da caçadeira que guardava debaixo do balcão pegajoso e a encostá-la ao nariz de Michowsky, se ele fizesse mais uma pergunta inapropriada.

Tess conteve um risinho, virando a cabeça e enterrando o sorriso nas mãos, deixando

apenas o seu olhar divertido dizer a Cat que estava tudo bem.

— Médio, sem cebola nem pickles. Obrigado.

— Vai demorar alguns minutos.

— Não há problema — respondeu Michowsky, e virou-se para Tess. — Também sabem como gosta dos hambúrgueres, não é?

— Pois... sabem.

Tirou o *tablet* da bolsa e começou a examinar de novo o perfil de Facebook de Sonya. Passou as publicações recentes, recuando até meados de fevereiro. Olhou atentamente para as fotos, tentando absorver um pouco mais de quem Sonya Weaver era. Havia uma fotografia dela com Tony Gibbons, parecendo o rei e a rainha da América. Ela de vestido de noite, uma criação prateada com lantejoulas que se lhe colava às formas, e ele de *smoking* impecável. A legenda dizia: «Na Gala de Angariação de Fundos dos Gibbons.»

Mostrou a imagem a Michowsky. Ele assobiou baixinho.

Era a última imagem que Sonya publicara do ex-namorado, datada de 16 de fevereiro. Depois, postara qualquer coisa pelo menos duas ou três vezes por dia, e partilhara algumas publicações dos amigos. Gostava de cachorrinhos... muito. Do tipo fofinho, bola de pelo. Também apreciava frases inspiradoras e dicas para a vida. Uma jovem normal.

— Já temos o *login* dela? Talvez haja mais coisas nas mensagens privadas.

— Ainda não — respondeu Michowsky. — O mandado está pendente.

— Aqui têm — disse Cat, pondo dois grandes pratos à frente deles. Trouxe-lhes maionese, *ketchup* e mostarda, depois talheres e guardanapos.

Tess continuou a percorrer a cronologia de Sonya no Facebook, contando as publicações de cada dia.

— Estes hambúrgueres são mesmo bons — disse Michowsky, mastigando com entusiasmo.

— Ei, reparou que a Sonya não publicou nada durante quase três dias a seguir ao dia vinte e oito de fevereiro?

— Hum, não. Coma o seu hambúrguer. Está a arrefecer.

— Pois... — respondeu Tess. Tirou algumas batatas e mastigou-as lentamente, saboreando-as. — Deixa-me doida não saber o que aconteceu naquele parque de estacionamento no dia vinte e oito. Ela ficou perturbada, o suficiente para deixar de publicar durante três dias, e isso é sério para estes miúdos. Depois, começou de novo a publicar, mas sem entusiasmo, e maioritariamente sem fotos. Não há mais *selfies* desde esse dia.

— Ahã — aquiesceu Michowsky com a boca cheia.

— Depois há esta entrada — disse Tess, apontando para o ecrã —, em que ela escreve: «Não posso deixar de aproveitar a vida por causa de um único dia de chuva.» Está datada de dezoito de março.

— Acha que se referia ao tarado?

— Julgo que foi nesse momento que decidiu não deixar que uma má experiência mudasse quem ela era, e retomou os antigos hábitos. Quatro dias depois, as três estavam

de volta à mesma discoteca.

Deu uma grande dentada no hambúrguer e mastigou-o metodicamente, pensando.

— Pena que o raio da mordedura não bate certo com a data de vinte e oito de fevereiro.

Faria todo o sentido se o tipo a tivesse assustado por lhe ter mordido o lábio no parque de estacionamento. Caso contrário, quem a mordeu? E onde?

— Ahã — respondeu Michowsky —, mas o Doutor Rizza...

— Sim, eu sei o que ele disse. Vamos pedir ao Fradella que veja as imagens de videovigilância dessa noite.

— Foram inconclusivas.

— Não da noite do rapto, da noite do tarado. Do dia vinte e oito. Ele que examine esses vídeos ao pormenor. Ainda acho que este homem é a nossa pista mais forte, e não posso confiar no que o detetive Garcia fez, se é que fez alguma coisa, na investigação ao desaparecimento.

Pegou em algumas batatas e mastigou-as de olhos semicerrados. Eram perfeitas; saborosas, estaladiças, não demasiado salgadas.

Então o seu telemóvel tocou. Gemeu, limpou os dedos ao guardanapo e verificou as mensagens. A mais recente dizia: «Daqui é o Bob, da receção. Está aqui o agente especial supervisor Bill McKenzie para a ver.» Tess respondeu: «Estou a caminho, chegada prevista para daqui a dez minutos», e tirou mais algumas batatas do prato.

— Temos de ir. O *profiler* está à espera.

PROFILER

Encontraram Bill McKenzie já instalado na sala de reuniões, agachado à frente do quadro branco. O pessoal das instalações ainda não pregara o quadro à parede, e Tess murmurou alguns adjetivos, frustrada. Quanto tempo demorava a espetar dois pregos numa parede? Tinham de trabalhar agachados, curvados, passando uns por cima dos outros? Era ridículo, embaraçoso.

McKenzie ergueu-se no alto do seu metro e noventa e cinco e acenou em cumprimento. Já se tinham cruzado antes, Tess e ele, e nem sempre fora a melhor das experiências, mas ajudava-a a apanhar o seu tipo. Teria preferido um *profiler* diferente, se pudesse escolher. McKenzie podia ser teimoso, rígido e desdenhoso. Duro, arrogante, às vezes. Mas também era inteligente, perspicaz, dedicado e disposto a fazer um esforço extra para testar uma teoria. Por isso, no fim de contas, não era assim tão mau.

— Agente especial supervisor Bill McKenzie, apresento-lhe Gary Michowsky — disse Tess.

— Agente Michowsky — cumprimentou-o McKenzie, apertando-lhe calorosamente a mão.

— É detetive. Sou do condado de Palm Beach — explicou Michowsky com um sorriso mordaz.

— Agente Winnett, prefere esperar que o seu parceiro se junte a nós?

— Hah — disse ela —, provavelmente vai ser uma longa espera. Não tenho parceiro. Não neste caso — acrescentou ato contínuo, vendo as sobrancelhas de McKenzie arquear-se, em surpresa. Maldito manual de procedimentos.

Sentou-se à mesa de reuniões e Michowsky instalou-se à frente dela. McKenzie andava lentamente de um lado para o outro à frente deles, perto do quadro.

— Está bem, então — disse McKenzie. — Vejo porque nos chamou, agente Winnett. Tem fortes indicadores de um padrão entre estes homicídios. Começemos pelas primeiras impressões. É organizado e extremamente metódico. Tem uma inteligência bem acima da média e é bastante calmo sob pressão. Este homem é destemido e, pela natureza dos seus crimes, um perfeito psicopata.

— Descobrimos a maior parte disso sozinhos — informou Tess, as suas palavras desenhando rugas na testa de McKenzie. — Tenho dificuldades com a motivação e com a classificação. É um assassino raiva-retaliação ou raiva-excitação? Pode existir um híbrido entre estes dois tipos de assassinos?

— Um híbrido? Porque haveria de pensar que este suspeito é um híbrido? — perguntou McKenzie. — Nos meus anos como analista comportamental, quase nunca me deparei com a necessidade de classificar um suspeito como híbrido. As linhas de demarcação não são

rígidas, no entanto.

— Olhe para a vitimologia, como ele cruza fisionomias, inclusive linhas raciais. Ao mesmo tempo, o que ele faz a estas raparigas continua a evoluir. A minha teoria é que está a experimentar, à procura da receita retaliatória ideal, e, até lá, as vítimas são apenas ratos de laboratório, nada mais. Um meio para o seu terrível fim.

— Pode ser. E?

— Isso apontaria para uma classificação do tipo raiva-retaliação. Mas, quando examinamos o que o suspeito faz às vítimas, as violações repetidas e elaboradas, os espancamentos, os cortes na pele, leva-nos para o típico sádico sexual, que pertence à classificação do tipo raiva-excitação.

McKenzie esfregou o queixo, pensativo, caminhando lentamente à frente do quadro branco, estudando os perfis das vítimas.

— Vejo o que quer dizer — declarou ele. — Vamos falar da vitimologia, uma vítima de cada vez. Diz que a May Lin foi a primeira?

Tess baixou os olhos. McKenzie intimidava-a, e ela odiava isso. Sobretudo quando ele fazia as perguntas certas e ela não sabia se tinha as respostas corretas.

— Bem... a pesquisa que fiz recua apenas dois anos. Estes são os casos por resolver que correspondiam aos parâmetros. A May Lin é a primeira da série, mas pode haver mais vítimas antes dela.

— Porque não abriu a moldura temporal?

— Pensei que seria melhor mantermo-nos concentrados num número gerenciável de vítimas. O suficiente para nos dar uma vitimologia clara, mas não um número avassalador.

— Procurou, por curiosidade, para ver quantas mais candidatas obtinha?

— S-sim — respondeu Tess baixinho, lançando a Michowsky um olhar embaraçado. Não partilhara essa informação, e o seu olhar desapontado mostrava exatamente como ele se sentia acerca disso. — Há mais dois casos, mas têm ainda menos em comum com estes quatro. Tanto a vitimologia como o *modus operandi* são bastante diferentes.

— Percebo porque escolheu estreitar o seu foco, agente Winnett. Mas, em questões de processo, nunca mantemos palas. É mais fácil apanhar um assassino se soubermos quem foi a primeira vítima. A maioria começa localmente, com uma vítima em que tropeçam na rotina diária.

— Acho que obtemos uma maior clareza se nos concentrarmos nos seus crimes maduros, mais experientes. Com este suspeito específico e os seus métodos em constante evolução, penso que ajuda a cristalizar a vitimologia.

— Está bem — concedeu McKenzie. — A May Lin mal pertence a este quadro. Não tenho a certeza se foi morta pelo mesmo suspeito que as outras três vítimas. Nunca encontrei um assassino em série que aumentasse a idade das vítimas, que comesse com menores e passasse para mulheres adultas. Os assassinos deslocados mantêm parâmetros definidos, como a idade e os traços físicos. Os assassinos por luxúria baixam a idade, retirando um maior prazer da vítima mais jovem, vulnerável e pura. Por isso, não acho...

— Dê-me um segundo — pediu Tess. Levantou-se de um salto e arrancou do quadro a fotografia de May Lin. Abriu a porta e pôs a cabeça de fora.

— Malta — disse, erguendo a voz para ser ouvida na sala de patrulha —, podem vir aqui, por favor? Precisamos de um minuto do vosso tempo.

Uma mulher a rondar os quarenta anos foi a primeira a entrar na sala de reuniões.

— Que idade tem ela? — perguntou Tess, segurando a foto de May para ela ver.

— Hum, é difícil dizer. Vinte e um, talvez?

— Obrigada. Então e você? O que lhe parece?

— Vinte e quatro, mas não tenho a certeza. — Essa avaliação veio do capitão.

— Vinte, não tem mais. Olhem para os olhos. Nem rasto de linhas de riso nos cantos. É jovem — acrescentou uma administrativa.

— Obrigada a todos, é só — agradeceu Tess, voltando depois a atenção para McKenzie. — Vê o que quero dizer? Ele cometeu um erro. A May Lin parecia mais velha. É sabido que os brancos têm dificuldade em ler as expressões faciais dos asiáticos e avaliar a sua idade correta. É essa a minha teoria.

— É uma teoria interessante, então — respondeu McKenzie —, porque pode estar ligada às diferenças que vemos no *modus operandi* para esta vítima.

— Como assim? — perguntou Michowsky, pronunciando as primeiras palavras desde o início da sessão de trabalho.

— Ele só a reteve um dia e meio, não quatro ou cinco. Largou o corpo embrulhado num lençol limpo. Aparentemente, sentia remorsos, o que não bate certo com a sua natureza de psicopata. Cometeu um erro; quando se apercebeu, matou-a de imediato e de forma indolor, e abandonou o corpo de modo respeitoso. Provavelmente, não volta a tocar numa rapariga asiática.

— Então, acha que é por isso que ele... — começou Tess, mas McKenzie interrompeu-a.

— Penso que há mais, que esta vítima específica diz-nos algo sobre a psicologia do suspeito, que ele se identificou com ela. O lençol com que a cobriu era azul-claro, imaculado, novinho em folha. Mas o azul é uma cor de rapazes. Pode ser coincidência, mas reparei nisso. Não a posicionou como fez com as outras. Limitou-se a deitá-la. Acho que o fator de stresse, o gatilho que o fez começar a matar tem qualquer coisa que ver com a infância, ou o seu estatuto enquanto criança. Julgo que aquilo que lemos como remorso era outra coisa. Ele sentiu-se profundamente ligado à vítima mais nova.

Tess anuiu em silêncio.

— Depois de May Lin, demorou oito meses a levar outra rapariga — disse ela —, Shanequa Powell.

— Com a Shanequa, ele estava zangado e frustrado. A culpa que sentia por May Lin impediu-o de satisfazer as suas necessidades mais cedo. E descarregou na nova vítima. Shanequa foi gravemente espancada. O suspeito estava mais furioso com ela.

— Faz sentido — concordou Tess. — Obrigada por esta percepção. Algumas pessoas não acreditam que a May Lin e a Shanequa Powell pertençam a esta série, incluindo o meu

chefe.

— Nunca se pode ter cem por cento de certeza — respondeu McKenzie. — Normalmente, quando existem pontos em comum suficientes e é possível formular uma teoria com sentido, então é uma aposta mais segura manter as vítimas na investigação em vez de as excluir. Podemos sempre excluí-las mais tarde, mas não nos podemos dar ao luxo de descurar nenhum detalhe crítico.

— Sim. Falemos da motivação, por favor. O que vê? — perguntou Tess.

— Este suspeito é definitivamente hedonista, procurando emoção e luxúria. Não é um impotente que descarrega nas mulheres a raiva alimentada pela baixa *performance*. Segundo o relatório do médico legista, funciona bastante bem nesse departamento. Para ele, tem que ver com controlo, com experimentar o poder. É um assassino poder-assertivo. É o que lhe dá satisfação. Olhem para as drogas com que jogou. Anda à procura da derradeira emoção, ou, segundo a teoria da agente Winnett, da receita perfeita para a retaliação contra uma mulher que acredita ter-lhe feito mal.

— Também está a descrever um híbrido — observou Tess, um pouco confusa.

— Eu sei disso. Se a sua teoria estiver correta, e ele anda à procura de retaliação, então sim, temos um híbrido. Uma ocorrência rara, mas pode acontecer, pelo menos em princípio.

— Está a acelerar? — perguntou Tess.

— E depressa — respondeu McKenzie. — O período de arrefecimento entre os raptos diminuiu drasticamente. Podemos esperar que rapte uma nova vítima a qualquer momento.

O silêncio envolveu a pequena sala de reuniões. McKenzie dirigiu-se ao fundo da sala, rumo à máquina de café. Ao passar, cruzou-se com Tess, tocando-lhe acidentalmente no ombro. Ela sobressaltou-se, lançou-lhe um olhar breve e desviou o olhar.

— Perdão — disse McKenzie, baixinho.

Raios, pensou Tess. De todos os sítios e situações para reagir mal ao toque acidental de alguém, tinha de o fazer com um *profiler* do FBI, o tipo de profissional que podia ver através dela como se fosse um aparelho de raios X ambulante.

McKenzie tirou uma garrafa de água do minifrigorífico e regressou para a frente da sala. Desta vez, aproximou-se dela com cuidado, certificando-se de que não a assustava. Roçou contra a parede, dando-lhe espaço suficiente, enquanto Tess observava cada movimento seu. Dera-lhe espaço, e teve o cuidado de não lhe voltar a tocar, mas não escolhera o lado de Michowsky para se dirigir à frente da sala. Passara por ela de propósito. Estava a estudá-la. *Oh, Deus*.

Sentiu o coração acelerar, martelando-lhe contra o peito como um animal enjaulado e aterrorizado. Um choque de adrenalina disparou-lhe tiros de pânico por todo o corpo, e Tess paralisou, tentando não arquejar. Concentrou-se na respiração, inspirando lenta e longamente, sustendo a respiração por um segundo ou dois e depois exalando de forma igualmente lenta.

— Agente Winnett? — perguntou McKenzie.

— Sim?

— Estava a perguntar qual é a sua teoria acerca destas drogas. Como acha que ele tem acesso a elas?

Que raio, como não ouvira a pergunta da primeira vez?

Limpou a garganta seca e congestionada antes de falar.

— Achamos que é um profissional de saúde com acesso a uma reserva variada e prontamente disponível de medicamentos. Pode trabalhar num hospital ou numa unidade de cuidados continuados. Como parece confortável do ponto de vista financeiro, acho que é médico. Possivelmente cirurgião, tendo em conta a sua precisão com um bisturi.

— E se não for? — perguntou McKenzie. — Observou que todas estas vítimas são abastadas e que também ele pode ser rico.

— Tem dinheiro para queimar e demonstra deslocar-se livremente de estado para estado, onde passa tempo a torturar e a matar. Não parece preso a nenhum lugar específico — respondeu Tess.

— Essa é outra preocupação, a propósito — disse McKenzie. — Com exceção de Ted Bundy, a maioria dos assassinos em série cinge-se a uma zona geográfica. Como concilia a sua teoria de que é um médico de hospital com este tipo de liberdade para vaguear?

Tess encolheu involuntariamente os ombros.

— Até os médicos têm férias. Talvez seja assim que ele passa as dele.

— Discordo — replicou McKenzie. — Este tipo de homicídios precisa de preparação. Ele passa mais tempo nas respetivas regiões do que os quatro ou cinco dias em que mantém as vítimas. Caça, e o prazer da caça é uma das recompensas para o assassino hedonista do tipo luxúria-emoção. Nunca abreviaria a caçada; está a saboreá-la. Enquanto anda lá fora, a avaliar potenciais vítimas, as fantasias recompensam-no com a promessa de uma matança excecional. O seu suspeito não trabalha ou, se o faz, tem muita flexibilidade.

Tess baixou a cabeça. Odiava estar enganada, mas fora por isso que chamara McKenzie, para se certificar de que não cometia erros nas avaliações.

— Quanto ao conhecimento médico, há casos documentados de assassinos em série autodidatas com uma competência impressionante — acrescentou McKenzie. — Também pode ter-se licenciado em medicina, mas não será um médico a exercer.

— E quanto às drogas, então? — perguntou Michowsky. — Como é que ele lhes tem acesso?

— Hoje em dia, consegue-se qualquer coisa *online* ou na esquina da rua certa — respondeu McKenzie. — Como sabe, há canais de distribuição inteiros a trazer medicamentos do México para pessoas que não têm acesso aos equivalentes caros nas farmácias dos Estados Unidos.

McKenzie bebeu um pouco de água e continuou.

— Não posso emitir uma opinião acerca de qual poderá ter sido o seu fator de stresse; é demasiado cedo e não tenho informação suficiente.

— Acha que evoluiu de um violador? — perguntou Tess.

— Provavelmente. Talvez valha a pena olhar para incidentes anteriores, mas a geografia

será sua inimiga neste caso. Até situar a localização, não pode fazer nada disso de forma realista.

— E quanto a este incidente do tarado? — perguntou Tess. — Continua a parecer-me a única pista que talvez possamos ter. Este suspeito frequentaria discotecas?

— A maioria dos assassinos em série são indivíduos encantadores, fascinantes e carismáticos. Não são de todo solitários. Sim, pode andar a caçar em discotecas, mas não gosto da cronologia.

— Como assim? — perguntou Michowsky.

— Se o suspeito for o tarado, passou demasiado tempo entre o dia em que observou a última vítima, Sonya Weaver, e aquele em que a raptou. Pode acontecer, sendo ele tão calmo e metódico, mas não me parece.

— Acha que ele mordeu a Sonya? — perguntou Tess.

— Mais uma vez, a cronologia não bate certo. O vosso médico legista disse duas semanas no máximo.

Tess soltou um longo suspiro.

— Vou visitar as famílias a partir de amanhã de manhã — declarou. — Vou ver se a May Lin frequentava discotecas, apesar da idade. É outro ponto em comum em falta que vemos no caso dela. Deseje-me sorte.

— Vão apanhá-lo — disse McKenzie. — Não estou preocupado. A única coisa que vos posso dar agora é um perfil parcial, mas mantemo-nos em contacto.

— Estou pronto quando estiver, agente especial McKenzie — disse Michowsky, preparado para tomar notas.

— O nosso suspeito anda entre finais dos vinte e meados dos trinta anos, é talvez branco e abastado. Solteiro, provavelmente tem relacionamentos fugazes, nada de sólido. Possui uma inteligência acima da média, e pode ser carismático e eloquente. Viaja com frequência para fora do estado, por períodos mais longos. Conduz pelo menos um grande SUV com vidros fumados ou uma carrinha com cobertura. Tem acesso a locais onde pode torturar e matar sem ser ouvido nem perturbado. Começou como violador ou parceiro sexual abusivo. É para-fílico, com tendência para o fetichismo. Corta as vítimas para as torturar, não como forma de piquerismo. É um sádico sexual e um predador calmo, organizado e metódico.

McKenzie sorriu na direção de Tess e acrescentou:

— E sim, pode ser um raro híbrido retaliação-excitação. Quando o apanharmos, iremos estudá-lo ao pormenor.

Michowsky olhou para o relógio e levantou-se, um pouco desajeitadamente, encostando-se à mesa de reuniões para se apoiar. Devia ter muitas dores de costas depois de tanto tempo sentado.

— Obrigado, agente especial McKenzie — disse Michowsky. — Vou distribuir o perfil. Foi um prazer conhecê-lo.

Michowsky saiu da sala e Tess estendeu a mão, ansiosa por escapar ao olhar perscrutador de McKenzie.

— Obrigada por ter vindo, fico-lhe muito grata — afirmou, olhando McKenzie nos olhos por um segundo. — Sei como estão ocupados.

Ele apertou-lhe calorosamente a mão, segurando-a por mais tempo do que ela esperava.

— Vá com calma, Winnett, está com um aspeto terrível.

— Hah — disse ela, sarcástica —, os homens de hoje em dia são uns cavalheiros.

— Não tem de viver com isso, sabe? — insistiu ele, revelando bondade na voz.

— Com o quê? — perguntou Tess, franzindo o sobrolho.

— Com o stresse pós-traumático.

— E-eu não sei do que está a falar — respondeu ela, um pouco depressa demais, sentindo o coração a latejar-lhe no peito e retirando a mão.

— Não seja idiota, Winnett. Se eu não fosse capaz de reconhecer hipervigilância quando a vejo, não faria bem o que faço na vida.

Tess baixou a cabeça, incapaz de dizer fosse o que fosse. O que restava para dizer? Provavelmente, McKenzie denunciá-la-ia; a última palavra no seu título profissional era supervisor. Tinha o dever de reportar quaisquer agentes que parecessem inaptos para o seu trabalho. Então, sujeitá-la-iam a inúmeras avaliações, em busca de uma desculpa para a despedirem. Depois, concretizá-lo-iam, expressando inúmeros lamentos hipócritas. Fim da história.

— Tess, eu estou aqui para si, seja o que for que precise. É difícil viver com stresse pós-traumático, mas é possível geri-lo, torná-lo mais fácil — disse McKenzie, falando com a mesma bondade.

— Não vai... denunciar-me?

— Se procurar ajuda, não — informou ele, buscando-lhe o olhar com uma expressão reconfortante. — Ligue-me, está bem?

— Sim, vou ligar — respondeu ela. Depois, viu a sua alta figura afastar-se com um passo firme e passadas regulares.

Fechou a porta da sala de reuniões e encostou-se a ela, deixando o coração bater tão depressa quanto quisesse, enquanto respirava pesadamente, ignorando as lágrimas que se lhe acumulavam nos olhos.

MAIS UMA LOJA DE PORCELANAS

Durante um momento, Tess perdeu a noção do tempo, encostada àquela porta fechada e combatendo os seus demónios, mas não matando assim tantos. Depois, voltou à realidade, à medida que a sua respiração normalizava e o ritmo cardíaco baixava para níveis normais. Viu as horas; só tinham passado alguns minutos no que pareciam ter sido séculos.

Uma rápida batida na porta e Fradella entrou por ali adentro. Gotas de suor cobriam-lhe a testa. O dia tinha-se revelado escaldante.

— Oh, então já acabaram? — perguntou ele, soando desiludido.

— Acabámos?

— Com o *profiler*.

— Sim, acabou de sair — respondeu Tess. — Temos notas que podemos partilhar.

— Oh, isso é fantástico — disse ele, zangado.

— O que se passa?

— Matava-a ter-me ligado quando ele chegou? Ou só sirvo para executar os seus mandados e examinar a videovigilância?

— Sinceramente, não pensei que se importasse — disse Tess, surpreendida. Mais uma vez, tinha irritado alguém sem sequer saber. A sua absoluta especialidade.

— Sim, e porque havia eu de me importar? É só a oportunidade de uma vida, assistir a uma sessão de perfis enquanto especialistas discutem um caso. O meu caso!

— Lamento não ter pensado nisso. Mas agora sei, e certificar-me-ei de o incluir em tudo o que seja remotamente interessante. Que tal?

— Não seja condescendente, agente Winnett. Não sou assim tão burro.

— Não estava a ser, a sério — respondeu ela, no momento em que Michowsky entrava na sala.

— Já libertei o perfil, valha isso o que valer — disse ele. — Não é que estes polícias vão abordar homens podres de ricos a tratar dos seus assuntos em Miami e perguntar-lhes o quê? «Tortura mulheres nos seus tempos livres?» Não acho que tenhamos o suficiente, com perfil ou sem ele. Ainda não.

— Tem razão — concordou Tess. — Precisamos de apertar o nó. Todd, pode investigar estas drogas e ver onde é que alguém as podia comprar? Tente *online*, no mercado negro, nas esquinas. Fale com informadores nas ruas de Miami Beach. Veja onde se interseam todos os canais para estas drogas. Talvez tenhamos sorte.

— Ah, cá vamos nós outra vez. Cá vai Todd Fradella, moço de recados da agente Tess Winnett, do FBI.

— O que raio se passa contigo? — perguntou Michowsky. — É o teu trabalho!

— Pois... — respondeu Fradella amargamente. — Engraçado como acabo sempre com a parte mais manhosa de qualquer trabalho. Daqui a uns quinze anos, serei mesmo bom a fazer recados. Talvez seja promovido a moço de recados sénior, quem sabe. Isso se tiver sorte e lamber...

— Detetive Fradella, já chega — disse Michowsky, erguendo a voz.

Fez-se um silêncio pesado, palpável após a discussão exaltada. Fradella olhava furiosamente para Michowsky, que estava mais surpreendido do que frustrado.

Tess compreendia melhor Fradella do que gostava de admitir. As gerações mais jovens eram mais ambiciosas, mais apressadas do que os pais alguma vez tinham sido. O mundo girava a um ritmo bem veloz e, se não lutassem com unhas e dentes para chegarem à frente, a mediocridade engolia-os para sempre. Sentia a mesma ambição ardente do sucesso, de aprender, de melhorar em todos os aspetos do seu trabalho. E, sim, ela não pensara nele; esquecera-se completamente, e vira a sessão de perfis como a sua própria oportunidade de aprender, não a dele. A verdade era que Tess se lembrava de que Fradella existia quando servia os seus propósitos, não os dele. Culpada. De algum modo, tornara-se tão tensa que mal reparava que os outros existiam. Não costumava ser assim.

— Estava a falar a sério sobre o que disse antes, sabe? — frisou Tess. — Envolvê-lo-ei em tudo o que valha a pena e dar-lhe-ei a oportunidade de aprender alguns truques.

Ele não respondeu, mas baixou o olhar zangado, dirigindo-o à alcatifa.

— E se começássemos agora? — perguntou Tess. — Precisamos de encontrar as vítimas anteriores do assassino. A primeira seria fantástico. Mas não sabemos onde procurar e é uma agulha num palheiro do tamanho do país. Quer tentar? — Ofereceu-lhe o portátil e ele sorriu ao pegar-lhe, a sua carranca profunda dissipando-se como nuvens depois de uma tempestade. Tess sorriu involuntariamente.

— Viu-me trabalhar; conhece os ecrãs. Eu faço o *login* e depois deixo-o fazer estas pesquisas.

— Fixe — disse ele, esfregando as mãos e puxando uma cadeira para a frente do portátil. — O que procuramos?

— Não sei, Todd, porque não me diz você? — encorajou-o ela.

— As vítimas de violação podem ser cerca de centenas de milhares a nível nacional e remontando a vários anos — afirmou ele, pensativamente. — Não temos nenhuma verdadeira forma de as filtrar.

— Vamos tentar outra coisa — sugeriu Tess. — E se ele começou por bater numa namorada ou duas antes de se tornar profissional? Onde encontraríamos isso?

— Registos hospitalares, talvez até a comunicação ou as redes sociais. Ele é rico, certo? As pessoas falam. Adoram todo o tipo de podres sobre os ricos e espremem-nos até não poderem mais.

Tess fez um gesto encorajador com a mão. Fradella começou a digitar, sob o olhar espantado de Michowsky. Ia ser uma longa noite.

PRECONCEITO

Tess tentou libertar-se, mas não conseguiu. O pânico subiu-lhe à garganta, sufocando-a, e saiu-lhe um gemido em vez de um grito. Tinha as pernas amarradas e não era capaz de as mexer, não podia fugir. Tinha a cabeça encostada ao chão do lado direito e, desse ângulo, não lhe via o rosto. Debateu-se, tentando virar a cabeça e captar um vislumbre dele, mas não conseguiu. Sentiu o peso do braço do homem, empurrando-lhe a cabeça para baixo, enquanto a mão direita lhe segurava o pulso esquerdo num aperto poderoso. De certa forma, soltou a mão direita e atacou-o, na esperança de lhe arranhar a cara e meter algum ADN debaixo das unhas. Mas o homem agarrou-lhe o pulso livre e pregou-o ao chão com uma força de aço. Já não conseguia mexer-se, esmagada sob o seu peso. Diante dos olhos, a silhueta da serpente tatuada no bíceps esquerdo do homem movia-se com a pele tensa contra os músculos à medida que ele reforçava o aperto. A serpente parecia viva, pronta a atacar. Tentou gritar e fez uma última e desesperada tentativa de se libertar.

O som da sua voz acordou-a, embora o grito no pesadelo tivesse saído abafado, uma interjeição rouca e estrangulada. Obrigou-se a sair da cama, mas tinha as pernas emaranhadas no lençol. Soltou-se, quase em pânico, depois levantou-se rapidamente e agarrou no lençol infrator, enrolou-o e atirou-o para o chão da casa de banho.

— Raios — murmurou, enquanto salpicava o rosto com água fria. — Raios partam o inferno.

Voltou para o quarto, onde meteu a mão atrás da mesinha de cabeceira e retirou a arma guardada no coldre, colada com velcro ao painel. A sua casa tinha muitos desses pedaços de velcro, onde podia pôr a arma suficientemente perto para a agarrar, mas longe da vista. Discretos, para que os seus muito raros visitantes não notassem que nem sequer se atrevia a usar a casa de banho desarmada.

Hipervigilância, a pena perpétua que os sobreviventes têm de suportar. Sempre alerta, à espera do pior dos cenários, preparados, receosos. Insultando as pessoas com suspeitas e uma aparente insensibilidade, ignorando amizades, magoando e afastando quem os rodeia. Presos num turbilhão de inúmeras más memórias, a rodopiar-lhes dentro da cabeça, forçando-os a revivê-las para sempre. Nunca esquecendo. À mercê da ansiedade e de ataques de pânico, desencadeados por quase tudo. O tom de voz de alguém ou uma certa palavra. Um cheiro, uma sensação, um som, o raio de um lençol enrolado. Enquanto o seu cérebro cansado não abandonava a sua vigilância, a vida passava por ela.

Já durara o suficiente.

Precisava de recuperar a sua vida, antes que fosse demasiado tarde.

Contudo, nem toda a hipervigilância era má. Os seus sentidos apurados faziam dela uma

investigadora talentosa e perspicaz, habilitada a sentir se a pessoa diante dela mentia ou tinha algo a esconder. A experiência ajudava-a a criar empatia com as vítimas, dando-lhe acesso fácil a informação crítica. Sabia que perguntas colocar e, mais importante, como fazê-las. A sua maior fraqueza era também a sua maior força, dando-lhe a intensidade que a ajudara a atingir um registo perfeito enquanto agente do FBI. Que irónico.

Precisava contudo de se controlar, de ganhar coragem para confiar em alguém o suficiente para deixar essa pessoa ajudá-la. Deixara Cat... por isso *podia* ser feito, mas para ela era quase impossível. Ainda assim, tinha de ser feito. Em breve.

Ligou a máquina de café, de arma na mão, e depois foi para o duche. Colou o coldre a um bocado de velcro escondido atrás do cesto da roupa suja e deixou a água quente lavar o terror noturno, enquanto repetia a si mesma que estava a salvo e que ia tudo ficar bem. Claro que o facto de nunca ter encontrado o homem que a atacara não ajudava. Ele continuava lá fora, mas ela persistia na procura. Talvez um dia... ou talvez nunca.

Algumas horas depois, enfiada num lugar junto ao corredor e com a casa de banho da traseira ao alcance do ouvido, Tess apertou o cinto para o seu voo até Chicago. Ignorou as instruções da hospedeira e abriu o portátil. Afinal, os cintos de segurança funcionavam da mesma maneira há mais de cinquenta anos.

Leu primeiro o *e-mail* em que Fradella lhe dava credenciais de acesso para as redes sociais e contas de *e-mail* de todas as vítimas. Finalmente. Começou pelas contas de May Lin, preparando-se para a conversa com os pais dela.

A conta de May no Facebook mostrava uma atividade moderada, um pouco menos do que o normal para uma jovem da sua idade. Tinha interesses variados. Filmes, roupas, preços de todo o tipo de objetos, de aparelhos eletrónicos a sapatos e joias. Vários jovens, asiáticos, mas também caucasianos, apareciam em algumas das fotos, amigos casuais, a julgar pelo aspeto, e não amantes. Tess recuou na cronologia até se deparar com publicações com imagens de uma festa na piscina. May escrevera: «Pronto, acabei. Viva!» Muitos amigos tinham-lhe dado os parabéns, mas Tess não sabia porquê. Quando finalmente viu o que era, teve de ler a publicação duas vezes. May licenciara-se, *cum laude*, com uma especialização em gestão de empresas. Com apenas dezassete anos e dez meses!

Como lhes escapara aquilo? Tinha escapado a todos, tanto à polícia de Chicago como à de Palm Beach. Argh... o poder do preconceito, a fazer estragos sempre que podia. Ninguém pensara em procurar uma licenciatura no caso de uma adolescente. Escola era um termo tão genérico.

Enviou uma rápida mensagem a Bill McKenzie e incluiu nela Michowsky e Fradella. Escreveu: «Bill, a May Lin era licenciada, e estava quase a fazer dezoito anos. Isto confirma a vitimologia, de jovens raparigas abastadas e bem-sucedidas na universidade. Já não é coincidência. Acho que foi assim que o suspeito cometeu o seu erro. Tal como nós não pensámos em procurar uma licenciatura porque sabíamos a idade da May, é possível que ele não tenha pensado em verificar a idade porque provavelmente sabia da licenciatura. Acrescenta uma perspetiva diferente. Obrigada... por tudo.»

Tess mostrou o distintivo à hospedeira que insistia em que guardasse o portátil e a jovem desapareceu sem dizer mais uma palavra. O trabalho tinha as suas vantagens.

Aquele novo elemento acerca da licenciatura de May Lin abria outra lista de perguntas sem resposta. As raparigas tinham frequentado diferentes escolas em diferentes cidades e tinham diferentes especialidades. Onde as encontraria o suspeito, e como? Não havia um vestígio dele perto da ciberesfera de May Lin. Se descobrisse o que as escolas tinham em comum, talvez chegasse ao seu terreno de caça. Ou talvez isso não importasse e ela estivesse numa caça aos gambozinos. Talvez caçasse em discotecas, onde os licenciados vão para celebrar. Onde as jovens estão mais dispostas a conversar com estranhos encantadores e carismáticos do que em qualquer outro local.

ADOLESCENTE NORMAL

Era cedo quando Tess aterrou em O'Hare, dando-lhe o derradeiro prazer de conduzir pelo infame tráfego da hora de ponta em Chicago. Após ter esperado numa longa fila para alugar um carro e lidar com inúmeras portagens na estrada, que sufocavam ainda mais o trânsito já demorado, encostou finalmente em frente à residência dos Lin.

Os Lin viviam numa casa sombria e de aspeto caro perto de Burnham Park. Com três andares, tinha a elegância das casas de tijolo castanho de Boston e o tamanho generoso das habitações do Midwest. Parou antes de subir os poucos degraus que conduziam à porta da frente, admirando o edifício e perguntando-se porque escolhera o Sr. Lin, um construtor imobiliário de sucesso, com a opção de viver onde e como quisesse, um condomínio. O que havia em partilhar paredes e instalações com os outros que fascinava as pessoas? Algumas, não todas. Definitivamente, não Tess.

Tocou à campainha e foi o Sr. Lin quem abriu a porta. Convidou-a para a sala de estar e ofereceu-lhe chá. Tess aceitou graciosamente e aguardou alguns minutos, saboreando o silêncio tranquilo e quase sombrio da sala. As janelas altas não deixavam entrar demasiada luz, cobertas por finas cortinas *bordeaux* com borlas douradas, não tendo senão o céu cinzento de Chicago de onde extrair luz. Um grosso e rico tapete oriental cobria a maior parte do chão de soalho, absorvendo qualquer sinal do ruído de passos. A sala estava artisticamente decorada com mobília a condizer, de madeira escura e com estofos de cabedal. Um cenário intemporal, despido de equipamentos eletrónicos, concebido para as pessoas interagirem, livres das distrações da vida moderna. Aqui e ali, elementos decorativos chineses davam personalidade ao ambiente. Biombos de treliça que sinalizavam a sala de leitura, pinturas em seda nas paredes e belas esculturas de alabastro adornando a cornija da lareira.

A Sra. Lin serviu chá com um cerimonial impecável, fazendo Tess reear que não soubesse como se comportar. Decidiu ver o que os outros faziam e seguir o exemplo. Assim que a Sra. Lin acabou de preparar o chá e encheu as chávenas, Tess estendeu a mão.

— Obrigada por me receberem — disse, depois de se apresentar. — Sei que deve ser difícil para vocês.

Após estender-lhe uma mão fraca e com os dedos gelados, a Sra. Lin sentou-se no sofá à frente de Tess, ao lado do marido. O filho foi o último a entrar na sala e ocupou um cadeirão.

— Este é o nosso filho, Han — apresentou-o a Sra. Lin. — Tem vinte anos. É tudo o que nos resta. A nossa filha teria hoje dezanove anos e dois meses — continuou, as palavras afetadas pelas lágrimas.

— O que podemos fazer por si, agente Winnett? — perguntou o Sr. Lin, franzindo o sobrolho. — Passaram seis meses desde que alguém falou connosco sobre a May. A última coisa que nos disseram foi que não tinham elementos suficientes para apanhar o monstro que levou a nossa menina. Temo que nunca o farão.

Olhou para o homem com empatia. Tinha as costas curvadas e os ombros tensos. Círculos negros rodeavam-lhe os olhos e a voz fraquejou-lhe ao dizer o nome da filha, afundando-se na indescritível dor de perder um filho. Não era muito alto, e a esposa também não. O filho era mais alto e parecia um pouco americanizado, como se os seus traços físicos se tivessem, de algum modo, alterado com a imersão na cultura americana.

— Falem-me da May, por favor. Como era a vida dela? Como passou as últimas semanas antes de morrer?

Os pais olharam um para o outro, enquanto o filho fixou o olhar no chão.

— Era uma boa menina — disse a Sra. Lin, tão baixinho que Tess teve de fazer um esforço para ouvir o que dizia. — Estudava muito. Estava ansiosa por terminar a escola para poder começar a viver a sua vida. Acabara de completar a licenciatura, e ainda nem tinha dezoito anos. Sabia disso?

Tess assentiu.

— Como é que alguém faz isso?

— A May era precoce e muito esperta — disse o Sr. Lin. — Trabalhava imenso. Fez dois anos num, desde o sétimo. Ofereci-me para a mudar de escola, destinada a crianças sobredotadas, mas ela quis ficar onde estava, com os amigos, e acabar a escola o mais cedo possível. Queria trabalhar comigo, no negócio da família — acrescentou, a voz falhando-lhe, embargada. — Era o orgulho do pai.

— Devia ser difícil fazer dois anos num — observou Tess. — Como reagiam os amigos ao facto de a May os deixar para trás dessa forma?

Os pais entreolharam-se e Han ergueu brevemente os olhos do tapete, para os voltar a baixar um segundo depois.

— Todos adoravam a minha pequena May — respondeu a mãe. — Os amigos não se importavam que ela estivesse à frente, e ela também fazia sempre novos amigos.

— Usavam os trabalhos de casa, os cadernos e as preparações dela para os testes — acrescentou Han. — Era como ter uma antevisão do ano letivo seguinte. Também os usei nos meus últimos dois anos do secundário. Era fixe.

O pai lançou-lhe um olhar desapontado, depois voltou a atenção para Tess.

— Porquê? — perguntou Tess. — O que tinha isso de fixe?

— Poupava muito tempo a todos em trabalhos de casa.

Não havia um vestígio de sotaque chinês no rapaz, nem a melodia discernível, as inflexões que os chineses põem nas frases em inglês. Soava como um perfeito nativo de Chicago.

— Interessante — respondeu Tess, quase sorrindo. — Como lhe retribuíam?

— Não era assim — replicou Han. — A May não esperava nada em troca. Limitava-se a passar pela escola o mais depressa possível, e os restantes de nós tinham sorte.

— Então e a vida social? O que fazia a May para se divertir?

— Não havia muito tempo para isso — respondeu a mãe — com o dobro da carga escolar.

— Tinha fome de vida, a minha menina — acrescentou o Sr. Lin. — Mas o estudo vinha sempre em primeiro lugar.

Tess olhou inquisitivamente para Han. Uma adolescente não desiste de toda a diversão na vida, por mais desesperada que estivesse por se livrar da escola. Han continuou a olhar para o chão e manteve-se em silêncio.

— Levávamo-la aos nossos eventos sociais quando ela queria ir — continuou a Sra. Lin. — Queríamos dar-lhe as competências para ser bem-sucedida na sociedade.

— Que tipo de eventos?

— Por exemplo, a conferência anual de investidores imobiliários. Dura três dias, e todas as noites tem *cocktails* e jantares elegantes para os grandes investidores e respetivas famílias — lembrou-se a Sra. Lin. — Com um ambiente bastante sofisticado. A May adorava ir. Começava a interessar-se por comprar vestidos de noite, maquilhagem, joias. — Fez uma breve pausa, apertando nervosamente as mãos no colo. — Era uma adolescente americana normal, a nossa menina. Não adotou nenhum dos valores culturais chineses, por mais que eu tenha tentado.

— Para quem era a receção?

— Só os principais construtores e investidores — respondeu a Sra. Lin. — Pessoas que tivessem investido pelo menos dez milhões de dólares no desenvolvimento de Chicago. Luxuoso, exclusivo. Vamos todos os anos. — Levantou-se, a sua pequena figura aparentemente frágil. — Deixe-me mostrar-lhe — acrescentou, e tirou um álbum de uma estante. — Aqui está, a última foto que tirámos com ela, em família.

Tess olhou para a fotografia, estudando cada pormenor. Era uma imagem de grupo, provavelmente incluía outros investidores com as famílias, cerca de vinte pessoas. Todos de *smoking* e trajes de noite, diamantes reluzentes e estilos clássicos, grandes sorrisos mostrando dentes perfeitos. A família Lin ocupava um pequeno espaço a um lado, os pais atrás dos filhos. Han e May, mais altos que os pais, tinham-se-lhes agachado aos pés, os quatro formando um conjunto encantador.

— Posso? — Tess fez sinal com o telemóvel.

A Sra. Lin segurou a imagem enquanto Tess tirava algumas fotografias.

— Obrigada — disse Tess, baixinho. — Então e a vida social da May fora dos eventos familiares? Saía? Com amigas, em encontros?

— Não, era demasiado nova — respondeu rapidamente o Sr. Lin. Han voltou a olhar para o chão e parecia algo envergonhado, remexendo-se. Desta vez, também a mãe olhou para o tapete.

— Han, se não soubermos a verdade, nunca apanharemos o assassino da May — disse Tess. — Sabe disso, não sabe?

Han lançou a Tess um rápido olhar culpado e pigarreou antes de falar.

— Hum, ela saía às vezes, quando o pai estava fora em negócios.

O Sr. Lin levantou-se de um salto, andando furiosamente de um lado para o outro.

— Han!

Sem palavras, Tess instou-o a deixar o rapaz concluir. O Sr. Lin baixou os olhos, mas continuou a andar de um lado para o outro.

— Onde? — perguntou Tess. — Onde ia ela? Tinha namorado?

— Não, não tinha namorado. Ia ao centro comercial com as amigas e às vezes a discotecas.

— Sozinha?

— Não, com as amigas.

— Como é que entrava? — perguntou Tess.

Han calou-se e encolheu os ombros.

— Han, isto é importante — apelou Tess. — Não haverá consequências para ti nem para a tua família, independentemente do que me disseres, está bem? Prometo.

O Sr. Lin olhou para o filho, numa intensa expressão zangada, incrédula e desapontada que prometia um rol de sarilhos para o jovem Han Lin. Não estava a ajudar.

— Han? Por favor — insistiu Tess uma vez mais.

— Cartão de cidadão falso — sussurrou ele, com os olhos de novo cravados no chão.

A Sra. Lin começou a chorar baixinho.

— Posso ver o quarto dela, por favor? — perguntou Tess.

— A polícia já lá esteve — respondeu secamente o Sr. Lin.

— Eu não sou da polícia, Senhor Lin. Temos métodos diferentes.

A Sra. Lin levantou-se e dirigiu-se às escadas, com um convite silencioso no seu ar lacrimante. Tess seguiu-a e não tardou a entrar no quarto de May. Parecia que a rapariga andava algures lá fora e regressaria em breve. Provavelmente, o quarto era mantido como ela o deixara há quase dezoito meses.

— Mostra-me — pediu Tess, olhando Han nos olhos.

Ele hesitou, de seguida ajoelhou-se no chão junto à enorme janela. Enrolou o tapete para trás e expôs um pouco mais do brilhante soalho, depois passou os longos dedos finos pelas orlas das tiras de madeira, até que uma delas emitiu um ligeiro estalido. Agarrou-a e puxou-a facilmente, expondo um pequeno embrulho. Extraiu-o e entregou-o a Tess.

— Obrigada — disse ela, abrindo o lenço bordado que continha os objetos. Ali estava o cartão de cidadão falso de May, tão bem feito que Tess não conseguia perceber que era falso. Um trabalho caro, com a sua foto verdadeira e um nome falso, e que lhe dava cerca de vinte e dois anos na altura do desaparecimento. Junto a ele, um maço de dinheiro e alguns preservativos.

— Oh, não — lamentou-se a mãe. — Como foste capaz de fazer isto, Han?

— Eu não fiz nada — respondeu ele. — Nem sequer tenho um desses para mim. Ela arranhou-o sozinha.

— Mas tu sabias — vociferou o Sr. Lin. — E não disseste nada! — Proferiu qualquer coisa em chinês, uma rápida sucessão de sons ameaçadores que reacenderam os soluços da Sra. Lin.

Tess pousou o cartão de cidadão falso na secretária e começou a observar o quarto. Tinha uma decoração requintada, como o resto da casa, num estilo elegante, mas jovem. Os pais haviam tentado dar-lhe um espaço a que chamar seu, e May colara pósteres dos One Direction, Bruno Mars e de vários carros desportivos em cima do papel de parede de seda.

O quarto tinha um guarda-roupa interior, onde as suas roupas estavam cuidadosamente arrumadas. Tess passou os dedos pelos cabides, vendo sobretudo calças de ganga, casacos, camisas e blusas, nada fora do vulgar. Havia alguns vestidos de noite cobertos com protetores de plástico, e Tess reconheceu o vestido que May usara na gala de investidores. Deu um passo atrás e voltou a olhar, desta vez em busca de assimetrias e imperfeições na forma como as roupas estavam organizadas. Viu algo, uma blusa de seda que parecia demasiado grossa no cabide. Retirou-a com cuidado e encontrou uma segunda peça por baixo, um minivestido preto, um tubo com lantejoulas que mal devia cobrir as nádegas de May. Continuou a busca e descobriu mais peças, um par de calções de ganga rasgados que deviam ter mostrado muita pele, *tops* de alças e saias curtas, tudo digno de uma discoteca.

Avançou então para as gavetas da roupa interior de May, onde não perdeu tempo e foi direita ao fundo, onde encontrou cuecas e sutiãs de renda. No fundo da gaveta dos cachecóis, uma pequena bolsa continha o seu *kit* de maquilhagem e outra era um tesouro de joias. Sim, May fora uma adolescente típica, a viver uma vida da qual os pais nada sabiam.

Tess parou junto à porta do quarto, agradecendo à família de May pela ajuda. Olhou para os Lin, juntos, feridos, incapazes de compreender o porquê de a filha ter levado uma vida tão secreta.

Gostava de ficar mais tempo em Chicago, para entrevistar as amigas de May e verificar as discotecas que ela frequentava, mas havia um avião para apanhar.

SAÍDA À NOITE

Ergueu os braços, olhando para a miríade de luzes que giravam e piscavam por cima da sua cabeça, e deixou a música alta tomar o controlo do corpo. Movia-se sem esforço; o ritmo arrebatava-a e o elaborado espetáculo de luzes enriquecido com *lasers* valia cada cêntimo. Desenhou arabescos no ar com os dedos finos e arrançados, passando-os pelo cabelo e deixando depois que as madeixas sedosas e onduladas lhe caíssem novamente sobre os ombros. Os lábios pontuavam cada afirmação que a música fazia nos mais recentes *remixes* de dança dos grandes sucessos do ano. A cena musical de Miami fervia, glorificando a tórrida vida noturna e as mulheres atraentes, e aliciando turistas com pelo menos a mesma eficácia das suas famosas praias.

O ritmo mudou à medida que o MC passava para outro sucesso musical recente, e os seus pensamentos saltaram do charme das atrações de Miami para o saborear da recém-adquirida liberdade. Era adulta. Finalmente, *yeah!* Sentiu o coração aumentar ao lembrar-se da cerimónia improvisada de chegada-à-idade-legal-para-beber que partilhara com a melhor amiga, Tiffany, em que ambas tinham cortado os cartões de cidadão falsos e atirado os pedaços pela janela aberta do carro em movimento. Boa! Livrara-se do medo constante de ser apanhada sempre que saía. Que leis estúpidas, feitas por gente estúpida... Então, podiam trabalhar ou juntar-se ao exército e fazer-se matar aos dezoito anos, mas tinham de esperar até aos vinte e um para tomar uma bebida? Quão lixado era isso? Bem, acabara. Que comesse a festa!

Fez sinal à amiga de que precisava de uma pausa. Tiffany, perdida nos movimentos e estabelecendo continuamente contacto visual com um tipo, amouu um pouco, mas depois virou-se e afastou-se. Seguiu-a de perto, enquanto deixava a pista. Com dificuldade, abriram caminho por entre a multidão de jovens que transpiravam a sua energia no chão de mármore coberto de purpurinas. Tiffany não hesitou em dar empurrões e foi direita à sua mesa. Alguns passos atrás da amiga, por um segundo, ela sentiu inveja da cintura fina e perfeita de Tiffany e das suas pernas longas e esguias, mas depois sacudiu a inveja. Também não estava mal. Era mais alta, e o cabelo castanho-claro brilhava como seda sob as luzes da discoteca, saltitando-lhe nas costas em grandes ondas à medida que caminhava energicamente nos seus saltos de dez centímetros.

Mal conteve um sorriso ao reparar na impressão que causara num grupo de rapazes que estavam encostados ao balcão do bar à procura de engate, avaliando as raparigas de bebidas na mão. Sim, era sexy.

Sentaram-se finalmente, e ela soltou um suspiro de alívio, grata por terem apanhado uma das poucas mesas disponíveis.

— Uff, isto é tão fixe — gritou por cima da mesinha, mas Tiffany não conseguia ouvi-la.

Fez-lhe um sinal de «esquece» e quis ver as mensagens, enquanto um empregado passava com copos altos e gelados cheios de champanhe fresquinho.

Abriu a bolsa minúscula e vasculhou-a à pressa, mas o seu telemóvel não estava em lado nenhum. Viu as horas no telemóvel de Tiffany e franziu o sobrolho. Drew nunca se atrasava. Perguntou-se o que teria acontecido. O namorado devia ter um bom motivo para estar atrasado, ou então o pneu furado sobre o qual ele lhe ligara devia ter levado uma eternidade a mudar. Estranho... Ele gabara-se de que mudava um pneu em menos de cinco minutos, como se fosse algo capaz de fazer com que uma rapariga se apaixonasse perdidamente. Pois, certo. Que importava, quando se podia chamar um reboque que o consertava em menos de nada?

Devia ter deixado o estúpido do telemóvel no estúpido do carro e, com Drew tão atrasado, tinha de ir lá fora buscá-lo. Gritou algumas palavras ininteligíveis a Tiffany, acenando com as chaves do carro, e Tiffany anuiu. Então, dirigiu-se à entrada, empurrando e dando cotoveladas para abrir caminho por entre as hordas de dançarinos suados e inebriados que abanavam bastões fluorescentes ao ritmo da batida.

Chegou finalmente ao saguão, onde a multidão não era tão densa, e pôde respirar melhor e andar mais depressa. Um homem jovem e atraente cruzou os seus fascinantes olhos azuis com os dela, e ela hesitou por um longo segundo antes de desviar o olhar. Se Drew não estivesse em cena, teria gostado de conhecer aquele tipo. Parecia-lhe de algum modo familiar e sexy. Tentou lembrar-se, mas não conseguiu situá-lo. Mais dois passos e esquecera-se dele, lisonjeada pelo olhar apreciador de outra pessoa.

Então sentiu alguém agarrar-lhe o braço. Virou-se e viu o homem para quem acabara de olhar a segurar-lhe o braço e a sorrir, os seus hipnotizantes olhos azuis cravados nos dela. Irritada, puxou o braço para trás, mas não conseguiu libertar-se. Sentiu uma pequena picada no lado do braço e gritou ao estranho.

— Ei — berrou, mal se conseguindo ouvir sobre o barulho da música.

O homem não reagiu nem lhe soltou o braço. Sentiu os dedos dele cravarem-se-lhe na carne como garras de aço, implacáveis. Continuou a sorrir, a olhar para ela, enquanto os joelhos lhe enfraqueciam, e, em vez de se afastar, ela começou a encostar-se a ele para se apoiar. Uma onda de pânico subiu-lhe à garganta ao perceber que fora drogada. Zonza e enjoada, tentou agarrar-se às pessoas que passavam, estendendo as mãos e puxando-lhes as roupas, a mobília, as paredes. Então, sentiu-o segurar-lhe firmemente os ombros, apoiando-a, e recebeu ar quente e húmido da noite de Miami contra o rosto. Estavam no exterior.

— A minha namorada bebeu um copo a mais — ouviu o homem dizer a alguém. — Precisa de um pouco de ar fresco. Com licença.

Tentou gritar, mas só um gemido abafado lhe atravessou a garganta dormente. Depois, uma escuridão pesada engoliu-a e arrastou-a para o esquecimento.

NINHO VAZIO

Tess chegara a Atlanta na noite anterior, mas obrigou-se a visitar Carolyn O'Sullivan na manhã seguinte. De algum modo, ter o FBI a tocar à campainha às dez da noite tornava as coisas piores para todos. O agente especial Pearson ficaria orgulhoso da sua recém-descoberta consideração. Se ao menos soubesse como fora difícil para ela acrescentar o mais ligeiro atraso à sua missão de descoberta dos factos.

Estacionou frente a um alto portão de ferro forjado e baixou o vidro para aceder à campainha. Antes de chegar ao botão, ouviu uma voz sair da pequena caixa. Uma câmara zumbiu, focando-se-lhe na cara.

— Sim, posso ajudá-la?

— Agente especial Tess Winnett, FBI, para ver Carolyn O'Sullivan. Tenho uma reunião marcada.

Ninguém respondeu, mas o portão abriu-se silenciosamente, correndo para o lado. Tess passou e estacionou em frente à entrada principal.

Aquilo é que era vida de rico. A residência era uma enorme casa colonial de dois andares, com pelo menos novecentos metros quadrados. Estava construída numa extensão ligeiramente inclinada de relva verdejante, num espaço ajardinado digno do palácio de um rei. Os romances de Carolyn deviam vender-se como pãezinhos quentes.

A porta principal abriu-se antes que Tess pudesse chegar à aldraba. Bem, claro.

Uma empregada de uniforme segurou-lhe a porta e conduziu-a depois a uma deslumbrante sala de estar.

— Posso trazer-lhe alguma coisa? Café? Chá?

— Estou bem, obrigada.

— Vou chamar a Menina O'Sullivan.

Desapareceu silenciosamente, deixando Tess a admirar o cenário. Grandes e luminosas janelas permitiam a entrada do sol de Atlanta através de cintilantes cortinas brancas. A mobília era moderna, em tons de branco e cinzento-claro, realçada por tapetes casualmente espalhados aqui e ali, trazendo laivos de cor a um cenário magnífico.

A parede mais distante estava montada como um mural ao ego, exibindo os títulos mais vendidos de Carolyn, prémios que ganhara e fotografias dela com várias pessoas famosas. Tess cedeu à curiosidade inata e aproximou-se para examinar tudo de perto.

— Essa aí foi nos Óscares, há dois anos — disse Carolyn, sobressaltando-a. — Oh, desculpe, não queria...

— Não faz mal — respondeu Tess, reprimindo uma careta de frustração ante o seu nervosismo, e apertou a mão que Carolyn lhe estendia. — É um prazer conhecê-la. Quando tinha tempo para ler, era uma fã.

Carolyn sorriu graciosamente e convidou Tess a sentar-se ao lado dela num enorme sofá de couro branco. Tinha um aspeto deslumbrante. Devia andar pelos cinquenta e muitos, mas estava espantosa. O cabelo penteado para trás mostrava a testa alta e lisa. Vestia calças e casaco cremes com blusa de seda de um creme mais escuro, só um tom mais escuro, para contrastar. Botões de diamante e um anel completavam o traje elegante. Carolyn O'Sullivan tinha classe.

— Presumo que isto tenha que ver com a Shanequa?

— Sim... mas primeiro deixe-me perguntar-lhe: a senhora é...

— Branca? — perguntou Carolyn, com um sorriso. — Sim, oiço isso muitas vezes no que toca à Shanequa. Foi adotada. Era filha do camarada de guerra do meu falecido marido. Quando o Fred Powell morreu, foi a coisa natural a fazer. O meu marido faleceu também, poucos anos volvidos. Depois a Shanequa...

— Lamento muito a sua perda — disse Tess.

— A morte dela deixou não só esta casa enorme vazia e silenciosa, como também o meu coração. Sinto que defraudei a confiança do Fred e a do meu marido. Confiaram-me o bem-estar da única filha do Fred, e eu...

Carolyn parou a meio da frase, demasiado emocionada para continuar. Limpou os cantos dos olhos com um lenço, depois respirou fundo, reprimindo as lágrimas.

— Ela era tudo o que me restava. — Pegou na mão de Tess com as suas. — Por favor, diga-me que encontraram o assassino.

Tess baixou os olhos por uma fração de segundo, depois olhou para Carolyn com confiança.

— Ainda não, mas temos novas informações e *vamos* apanhá-lo, prometo.

— Bom — respondeu Carolyn, ainda fungando baixinho. — Diga-me como posso ajudar.

Tess hesitou por um segundo. Na noite anterior, examinara as contas de Shanequa nas redes sociais e não encontrara nada de útil. Nenhuma presença masculina permanente nas fotografias, por isso não tinha um relacionamento estável. Também não havia muitas fotos de festas. Perguntou-se quanta informação tinha Carolyn recebido da polícia, o que sabia do que acontecera à filha adotiva. Decidiu avançar com cuidado.

— Fale-me da Shanequa — pediu. — Como era ela?

— Era inteligente e trabalhadora, quase tímida. Nunca se habituou a nada disto — disse Carolyn, com um gesto vago que significava dinheiro —, ainda que um dia tudo fosse dela. Cresceu numa situação difícil. A mãe morreu quando tinha apenas quatro anos e depois o Fred teve dificuldades em fazer face às despesas durante algum tempo.

A empregada apareceu com uma bandeja de chá gelado em copos altos de cristal. Tess aceitou um copo e bebeu um gole. Era delicioso.

— Não pense que não nos oferecemos para ajudar — acrescentou Carolyn. — O Fred era um homem teimoso, como a maioria. Demasiado orgulhoso. Matou-se a trabalhar. — Bebeu um pouco de chá e pousou o copo novamente no tabuleiro sem fazer qualquer som. — Aos dezoito anos, a Shanequa já tinha chorado muita gente, pobrezinha. Então, éramos só ela e eu. Passado algum tempo, embrenhou-se nos estudos e eu na minha escrita. Era

o meu orgulho. Terminou a licenciatura em economia antes dos vinte e um.

— Estava romanticamente envolvida com alguém?

— Ahã — Carolyn reagiu com uma risada triste. — Não, eu saberia. Sei de romance. É a escrevê-los que ganho a vida. A Shanequa ainda não tinha encontrado o amor da sua vida.

— E encontros? Namorados casuais?

— Houve alguns jovens, mas... — hesitou, aparentemente inquieta. — É difícil saber o que os homens procuram, mesmo sem isto — disse, repetindo o gesto de dinheiro. — Mas a Shanequa era esperta. Se sentia que um homem andava atrás do dinheiro, rejeitava-o de imediato. Com a vida difícil que teve ao crescer, era um bocadinho paranoica, desconfiada.

Tess sabia como isso era.

— Então e amigas? Ia a algum lado com elas? A discotecas, talvez?

— Tinha algumas boas amigas, raparigas simpáticas, espertas, trabalhadoras, e às vezes saíam. *Eu* incentivava-a a sair e a viver um pouco; não era ao contrário.

— Algum sítio em particular onde ela gostasse de ir?

— Acho que não. Lembro-me de ela me ter dito que experimentavam lugares diferentes.

Tess franziu o sobrolho. Não tinha nada depois da sua conversa. Nem dados novos, nem pistas com que pudesse trabalhar. Tal como com os Lin, provavelmente precisaria de passar tempo com as amigas, descobrindo os locais que frequentavam e depois examinando inúmeras horas de videovigilância em busca do rosto que Atlanta, Chicago e Miami tinham em comum. Um assassino, em busca da sua presa.

Há muito que fazia falta um *software* de reconhecimento facial, ainda que rumores internos dissessem que o FBI trabalhava com uma empresa de *software* para desenvolver algo capaz de examinar horas de vídeo em poucos minutos e comparar rostos. Não ia estar disponível a tempo do seu caso, contudo.

Até ali, das visitas às famílias, só conseguira ficar a conhecer as vítimas um pouco melhor. Sabia quem eram, como viviam, aquilo que lhes importava. Já não eram apenas relatórios da polícia e fotografias das cenas do crime. Isso era importante. A seguir, ia visitar a família de Emma. O seu voo para Charleston, na Carolina do Sul, partia dentro de duas horas.

— Se se lembrar de alguma coisa, por favor, ligue-me — disse Tess, oferecendo-lhe o seu cartão de visita. — Este é o número do meu telemóvel.

— Acha que foi aí que ela...

Um tinido interrompeu Carolyn; era o telemóvel de Tess, avisando-a de que tinha uma nova mensagem. Era de Michowsky e dizia: «Volte o mais depressa possível. Acaba de entrar um novo relatório de desaparecimento. Encaixa à letra no maldito perfil.»

DESAPARECIMENTO

Tess chegou à esquadra da polícia do condado de Palm Beach a meio da tarde, coberta de pó, suor e sujidade do avião. Subiu os degraus dois a dois e entrou na sala de patrulha quase vazia, à procura de Michowsky e Fradella. Não os viu, mas um polícia de uniforme levantou os olhos de um relatório que estava a escrever.

— Onde estão eles?

O polícia apontou para a sala de reuniões e retomou o trabalho.

Entrou na sala sem bater e interrompeu a conversa que aí decorria.

— Finalmente — saudou-a Michowsky, e afastou-se do quadro branco.

Tess reparou que tinham entretanto pendurado o quadro na parede e um segundo, mais pequeno, ao lado do primeiro, onde haviam afixado os pormenores sobre o novo desaparecimento.

Primeiro, estudou o rosto de May Lin, paciente e cuidadosamente, como se nunca a tivesse visto. Queria captar toda a nova informação recolhida durante a sua visita e, de alguma forma, fazer com que funcionasse, lhe desse alguns resultados. Então lembrou-se de algo. Pegou no telemóvel e recuperou uma imagem, entregou-o a um dos polícias de uniforme que estavam encostados à parede sem fazer nada.

— Por favor, imprima isto em tamanho de carta, a cores, e traga-mo de volta.

O polícia mudou o peso de um pé para o outro, desconfortável e indeciso.

— O quê, agora?

— Sim, agora.

O polícia saiu da sala a resfolegar, sem fechar a porta. Tess ainda revisitava os apontamentos sobre May Lin no quadro quando ele voltou com a impressão. Era a fotografia da família de May Lin na gala de investidores, e Tess colou-a no quadro com dois pedaços de fita-cola.

Então, estudou Shanequa com outros olhos, lembrando-se do que a mãe adotiva partilhara. Não saía muito, trabalhava arduamente, perdera muitas pessoas. Tentou ver esses pormenores no aspeto de Shanequa antes do rapto. Depois, olhou de novo para as fotografias da cena do crime e deu por si a ranger os dentes.

Finalmente, passou para o segundo quadro, onde tinham colado a fotografia de uma jovem bonita e confiante. Na foto, usava um vestido vermelho de alças finas a combinar com a cor do batom. Tinha olhos verdes sorridentes e cabelo castanho ondulado pelos ombros, num penteado casual, com risco à direita. «Julie Reynolds, vinte e um anos», escrevera Michowsky a marcador preto, por cima da foto. Desaparecida desde as 22h30 da noite anterior. Já haviam passado dezasseis horas.

Tess franziu o sobrolho e cerrou os maxilares, tentando não pensar no que Julie estaria

a passar naquele momento, como devia sentir-se. Sabia-o demasiado bem. Memórias indesejadas invadiram-lhe o cérebro e turvaram-lhe a visão. Dezasseis horas, já... dezasseis horas de tortura, de gritos que ninguém ouvia, a ansiar pela morte. Como acontecera aquilo?

Praguejou em surdina, lendo o resto das notas e culpando-se por estar longe, em Atlanta, quando Julie desaparecera. Se estivesse ali, talvez já a tivessem encontrado.

— Fale comigo — pediu a Michowsky entre os maxilares cerrados. — O que raio aconteceu?

— Desapareceu ontem à noite, adivinhe onde? No Clube Exhale. É uma coincidência dos diabos. Saiu com amigos. Aparentemente, o namorado, Drew DeVos, demorou a juntar-se a ela e a uma amiga, Tiffany. A certo ponto, à espera de Drew, a Julie disse que ia ao carro buscar o telemóvel de que se esquecera. Foi a última vez que alguém a viu.

— Histórico? — perguntou Tess.

— Licenciou-se em direito há um mês na Universidade Stanford. O pai, Douglas Reynolds, é um advogado de renome, com escritórios em quatro estados. A madrasta, Diane, é doméstica e, dizem os boatos, um pouco alcoólica. O namorado, Drew DeVos, vinte e dois anos, é estudante de engenharia; foi ele que chegou atrasado à discoteca ontem à noite.

Michowsky coçou a nuca, passando a mão pelo cabelo à escovinha, e andou de um lado para o outro em frente do quadro.

— Encaixa — disse ele. — Demasiado bem, se me perguntarem.

— Ele nunca levou duas raparigas na mesma cidade antes — disse Fradella. — O suspeito... porque está a mudar o jogo agora?

— Não sabemos se está — respondeu Tess, de olhos ainda presos na fotografia de Julie. — Até agora, descobrimos vítimas em vários locais, mas não sabemos se são *todas* as suas vítimas, pois não? Pode ter matado mais do que quatro mulheres, e não sabemos onde. É demasiado experiente, demasiado competente e organizado para principiante, por isso pode já ter matado em Miami antes.

Fradella não respondeu, limitou-se a resmungar quase impercetivelmente.

— Muito bem — disse Tess —, vamos organizar-nos. Detetive Fradella, por favor, descubra as últimas vinte e quatro horas da Julie, minuto a minuto. Faça chamadas, saque os registos financeiros. Já tratei de tudo com o meu gabinete e podemos aceder sem demora aos registos financeiros, dado que se trata de um caso ativo de rapto. Para tudo o que precisar, ligue para este número; é o analista que atribuíram ao caso a fim de nos ajudar na obtenção de dados. Chama-se Donovan — acrescentou, e passou-lhe uma nota rabiscada.

— Certo — respondeu Fradella, e desapareceu.

— Vocês os dois — continuou Tess, apontando para os polícias fardados que ainda estavam na sala —, vão ao Exhale e examinem as imagens de videovigilância. Encontrem a Julie na multidão e observem todos os seus movimentos até situarem o preciso momento em que ela saiu da discoteca e com quem.

Um dos agentes franziu os lábios e o outro resmungou. Ignorou-os e virou-se para Michowsky.

— Michowsky, precisamos de conversar com as amigas e a família. Saímos já.

— Começamos pela família?

— Não, pela Tiffany. Ela esteve lá ontem à noite; a família, não.

Quando se virava para pegar na bolsa, apanhou um comentário de um dos agentes uniformizados ainda na sala.

— Sabemos fazer o nosso trabalho — resmungou o homem em voz baixa, dirigindo-se ao parceiro. — Não precisamos de seguir as ordens desta cabra federal.

Sentiu uma onda de raiva subir dentro dela como uma maré. Não era pelo insulto; estava-se nas tintas. Mas por aqueles polícias terem tempo para tretas egoístas daquelas enquanto uma jovem gritava por socorro nas mãos de um assassino.

— Eu ouvi isso! — exclamou, friamente. — Querem encontrar esta rapariga enquanto ainda está viva? Ou pretendem ir para casa mais cedo e marcar uma sessão de terapia, para poderem queixar-se e lamentar-se a meu respeito e de como arruinei o vosso dia perfeito?

Os dois homens dirigiram-se à porta sem responder, incentivados pelo olhar feroz de Michowsky e pelo abanar de cabeça que os mandava ir embora.

— Vou tirar o carro — disse Tess a Michowsky. — Ligue à Tiffany e diga-lhe que estamos a caminho.

O TARADO

Tess quase correu pela sala de patrulha, dirigindo-se às escadas com as chaves do carro numa mão e a mala do portátil na outra. Ao virar para o corredor, as portas do elevador abriram-se com um guincho e duas raparigas saíram. Reconhecendo-as, Tess parou bruscamente. Tinha-se esquecido da sessão com o desenhador que era suposto marcar.

— Agente Winnett — cumprimentaram-na elas, estendendo as mãos.

— Ashely, Carmen, obrigada por terem vindo. Deixem-me... — hesitou, sem saber bem onde lhes pedir que esperassem. — Deem-me só um segundo, está bem?

— Claro — respondeu Ashely.

Tess verificou as duas salas de entrevistas e não teve sorte. Já estavam ocupadas, uma com uma família enlutada e outra com um tremelicante viciado em metanfetaminas. Sem opções, decidiu-se pela sala de reuniões, embora odiasse expor testemunhas a informações sobre o caso, por mais ínfimas que fossem. Talvez elas não reparassem nos quadros. Sim... como se isso fosse acontecer.

Convidou as duas jovens a sentar-se.

— Água, café, alguma coisa? — perguntou, apressada.

— Não, obrigada, estamos bem — respondeu Carmen, após trocar um olhar rápido com Ashely.

— Muito bem, esperem aí uns minutos. Vou procurar o artista.

Correu de um gabinete para outro, mas não o localizou. Sem alternativas, pegou num telefone e ligou para a receção.

— Ei, Bob, o desenhador já chegou?

— Ainda não o vi hoje — respondeu Bob.

— Quando ele aparecer, por favor, mande-o subir para a sala de reuniões, está bem? Tenho de sair. As testemunhas estão lá dentro.

Desligou e voltou para a sala de reuniões, onde as duas jovens se tinham levantado, preparando-se para partir.

— Vejo que o encontraram — disse Carmen.

— Encontrámos quem? — perguntou Tess, arqueando as sobrancelhas.

— O tarado. Ali mesmo — respondeu Carmen, apontando para a fotografia de May Lin na gala de investidores. — É este tipo, o alto.

Na segunda fila, atrás da família de May Lin, estava um homem alto e louro de sorriso arrogante mas carismático. Um rosto memorável, autoconfiante, e irradiando poder, o tipo de poder que faz saber às pessoas que é intolerante, impaciente, feroz. O cabelo rebelde parecia desgrenhado, num estilo de constante acabo-de-sair-da-cama que revelava uma

testa alta e sobrancelhas grossas. Atraente, jovem, e encaixava no perfil. Uma sensação estranha puxou-lhe as entranhas ao olhar para aquele rosto; ansiedade, adrenalina, excitação, medo? Parecia-lhe que observava um grande predador, um tigre prestes a saltar, e o instinto dizia-lhe para fugir. *Não faz sentido*, pensou. *Eu apanho assassinos; não fujo deles. Não será diferente consigo, Sr. Tarado.*

— Têm a certeza de que é ele? — perguntou Tess, com a voz um pouco rouca por algum motivo.

— Sim — respondeu Ashely. — Absoluta.

— Sem dúvida — acrescentou Carmen. — É ele o tarado que saiu com a Sonya na noite do dia vinte e oito.

— Vê? Não parece nada um tarado, pois não? — perguntou Ashely. — Eu gostei do tipo.

Tess examinou-lhe um pouco mais o rosto. Se se tivesse cruzado com aquele homem, o seu instinto aconselhar-lhe-ia cuidado? Soariam alguns alarmes? Não conseguia dizer. A imagem era demasiado pequena para ter a certeza. A fotografia fora ampliada e estava um pouco desfocada, mas era suficientemente boa para os seus propósitos. Arrancou a foto do quadro, agradeceu às duas raparigas e acompanhou-as ao elevador.

Voltou então para a sala de patrulha, onde vira Fradella de passagem. Estava sentado à frente do computador, a tirar o historial dos cartões de crédito de Julie. Pôs a fotografia na secretária riscada e manchada e rodeou o rosto do tarado com um marcador.

— Fradella, largue tudo e identifique este homem, por favor. Esta foto foi tirada na gala de investidores imobiliários em Chicago há quase dois anos. É o tarado.

— Vejo a May Lin na fotografia — respondeu Fradella, parecendo confuso —, não a Sonya.

— Bem, é exatamente isso — disse Tess, entusiasmada. — O tarado no passado recente da Sonya esteve a centímetros da May Lin poucas semanas antes de *ela* desaparecer. Isto faz dele a nossa melhor pista, e temos de agir rapidamente.

— E se estiver enganada? — perguntou Fradella.

Franziu o sobrolho, um pouco irritada. Já devia estar a caminho.

— Não temos outra pista. Este homem pode ser a chave para encontrarmos a Julie viva. Ligámo-lo a duas das quatro vítimas que conhecemos.

— E se ela tiver sido levada por outra pessoa? E se isto for apenas uma coincidência, este... tarado?

Tess franziu os lábios, sem ter a certeza do que dizer.

— Às vezes, temos de seguir o instinto — respondeu, tentando poupar tempo.

— E se estiver enganada? Está preparada para que a morte da Julie seja culpa sua? Numa decisão por instinto?

— Ouça — respondeu Tess —, sejamos pragmáticos. Identificar este homem não lhe levará assim tanto tempo. Uma hora, talvez duas, no máximo. Porque não paramos de falar nisso e fazemos simplesmente as coisas, hã?! Depois, pode continuar a trabalhar nas últimas vinte e quatro horas da Julie.

Ele espetou com a foto no *scanner*, fazendo tremer a maltratada secretária.

— Sim, senhora — confirmou, sarcástico.

— Não digitalize, eu tenho a imagem em digital — acrescentou Tess, ignorando a sua atitude. — Assim que tiver uma identificação, envie uma foto melhor e os pormenores para o meu telemóvel, está bem?

Ele anuiu, franzindo o sobrolho e desviando o olhar.

— Depois, quando eu voltar — acrescentou Tess —, vamos fazer uma busca e ver quantas pessoas desaparecidas foram vistas pela última vez no Clube Exhale desde que abriu. O meu instinto diz-me que há mais.

DESAPARECIDA

Tiffany vivia num condomínio com vários andares em Ocean Drive, o orgulho de Miami Beach, sem dúvida com o patrocínio dos pais. O elevador, movendo-se suave e perfeitamente silencioso, levou menos de quarenta segundos a descarregar Tess e Gary no vigésimo segundo andar.

A rapariga esperava-os com a porta entreaberta, cortesia do porteiro, que os anunciara quando estavam a subir. Tess bateu e Tiffany foi rápida a escancarar a porta.

— Entrem — disse ela, conduzindo-os depois a uma luminosa sala de estar com vista para o mar. Apresentaram-se e apertaram as mãos, enquanto Tess admirava a indumentária de Tiffany, um daqueles vestidos de praia de tecido suave que esvoaçam à volta das curvas do corpo, sem revelarem muito, mas que só ficam assim tão bem em alguém com um corpo de praia esbelto.

Tiffany pôs-lhes latas frescas de água com gás à frente, na mesa de centro, usando bases com o símbolo do Exhale.

— Eram clientes habituais, então? — perguntou Tess, apontando para as bases.

— Hum, não, não propriamente — respondeu ela, corando um pouco.

— Podem lá ir legalmente?

— Hum, o quê?! Oh, sim. Fiz vinte e um anos há um mês — sorriu, nervosa. — Na verdade, estávamos a celebrar isso. A Julie foi a última do nosso grupo a passar à legalidade, há poucos dias. Portanto, esta foi a nossa primeira sexta-feira à noite como clientes legais — chilreou, depois corrigiu-se. — Hum, quero dizer, a nossa primeira noite numa discoteca, tipo, de sempre — acrescentou, olhando Tess timidamente nos olhos.

— Sim... pois — respondeu Tess. — Conte-me o que aconteceu.

— Chegámos um bocadinho cedo para conseguirmos mesa — disse ela, passando de novo para modo casual. — Por volta das nove. Dançámos um pouco, só nós as duas, porque o Drew estava atrasado.

— Porquê? O que aconteceu? — perguntou Michowsky.

— Teve um furo quando ia a caminho. Não nos preocupámos muito; ele é técnico, podia consertar aquilo sozinho. Por isso, fomos andando. Dançámos, fizemos um intervalo e voltámos para a mesa, quando a Julie viu que se esquecera do telemóvel no carro.

— Alguém se atirou a si? À Julie?

— Hum, não propriamente... Os rapazes dão-nos sempre atenção quando saímos, não é como... sabe.

— Mas ninguém em particular? — insistiu Michowsky.

— Não, ninguém em particular.

— O que aconteceu depois? — perguntou Tess.

— A Julie saiu para ir buscar o telemóvel e demorou um bocado. Pensei que tivesse encontrado o Drew e que estivessem os dois juntos algures, a dançar. Estava irritada como o raio, porque pensava que me tinham simplesmente deixado ali... e é uma treta estar sentada sozinha numa discoteca. Mas então o Drew apareceu, sem a Julie, e eu passei-me. Passámo-nos os dois.

— O que fizeram então?

— Fomos à procura dela, por todo o lado. Verifiquei todas as casas de banho, depois fomos juntos ao parque de estacionamento onde ela estacionara o carro quando chegámos. O Drew abriu-o e o telemóvel continuava lá. Nunca chegou sequer ao carro...

— A voz de Tiffany desvaneceu-se e ela começou a chorar. — Oh, meu Deus, Julie...

Tess tocou-lhe no ombro numa tentativa de gesto reconfortante, mas Tiffany não reagiu. Continuou a soluçar, como se acabasse de perceber as implicações do desaparecimento de Julie.

— Houve uma rapariga — disse entre soluços —, na televisão, há poucos dias. Chamaram-lhe a Rapariga sem Nome.

Tess e Gary trocaram olhares preocupados.

— Acham que ele apanhou a Julie?

— Quem? — perguntou Tess baixinho, embora já soubesse a resposta.

— O assassino da Rapariga sem Nome — sussurrou ela, com medo até de ouvir a própria voz.

— Não sabemos — respondeu Tess, e Michowsky lançou-lhe um olhar surpreendido. — Mas não devemos tirar conclusões precipitadas. Todos os dias desaparecem muitas pessoas, por várias razões. Pode chegar um pedido de resgate a qualquer momento, ou a Julie pode entrar por aqui adentro, envergonhada por ter ido embora com um tipo sexy para uma noite de paixão escaldante.

— Ela não — disse Tiffany, olhando Tess firmemente nos olhos. — Ela não era assim... não era doidivanas. Está com o Drew, e nunca sairia com outro tipo. Ela ama o Drew.

— É bom saber — respondeu Tess num tom pacificador. — Mas continua a não haver motivo para tirarmos conclusões precipitadas, certo?

Tiffany assentiu e limpou as lágrimas com as costas das mãos.

— Diga-me, ontem à noite, quando foram à procura dela, perguntaram aos seguranças se a tinham visto? — questionou Michowsky.

— Claro que sim, e eles disseram que não.

Não podia ter desaparecido assim, de dentro da discoteca. Alguém devia ter visto alguma coisa.

— Tiffany, viram as imagens de videovigilância ontem à noite? Alguém vos mostrou isso? — perguntou Tess, gentilmente.

— Sim. Quando não a encontrámos em lado nenhum, pedimos ajuda aos seguranças. De início, recusaram-se, mas mais tarde, quando a discoteca fechou, eu e o Drew pusemo-nos junto à porta, a fim de olharmos para o rosto de toda a gente à medida que saíam.

— Isso foi inteligente, na verdade — reconheceu Tess. — Muito bem.

— Foi então que nos levaram a sério, quando a discoteca se esvaziou e ela não estava em lado nenhum.

— Michowsky, viu as imagens de videovigilância esta manhã? — perguntou Tess, intrigada.

— São escuras, granulosas e cheias de clarões das luzes estroboscópicas. Não se consegue ver nada na maioria das imagens.

— Pergunto-me se os dois tipos que mandámos lá já encontraram alguma coisa. Pode fazer a ligação? No meu portátil, para vermos as imagens?

— Suponho que sim... deixe-me ver — respondeu Michowsky, e pegou no portátil.

Tess aproveitou para esticar um pouco as pernas e caminhou pela sala. Paredes brancas com fotos dispersas penduradas em arranjos simétricos, todas emolduradas a preto para um contraste poderoso. Móvel clara, casual, como se fosse de terraço, semeando a ideia de uma vida de lazer, de férias na própria cabeça. Cortinas claras, estados de espírito ligeiros no rosto das pessoas fotografadas, uma vida leve. Nem uma preocupação neste mundo.

— É licenciada em quê? — perguntou Tess, do nada.

— Direito — respondeu Tiffany. — Porquê?

— Estava só a pensar em como se conheceram as duas.

— Crescemos juntas. Os nossos pais são ambos advogados, sócios numa firma importante. Reynolds e Rohr, talvez já tenha ouvido falar.

Tinha. Duvidava que houvesse um residente em Miami que *não* tivesse ouvido.

— Quão difícil foi para a Julie acabar cedo a faculdade de direito?

— Para ela? Não foi assim tão difícil. É superesperta.

— Porque quis acabar cedo? Sabe? O que a motivava?

— Gosta de dinheiro e queria começar a ganhar o seu — respondeu Tiffany, corando um pouco. — Eu não sou assim... queria divertir-me um pouco enquanto estava na escola. Ela era simplesmente focada, só isso. Ansiosa por terminar com aquilo a que chama trabalho não remunerado. — Soltou um risinho ligeiro. — Queria cobrar a alguém por todas aquelas horas de pesquisa.

— Aqui tem — disse Michowsky, virando o portátil de Tess. — Todas as imagens estão aí.

— Que horas eram quando o Drew chegou?

— Deviam ser cerca de vinte e duas e trinta.

— Então, se dissermos que a Julie foi buscar o telemóvel por volta das vinte e duas, isso estaria certo? — perguntou Tess.

— Ou até um pouco mais tarde, talvez vinte e duas e quinze.

— Qual era a vossa mesa? — perguntou Tess, virando o ecrã na direção de Tiffany.

— Esta — respondeu ela, apontando para uma mesa vazia, quase invisível na escuridão granulosa.

O relógio marcava 22:01:17. Tess acelerou o vídeo até ver as duas raparigas a sentar-

se à mesa.

— Aqui estão vocês — murmurou, e Tiffany assentiu.

— Sim, somos nós.

A qualidade do vídeo era horrível. Luzes de discoteca a piscar, a escuridão geral e o equipamento medíocre de baixa resolução resultavam na tripla ameaça de um vídeo quase inutilizável. Ainda assim, continuou a ver as imagens, até que Julie se levantou e deixou a mesa, saindo do campo de visão da câmara. Anotou a hora, 22:14:29.

— Vejamos em que imagens a vemos entrar quando sair desta.

Verificaram outros vídeos e finalmente encontraram Julie, a andar por entre hordas de pessoas num corredor, sozinha e aparentemente bem. Então, desapareceu dessa câmara, às 22:16:44.

Por mais que tentassem, não conseguiram encontrá-la em mais lado nenhum, em nenhum outro vídeo. Analisaram até as imagens da entrada, onde os clientes eram vistos por trás, a sair da discoteca. Não estava no meio deles, nem sozinha nem em grupo.

Precisamente às 22:16:44 da noite anterior, Julie Reynolds desaparecera numa discoteca cheia de pessoas.

INICIATIVA

O elevador no arranha-céus de Tiffany desceu tão rápida e silenciosamente como subira, quase deixando Tess um pouco zozza. Meditou nos resultados da visita a Tiffany. Tinha agora uma melhor percepção de como o suspeito operava. Um predador terrível, que caçava no centro da manada, não na periferia, revelando ousadia, uma ousadia para lá de tudo o que ela alguma vez encontrara. Aquele suspeito ia atrás de vítimas específicas, não de vítimas de oportunidade, e apanhava-as sem produzir qualquer som, sem que ninguém reparasse, sem deixar o mais ínfimo vestígio.

Porque não agarrara Julie junto ao carro? Provavelmente não fazia ideia de aonde ela se dirigia. Deve ter pensado que ia aos lavabos. Ou talvez fosse tão confiante, competente e experiente no método de rapto que se sentia mais confortável escondido na multidão barulhenta e agitada do que no silencioso parque de estacionamento.

— Para onde quer seguir? — perguntou Michowsky. — Ver os pais?

— Não — respondeu Tess, pensativa. — Vamos ver primeiro o Drew DeVos. Está a poucos minutos daqui, em Indian Creek.

Viajaram em silêncio durante alguns minutos, enquanto Tess cismava numa questão a que ainda não conseguia responder. Estaria o suspeito a perseguir as raparigas? Ou era um raptor por impulso, que via alguém que lhe agradava e se atirava de cabeça? Como funcionaria então a vitimologia? Julie encaixava no perfil: jovem, rica, licenciada e excecionalmente bem-sucedida. Tinha de saber tudo isto sobre as vítimas antes de as apanhar, o que significava que perseguia, investigava, preparava-se para a caça. Ou não? E se ele obtivesse essa informação de outra forma?

— Acha que vamos encontrá-la a tempo? — perguntou Michowsky. — Não temos nada, só um grande, redondo e maldito nada.

— Temos algo — respondeu ela. — O tarado.

— O quê? E quando me ia pôr a par disso?

— Acabo de o fazer — respondeu Tess. — O Fradella está a procurar a identificação. As amigas da Sonya identificaram-no numa foto do nosso quadro, uma fotografia com a May Lin.

Michowsky assobiou.

— Isso dá duas em quatro.

— Pois, exatamente.

Parou o *Suburban* frente à entrada do condomínio de Drew e mostrou o distintivo ao porteiro.

— Deixe-o aqui, está bem? Não vamos demorar.

Outro elevador, este um pouco mais mundano. Depois, a suíte 512, onde tocaram à

campainha e bateram à porta, mas ninguém respondeu.

— Quer arrombá-la? — sugeriu Michowsky.

— Para quê, raios? — perguntou Tess, depois pegou no telemóvel e marcou o número de Drew. Ele atendeu quase imediatamente.

— Estou, sim?

— Fala Drew DeVos? — perguntou Tess, pondo o telemóvel em alta voz.

— Sim, sou eu, quem fala?

— A agente especial Winnett, do FBI. Precisamos de conversar consigo já a respeito do desaparecimento de...

— Julie, sim. Claro.

— Onde está?

— Cá fora, à procura dela — respondeu ele, com frustração na voz —, porque mais ninguém está a fazê-lo.

— Precisamos de uma morada específica para nos encontrarmos consigo.

— Estou no Exhale, a falar com os empregados à medida que vêm trabalhar. A mostrar a fotografia dela.

— Fique onde está, Drew. Encontramo-nos aí, dentro de dez minutos.

Terminou a chamada e saltou para o elevador.

— Temos de admitir — disse Michowsky. — O Drew e a Tiffany são espertos e estão dispostos a ir até ao fim por esta rapariga.

— Sim, estão. Mas porque não está a polícia? E não me fale em volume de casos, recursos e essas tretas todas.

Michowsky abanou a cabeça, mas manteve-se calado, provavelmente não querendo começar uma discussão que não ia acabar bem.

— Ali está ele — apontou. Um jovem alto e magro encostado ao capô de um *Mustang* amarelo, estacionado junto à entrada da discoteca.

— Drew? — perguntou Tess. — Agente Winnett, falámos ao telefone. Este é o detetive Michowsky.

Apertaram brevemente as mãos. Tess examinou-o um pouco. A julgar pela palidez e pelos círculos negros em torno dos olhos, não dormira nada na noite anterior. Viu as horas e conteve um gemido. Dezoito horas desde que Julie desaparecera. O tempo voa.

— É bom vê-los aqui — disse Drew. — O que precisam de saber?

— O que aconteceu ontem à noite?

— Quando nos apercebemos de que a Julie estava desaparecida, eu e a Tiffany começámos a procurá-la em toda a parte. Falámos com os porteiros, com a segurança da discoteca, ninguém a tinha visto e não nos levaram a sério durante algum tempo.

— Depois?

— A discoteca fechou às três da manhã e as pessoas começaram a sair. Quando viram o carro dela no parque de estacionamento, deram-nos finalmente ouvidos. Procuraram em toda a parte e, às cinco da manhã, voltaram a chamar a polícia.

— Voltaram? Já tinham chamado antes?

— Sim, assim que acabámos de a procurar por todo o lado. Cerca da uma e trinta, ou por aí.

— E?

— Veio alguém, um polícia, e perguntou-me se ela me deixara por outro tipo. Pois... inacreditável, não é? Disse-me que não podia fazer nada durante vinte e quatro horas; citou um procedimento qualquer.

— E depois, às cinco?

— A mesma história, e o mesmo polícia, na verdade, mas irritado por eu ter voltado a ligar. Mas deu uma olhadela ao carro e anotou algumas informações, matrículas... Mesmo assim, não nos levou a sério. Não queria abrir um caso.

Tess e Gary trocaram um olhar rápido.

— Fomos então a casa dela conversar com o pai. Ele puxou alguns cordelinhos e, após várias chamadas, conseguiu que a polícia abrisse finalmente um processo formal. Mas é aí que tudo acaba. Ninguém fez nada desde então, desde esta manhã.

Tess e Gary trocaram um segundo olhar. Desta vez, Michowsky desviou rapidamente os olhos e fixou-os no chão.

— Fiz o seguimento por volta do meio-dia; ninguém está a trabalhar neste caso na polícia de Miami Dade.

— Bem, nós não somos Miami Dade — observou Tess.

— Pois, eu sei.

— Como sabe? — perguntou Michowsky, arqueando curiosamente as sobrancelhas.

— Porque estão a trabalhar no caso, é assim que sei — respondeu Drew, friamente. — Mas porquê o FBI? Alguém fez algum pedido de resgate?

— Hum, não, nada disso — respondeu Tess. Ela e Michowsky entreolharam-se e Tess decidiu mentir. Não valia a pena pôr imagens de pesadelo na mente do rapaz. — Estou aqui como parte de um programa de intercâmbio de boas práticas entre agências. Veja as coisas assim: nada com que se preocupar, só vantagens. Mais ajuda no caso da sua namorada.

— Ahã, estou a ver — respondeu ele, e Tess viu-lhe nos olhos que não acreditou nela nem por um segundo. Ficou sombrio e a sua expressão tornou-se mais taciturna.

— Como era o vosso relacionamento? — perguntou ela.

— Ótimo — respondeu ele, ainda sombrio. — Planeamos casar-nos assim que ela passar no exame à ordem.

Tess mordeu o lábio, afastando as más memórias. Mesmo que Julie sobrevivesse, o relacionamento não voltaria a ser o mesmo. Jamais. Não depois do que o suspeito fazia às vítimas. Inspirou fundo o ar tórrido e húmido.

— Porque não se encontrou com elas ontem à noite? O que aconteceu?

— Um pneu furado — respondeu, zangado. — Um estúpido pneu furado... e agora ela está desaparecida. Devia ter apanhado o raio de um táxi.

— Reparou em alguma coisa que pudesse significar que alguém interferiu com o seu pneu de propósito?

— O quê? Não... não reparei. Porquê?

— Não sabemos, só estamos a perguntar tudo aquilo de que nos lembramos — respondeu Michowsky. — A testar todos os cenários.

— Não, foi só um pneu furado. Demorou muito tempo porque não tinha lá o meu macaco; não sei porquê. Tive de pedir um emprestado. Foi por isso que lhes disse para entrarem sozinhas. Oh, meu Deus...

Puxou o cabelo escuro com as duas mãos, num gesto de desespero. Culpava-se, era óbvio. Tess perguntou-se o que acontecera realmente ao macaco. Um jovem engenheiro como Drew não pensaria em conduzir sem um.

Mas seria o macaco desaparecido uma pista que valia a pena seguir? Ou mera coincidência? Uma das curvas da vida, destinada a distrair, desorientar e atrasar?

Quer o suspeito perseguisse a presa e montasse armadilhas elaboradas, ou simplesmente as apanhasse por impulso, ainda tinha a Julie. Precisavam de a encontrar e, para isso, tinham de o encontrar a ele, o assassino da Rapariga sem Nome.

ESCURIDÃO

Acordou lentamente, como se emergisse de um poço sem fundo de silenciosa e paralisante escuridão. O primeiro pensamento racional a cristalizar-se na sua mente grogue foi que tinha sido drogada. Apercebia-se disso com cada vez mais certeza, sentindo uma estranha dormência a controlar-lhe a mente, dominando-a, ordenando-lhe que voltasse a dormir.

Resistiu ao impulso de se afundar de novo no esquecimento e lutou por abrir os olhos, dolorosamente secos, com as pálpebras coladas aos globos oculares. Foi preciso esforçar-se para as abrir, e só continuava a ver escuridão. A mesma secura na boca, e fez movimentos de deglutição para acalmar a sensação que tinha na garganta.

Tentou esfregar os olhos, mas as mãos não lhe obedeciam. Moveram-se um pouco, mas não o suficiente para tocar no rosto. Aturdida, tentou situar-se, mas a escuridão quase completa não ajudava. A pouca luz que via vinha do teclado de um sistema de alarme, montado na parede algures à sua esquerda. A luz azulada do ecrã, um LED verde e alguns vermelhos eram tudo o que distinguia.

Forçou os olhos secos, depois fechou-os com força, para que as lágrimas os lubrificassem. Fora fortemente drogada; não havia dúvidas. A maioria dos sedativos tem como efeito secundário a secagem das mucosas. Sentia-se um pouco melhor ao vislumbrar esta justificação. Mas não era suficiente, nem de perto. Voltou a engolir com força, a tensão a apertar-lhe a garganta ressequida. Sentia-se como se, de alguma forma, não tivesse peso; parecia flutuar no espaço, e isso deixou-a pior, enjoada, incapaz de se situar.

Forçou-se a fletir o braço, pondo a culpa da sua incapacidade na dormência dos músculos. Concentrou-se no braço esquerdo, ansiando por tocar na face com essa mão. Conseguiu movê-lo parcialmente, e cada movimento deixava-a mais zozna, mais trémula, como se voasse pelo espaço, descontrolada. Como continuava sob o efeito do sedativo, tornava-se difícil perceber o que estava a acontecer.

Ordenou ao cérebro que funcionasse e retesou novamente os músculos do braço, para voltar a falhar. Desta vez, entendeu porquê. Tinha o pulso preso com amarras macias, tão macias que quase não as sentia, mas, ainda assim, inflexíveis. Puxou com mais e mais força, mas conseguiu apenas que se ouvisse um ruído mecânico e um aumento das tonturas.

Tentou mexer uma perna, e o resultado foi o mesmo. Podia dobrar um pouco o joelho, até esticar completamente a perna, mas cada movimento estendia-se ao corpo todo e deixava-a enjoada. Também tinha os tornozelos amarrados, e essa percepção enviou-lhe uma onda de adrenalina por todo o ser, dissipando os vestígios do forte sedativo. Sentiu a cabeça clarear, o discernimento voltar e os músculos ganharem vida. À medida que

recuperava a orientação, apercebeu-se de que estava pendurada do teto num complicado arnês, posicionada quase horizontalmente, de rosto para baixo. Como uma marioneta pendurada das cordas, impotente, prisioneira.

Arquejou e, combatendo uma onda de pânico ofuscante, concentrou-se no que sentia no corpo. Os pulsos e os tornozelos estavam algemados e suspensos, mas ainda tinham alguma mobilidade. Um cinto largo sustentava-lhe o abdómen e outro segurava-lhe os ombros. A cabeça movia-se livremente e, a julgar pela rigidez do pescoço, devia ter estado pendurada enquanto permanecera inconsciente.

Respirou pesadamente. Ondas de pânico invadiram-na, disparando-lhe nova adrenalina e aguçando-lhe os sentidos. Tentou libertar-se, puxando, desesperada, as amarras, já sem as náuseas. Nada cedeu, e o ruído das amarras a chocalhar foi abafado pelas batidas do seu coração no peito e pelo som de arquejos agudos e entrecortados.

À medida que os últimos vestígios do sedativo passavam, derrotados pela adrenalina, o pânico instalou-se. O medo crescia e estrangulava-a sem piedade. Cresceu-lhe dentro do peito e então saiu num interminável grito que ninguém ouviu.

VIDA FAMILIAR

O relógio no *tablier* do *Suburban* indicava 18:12, pouco mais de dezanove horas desde o desaparecimento de Julie. Dezanove horas. Tess não queria pensar, o tempo passava com a rapidez de um relâmpago, para ela e Michowsky, mas sabia quão longo cada minuto era para Julie.

Mexeu-se no assento sem tirar o pé do acelerador. Estava inquieta, duvidando de si mesma. Acreditava com todo o seu ser que o assassino de Sonya levara Julie, mas que provas tinha? A localização, o Clube Exhale, era a mesma do último paradeiro conhecido de Sonya. Talvez mera coincidência. Havia também o facto de Julie corresponder à vitimologia: jovem, rica, licenciada e bem-sucedida. Provavelmente, metade dos clientes daquela discoteca de luxo encaixavam nesse perfil. Como é que isso bastava, então? Estaria prestes a cometer um erro enorme, que podia custar a vida a Julie? Se o assassino de Sonya não tivesse levado Julie, se ela tivesse sido raptada por outra pessoa, Tess não tinha nada, absolutamente nada com que continuar. Tal percepção não simplificava o cenário; só fazia dele um último recurso, uma alternativa desesperada validada pela falta de opções. Algo a perseguir quando não havia mais nada.

Contudo, dentro de si, sabia que estava correta, que perseguia o homem certo.

Deixou a mente vaguear por algum tempo, após desistir da dúvida e decidir seguir o instinto. Deu por si a refletir em como estavam calados, ela e Michowsky, em como evitavam conversar quando tinham escolha. Estavam a tornar-se regra as suas viagens silenciosas pela cidade. Cada um deles absorto em pensamentos, teorias e nos infernos pessoais. Qual era o inferno de Michowsky? Perguntou-se se as costas ainda lhe doíam.

— Como estão as suas costas?

— Não pergunte — respondeu ele, taciturno.

Foi assim a sua tentativa de conversa de circunstância. Quase encolheu os ombros; pelo menos tentara. Verificou o GPS; só faltavam três minutos para chegarem ao destino, a residência do Sr. e da Sra. Reynolds, a família de Julie.

Tess tomou a saída da autoestrada e virou de imediato para uma subdivisão de elegantes propriedades. O pai de Julie, Douglas Reynolds, era um dos advogados mais ricos da cidade, cofundador da segunda maior firma de advogados de Miami. Era especialista em divórcios, e aparentemente os casamentos não duravam muito debaixo do sol quente de Miami, em especial na faixa dos rendimentos mais altos.

Verificou os números das casas e estacionou na entrada curva dos Reynolds. Esperou pacientemente que Michowsky subisse os cinco degraus até à entrada e tocou à campainha.

Um homem abriu a porta quase imediatamente. Usava uma camisola antiquada, com

botões, num castanho esmaecido. Tinha os olhos vazios e estava pálido, num tom doentio de cinzento-amarelado. Tinha os ombros curvados e a cabeça baixa. Duas profundas rugas verticais marcavam-lhe a testa, e as sobrancelhas estavam coladas num franzido permanente. Não restava muito da poderosa atitude do grande advogado em Reynolds. Era apenas um pai desesperado, receando pela vida da filha.

— Já os esperava há algum tempo — disse ele —, demoraram bastante. Entrem.

Conduziu-os à sala de jantar, onde uma mulher vestida com um roupão branco de turco estava junto à mesa. O maxilar apoiado na mão esquerda, os dedos em leque sobre a face. Diante dela, tinha um copo de vinho branco com menos de três centímetros de líquido, e a garrafa ao lado estava três quartos vazia.

— Esta é a minha esposa, Diane — apresentou-a o homem.

— Agente especial Winnett — disse Tess, depois apontou para Gary — e este é o detetive Michowsky. Senhor Reynolds, temos algumas...

— Sentem-se — convidou-os o Sr. Reynolds. — Perguntas?

Antes que Tess pudesse responder, entrou uma rapariga na sala, passeando-se com um olhar desafiador no rosto.

— Vejam, o espetáculo está montado — disse ela, com um divertimento genuíno enquanto os avaliava.

— Chloe — repreendeu-a o Sr. Reynolds, mas a rapariga riu-se alto, e ele não continuou. Parecia resignado, ou talvez demasiado cansado e triste para pôr a adolescente no seu lugar.

Um segundo de silêncio desconfortável encheu a sala, interrompido pelo copo da Sra. Reynolds a bater na mesa, sendo depois enchido com o vinho que restava na garrafa.

— Hum, Senhor Reynolds, o que pode dizer-nos sobre a Julie? Como é que ela er... é? — perguntou Tess, parando a tempo, antes de cometer um erro horrível. Julie ainda estava viva, e ela ia certificar-se de que assim continuava.

— É inteligente e bondosa, trabalhadora, toda a gente gosta dela — respondeu Reynolds, o seu olhar vagueando sem rumo.

— Nem toda — acrescentou Chloe. Um olhar fulminante de Diane calou-a.

— Sabem de alguém que a possa ter levado? Ela tem algum inimigo?

Reynolds olhou rapidamente na direção de Chloe, e de novo para Tess.

Interessante, pensou Tess. Desejou ter feito melhor os trabalhos de casa. Qual era o problema com Chloe?

— Não, ninguém. *Todos* gostavam dela — respondeu ele, enfatizando a palavra, tentando reprimir qualquer opinião contrária de Chloe.

— Então e o senhor? — perguntou Michowsky. — De certeza que fez uns quantos inimigos ao longo da carreira. Algum cliente que tenha perdido em tribunal ou maridos que tenham achado o acordo demasiado alto?

Reynolds esfregou a testa, pensando.

— Não há dúvida que fiz inimigos — disse. — Mas as pessoas com quem trabalho, quando estão zangadas, processam. Não são raptos. São maioritariamente empresários,

músicos, esse tipo de pessoas.

— Houve algum contacto, telefonema ou carta a informar de um pedido de resgate?

— Não. Ainda não. — Calou-se por algum tempo, depois sorriu amargamente. — Tenho esperança num pedido de resgate, se é que podem acreditar nisso. Tudo seria melhor do que isto.

Tess olhou para o relógio. Haviam passado quase vinte horas desde o desaparecimento. O pedido de resgate já teria chegado, ou pelo menos era o que as estatísticas da agência indicavam. Mas ela sabia porquê; só que não podia partilhar essa informação com os Reynolds. Decidiu mentir e dar alguma esperança ao homem. Era a única coisa que podia fazer naquele momento.

— Eles vão ligar, Senhor Reynolds. Às vezes gostam de fazer as pessoas esperar, para...

— Que paguem mais — respondeu ele, friamente. — Percebo, mas não me interessa. Faço tudo para ter a minha filha de volta.

— O karma é lixado, não é? — disse Chloe.

Tess virou a atenção para ela.

— Chloe, certo?

— Sim — respondeu ela, estendendo uma mão afetada e balançando as coxas estreitas enquanto Tess a apertava. — Chloe Barr.

— Barr? — perguntou Tess.

— Não é Reynolds, se é a isso que se refere. De certeza que me ouviu à primeira, é Barr. Não vou mudar de nome cada vez que a minha mãe decide foder com outro falhado.

— Chloe — disse Diane, numa objeção moderada, quase tímida. Não era de todo a resposta que Tess teria antecipado. — Não me envergonhes!

— Não te posso envergonhar mais do que te envergonhas a ti própria, mãe. Já vais na segunda garrafa? Oh, espera, passa da hora de almoço, por isso é a terceira!

— Chloe! — disse Reynolds, com fúria crescente.

— Sua cabrazinha cruel! — exclamou Diane, olhando fixamente para a filha.

Instalou-se o silêncio, uma daquelas cenas desagradáveis e constrangedoras comuns em famílias perturbadas e disfuncionais.

Tess decidiu romper o silêncio. Não estavam ali pela família, mas por Julie.

— Chloe, o que está a irritá-la? — perguntou Tess, de repente.

— O quê?!

— Sim, ouviu bem... Não gosta assim tanto da Julie, pois não?

Chloe virou-se para o padrasto, furiosa.

— Então vais deixá-los interrogar-me? Uma menor? Que tipo de advogado és tu?

— Há um guardião presente — respondeu ele, imperturbável, envolto em tristeza. — Eu autorizo-os.

— Ela odeia a Julie, se querem saber — disse Diane, arrastando um pouco a voz.

— E porquê? — perguntou Tess.

— Porque a mãe quis ter sexo livremente e de repente tenho de partilhar tudo! E eu não

quero partilhar nada!

— Hã! — exclamou Tess. Que classe.

— A Julie recusou-se a comprar-lhe álcool e tabaco — acrescentou Diane. — Isto se querem saber a verdade.

— Hah! Não sabes do que estás a falar — retorquiu Chloe. — Lá porque és uma bêbeda, não quer dizer que eu também seja.

— Há mais — acrescentou a mãe. — O antigo namorado da Chloe deitou à Julie alguns olhares de apreço, por isso a Chloe largou-o. Mas, se me perguntarem, continua irritada.

— Isso é o que tu pensas! — ripostou Chloe. — Odeio-a por ser tão perfeita! Faz-me parecer inferior.

Tess viu Reynolds encolher-se e fechar os olhos com força ao ouvir as palavras cruéis de Chloe.

— Reles — acrescentou Diane. — A palavra que procuras é reles, e és tu, não a Julie, quem te faz parecer reles. Uma cabrazinha vadia e venenosa, é isso que a minha filha é.

— Sabes o que dizem — replicou Chloe, quase impassível —, quem sai aos seus não degenera.

— Bem... — disse Tess, decidida a interromper o drama familiar e prosseguir com a investigação. — Onde estava ontem à noite a partir das vinte?

— Aqui, em prisão domiciliária.

Tess voltou para Reynolds o seu olhar inquisitivo.

— Quer dizer que estava de castigo — respondeu ele calmamente. — Esteve aqui durante todo o fim da tarde e toda a noite, fechada no quarto.

— Obrigada — respondeu Tess. — Acho que é tudo, por agora.

— Não, não é tudo — disse Reynolds, com a voz carregada de lágrimas. — Por favor, digam-me o que fazer. Posso ir à televisão e oferecer uma recompensa. Posso tornar isto grande, suficientemente atraente para alguém correr o risco e dizer-me onde está a minha bebé.

— Manter-nos-emos em contacto, Senhor Reynolds. Dê-nos mais algumas horas. Estamos a seguir diversas pistas. Pode chegar a isso, mas vamos esgotar primeiro todas as nossas outras possibilidades.

— Porquê? Porque não me deixam tentar?

— A Julie está mais segura se quem a levou não nos vir a aproximarmo-nos. Normalmente, quando não há pedido de resgate, e como ninguém viu a Julie ser levada, estes casos são classificados como desaparecimentos e tratados de forma... diferente.

— Quer dizer que não são verdadeiramente investigados, certo?

— Certo. Vê o que quero dizer.

— Sim. Então deixe-me perguntar-lhe: porque está a investigá-lo?

— Por causa do Drew e da Tiffany, de como foram diligentes e organizados. Devido à sua rapidez a reagir, pudemos classificar este caso como um rapto e não um desaparecimento. — Tess estava a ficar cada vez mais confortável a mentir. Não queria que Reynolds se fosse abaixo.

Mas depois havia Chloe.

— Não, não é isso. É por causa da rapariga das notícias. A Julie é parecida com ela, ou não reparaste, paizinho?

— Não! — Doug Reynolds caiu ao chão, abraçando os joelhos e soluçando fortemente. Tess tocou-lhe no ombro, tentando confortá-lo, enquanto lançava a Chloe um olhar feroz.

— Vai dar uma bela criminosa um dia — disse ela a Chloe —, a não ser que mude de comportamento. Não acho que vá durar muito na cadeia. Talvez um par de anos, talvez uma semana. Os dentes são a primeira coisa a ir, sabe?

Então, Tess olhou para Diane. Impassível, a mulher voltava a encher o copo de vinho.

Alguns minutos depois, Tess soltou um longo e tenso suspiro ao ligar o motor e repor o fluxo de ar condicionado no *Suburban* sobreaquecido.

— Bem pode suspirar — disse Michowsky.

— O quê?

— Suspirou.

— Pois. Preciso de um duche depois de ter visitado estas pessoas — riu-se Tess. — Esperava mais harmonia familiar do melhor advogado de divórcios da cidade.

— É casada, Winnett?

— Nah... não é para mim.

Um compasso de silêncio, enquanto Tess reparava que Michowsky não oferecia qualquer informação pessoal. Não insistiu. Normalmente, esse tipo de silêncio significava problemas no relacionamento. Usava aliança, no entanto, um simples e estreito anel de ouro. Como dissera Cat? Cada um com o seu próprio tipo de inferno?

— Vi crueldade suficiente naquela miúda para a classificar como uma pista viável — disse Michowsky. — Mesmo que tenha estado em casa, ela tem acesso a dinheiro. Estas pessoas pagam para lhes fazerem as coisas.

— O quê? Acha que a Chloe contratou um assassino? — perguntou Tess, rindo-se. — Não vejo isso. Os pais têm o tipo de dinheiro necessário para mandar fazer este género de trabalho, ela não. Não a vejo a fazê-lo. É toda conversa e nada miolos.

— A mãe passa metade do tempo embriagada. Acha que ela tem os cartões de crédito bem guardados?

— Está bem, concedo-lhe isso. Vou dar-lhe outra. Adolescentes narcisistas como ela fazem outra coisa. Voltam outros contra o alvo do seu ódio. Chame-lhe uma *borla*, mas é isso que os adolescentes como a Chloe fazem.

— Como diabo fazem eles isso?

— Há formas — respondeu Tess. — Por exemplo, pode sair com o gangue errado e dizer-lhes que a irmã é uma tipa sensual que adora ação em grupo, e que vai estar na discoteca no dia tal e tal. Até lhes mostra uma fotografia. Então, os idiotas fazem-lhe o trabalho sujo, sem sequer se darem conta de que foram enganados.

Michowsky assobiou.

— Sim, já vi isso ser feito. Os miúdos de hoje já não são o que eram.

— Então concorda que a Chloe é uma pista neste caso?

— Não, não concordo. Continuo a achar que o assassino em série é a nossa pista mais forte.

— Ele nunca atacou duas vezes no mesmo sítio — disse Michowsky, erguendo um pouco o tom de voz para corresponder à frustração.

— Que você saiba — respondeu Tess. — Esta conversa é como um mau *déjà-vu*. Não falámos já sobre isto? Não se começa uma carreira de assassino em série com este nível de competência, conhecimento e audácia. Ele já matou antes e nós ainda não sabemos nada sobre essas vítimas.

— Winnett, se se concentrar no assassino em série e estiver enganada, está a ignorar uma pista que podia salvar a vida desta rapariga.

DUAS CHAMADAS

Tess conduziu em silêncio durante algum tempo, cismando nas palavras de Michowsky. Dissera o que lhe ia no pensamento, mas ouvir as palavras em voz alta fazia a diferença. Estava errada em perseguir o assassino de Sonya para salvar Julie? Seriam esperanças vãs, sabendo que mataria dois coelhos de uma cajadada?

Apanhar, não matar. Ainda dava por si a pensar no que aconteceria no dia em que finalmente localizasse o suspeito. Esperava que resistisse à detenção ou, melhor ainda, lhe apontasse uma arma. Ser morto por um polícia seria uma boa forma de acabar com aquele escumalha, embora ele merecesse mais apodrecer na cadeia por inúmeros anos, sofrendo o que significa estar à mercê de alguém, ser amarrado e violado. Dia após dia, sem qualquer esperança de alguma vez sair. Sim, era isso que ele merecia. Não era morrer. Era ser apanhado.

Doíam-lhe os nós dos dedos, forçando-a a afrouxar a pressão no volante. Tensa e imersa em pensamentos, desde que tinham saído da casa dos Reynolds apertara o maldito volante até ficar com os dedos brancos. Com uma mão de cada vez, limpou discretamente o suor das palmas às calças, contente por Michowsky observar a paisagem familiar, profundamente absorto nos pensamentos.

O seu telemóvel vibrou ruidosamente, amplificado pelo sistema de som do carro. O nome do agente especial Pearson surgiu em letras grandes no LCD, mas Tess decidiu atender a chamada manualmente, por uma questão de privacidade.

— Estou — respondeu, depois de mexer nas configurações.

— Confirma-se, então, que tens um assassino em série à solta, Winnett? — Pearson foi direto ao assunto, sem conversa de circunstância.

— Acredito fortemente nisso, senhor, e acho que o agente especial McKenzie pode confirmá-lo.

— Acaba de o fazer, à luz do rapto da Julie Reynolds. Vai acabar o perfil completo e envia-to durante o dia de hoje.

— É bom saber, senhor. Agradeço a ajuda.

— Ai sim? Quero enviar-te uma equipa.

Voltou a ficar com os nós dos dedos brancos, apertando o telemóvel com uma mão e o volante com a outra.

— Já tenho uma equipa, senhor. Estou a trabalhar com a polícia de Palm Beach.

Michowsky resfolegou baixinho e tentou esconder um sorriso sarcástico.

— Porque pensei eu sequer que subitamente te tinhas transformado numa agente racional e obediente que aceita bem as ordens? — perguntou Pearson.

— Senhor... — Não sabia como responder à sua arenga, mas arriscou uma resposta.

— Estamos a lidar com este caso perfeitamente.

— Estás num beco sem saída, Winnett. Precisas de ajuda. Se deres cabo disto, nunca te vais perdoar.

Tess mordeu o lábio, contendo-se para não gritar com ele. Isso nunca ajudava.

— Dê-me vinte e quatro horas — pediu baixinho, quase submissa. — Se eu não tiver encontrado o meu suspeito até lá, envie quem quiser. Por agora, iam atrapalhar mais do que ajudar.

— Dá algum crédito aos teus colegas agentes — disse ele, parecendo ofendido.

— Fá-lo-ei, a partir de amanhã à noite. Por favor.

Pearson desligou sem dizer uma palavra. Tess terminou a chamada e resmungou alguns palavrões.

Gary riu-se baixinho.

— Oh, cale-se, Michowsky.

— Quem era?

— O agente especial Pearson, o meu chefe. Não é o meu maior fã, ultimamente.

— Caramba, pergunto-me porquê — gracejou ele.

Tess lançou-lhe um olhar mortífero, logo interrompido por outro telefonema. Não reconheceu o número, mas Gary, sim.

— É da sala de patrulha — disse ele, e atendeu a chamada através do sistema do carro. — Falam Michowsky e Winnett.

— Tenho a identificação do tarado, e são más notícias, malta. — Fradella parecia preocupado, tenso.

— Como pode ser mau? — perguntou Tess.

— É do mais rico que há. A família está muito bem relacionada. O governador é convidado com frequência para jantar. Não podemos tocar neste tipo.

— Hãã... isso é o que vamos ver. Como se chama?

— O nome dele é Matthew Feldman Dahler, trinta e três anos. Tem um cadastro limpinho.

— Os Feldman Dahler? — perguntou Michowsky. — Oh, merda.

— Ei, porque nos estamos a passar? Somos os bons, por amor de Deus — protestou Tess.

— Não pode aproximar-se dessas pessoas, Winnett, confie em mim. Têm advogados capazes de a comer viva ao pequeno-almoço sem pickles e sem sequer transpirar. Não pode tocar-lhes.

— Claro que posso. Veja só.

— Não temos nada. Nem provas, nem motivo, nem registo criminal — disse Michowsky.

— Temos instintos e cérebros — respondeu ela, implacável.

Ouviram Fradella rir-se ao telefone.

— Gosto do seu estilo, Winnett — disse Fradella. — Talvez não saiba quem é esta gente.

— Lembro-me vagamente de ter ouvido o nome.

— John Dahler, o pai do Matthew, é um construtor imobiliário da terceira geração. Conhece os hotéis de cinco estrelas em Miami Beach, mesmo à saída de Ocean Drive? Sim, aqueles que vendem suítes a dois mil e quinhentos dólares por noite ou mais, e mesmo assim estão lotados? Toda a região lhe pertence. O *resort*, vários condomínios com diversos andares, alguns restaurantes. A família comprou aquele pedaço de terra barato, logo a seguir à Grande Depressão em mil novecentos e trinta.

— Já contávamos com isso. Está no perfil. O nosso suspeito é rico, com um horário de trabalho flexível, socialmente exímio.

— Espere, ainda não acabei. A mãe do Matthew, Edwina Feldman Dahler, é a CEO e fundadora da Global Risk Ventures, uma corporação multinacional de seguros. Entrou na lista dos cem mais ricos antes do marido. Não perde uma oportunidade para frisar que tinha um jato privado *antes* de conhecer o John. Segundo os rumores, é uma cabra cruel, e o John Dahler está sob o seu controlo. São só mexericos das redes sociais, mas vi um daqueles pequenos vídeos *online*, com o Dahler a encolher-se enquanto a esposa dizia às pessoas quão poderosa era em comparação com ele.

Aparentemente, não é nada meiga com o marido. Nem com ninguém, diria eu.

— Está bem, e então? — perguntou Tess, um pouco irritada com o discurso de Fradella. Odiava polícias que se encolhiam ante suspeitos ricos, receando pelo emprego. Lá porque os pais eram podres de ricos, não queria dizer que o filho não fosse um psicopata sádico. Aqueles tipos precisavam de ganhar tomates.

— Então, vão esconder-se atrás de uma barreira de advogados demasiado caros. Passaremos mais tempo a esquivar-nos a processos e queixas do que a trabalhar no caso.

Queixas... que maravilha. O agente especial Pearson ia ficar encantado se ela juntasse mais algumas dessas. Mas o instinto dizia-lhe que estava na pista certa.

— Vamos desenterrar tudo o que pudermos sobre este tipo. Contas no Facebook, escândalos, mexericos, livros de curso, tudo. Lembra-se do analista que o meu chefe atribuiu ao nosso caso? Dei-lhe o número dele. Ligue-lhe e peça-lhe que se despache como se a casa dele estivesse a arder.

— Certo — disse Fradella.

Sem avisar, Tess fez inversão de marcha, num concerto de buzinas e palavrões.

— Que raio? — perguntou Michowsky, franzindo o sobrolho e agarrando-se ao braço da porta.

— Detetive Fradella, imprima algumas cópias da cara desse tipo e encontre-se connosco na discoteca, rápido. Vamos fazer algum trabalho policial a sério.

— Certo — repetiu ele, e desligou.

— Espere um segundo — protestou Michowsky —, não pode entrar naquela discoteca e mostrar a fotografia dele às pessoas como se de um criminoso comum se tratasse. Ele ouvirá falar nisso e será um desastre.

— Não podemos dar-nos ao luxo de não o fazer, Gary. Simplesmente não podemos.

OS GLADES

A maioria das pessoas nem morta se deixaria apanhar no coração dos Everglades da Florida ao anoitecer. Uma terra traiçoeira, com uma miríade de insetos e predadores, mantinha os visitantes à distância. Os insetos sugadores de sangue nem sequer importam para o visitante accidental, mais preocupado com as poucas mas mortíferas espécies venenosas de cobras, as enormes pitons e os jacarés de três metros. Ali, nos Glades, só os competentes e os irresponsáveis se aventuram, e estes últimos normalmente não conseguem sair.

Matthew conhecia muito bem os Glades. Gostava do ambiente, uma das poucas coisas na vida que ainda o desafiavam e mantinham alerta. A rede tropical de madeira transbordava de vida, chilreando, silvando e piando através dos pântanos, deslizando pelos fetos ou seguindo-o com pupilas estreitas e verticais a partir da superfície da água estagnada. Adorava a emoção dos Glades, onde um segundo de descuido podia custar-lhe a vida. Como de todas as vezes que caçava, tinha de ter cuidado, e isso era mais uma competência treinada do que um talento inato.

Nessa noite, caçara ursos-negros, movendo-se lenta e silenciosamente pela densa floresta de folhosas, pronto para atacar. A época de caça ao urso-negro tinha sido suspensa, mas Matthew não se importava com os regulamentos. Era um caçador, um verdadeiro caçador como, milhares de anos antes, os seus antepassados haviam sido. Quando queria sangue fresco, deixava a caverna e ia lá fora, armado apenas com arco e flechas e uma faca de mato. Nada de armas de fogo. Nunca. Tiravam o prazer da matança. Eram barulhentas e faltava-lhes elegância. Qualquer idiota podia apertar o gatilho e matar um urso. Ele era diferente. Queria aproximar-se do animal agonizante, derrubado pela sua flecha, e vê-lo soltar o último suspiro, depois arrancar-lhe do peito a flecha ensanguentada.

A floresta perdia luz à medida que o Sol se preparava para se pôr, e a miríade de insetos e de pequenas criaturas na rede entusiasmava-se, erguendo as vozes em acalorados diálogos de inúmeros sons. Caminhou devagar, inspirando superficialmente o húmido ar tropical e prestando atenção ao estalido de cada galho, ao movimento de cada folha, a cada grito na selva.

Podia sentir o urso a aproximar-se, ainda que nenhum som se destacasse do barulho geral. Lentamente, pegou no arco e colocou-lhe uma flecha, preparando-se para estender o fio e soltá-lo. Podia detetar o animal a aproximar-se, incauto, confiando no seu ambiente, tal como Matthew fora em tempos.

As memórias invadiram-no, sobrepostas contra a paisagem densamente arborizada da rede. Vozes, articulando febrilmente palavras sobrepostas, discutindo durante horas, em

vão. A impotência, o mais insuportável sentimento que alguma vez tivera de suportar, seguido do momento em que tivera de conceder a luta, perdendo a batalha na esperança de vencer a guerra. Um dia.

Não havia muitas pessoas com o poder de o fazer sofrer; eram poucas, de facto. Apenas uma, e essa magoara-o tanto que ainda ardia recordá-lo. A ferida era profunda e continuava a sangrar, o seu ego pouco habituado a ouvir alguém dizer-lhe não. Mas ela fazia-o, e a palavra dela superava a sua, uma e outra vez, e ele era obrigado a obedecer. A humilhação, a degradação que sentia, a vergonha e a indignidade ante a ideia de que outros pudessem ter sabido da sua derrota eram insuportáveis. Só conseguia pensar no dia em que a faria pagar.

Até esse dia, que se aproximava rapidamente, tinha de procurar a sua libertação tomando outras vidas, fraca compensação pela sua dose diária de degradação, quando era forçado a fazer o que ela queria em vez de levar a sua avante. Mas o dia em que ela finalmente pagaria estava próximo, e nada podia impedi-lo. Só o facto de pensar em como tudo se desenrolaria trazia-lhe ao corpo uma onda de adrenalina, uma vaga de excitação antecipada que fazia o sangue correr-lhe pelas veias.

Visualizou-a a implorar pela sua misericórdia, repetindo: «Não.» Choraria, apelaria à sua benevolência enquanto ele a castigava vezes sem conta. Ao fim desse dia, só ele estaria de pé, não ela. Ela ficaria de joelhos para sempre, implorando o seu perdão pelo derradeiro pecado da sua existência: ter-lhe dito que não a ele, o seu filho. Havia um sentido quase poético nesta visão; o círculo da vida, em que o novo substitui o antigo, a primavera derrota o inverno e o filho suplanta a mãe.

Os lábios curvaram-se-lhe para cima num sorriso de antecipação, pensando no prémio da noite, à espera que ele regressasse dos Glades. Ela estaria à sua espera, sozinha e aterrorizada no escuro, só mais um *test drive*, como ele gostava de chamar àquelas substitutas. Quanto mais ela esperasse, mais pronta estaria para ele. O fruto não é saboroso até estar maduro, ensinara-lhe alguém em tempos. Oh, sim, fora a mãe, quando lhe dera um sermão sobre paciência e como tudo era melhor quando meticulosamente planeado e executado. Em breve, teria a oportunidade de julgar a sua capacidade de esperar pacientemente pela recompensa, a aptidão para planear e ensaiar antes de executar na perfeição.

Um pequeno ruído chamou-lhe a atenção, quase impercetível em contraste com o concerto de criaturas, e ele virou-se para encarar a presa inocente. Era grande, aquele urso, a apenas seis metros. Puxou o fio, mantendo a flecha bem encostada a ele com os dedos. Esperou, paciente, e o urso não o desiludiu. Virou-se lentamente e depois ergueu-se sobre as patas traseiras, expondo o baixo-ventre. Foi então que ele soltou a flecha, carregando de imediato outra, pronto para disparar.

Não foi preciso um segundo disparo. O animal rugiu ao cair de lado e depois gemeu algumas vezes. Matthew aproximou-se, olhando a besta nos olhos. A surpresa inicial não tardou a ser substituída pela agonia, depois pela aceitação. Então, os seus olhos ficaram vítreos, no momento em que a vida deixava aquele corpo magnífico.

Matthew ajoelhou-se e cortou uma das garras do urso. Enfiou-a no bolso lateral e afastou-se rapidamente. Estava a ficar tarde. Tinha trabalho para fazer nessa noite.

FOTOGRAFIA

O *Suburban* parou abruptamente no parque de estacionamento do Clube Exhale. A zona começava a encher-se, à medida que a escuridão anunciava aos clientes que estava na hora de experimentar a vida noturna de Miami. Poucos carros atrás do deles, apareceu o veículo de Fradella, desligando as luzes intermitentes antes de entrar na propriedade da discoteca.

À distância, já se ouvia a música da discoteca no máximo, e o espetáculo de luzes no exterior começara, apontando *lasers* e holofotes para o céu estrelado.

— Vai ser difícil falar com as pessoas no meio deste maldito barulho — resmungou Tess. — Tem as fotografias?

Fradella entregou-lhe a foto impressa e ela olhou para o rosto de Matthew, examinando-o. Podia ser ele que andava a torturar e a matar raparigas por todo o país? Pensativa, esfregou a parte de trás e o lado do pescoço, mesmo por baixo da orelha direita, com passagens vigorosas. Tinha os dedos frios, mas isso não aliviou por aí além a sensação ardente que a incomodava naquele local, junto à linha do cabelo, entre a orelha e a nuca. Esfregou um pouco mais, afastando a sensação, enquanto olhava para a fotografia de Dahler.

Por mais que examinasse aquele rosto, não via o monstro que procurava — mostrava-se um jovem elegantemente vestido e barbeado, posando para algum propósito oficial, talvez a carta de condução. Parecia à vontade e seguro de si, carismático, atraente até, e nada sinistro. Ashely tinha razão: aquele homem não acionava nenhuma bandeira vermelha.

Todavia, quando olhou para os seus profundos olhos azuis, algo se lhe desenrolou nas entranhas, puxando-lhe o instinto. Não conseguia identificar o que era. Tinha a certeza de que nunca o vira antes, nem na televisão; portanto, não era isso. Era mais como se o seu instinto lhe dissesse que devia fugir, aninhando-lhe o medo na barriga enquanto lhe eriçava os pelos da nuca, enviando-lhe arrepios pela espinha. O que era igualmente ridículo, pois parecia um *déjà-vu*. Ela nunca fugia; era uma dos bons. Olhando para a fotografia do homem, também não parecia haver nada de que fugir, do ponto de vista racional.

Lembrou-se de ter lido algures que a capacidade do homem de reconhecer instintivamente os predadores desaparecera quase por completo, tendo-se esta competência tornado inútil no mundo moderno da segurança e do conforto. Era essa a razão por que tantas vítimas incautas caíam na armadilha de assassinos psicopatas em todo o lado. Há muito que esses instintos tinham sido considerados desnecessários pela nossa evolução natural, e a vítima já não consegue perceber se está na presença de um predador. Em algumas pessoas, estudos tinham demonstrado que o atavismo preservara a capacidade de identificar esses perigos, permitindo-lhes reagir instintivamente e

reconhecer predadores sem os ver, ou olhando para fotografias mundanas. Como a que ela segurava. Matthew Dahler não *parecia* um tarado, mas continuava a valer a pena investigá-lo.

— Muito bem, então como fazemos isto? — perguntou impacientemente, olhando para o relógio. Vinte e uma horas desde que Julie desaparecera; vinte e uma horas de terror e dor. *Oh, Deus...*

— Como sugere que lidemos com a situação? — questionou Fradella. — Não podemos controlar todas as pessoas que devíamos entrevistar. Se uma delas disser ao Dahler que estamos a fazer perguntas, amanhã de manhã temos advogados até aos cabelos.

— Veja quão pouco isso me afeta — respondeu ela, já a caminho da entrada da discoteca. — Faça o raio do seu trabalho, ameace-os se for preciso, e vamos recuperar a Julie. É nisso que deve pensar. — Nem sequer virou a cabeça para ver se ele a ouvia. Não importava. Era capaz de trabalhar no caso sozinha se fosse necessário, e não estava disposta a desperdiçar nem mais um segundo.

Já havia fila à entrada da discoteca e Tess contornou-a, apressada, mostrando depois o distintivo aos seguranças.

— Viram este homem por aqui?

Os dois homens olharam para a fotografia, depois rapidamente um para o outro.

— Sim — respondeu um deles —, é cliente habitual.

— Ahã — acrescentou o outro.

— Vem sozinho? Com uma mulher?

— Hum, às vezes sozinho, outras vezes com amigos. Normalmente fica algumas horas.

— Viram-no sair com mulheres que tenha engatado aqui?

Os dois seguranças entreolharam-se.

— Hum, não, acho que não.

— Ahã — confirmou o outro.

— Ele está cá esta noite?

— Não o vi.

— Está bem, obrigada — acrescentou Tess, e dirigiu-se à entrada. Depois parou. — Se partilharem a nossa pequena conversa, é obstrução à justiça. Tenham isso em mente, para bem da vossa futura saúde e bem-estar. Não querem ver-me voltar cá.

— Sim, senhora.

Entrou na discoteca e sentiu-se instantaneamente ensurdecida pela música aos berros. Estava a ficar concorrido, a proximidade de tantos estranhos deixava-a nervosa e inquieta, quase claustrofóbica. Pelo canto do olho, viu Fradella dirigir-se a um *barman* e mostrar-lhe a fotografia no telemóvel. Aproximou-se do longo balcão e acenou a um *barman*.

— Tenho cinco pedidos à sua frente, querida, aguarde os cavalos — gritou-lhe ele do lava-loiça.

— Agora — argumentou ela, erguendo o distintivo.

— Está bem — respondeu ele, desligando a água e largando os copos meio lavados novamente no lava-loiça. — Do que precisa?

— Este homem é um cliente habitual aqui, certo?

— Sim, chama-se Matthew, acho eu.

— Qual é a bebida favorita dele?

— A sério? Anda por aí a perguntar isso? — Um sorriso condescendente formou-se nos lábios do homem.

— Faça-me a vontade — respondeu ela friamente, e o sorriso dele desapareceu.

— Bebe *Grey Goose*, mais nada. Um ou dois copos por noite, nunca mais do que isso.

— Vem sozinho? Engata raparigas? O que faz ele?

— Dá boas gorjetas, para começar. Às vezes vem sozinho, mas limita-se a ficar sentado junto ao bar, a ver as pessoas dançar. Às vezes também dança, principalmente quando vem com amigos.

— E quanto a raparigas? Faz-se a elas?

— Hum... não vai acreditar nisso, mas é mais o contrário. Não é do tipo de engatar miúdas, sabe?

— Fala consigo? De quê?

— Hum, pouca coisa, só conversa de circunstância. Carros, ele tem um *Porsche*, sabia? Eu cá prefiro a força americana.

— O *Porsche*, é um 911?

— Nah... *Cayenne*.

Oh, um SUV, que interessante, pensou Tess. Era a primeira informação intrigante que conseguira até agora. O facto de ele não sair com raparigas era uma desilusão. Precisava de mais informação, de descobrir como é que ele atuava.

— De que mais conversam?

— Não sei... raparigas, às vezes comentamos as raparigas e o que fazem na pista de dança. Não acreditava se lhe contasse as coisas que vemos. Caramba...

Tess gesticulou impacientemente com a mão, abanando a cabeça.

— Sim, lembro-me, às vezes falamos de caça. Ele pratica. Eu também costumava caçar veados quando vivia no Midwest. Ele caça aqui, nos Glades, coisa que nunca faço. Demasiado assustador.

Ele caça aqui mesmo, ao seu balcão, quase disse em voz alta. Em vez disso, pegou na foto e afastou-se, dirigindo-se à outra ponta do bar.

Fez sinal ao outro *barman* e, neste caso, não teve de insistir. Ou ele vira-a mostrar o distintivo antes, ou não estava assim tão ocupado. Pôs a foto no balcão, mesmo à frente dele.

— Diga-me tudo o que puder sobre este tipo.

— Sabe quem ele é, certo? Quer dizer, *tem* de saber.

— Sim, tenho. Por isso diga-me algo que eu não saiba.

— É cliente habitual, vem pelo menos duas vezes por semana. Bebe *Grey Goose*, às vezes água com lima ou água tônica.

— Engata raparigas?

— Não, não está interessado nesse género de ação. Mas, se se fizerem a ele, fala com

elas, às vezes dança, se forem mesmo atraentes.

— Leva-as para casa?

— Que eu tenha visto, não. Quer dizer, quem sabe, não é? Eu estou a noite toda atrás deste balcão.

— De que conversam?

— Do que calhar, só conversa casual. Música, principalmente. Eu tinha o sonho de ser músico. O sonho morreu há alguns anos, quando não consegui pagar as contas com o meu canto. Ele toca guitarra, sabe?

Duas raparigas pararam ao balcão, ao lado de Tess, barulhentas, animadas e provavelmente bêbedas.

— Dá-me um *Sex on the Beach*, jeitoso — gritou uma delas, alta, loura e bonita.

O *barman* sorriu a Tess antes de pegar num copo e começar a misturar o pedido. A rapariga empoleirou-se num dos bancos e estendeu a mão para a fotografia no momento em que Tess se preparava para lhe pegar. A rapariga virou a foto para ver melhor. Bateu-lhe com as unhas perfeitamente arranjadas, com cristais incrustados.

— Conheço este tipo, o que fez ele?

— Nada — respondeu Tess, rapidamente. — Alguma vez falou com ele?

— Sim... — disse ela, olhando depois para o chão por um segundo, aparentemente envergonhada. — Falei, mas, bem, não resultou.

— Atirou-se a ele? — perguntou Tess, franzindo o sobrolho.

— É direta, não é? — Bebeu um gole da sua bebida, acabada de colocar diante dela, guarda-sol, palhinha e tudo em cima de um copo alto cheio até à borda. — Sim, atirei-me a ele, mas acho que não havia aquele clique.

— De que falaram?

— Coisas de engate, sabe — disse ela, sorrindo. — Mas ele nem sequer me convidou para dançar nem me pagou uma bebida, por isso percebi a mensagem e afastei-me. É pena, o tipo é *supersexy*. E podre de rico.

Tess pensou por um segundo. Porque rejeitara ele aquela rapariga? Tinha a idade certa, a fisionomia não importava com aquele suspeito e, de qualquer modo, ela até se parecia com Sonya. Alta, magra e loura com longos cabelos lisos. Olhos verde-esmeralda. Usava roupas caras e, se Tess não se enganava, os seus *Louboutins* rosa de salto alto custavam mais de mil dólares. O que correria mal, então?

— Diga-me, qual é a sua licenciatura? — Tess arriscou um tiro no escuro.

— O que raio se passa com as pessoas hoje em dia? O quê, hã? Se uma rapariga não tiver uma licenciatura, não pode divertir-se um bocado?

Jackpot.

— Porquê, qual é o problema? — sondou Tess, forçando um sorriso de camaradagem que não sentia.

— Ele fez-me a mesma pergunta. Disse que era assim que se certificava de que eu não era menor. Desisti, não fiz a licenciatura. Disse-lhe isso e ele perdeu de imediato o interesse. Cretino.

Tess pegou na foto em cima da bancada, deu uma palmadinha no ombro da rapariga e afastou-se. Era assim que ele escolhia entre todas aquelas raparigas, encontrando facilmente as bem-sucedidas sem levantar quaisquer suspeitas. Quem quer que se tivesse licenciado antes do tempo gabar-se-ia disso, se lhe fosse dada a oportunidade, com todos os pormenores. A sua única pista parecia cada vez melhor, ganhando detalhe e nitidez como uma imagem ao focar-se.

Procurou Fradella na multidão e encontrou-o a conversar com dois empregados. Acenou-lhe, indicando que ia sair.

Alguns minutos depois, ele e Michowsky juntaram-se a ela e ao calor do início da noite de Miami.

— É cliente habitual — começou Michowsky a dizer, mas Tess deteve-o com um gesto.

— Sei tudo isso. Todd, preciso que examine as imagens de videovigilância de ontem à noite em busca deste homem. Procure por volta da hora a que a Julie desapareceu, a partir das vinte e duas e quinze. Veja se ele surge em algum lado, o que faz, com quem fala e onde vai. Veja quando sai e com quem. Tenho uma chamada para fazer.

— Importa-se de partilhar? — pediu Michowsky.

— Não. Acho que está na altura de colocar mais algumas perguntas à família Lin.

— São vinte e duas e quarenta e cinco — protestou Michowsky.

— Diga isso à Julie — replicou Tess. Depois tentou melhorar um pouco as coisas. — É uma hora mais cedo em Chicago.

Marcou o número dos Lin com os dedos frios e suados e pôs a chamada em alta voz.

— Estou? — Uma voz feminina atendeu de imediato.

— Senhora Lin? Sou a agente especial Tess Winnett, do FBI. Falámos ontem.

— Ah, sim. O que posso fazer por si? — perguntou a Sra. Lin, com voz trémula.

— Conhece o Matthew Feldman Dahler? Está naquela fotografia da sua família que partilhou comigo.

— Sim, conheço o Matthew. De que se trata?

— Nessa gala, o Matthew interagiu com a sua filha?

Fez-se um breve silêncio enquanto a Sra. Lin tentava provavelmente lembrar-se.

— Dançou com a May uma ou duas vezes, acho. É um jovem cortês e gentil, e a May adorou falar e dançar com ele.

— Obrigada, Senhora Lin. Agradeço a sua ajuda.

— Do que se trata? Não acham, com certeza, que o Matthew teve alguma coisa que ver...

— Não, Senhora Lin. Estamos só a verificar todas as hipóteses, é tudo.

Terminou a chamada, mordendo o lábio inferior com entusiasmo nos olhos. O facto de Matthew ter dançado com May Lin confirmava, numa outra altura, o *modus operandi* daquele suspeito. Sentia o entusiasmo crescer dentro dela, a inchar-lhe no peito. Estava mais perto a cada passo. Pena que Dahler não era o tipo de suspeito fácil de localizar, para poderem depois arrombar-lhe a porta a meio da noite com um monte de agentes da SWAT. Nenhum juiz emitiria um mandado para *todas* as residências, casas de férias,

propriedades comerciais, barcos, negócios imobiliários e o que mais que os Dahler possuísem onde Matthew pudesse estar a reter Julie.

Estava perto e cada vez mais perto, mas ainda não estava lá. Nem sequer pensava ter bases suficientes para um mandado de busca à residência principal de Matthew Dahler, sobretudo se o juiz se mostrasse tão deslumbrado como todos os outros. Também não tinham provas concretas, ainda não. Só factos mundanos e coincidências, encontros casuais e fragmentos de informação aparentemente inofensiva, tudo peças de um *puzzle* que prometia encaixar na perfeição e revelar o retrato completo do seu assassino em série. Promissor, mas não o suficiente para um mandado de busca. Dahler encaixava no perfil, mas provavelmente o mesmo sucedia com milhares de outros jovens brancos e ricos possuidores do carisma e da liberdade financeira necessários para se moverem sem restrições. O Clube Exhale devia ser um ponto comum a muitos deles.

Tess sabia que só tinha uma oportunidade de fazer aquilo bem. Se fizesse buscas na propriedade errada, avisando Dahler de que estavam perto de encontrar o seu covil, ele mataria Julie e encobriria o seu rasto. Escaparia impune. Nunca o apanhariam. Não, não podia ir a correr obter mandados ou interrogar Matthew Feldman Dahler. Tinha de ser esperta.

— Vamos voltar para a esquadra. Temos trabalho a fazer.

SORO

Um pequeno frigorífico de hotel ocupava uma secção da bancada, zumbindo por vezes baixinho. Aproximou-se e abriu a porta, mas hesitou. O que devia tirar? Qual seria a mistura perfeita para a noite? Estava com disposição para quê?

Pequenas caixas com ampolas enchiam as prateleiras do frigorífico e uma maior com sacos de glucose intravenosa ocupava o fundo. Tinha uma gaveta separada para pós e comprimidos, mas eram as ampolas que precisavam de refrigeração a fim de se manterem potentes por mais tempo. Não eram fáceis de arranjar, algumas daquelas ampolas. Tinha de planejar com antecedência e encomendar as fórmulas exatas a traficantes que as traziam do México, ou da República Dominicana, ou das Bahamas, servindo-se de atestados médicos falsos quando acompanhavam turistas idosos. Era um método engenhoso de adquirir as coisas raras que ele procurava, mas mesmo com o seu engenho em ação, levava tempo e muito dinheiro. Até no México ou nas Bahamas, algumas daquelas drogas não estavam prontamente disponíveis. Tinham de ser feitas por encomenda. Claro, o soro de glucose a cinco por cento era um trabalho fácil; podia consegui-lo do seu traficante preferido em dez minutos por cerca de cinquenta dólares. Em toda a parte os drogados precisavam disso para se reidratar após longas noites de festa, e essa procura punha a oferta logo ali, na esquina da rua.

O *Rohypnol* também era fácil de obter, e tão banal que já não o queria. Onde estava o desafio, o encanto em usar a mesma droga de violação que idiotas em toda a parte utilizavam para ter sexo? Não, aplicara-o no passado, quando tentava melhorar a experiência, mas agora não. Essa garrafa específica estava ao fundo da prateleira, quase a meio, esquecida em favor de novas e maravilhosas aplicações da farmacologia moderna.

Fora um aluno dedicado, ensinando a si mesmo anatomia, fisiologia e química. Exigira-lhe esforço e compromisso, mas valera bem a pena. Entendia o funcionamento de todas aquelas fórmulas e o que podiam fazer ao corpo humano, sozinhas ou em combinações cuidadosamente doseadas.

Era fã dos produtos naturais; fascinado com a infinita capacidade da natureza de formular venenos e peçonhas com os mais espetaculares resultados, enchera uma prateleira com esses extratos caros e difíceis de obter. Entre outros preparados, havia o poderoso extrato de um sapo sul-americano que atuava como um fortíssimo analgésico, removendo a capacidade de sentir dor. Algumas gotas, combinadas com um opiáceo injetado no músculo da coxa, e podia fazer-lhe tudo o que quisesse, e ela não lhe daria grande luta. Não gritaria, não se debateria. Mais tarde, quando tivesse terminado o efeito das drogas, voltaria a sentir dor, toda, atingindo-a como um comboio de mercadorias. Às vezes, gostava de lhe infligir ainda mais dor — com uma droga diferente, mas guardaria

isso para depois.

Hesitou, olhando para as prateleiras, sem saber ao certo o que pretendia. Deveria tentar o novo soro, acabado de chegar da Austrália, ou cingir-se às receitas conhecidas? Queria-a combativa? Debatendo-se contra o corpo dele, implorando, apelando e aos gritos? Ou apetecia-lhe intermináveis gritos de dor que só ele podia ouvir?

HORAS EXTRAORDINÁRIAS

Havia poucas luzes acesas na esquadra da polícia do condado de Palm Beach; a maioria dos melhores do condado já terminara por aquele dia. A cave, onde ficava o gabinete do médico legista, encontrava-se iluminada, e ainda se registava alguma atividade em vários gabinetes no primeiro e no segundo andares do edifício principal.

Julie desaparecera há vinte e três horas, e Tess perguntou-se como estaria a preparar-se para a segunda noite de cativo. Como é que alguém se prepara para uma dor sem fim? Não havia preparação possível... sabia-o bem. Para a vítima indefesa, com tanto medo da morte como da vida nas mãos de um sádico, não há preparação. Só uma tênue centelha de esperança, frágil como um tufo de nuvens numa manhã soalheira, de que alguém virá em breve para a salvar. Que talvez alguém ouça os seus gritos e arrombe a porta para a libertar.

Tess estacionou o *Suburban* à frente da entrada, e Fradella encostou ao lado. Saiu e correu para o edifício, parando junto à receção. O agente do turno da noite, atrapalhado, levantou-se de um salto, largou a revista que lia e puxou os teimosos auriculares que se recusavam a sair-lhe dos ouvidos.

— Vamos precisar de piza, encomende-nos algumas, sim? — ordenou-lhe, impaciente. — *Pepperoni*, duplo queijo, azeitonas, cogumelos. Nada de cebola nem de algo que cheire mal. Peça refrigerantes também, algumas águas com gás.

— Hum, para quantos?

Fradella e Michowsky observaram-na, espantados.

— Para oito pessoas. Se quiser participar, terá de fazer mais do que ler porcarias e ouvir música. Vai precisar de trabalhar a sério. Acha que consegue lidar com isso?

— Sim, senhora — respondeu o agente, depois lançou a Michowsky e Fradella um olhar inquisitivo. Michowsky não conseguiu conter um sorriso.

— Quem mais está convidado para a festa? — perguntou, coçando as raízes do cabelo à escovinha.

— Não sei, diga-me você — respondeu ela, virando-se para o encarar. — Diga-me quem é rápido, inteligente e com bons conhecimentos informáticos nesta esquadra. Vem-lhe algum nome à cabeça?

— Sim, claro. Há o Brad e o Harvey, mas já foram para casa — respondeu ele, arqueando um pouco as sobrancelhas.

— Veja quão pouco me importo — disse Tess, agarrando no telefone da receção e estendendo-lhe o auscultador. — Ligue-lhes. O jantar é por nossa conta, mas têm de ir rapidamente para a rua. É hora de ponta para os traficantes. Os melhores dos melhores da escumalha de Miami estão à nossa espera.

Michowsky anuiu uma vez, visivelmente engolindo a frustração, e começou a marcar.

— Como se chama? — perguntou Tess ao agente da recepção.

— Garth. Garth Brooks — respondeu ele, sorrindo timidamente.

— A sério? — perguntou Tess, e ouviu Fradella rir-se.

— A sério, e é só coincidência — acrescentou ele, ficando com a cara uns quantos tons mais vermelha.

— Tem jeito para os computadores, agente Brooks?

— Claro, sou licenciado em ciências da computação pela Universidade do Estado da Florida.

— Então o que raio faz na recepção?

Ele encolheu os ombros. Provavelmente não tinha resposta, e talvez não estivesse lá muito satisfeito com isso.

— Ligue para o centro de detenção e diga-lhes que mandem um substituto para ler porcarias e ouvir música na recepção enquanto você trabalha connosco lá em cima.

— Com a ordem de quem?

— Da agente especial Winnett, do FBI. Diga-lhes que podem queixar-se de manhã, todos ao mesmo tempo.

Michowsky esboçou um aceno de encorajamento na direção de Garth, e o jovem agente pegou no outro telefone.

No espaço de minutos, estavam prontos para trabalhar na sala de reuniões do andar de cima. Tinham transformado o espaço numa espécie de sala de guerra. Brooks e Fradella deslocaram alguns computadores e mexeram-lhes com os fios e o acesso à Internet durante mais alguns minutos, enquanto Tess ligava o portátil e acedia aos sistemas do FBI. Começou por abrir o SIVD, pois tinha uma pergunta ardente e sem resposta que estava mortinha por pesquisar.

— Podemos projetar? — perguntou.

— Sim, aqui tem — respondeu Fradella, debaixo da mesa, estendendo-lhe um cabo HDMI para o portátil. Ela ligou-o e a televisão na parede acendeu-se automaticamente.

Então, um jovem agente com a insígnia do centro de detenção entrou com três caixas de piza e um saco cheio de latas de refrigerante. Pô-los na mesa, lançando a Tess um olhar desiludido e frustrado.

— Obrigada, companheiro — disse ela, inabalável. — Coma uma fatia, se quiser.

Viu, divertida, como a sua frustração desaparecia, abrindo espaço a uma atitude mais relaxada e um brilho de antecipação cobiçosa no olhar. O que havia na comida que tornava as pessoas instantaneamente cooperantes? Mais humanas? Talvez os milénios de refeições partilhadas em sinal de confiança e proximidade tivessem deixado uma marca no ADN do homem moderno.

Pegou numa fatia fumegante e começou a devorá-la. Nem se lembrava se comera alguma coisa durante o dia. Provavelmente não, tal como Fradella e Michowsky. Segurando a piza com uma mão, introduziu devagar os parâmetros de busca no SIVD com a outra, até que Fradella lhe arrancou o portátil.

— Desfrute da sua piza. Eu faço isso — disse ele.

— Obrigada — respondeu, com a boca cheia.

— O que procuramos?

Tess empurrou a piza meio mastigada com dois goles de água com gás.

— Procuramos todas as pessoas desaparecidas do sexo feminino, com menos de trinta anos, processos ainda abertos, vistas pela última vez no Clube Exhale.

— Hum... interessante — disse Michowsky, entre dentadas na piza. — Qual é a sua teoria?

— A *sua* teoria é que ele nunca ataca duas vezes no mesmo local — respondeu Tess. — Estou a pensar que nunca ninguém juntou as peças, só isso. Se o tarado for o nosso suspeito, a sua base de operações é em Miami, e garanto-lhe que não começou a carreira de assassino em Chicago com a May Lin nem em qualquer outro estado. Começou a matar aqui mesmo, em Miami.

— Remontando a quanto tempo? — perguntou Fradella. — A pesquisa.

— Desde que a discoteca abriu — respondeu ela. — A propósito, quando foi isso?

— Há oito anos. — Fradella carregou no *enter* e o monitor mostrou onze resultados. Eram muitos.

Michowsky assobiou, soprando migalhas de piza por cima do acabamento reluzente da mesa.

— Pois, é muito — Tess deu voz aos pensamentos. — Como é que ninguém juntou isto até agora?

Durante um longo e pesado minuto, ninguém arriscou uma resposta. Então, Tess falou, numa voz tingida de amargura.

— Eu digo-vos porquê. Porque uma mulher desaparecida que foi vista pela última vez numa discoteca é intrinsecamente considerada de comportamento duvidoso. Sórdida, ordinária, mesmo que a discoteca seja de luxo. Regra geral, ninguém introduz sequer o relatório no sistema durante pelo menos vinte e quatro horas, segundo o procedimento, porque importamo-nos mais com as estatísticas do que com a vida humana. A ideia é dar a estas raparigas tempo suficiente para regressarem do seu momento de embriaguez ou da saída de uma noite, ou o que as forças da lei considerem que estas mulheres fazem depois de desaparecerem. Passadas vinte e quatro horas, o relatório é finalmente introduzido, mas ninguém trabalha nisso, pois não?

Ninguém respondeu.

— Pois não? — insistiu Tess, erguendo a voz, impiedosa. — Onze mulheres, por amor de Deus! Não estou a dizer que o nosso suspeito as matou a todas, mas o que lhes aconteceu? Importam-se, ao menos? Quando acabarmos isto, após termos encontrado a Julie e apanhado este filho da mãe, vou abrir uma investigação à forma como estes processos foram trabalhados. Quatro foram registados nesta esquadra.

— Ei, isso não é justo — disse Michowsky, largando a fatia de piza inacabada novamente na caixa. — Não faz ideia de como estamos ocupados, com excesso de trabalho, e como gostaríamos de poder fazer alguma coisa, mas não podemos.

— Não caio nessa! — respondeu Tess, num tom baixo e ameaçador. — Enquanto uma única maldita multa por excesso de velocidade tiver sido emitida por esta esquadra, não têm desculpa! Nenhuma.

— Não faz mesmo ideia de como as coisas funcionam por aqui, pois não? — perguntou Fradella, sarcástico.

— Não, e não quero saber. Por isso poupem-me. Temos trabalho.

— Não menospreze o nosso trabalho, Winnett. Não o faça — avisou Michowsky. Tinha o rosto contorcido de raiva e frustração e respirava pesadamente.

— Diga-me que no fundo do seu coração não sente o mesmo, Michowsky. Prove-me que estou errada. Olhe-me nos olhos e diga-me que estas onze raparigas não vão assombrá-lo durante os próximos anos.

Ele baixou a cabeça e recostou-se na cadeira, sem dizer uma palavra.

— Vamos trabalhar juntos e salvar a Julie. Prometo-vos isso — disse Tess —, depois veremos. Vamos trabalhar. — Pegou noutra fatia de piza e deu-lhe uma grande dentada. Engoliu-a rapidamente e bebeu mais um pouco de água. Há muito que perdera o apetite, mas sabia que precisava da energia. Limpou a boca com um guardanapo de papel no momento em que dois homens chegavam.

— Estes são os detetives Brad Spaulding e Harvey Bateman — apresentou-os Michowsky.

— Sirvam-se — ofereceu Tess, mas só Spaulding tirou uma fatia. Bateman ficou de pé, encostado à parede, franzindo o sobrolho. Não estava satisfeito por ter sido chamado de volta ao serviço a uma hora tão avançada da noite. Azar.

— O que sabemos? — disse Tess, pondo-os todos a par. — Quatro mulheres foram raptadas, violadas, torturadas e mortas ao longo dos últimos dois anos. Os corpos foram posicionados em praias voltadas para leste e descobertos ao amanhecer ou pouco depois. Os resultados da autópsia indicam que o assassino usou um complexo conjunto de drogas, a maioria difíceis de encontrar na esquina. Produtos invulgares, só de hospital. É aqui que vocês entram — apontou na direção de Spaulding e Bateman. — Identificámos um suspeito, um homem que conhecera a primeira vítima e a quem a quarta vítima se referira como «o tarado». Este homem, Matthew Feldman Dahler, encaixa no perfil apresentado por Quantico. Sim, já ouvi tudo isso — respondeu aos murmúrios trocados pelos três agentes. — É rico e poderoso, mas isso também está no perfil. E temos um medo terrível dos ricos e poderosos, não é? — escarneceu.

Ainda estavam a comentar em voz baixa, lançando-lhe olhares furiosos e frustrados.

— Eu assumo a responsabilidade se chegarmos a esse ponto, está bem? Agora, podemos concentrar-nos, por favor? — O seu tom não deixava espaço para discussão. — Uma quinta jovem foi raptada há vinte e quatro horas, Julie Reynolds. Precisamos de a encontrar depressa. Não temos o suficiente para um mandado e precisamos de ligar este suspeito às drogas exóticas que o Doutor Rizza encontrou nas vítimas. As listas das drogas estão aqui, vou mandá-las, e a fotografia dele, para os vossos telemóveis. Vão lá para fora, falem com os traficantes, com informadores confidenciais, tudo o que puderem

fazer. Assim que tiverem alguma coisa, façam-me... façam-nos saber. Perguntas?

Nenhum falou; tinham ambos a testa profundamente franzida e os maxilares cerrados.

— É isso, então — terminou ela, dispensando-os. — Digam-me o que encontrarem.

Os dois detetives saíram da sala de reuniões sem dizer mais nada.

— Vamos trabalhar a perspetiva da namorada — sugeriu Fradella. — Deve ter tido alguns problemas com namoradas; acho que vale a pena tentar.

— Sim, trate das namoradas. Encontre alguém com quem possamos falar. Agente Brooks, sabe fazer pesquisas de propriedades?

— Hum, sim — respondeu ele.

— A nível nacional?

— Sim, claro.

— Boa. Pegue num computador e descubra o que este homem tem, o que estiver em seu nome. Carros, barcos, negócios, tudo e mais alguma coisa.

— Certo — respondeu ele, digitando depressa. A julgar apenas pelas suas capacidades com o teclado, o homem estava subaproveitado na receção.

— Michowsky, vamos examinar juntos os registos financeiros. Vejamos se alguma transação nos chama a atenção.

— Intimou-lhe as contas bancárias?

— Não. Em casos de rapto, há uma forma de os nossos analistas contornarem esse processo e obterem os registos financeiros do suspeito sem demora. Já temos tudo no meu *e-mail*, remontando a seis meses atrás.

Michowsky franziu o sobrolho, semicerrando um pouco os olhos aos documentos que ela exibiu no monitor de parede. Era demasiado lento assim. No momento em que ela andava para baixo, ele queria voltar atrás; simplesmente não resultava.

— Vamos imprimi-los, é melhor. Podemos dividir para reinar. — Tess enviou os documentos para a impressora e pegou noutra fatia de piza, já fria.

O Dr. Rizza apareceu à porta, visivelmente cansado e abatido.

— Ouvi dizer que estavam aqui em cima — disse ele. — Tenho algo que poderão achar interessante.

— Dispare — respondeu Tess, mastigando depressa.

— Os cortes superficiais mais recentes na Sonya mostram sinais de inflamação e tinham vestígios de uma substância, como se o bisturi tivesse sido mergulhado em algo antes de a cortar. O laboratório enviou o resultado.

— E?

Ele apertou os lábios antes de responder, no gesto universal de repulsa.

— Era veneno de vespa — disse. — Puro. Deve ter-lhe custado uma fortuna.

— Oh, meu Deus! — exclamou Tess, de súbito demasiado enjoada para comer mais. Pôs a fatia inacabada novamente na caixa e bebeu alguns goles de água para acalmar o estômago nauseado.

— Suponho que isto confirma a teoria do analista comportamental. É um sádico puro, que procura infligir o máximo de dor possível e mantém as vítimas vivas durante tanto

tempo quanto elas conseguirem suportar.

Tess pôs as mãos na cara, escondendo a onda de emoção doentia que sentia. Uma sensação familiar surgiu dentro dela, enquanto o seu ritmo cardíaco acelerava abruptamente e gotas de suor se lhe formavam na raiz do cabelo. Fez um esforço por controlar o ataque de pânico que se aproximava, e respirou lenta e profundamente, concentrando-se no tempo que levava a inspirar, a reter o ar e, depois, a expirar.

— Há um lado positivo — ouviu o Dr. Rizza dizer. — O raio da coisa é tão rara que, se estabelecermos uma ligação, é base suficiente para quaisquer mandados de que precisem.

— Pois... — respondeu ela —, há isso. Doutor, esqueci-me de perguntar, existe sequer a mais remota possibilidade de a mordedura da Sonya ter ocorrido a vinte e oito de fevereiro? Três semanas antes da morte, não duas?

Ele franziu o sobrolho e olhou para os pés, enquanto esfregava a testa.

— Hum, com mordeduras é difícil dizer. Atrever-me-ia a dizer que sim, mas é forçado. Porquê?

— Julgo que foi isso que aconteceu para que a Sonya lhe chamasse tarado e o largasse no parque de estacionamento. Acho que está tudo relacionado.

— Ei — interveio Brooks —, a morada permanente deste tipo é em casa dos pais. É engraçado, se levarmos tudo em conta.

— É mais do que engraçado — disse Tess, revigorada. — É esperto. É um álibi intrínseco, uma cortina de fumo destinada a desencorajar-nos. Continue a escavar.

— Onde é essa morada?

— Numa propriedade com vista para o mar em Key Biscayne.

— Talvez esteja na hora de fazer uma visita — respondeu Tess.

— Está a cometer suicídio profissional — respondeu Michowsky —, sabe disso.

Ela resfolegou na sua direção, mas franziu um pouco o sobrolho. Arriscava muito se fosse entrevistar a família antes do amanhecer. Retraiu-se, imaginando a reação do agente especial Pearson. Mas não parava de pensar em Julie e no que devia estar a passar. *Veneno de vespa. Deus...*

— Sente-se, doutor — sugeriu Michowsky —, e coma qualquer coisa. Está com ar de quem precisa.

O Dr. Rizza sentou-se com um longo suspiro, mais como o gemido de ossos cansados e de uma alma exausta.

O telemóvel de Gary tocou e ele atendeu de imediato em alta voz.

— Fala Michowsky e equipa.

— Sim, daqui fala Bateman. Um dos nossos informadores diz que conhece este tipo, Matthew Dahler. E que o Dahler andava à procura de algo mesmo exótico e que um dos seus companheiros conseguiu finalmente arranjar-lho.

— O que era? Veneno de vespa?

— Hã?! Não, mas perto. Era veneno de ornitorrinco. Este tipo disse que o traficante o trouxe da Austrália.

O Dr. Rizza tapou a boca com a mão.

— Pode chegar ao indivíduo que o vendeu ao Dahler? — perguntou Tess.

— Não pense que não tentei, mas não. Sabe como estas coisas funcionam. Um sujeito diz que conhece outro que conhece outro, quando, na verdade, o informador pode ser o próprio traficante, a fazer-lhe todos os favores que alguma vez fará.

— Aperte com o seu tipo, Harvey, por favor — insistiu Tess. — Precisamos de mais do que rumores para aguentar em tribunal.

— Pois, eu sei. Mais uma coisa. O indivíduo informou-me que ouviu dizer que o veneno foi vendido por cento e quarenta e cinco mil dólares e que o Dahler pagou em dinheiro.

— Precisamente cento e quarenta e cinco mil dólares? Não foram cento e cinquenta mil? — sondou Tess.

— Sim, precisamente isso, por cerca de cinquenta gramas de veneno. Pode ser alguma coisa, se arranjam forma de associarem essa quantia às contas dele.

— Continue a procurar — disse Michowsky. — Talvez haja mais.

A chamada terminou e Tess recostou-se na cadeira, a pensar. O suspeito estava a evoluir, aperfeiçoando os métodos sádicos e trazendo uma nova dimensão ao seu conhecimento de toxinas, venenos e fármacos. Quem teria isso? Quem sabia que o ornitorrinco é venenoso? Um cientista? Não, não podia ser. O típico psicopata não se dedica à ciência. Não há recompensa emocional pelo trabalho árduo que implica tornar-se cientista. Os psicopatas são como compactadores de asfalto. Passam por cima de tudo e todos para atingir os objetivos. Arrasam tudo à sua passagem, mas não trabalham arduamente. São predadores, não construtores. O quê, então? Que tipo de psicopata iria sequer tão longe para obter o quê, um tipo diferente de dor? Como experimentar um sabor de gelado diferente?

Os novos dados apoiavam a sua teoria de que o suspeito estava a aperfeiçoar os métodos, em busca da derradeira... quê? Vingança? Talvez... castigo? Também era possível. Mas quem faz isso? Quem gasta inúmeros anos e infindáveis recursos a aperfeiçoar um método desses? Quando, pelo menos em teoria, o sádico sexual obtém a sua libertação relativamente depressa. Desse ponto de vista, o suspeito era um artista, procurando a perfeição enquanto encontrava prazer em violar e torturar mulheres. Aquele psicopata transformara o sadismo em arte, e ainda estava a trabalhar na sua obra-prima.

Estremeceu, sentindo as cócegas do medo na nuca e um arrepio na espinha. A sensação de ardor no lado esquerdo do pescoço voltou em força, e ela esfregou-o vigorosamente, quase zangada.

Durante algum tempo, o silêncio dominou a sala, com exceção do ruído das teclas.

Então o Dr. Rizza falou, num tom baixo e carregado.

— Sabem o que o veneno de ornitorrinco faz?

Ninguém respondeu.

— É um dos poucos hiperalgésicos conhecidos pelo homem, e é muito eficaz.

— Traduza, doutor, por favor — pediu Michowsky, sem erguer os olhos dos extratos financeiros de Dahler.

— É o exato oposto de um analgésico, que retira a dor. Aumenta a percepção da dor,

tornando-a mais forte, aguda, excruciante. O veneno de ornitorrinco irrita as terminações nervosas, tornando-as hipersensíveis.

— Não é fatal? — perguntou Tess, de sobrancelhas erguidas.

— Não. Só faz com que a vítima sinta cem vezes mais a dor, seja ela qual for.

ESTRATÉGIA DE RETIRADA

O sol surgiu atrás das árvores, disparando incisivos raios laranja para o interior da sala de reuniões, esbatendo a imagem projetada na televisão. Trabalhavam em silêncio, ocasionalmente interrompidos pelo ruído da abertura de outra lata de refrigerante ou pelo restolhar de papéis. Após uma noite longa e exaustiva, continuavam a ter pouca informação. Nem de perto a suficiente para um mandado geral.

Tess acedera aos extratos financeiros de Dahler no seu *software* de análise e filtrara-os de todas as formas em que conseguira pensar, mas não havia grandes retiradas de dinheiro. Nada além das ocasionais poucas centenas de dólares de que qualquer indivíduo precisa. De onde obtinha Dahler centenas de milhares em dinheiro, então? Não liquidara nenhuns ativos nem vendera ações, barcos ou veículos. O seu salário era um grande depósito quinzenal na conta à ordem. As suas finanças estavam imaculadas e eram irritantes como o raio.

— Não percebo — suspirou, e levantou-se bruscamente, empurrando a cadeira para trás e saltitando no mesmo sítio para devolver o fluxo sanguíneo às pernas dormentes. — Não vejo de onde é que este homem tira o dinheiro.

— Quanto gasta ele por mês? Em média? — perguntou Fradella, de olhos ainda fixos num ecrã cheio de perfis nas redes sociais.

— Hum, umas trezentas e cinquenta milenas — respondeu ela, já intrigada. Como raio não pensara nisso? — É um génio, detetive Todd Fradella — disse, com um largo sorriso.

— Hã?!

— Ele gasta mais do que o suficiente para cobrir isso, e ultrapassa. Mas deixa um rasto de papelada aqui... é legal. Não há aqui nada de remotamente interessante, exceto — afirmou ela, batendo com a palma das mãos na mesa num rufar improvisado — que é aparentemente um péssimo jogador. Perde cerca de duzentos e cinquenta mil dólares todos os meses no mesmo casino.

O seu entusiasmo ruidoso não acordou o Dr. Rizza, que desabara algumas horas antes, com a cabeça em cima dos braços cruzados sobre a mesa. Era a sua segunda noite seguida sem qualquer descanso.

— Então? — perguntou Michowsky. — Acha que ele está a fazer o quê, a lavar o próprio dinheiro?

— Exatamente — respondeu ela, sentindo-se revigorada, mas baixando a voz quase para um sussurro após uma rápida olhadela ao médico. — Acho que afinal ele não é assim tão mau jogador, mas que levanta tudo o que ganha, em vez de devolver o dinheiro à mesma conta. Precisamos de testar esta teoria.

Virou-se para o agente Brooks, que percorria listas intermináveis de propriedades.

— Como vai a pesquisa de propriedades?

— Acabei a Florida, e é muito. Em nome da família, têm um zilhão de coisas, mas em nome do Matthew Dahler, ou em seu nome e associados, há cerca de dez registros.

— Merda — resmungou Tess. Nem pensar que podiam obter mandados para tudo e executá-los ao mesmo tempo. Julie podia estar retida em qualquer uma dessas propriedades, ou até noutro sítio, se estivessem com azar. — Porque não deixa isso por um bocado e faz um pequeno trabalho de campo para mim?

Ele levantou-se de um salto, entusiasmado.

— Fantástico! Do que precisa?

— Preciso que vá ao Casino Real em Miami Beach e confirme a minha teoria sobre os ganhos do Dahler. Ele levanta dinheiro? Vou dar-lhe a data da última vez em que ele jogou lá. Peça para ver os vídeos e descubra quanto levantou, e como o faz.

— São quase nove da manhã — disse ele —, podem estar fechados.

— Bata a algumas portas, acorde algumas pessoas, sim?

— Com certeza — respondeu ele, e saiu porta fora.

— Por falar em vídeos — interveio Michowsky, esfregando os olhos cansados com os punhos —, esqueci-me de lhe dizer que os tipos que mandámos ao Exhale para encontrar o Dahler nos vídeos voltaram de mãos a abanar. Perderam-no na multidão e não conseguiram determinar quando saiu da discoteca e com quem.

— Porque não me disse? — disparou Tess, depois acalmou-se um pouco. — Sim, esqueceu-se, está bem. Perderam-no por volta da mesma altura em que a Julie desapareceu?

— Dizem que o perderam mais do que uma vez, levando-os a considerar o ângulo do vídeo duvidoso, e mais nada. Acham que viram o Dahler na discoteca às vinte e três e vinte e sete, o que é muito mais tarde do que o último horário da Julie.

— O quê?! — rosnou Tess entre dentes cerrados. — E esqueceu-se de me dizer? Sabe o que isso faz à nossa teoria?

— Olhe, lamento... Suponho que não me ficou na cabeça porque eles não tinham a certeza de que era ele. A palavra-chave aqui é «pensam». Eles *pensam* que o viram, mas não têm a certeza.

Tess resfolegou e revirou os olhos.

— Fantástico. Precisamos de fazer chegar esse vídeo ao nosso laboratório de análises, mandá-lo limpar e melhorar. Se era o Dahler, mais de uma hora após a Julie ter desaparecido, podemos estar a perseguir o tipo errado. — Abriu e fechou as mãos unidas, depois esfregou-as furiosamente. O pescoço dorido pedia atenção, e ela friccionou algumas vezes ao longo da linha do cabelo, obtendo um alívio insuficiente. — Mas o Dahler continua a *parecer* certo. Eu *sei* que é ele, raios. Como o faz?

— E se ele as droga? — questionou o Dr. Rizza baixinho, levantando a cabeça da mesa com um gemido. — E se dança com elas ou as aborda, depois espeta-lhes rapidamente a agulha, elas desmaiam-lhe nos braços e ele sai porta fora, levando «a namorada que bebeu demais»?

— Acha que isso podia ser feito? — perguntou Tess.

— Há vestígios de químicos na corrente sanguínea da Sonya consistentes com um sedativo forte e de ação rápida, um anestésico, na verdade. Estava a incomodar-me, porque não fazia sentido.

— Vejamos — disse Tess, indo para a frente da mesa, onde tinha espaço para se mover. — Ele aborda as raparigas, ou elas o abordam. Faz-lhes perguntas banais, pré-seleccionando-as. Se encaixarem no perfil desejado, dança com elas e droga-as enquanto estão na pista, onde ninguém vê nada. — Olhou, atenta, para o teto, visualizando a cena. — Brilhante — sussurrou. — Então, de repente, tem a rapariga nos braços, e agarra-a bem até estar completamente desmaiada, fingindo que estão a dançar. Depois sai porta fora com ela, mas...

— Porque não o vemos a levar a Julie no vídeo, certo? — perguntou Fradella. — Examinámos cada segundo do vídeo da entrada e a Julie não estava em nenhum fotograma.

— É cliente habitual — acrescentou Michowsky —, conhece o local por dentro e por fora. E se ele...

— Usa uma porta de serviço? — interrompeu Tess. — Sim, isso encaixa. Vejamos que portas de serviço podem ser acedidas a partir do interior do clube e que câmaras as cobrem.

— Dê-me alguns minutos — pediu Fradella, e começou a digitar depressa.

Tess andava ansiosamente de um lado para o outro. Com aquele entusiasmo que sentia sempre que estava prestes a apanhar o seu homem. Como um predador, as narinas dilatavam-se-lhe de excitação, e o coração batia-lhe forte e rápido, ansioso por terminar a caçada. Em breve, conseguiria juntar as últimas peças do *puzzle* e encontrar Julie. Esperava com cada fibra do seu ser que ela ainda estivesse viva e tudo o que lhe tivesse acontecido pudesse ser curado, esquecido de alguma forma.

— Já o tenho — disse Fradella, e projetou o vídeo no ecrã de televisão. — Estão a ver aqui? Esta é a entrada das traseiras que dá para a cozinha e a zona do bar. Não há nenhuma câmara por cima, mas esta do estacionamento lateral cobre-a. A Julie desapareceu do vídeo do corredor às vinte e duas e dezasseis, certo? Vejam isto às vinte e duas e vinte e dois.

O vídeo escuro e granuloso mostrava um homem a apoiar uma mulher que caminhava com dificuldade. Estava mais perto da câmara do que ele, cobrindo-o parcialmente, obliterando-lhe o rosto. Apoiava-a com a mão à volta dos ombros e, mesmo no vídeo de má qualidade, podiam ver que a mulher estava cambaleante e incapaz de caminhar sozinha. As pernas cediam-lhe a cada passo e tinha a cabeça encostada ao ombro do indivíduo.

As duas silhuetas não entraram no parque de estacionamento principal, bem iluminado e cheio de câmaras, e Tess murmurou um palavrão. Em vez disso, o homem atravessou a viela e destrancou uma carrinha usando a chave, não o comando. Pôs a mulher no banco de trás e trancou-a, novamente com a chave. Depois voltou para a discoteca, pela mesma

porta.

— Ah — arquejou Tess —, eis o seu álibi, ali mesmo. É por isso que ele aparece nas câmaras uma hora depois. É frio, este tipo. Conseguem imaginar? Ela esteve ali fora, no carro, durante mais de uma hora. É corajoso. Muito bem, está na hora de visitar os Dahler.

— Não há como a impedir, pois não? — perguntou Michowsky.

— Não, mas pode ficar aqui, Gary. Bater à porta dos Dahler pode dar cabo da carreira a uma pessoa. Vamos minimizar os estragos.

Michowsky pegou nas chaves do carro e apanhou-a antes de chegar à escadaria.

— Perdido por cem, perdido por mil — disse ele, com um sorriso cansado. — Mas conduz você. As minhas costas continuam a matar-me.

EX-NAMORADA

Tess ligou o motor e aumentou o ar condicionado. Era meio da manhã e já estava um calor tórrido, com a humidade a tornar as coisas piores. Ansiava por um duche com cada poro da sua pele suada e desejava uma muda de roupa limpa. Mas não havia tempo, não enquanto Julie lutava pela vida, à mercê de um assassino em série sádico.

— Tem a certeza disso? — perguntou a Michowsky, antes de sair do parque de estacionamento. — Que quer vir comigo nesta visita?

— Sim. Neste trabalho, temos de fazer o que devemos. Se você não se safa, eu também não devo...

— Isto não é um concurso, sabe? — disse ela, baixinho. — Não faz mal ficar de fora quando é letal, se se puder dar a esse luxo.

— Eu fico bem — respondeu, soltando um longo suspiro —, desde que se lembre de que não temos muito. Mesmo aquele vídeo, não há maneira de dizer que era o Dahler, e a carrinha também não era o carro dele. Não há carrinhas registadas em seu nome. Continuamos sem nada.

— Sim, eu sei, vou ser meiguinha. — Riu-se. — Sabe, por mais que isso o surpreenda, também quero manter o meu emprego.

— A sério?! — gracejou ele. — Podia ter-me enganado.

— Ah, cale-se, Michowsky.

Viajaram em silêncio durante alguns segundos, mas era um silêncio diferente. O ar entre eles estava bem mais desanuviado.

O telemóvel de Michowsky tocou e ele reconheceu o número de Fradella.

— O que se passa?

— Encontrei uma ex-namorada do Dahler, Jennifer Alvarez. Acho que deviam visitá-la antes de irem a casa dos Dahler.

Tess franziu o sobrolho.

— Porquê? Conte-me coisas...

— Na conta de Facebook, as fotos dela com um Matthew Dahler mais jovem param algumas semanas antes de a sua situação financeira ter melhorado drasticamente.

— Como...? Ganhou a lotaria? Ou dinheiro para se calar? — perguntou Michowsky.

— Suponho que um acordo, e dos grandes.

— Há vestígios dessa informação em algum lado? Documentos do tribunal, talvez? — sondou Tess. — Adorava ter algo que pudesse usar.

— Nada disso, e verifiquei. Mas uma premiada com a lotaria publicaria mais coisas no Facebook após ficar rica, não menos. Ela parou de publicar durante meses.

— Viu os registos financeiros dela? Falamos de um acordo de que tamanho?

— Cinco milhões de dólares, há sete anos.

Michowsky assobiou e mostrou a Tess os polegares erguidos, um sorriso de entusiasmo a torcer-lhe os lábios.

— Mande-me a morada dela para o telemóvel — pediu Tess.

— Certo.

Passados segundos, ouviu-se um tinido, e Michowsky pegou no telemóvel de Tess.

— Dê a volta — disse ele —, ela vive em Coral Gables.

Tess levou menos de vinte minutos a atravessar o trânsito denso, usando as luzes e a buzina sem hesitação. Os domingos de manhã eram do piorio. A hora de ponta deixava de estar restrita a duas molduras temporais, uma de manhã e outra de tarde. Inundado de turistas, o tráfego costeiro transformava-se num exercício de frustração entre para-choques encostados.

Finalmente, em South Bayshore, Tess parou abruptamente frente à entrada coberta de um condomínio de vários andares com vista para o mar. Parecia um *déjà-vu*: o edifício, o estilo de vida, o átrio, até a viagem tranquila no elevador.

— Reparou? — perguntou ela.

— Sim, a Julie vive assim, a amiga também — respondeu Michowsky.

— Mas este é o estilo de vida da Jennifer *depois* do acordo — pensou Tess em voz alta.

— Pois — anuiu ele, e tocou à campainha do apartamento 1704.

Tess pegou no distintivo e pô-lo à frente da vigia assim que escutou passos atrás da porta. Depois, ouviu a fechadura a ser destrancada e a corrente a ser removida.

A mulher que abriu a porta tinha cabelo escuro, era alta e esguia, e possuía o tom de pele bronzeado das latinas, mas algo pálido. No rosto, revelava uma certa tristeza e os olhos afundados, como se tivessem visto imagens e assistido a coisas que não podiam ser apagadas, nem desfeitas. Um olhar a Jennifer Alvarez, e Tess soube que encontrara uma das vítimas anteriores de Dahler.

Jennifer deixou-os entrar sem dizer uma palavra, e eles sentaram-se em fundos cadeirões de couro.

— O que posso fazer por vocês? — perguntou baixinho, após as apresentações.

— Precisamos da sua ajuda com algumas informações — pediu Tess, gentilmente. — O que pode dizer-nos acerca da sua relação com Matthew Feldman Dahler?

Jennifer encolheu-se ao ouvir o nome, e as pupilas dilataram-se-lhe. Foi um movimento infinitesimal, mas Tess captou-o, sabendo que devia procurá-lo, esperá-lo.

— Não há nada a dizer — respondeu, desviando o olhar. — Cos-tumávamos namorar, depois acabámos. Há anos.

— Como era a sua relação com ele?

— Hum, na verdade, não há nada que eu possa dizer. Apenas uma relação, acho.

Tinha os ombros curvados e a cabeça baixa, sob o fardo de uma vergonha não mencionada, de um segredo terrível.

Tess viu a sua perturbação e decidiu optar por uma abordagem diferente, em vez de a ameaçar com a obstrução à justiça.

— Assinou um acordo de confidencialidade? — perguntou gentilmente. Os acordos traziam sempre papelada.

Ela anuiu em silêncio.

— Sabe, ninguém pode vir atrás de si se conversar com as autoridades, menina Alvarez — explicou Tess. — Esses acordos destinam-se a impedi-la de falar com a comunicação social, a escamotear mexericos, calúnias, e coisas assim. *Pode* falar connosco, e devia.

O queixo de Jennifer tremeu e uma lágrima escorreu-lhe pela face. Tess esperou em silêncio que ela estivesse pronta para falar.

— Ele consumia drogas — acabou por dizer — quando estávamos juntos. Não as coisas habituais que toda a gente usa. Não era cocaína, nem metanfetaminas, não. Gostava de coisas exóticas que ele preparava. Os traficantes traziam-lhe essas drogas por encomenda. Estimulantes, potenciadores de todo o tipo. Ele... experimentava.

— Qual era o aspeto disso?

Ela demorou a responder.

— Ele era doce, bondoso e esperto quando o conheci, ou pelo menos assim pensei. Mas odiava-se a si mesmo, e odiava a mãe. Oh, meu Deus, como a odiava.

— Porquê? Lembra-se?

— Não tenho a certeza se ela lhe fez alguma coisa, mas ele dizia que ela o estava a limitar, a mantê-lo prisioneiro, a humilhá-lo, e que um dia ia pagar por isso. — Jennifer parou um bocadinho. — Quando se encontrava sob o efeito dessas drogas, não se sabia o que esperar. Às vezes, queria que eu experimentasse algumas dessas coisas, mas eu tinha medo. Queria deixá-lo... fiquei com cada vez mais medo dele, até...

Interrompeu-se e não continuou.

— E quanto à sua vida sexual com o Matthew? Como é que ele era?

Ela franziu os lábios e verteu outra lágrima, manchando-lhe a blusa clara.

— Sei que é difícil falar sobre isto — disse Tess —, mas há uma rapariga desaparecida.

Os olhos de Jennifer fixaram-se nos dela, arregalados. Algures dentro de si, ela devia ter sabido que aquele dia ia chegar.

— Por favor, ajude-nos a encontrá-la. Qualquer informação pode ser vital.

Ela suspirou e pigarreou baixinho.

— Às vezes era bruto — afirmou, virando a cabeça. — Principalmente quando estava pedrado. Gostava de me amarrar. Também fazia experiências com isso, ao início, mas depois tornou-se violento.

— Quão violento? — perguntou Tess, num tom sussurrado. — Visitas ao hospital?

Ela hesitou, olhando para os pés.

— Não... visitas domiciliárias de um médico privado. Máquinas de raio X portáteis em casa dele. Cirurgias em clínicas privadas durante a noite. Depois, um dia, o acordo de confidencialidade e a resolução. Esse dia foi... difícil. Mesmo mau.

Tess trocou um rápido olhar com Michowsky e levantou-se, preparando-se para partir.

— Obrigada, Jennifer — disse, tocando-lhe gentilmente no braço. — Sei o quanto isto pode ser difícil. Mais uma pergunta, se me permite. Quem lhe pagou? Quem fez com que

assinasse o acordo de confidencialidade?

— A mãe dele.

A LIMPEZA

Levou o seu tempo a barbear-se, fazendo do ato um ritual elaborado. Primeiro, massajou ao de leve a face, saboreando o aroma a extrato de lima, o óleo essencial típico do creme de barbear *Castle Forbes*. Depois, raspou suavemente cada centímetro, certificando-se de que nem um pelo indesejado sobrevivia ao processo. Lavou meticulosamente o resto da espuma e secou a pele. O toque final foram alguns borrifos de *aftershave Serge Lutens*.

Satisfeito, deu um passo atrás e olhou para o espelho do tamanho da parede. Gostava do que via. Um corpo esguio, musculado, em forma, aspeto forte, quase intimidante, olhar feroz e implacável nos olhos. Estava a aproximar-se... sentia-o.

Limpava a mente e cuidava do rosto. Faltava um passo no ritual, antes de ir lá abaixo para outra dose do seu mimo especial: um duche. Já nu, entrou na impressionante cabine e fechou a porta de vidro estampado. Rodou uma torneira e a água começou a sair de um chuveiro que imitava o cair da chuva. Deixou a água quente molhar-lhe a cabeça, enquanto se inclinava, com as mãos encostadas à parede de azulejos de mármore. Fechou os olhos e deixou que as visões tomassem o controlo.

Na mente, via a rapariga no andar de baixo, amarrada, suspensa, a preparar-se para ele. Se escutasse com atenção, para lá da água a bater nos azulejos de mármore, podia ouvir-lhe os gritos, alimentando as suas fantasias. Sem abrir os olhos, deitou gel na palma das mãos e começou a lavar o corpo, suave e meticulosamente, sentindo a ereção crescer. Ela gritaria quando ele a tocasse, contorcendo-se contra as amarras, implorando, apelando, chorando. Adorava a forma como a presa se debatia, tentando fugir quando não havia escapatória.

Um fantasma introduziu-se na sua visão, e ele grunhiu, zangado. Bateu com a palma da mão na parede e voltou a bater, com outro grunhido. Jennifer... a última a sobreviver. A que ele não conseguiu acabar, porque um médico estúpido expressou as suas preocupações. Inacreditável. Pagava-lhe uma fortuna para manter a boca fechada, tratar Jennifer rapidamente e depois desaparecer. Em vez disso, ele foi dali direto aos seus pais, para lhes espremer mais dinheiro. Essa foi a sua primeira amarga lição. Não podia deixá-las viver, nunca mais. Não depois de estarem com ele, não após saberem como ele era.

Teria acabado com Jennifer; então já sabia que tinha isso em si. Só queria que o prazer durasse mais tempo; por conseguinte, estava sempre a adiar o momento em que deixaria o seu sangue derramar-se. Mas cometera um erro; não pensara em tudo, na altura, não sabia como prolongar o prazer sem a danificar demasiado cedo. As pessoas são difíceis quando estão quebradas... aprendera isso também. Às vezes fantasiava que voltava para Jennifer e acabava o que começara, mas o risco era demasiado grande. Não valia a pena.

Havia outras lá fora que podia apanhar.

Mantendo os olhos fechados, bateu de novo na parede, mais zangado do que antes. A jubilosa antecipação evaporara-se, deixando-o bloqueado e ressentido, enquanto a ereção desaparecia, derrotada. Sempre que a visão do rosto de Jennifer surgia, a imagem da mãe não estava longe. Sim, cometera um erro ao deixar Jennifer viver, mas aprendera a lição. Não voltaria a acontecer. Mas lembrar-se da mãe, e do dia em que ela viera limpar a sua confusão, ainda o magoava, humilhando-o a um nível que não julgava possível.

As condições dela eram horríveis. Ditara tudo, sem espaço para negociação. O que faria, onde viveria, quanto dinheiro teria, com quem estava autorizado a namorar. Fora cruel, impiedosa, tirando prazer de lhe torcer a vida em torno dos seus dedos como se fosse um galho que partia por aborrecimento. Talvez gostasse de o castigar; havia nela algo de errado que não entendia. Exigira que levasse as namoradas para casa para ter sexo, não para hotéis nem nenhum outro lado, mas para casa, onde instalara câmaras «para garantir que ele se mantinha fiel ao acordo». Sim, o seu suposto acordo exigia que ele levasse vida de santo, sem uma multa de estacionamento sequer. Que as parceiras sexuais deixassem as instalações sem uma unha partida. Caso contrário, perderia tudo, toda a fortuna da família, que valia mais de mil milhões de dólares. E fora assim que a cabra vencera. Era assim que ele lhe pertencia.

Por agora.

Mal sabia ela.

Ainda bem que continuava a deixá-lo apostar e não se importava muito com quanto ele perdia. O seu estúpido psiquiatra deve ter-lhe contado uma treta qualquer, de que ele estava a vingar-se perdendo o seu dinheiro na mesa de jogo ou outra treta do género. Era um jogador de póquer decente, com a cabeça fria. Extraíra facilmente dinheiro ao longo dos meses seguintes depois de ela lhe ter pregado os tomates à parede. Esse dinheiro, investido no mundo da droga local, transformara-se em milhões de dólares, o que não surpreendia ninguém, dada a sua herança. Aplicou-o na sua casa secreta, comprada e paga em dinheiro, que a cabra não conhecia. Então, deixara de se meter com as redes de droga; não valia a pena correr o risco de ir parar à cadeia por algo de que já não precisava. Tinha o seu covil secreto e, para o resto das suas necessidades oficiosas, havia sempre o jogo.

A água continuava a jorrar-lhe na cabeça, relaxante, mas fortalecedora. Abriu os olhos, sem que a água o incomodasse, e, contra o mármore creme, uma visão começou a formar-se.

Era a rapariga lá em baixo, presa ao seu arnês, a gritar por piedade, lutando desesperadamente para se libertar enquanto ele a rodeava, preparando-se para lhe possuir o corpo. Quando andava à volta dela quase às escuras, reparou que o seu cabelo já não era castanho, mas louro e curto. No momento em que ela olhou para ele e lhe implorou misericórdia, os profundos olhos azuis trespassaram os seus, sobressaltando-o. Voltou a tocar-se, e estava forte e pronto. Encontrou a sua libertação, pois a mulher na visão já não era a rapariga. Era a mãe, implorando o seu perdão.

FAMÍLIA

Tess dirigia-se para norte através da Interestadual, com a barra de luzes a piscar e a sirene a soar, serpenteando pelo trânsito sempre que não ia na faixa de emergência. Era tarde, quase meio-dia, e ainda não faziam ideia de onde Dahler mantinha Julie. Mas Dahler correspondia cada vez mais ao melhor suspeito, não apenas uma torção nas entranhas, mas uma pista forte e viável, sustentada por provas. Fora visto a comprar drogas exóticas, nada menos que potenciadores da dor. Desenvolvera um método de extrair dinheiro impossível de localizar da sua conta bancária; o agente Brooks já confirmara que levantara mais de duzentas milenas nos últimos três meses. Tinha um historial de abusar severamente da namorada; havia por fim alguém capaz de testemunhar em tribunal. Agora, provavelmente podiam arranjar um juiz de coragem para assinar um mandado de busca. Mas para que morada?

Conduzindo o mais depressa que podia em direção a Key Biscayne, Tess não sabia o que esperar da sua visita aos Dahler. Estariam sequer em casa? Esperava que sim. Viveria Matthew Dahler com os pais? Ou simplesmente esquecera-se de alterar a morada na carta de condução? Como é que um jovem rico nos trinta ainda vivia com a mãe e o pai? Não batia certo. Sobretudo ele. Precisava de privacidade para torturar as vítimas. Não podia tê-lo feito na mansão da família, rodeado de inúmero pessoal e em constante risco de ser apanhado. Onde, então? O agente Brooks, de volta à esquadra, fizera pesquisas sobre as propriedades do suspeito e encontrara várias hipóteses. Demasiadas. Irritada com a própria impotência, mordeu furiosamente o lábio.

— Gary, pode ligar ao nosso Garth Brooks, por favor?

— O que se passa?

— Tive uma ideia. O Dahler suspende as vítimas, foi o que o Doutor Rizza disse.

— Sim, mas não estou a acompanhá-la.

— Estou a pensar que ele pode ter precisado de alterações na propriedade. Ligue-lhe.

Segundos depois, o agente Brooks atendeu.

— Garth, eis o segundo trabalho de campo da sua carreira. A suspensão por arneses exige algumas modificações em casa. Normalmente, os atletas solicitam esse tipo de instalação para ginásios particulares, aqueles que fazem abdominais invertidos e coisas assim. Pode ser uma hipótese remota, mas não acho que haja muitas empresas a instalar barras de suspensão ou qualquer tipo de equipamento no teto. Mostre a fotografia do Dahler a todos eles. Talvez acertemos no *jackpot*.

— Vou tratar disso, minha senhora — respondeu ele, com um sorriso na voz.

— O Fradella está aí? — perguntou Tess.

— Onde mais? — respondeu Fradella.

— Não descobrimos onde é que ele mantinha as vítimas quando matava fora do estado. Digamos que aqui, em Miami, ele tem um sítio. Então e em Chicago? Onde é que ele manteve a May Lin?

— Temos andado à procura disso, mas...

— Porque procurávamos transações diretas, como arrendamentos... Agora sabemos que ele não gosta de rastros de papelada. Vá mais fundo. Saque os registos financeiros de todos os seus negócios e relacione-os com as localizações geográficas e as suas viagens aéreas. Deve ter viajado lá, comido lá, ficado hospedado em hotéis. Depois, veja o que mais ele comprou.

— Isso vai levar algum tempo — disse Fradella.

— Não vai, não. Ligue ao analista do FBI, Donovan, de que lhe falei. Ele dá-lhe isso em minutos. Avise quando tiver alguma coisa.

— Certo — respondeu Fradella. — Ei, tive outra ideia. Quero verificar as propriedades dele, para ver se alguma foi adquirida em dinheiro vivo ou se os impostos estão a ser pagos em dinheiro.

— Isso é brilhante, Fradella. Faça isso.

Terminou a chamada e embrenhou-se de novo nos pensamentos. Estavam perto, tão perto.

— Eu devia ter pensado nisso, sabe? — observou Michowsky.

Ela olhou para ele e viu o seu rosto profundamente franzido, a tensão à volta da boca, a amargura.

— Dê-se um desconto, Michowsky, você está doente. Está sob o efeito de analgésicos. Isso influencia o cérebro.

— Não. Talvez esteja só demasiado velho para este trabalho.

— Aguenta-se aí. Sentir-se-á muito melhor depois de apanharmos este sacana doentio. Garanto-lhe.

Michowsky ficou calado durante algum tempo, depois mudou de assunto.

— Nunca fui a Key Biscayne antes. Em trabalho, quero dizer.

— Eu já bati a algumas daquelas portas — respondeu Tess, com um sorriso retorcido. — Correu sempre mal e os advogados foram o menor dos problemas. A propósito, a minha oferta continua em aberto. Pode esperar no carro.

Ele manteve os olhos focados na estrada e o rosto imóvel.

— Mentiu-lhe — disse.

— A quem?

— À Jennifer Alvarez. Só se for intimada é que pode quebrar o acordo de confidencialidade. Sabia disso.

— Oh, vá lá. Não foi uma mentira, só uma manobra para poupar tempo.

— Só uma mentira para poupar tempo. Admita, Winnett.

Mordeu novamente o lábio, mas conseguiu reter a resposta mordaz que lutava por lhe escapar dos lábios. Segundos depois, pararam em frente à residência dos Dahler.

— Uau — sussurrou ela.

Estacionou diante do alpendre coberto feito em colunas de mármore modernas, dignas de um hotel de luxo. Daí, um lanço de escadas de mármore flanqueadas pelo mesmo tipo de colunas conduzia a uma entrada recuada com portas duplas.

Um homem fardado abriu a porta antes de terem oportunidade de se anunciarem.

— Estamos aqui para ver Matthew Dahler — disse Tess, puxando do distintivo.

— Neste momento não está disponível — respondeu o homem, pouco impressionado com o distintivo de Tess. — Pode deixar o seu cartão de visita e ele entrará em contacto.

— E quanto ao Senhor Dahler? Ou a Senhora Feldman Dahler? — insistiu Michowsky.

O homem hesitou um pouco, depois afastou-se, convidando-os a entrar.

O interior era igualmente impressionante e o mármore continuava a ser o tema comum, cobrindo pavimentos, paredes e até alguns tetos. Esperaram no átrio de teto abobadado durante algum tempo, até que foram convidados a ir para a sala de estar. A parede virada para o mar era toda de vidro, acolhendo o sol da manhã. As janelas de parede a parede incorporavam várias sacadas, com vista para um pátio, uma piscina e uma extensão de praia. À distância, na praia, Tess viu uma mulher em posição de ioga, voltada para o sol.

— Sim, como posso ajudá-los?

Reconheceu John Dahler das notícias; aparecia pelo menos uma vez por semana nos meios de comunicação locais. Nunca o encontrara antes e odiava admitir que, em pessoa, era ainda mais imponente. Alto e corpulento, cabelo louro-arruivado que só se via para lá de um contorno seriamente recuado, e feições esculpidas em pedra, o Sr. Feldman não mostrava qualquer indício de solicitude. Só determinação em resolver o assunto.

— Gostaríamos de falar com Matthew Dahler — pediu Tess, depois de pigarrear.

— De momento, ele está fora — respondeu ele, secamente. — De que se trata?

— Precisamos de falar com ele a respeito de uma amiga dele que foi morta.

— Quem? — Dahler pareceu genuinamente surpreendido.

— May Lin, de Chicago — respondeu Tess.

Ele amoleceu um pouco.

— Sim, a filha do Hank. Que tragédia. Mas não sabia que o Matthew a conhecia. Deve chegar a casa em breve; está no trabalho.

— Num fim de semana?

— O meu filho é ambicioso, motivado.

— Onde trabalha? — perguntou Michowsky.

— Com a mãe — respondeu ele, franzindo o sobrolho, depois quebrou o contacto visual e olhou para fora durante um segundo, uma sombra de preocupação a cobrir-lhe os olhos.

Parecia desconfortável, quase embaraçado, e Tess estava mortinha por saber porquê. Esperou pacientemente, e ele não a desiludiu.

— Como a maioria dos jovens abastados, o nosso Matthew vagueou sem rumo durante algum tempo depois de terminar a escola. Pedimos-lhe que fizesse uma escolha de carreira, e ele escolheu trabalhar com ela, não comigo. — Resfolegou baixinho, e as rugas que lhe contornavam a boca aprofundaram-se. — Não tem o mínimo de interesse no imobiliário, embora tudo o que tenho seja seu um dia. Partiu-me o coração. É o meu único

filho.

Uma porta abriu-se atrás deles, e eles viraram-se. Edwina Feldman Dahler entrou, descalça, de fato de banho preto e uma toalha de praia branca à volta do pescoço. Parecia de algum modo familiar, mas Tess não conseguia situá-la. Quando os seus olhos se encontraram, reparou que as íris de Edwina eram de um deslumbrante azul-ultramarino, dando-lhe a mesma sensação inquietante nas entranhas que sentira da primeira vez que vira a fotografia de Matthew: medo e uma necessidade inexplicável de fugir. Tinham os mesmos olhos, mãe e filho. A mesma cor, a mesma expressão. À medida que Tess recordava pormenores acerca do aspeto de Matthew, apercebeu-se de que Edwina lhe parecia familiar porque era tal qual o filho, uma versão mais feminina e mais velha de Matthew. O mesmo cabelo louro, curto e desgrenhado, o mesmo queixo quadrado, a mesma postura poderosa e orgulhosa.

Tess mostrou o distintivo sem dizer palavra. Apesar de educada quando falou, Edwina Feldman Dahler fê-los sentir pequenos, insignificantes.

— De que se trata?

— Da pobre May Lin, a filha do Hank — respondeu John, rapidamente. — Querem falar com o Matthew.

— Ah... estou a ver. Bem, o Matthew não está aqui neste momento. — Virou-se, abriu uma gaveta e ofereceu a cada um deles um cartão de visita. — Este é o nosso advogado. Por favor, liguem-lhe para marcar uma reunião com o Matthew, algures na próxima semana. — Os olhos de Edwina eram frios como gelo, e a inteligência que continham, a determinação que Tess lhe viu no maxilar enquanto falava, disse-lhe que tinha poucas esperanças de obter mais informação dos Dahler. A conversa terminara.

Pegou no seu próprio cartão de visita e estendeu-o a Edwina.

— Por favor, dê isto ao Matthew quando ele voltar. Talvez queira ligar-nos antes da próxima semana. Agradecíamos que o fizesse hoje, se for possível.

Ela pegou-lhe com relutância, mal lhe tocando, e largou-o na mesa de apoio. Depois, mostrou-lhes a porta com um gesto definitivo.

Tess virou-se para partir, mas parou bruscamente.

— Como é que ele ainda vive com os pais? — perguntou serenamente, como se de uma conversa de café se tratasse.

— O meu filho esteve... — começou John Dahler a dizer.

— O nosso advogado terá todo o gosto em responder a quaisquer perguntas pertinentes — respondeu Edwina. — Por favor, marque uma reunião.

— Muito bem — respondeu Tess. — Mais uma coisa. Como arranjou essa cicatriz no lábio inferior?

O olhar de aço de Edwina tremulou, e as pupilas dilataram-se-lhe um pouco.

— O Matthew mordeu-me quando tinha três anos — respondeu, relutante. — É uma fase que alguns miúdos têm. Penso que terminou, certo?

Não se deram ao trabalho de responder e as enormes portas não tardaram a fechar-se atrás deles.

AGONIA

Estava escuro, a ausência de luz quase total. A escuridão muda as coisas; altera realidades. No escuro, até os mais ínfimos sons ganham a força destrutiva de uma explosão — aterrando, paralisando, enfraquecendo os assustados, os fracos, os moribundos.

Os ruídos, amplificados pela privação sensorial visual, davam a Julie uma percepção aguda de onde ele estava e do que fazia. Antes, puxara algumas cordas, reajustando aquele abominável arnês, e agora ela estava posicionada num ângulo, com a cabeça mais alta do que o corpo, mas não completamente vertical. Era melhor, se é que a simples ideia de melhor podia existir no canto mais escuro do inferno.

Respirava rápida e superficialmente, com medo dos sons da sua respiração, temendo chamar-lhe a atenção. Viu-o mover-se em torno da sala, calmo, preciso, sem pressas. Sentia-se confortável na escuridão, seguro. Quando ele não estava na divisão, Julie esforçava-se por recuperar um fragmento de esperança, forçando-se a acreditar que o seu inferno terminaria. Decerto que alguém andaria à sua procura, lá fora, e que em breve a encontrariam. Talvez nos próximos cinco minutos, rezou, talvez nos próximos dez. *Oh, Deus, por favor, não me abandones...*

Há anos que não rezava, desde o funeral da avó, e então fizera-o por ela, não porque acreditasse. Ali, nas mãos do torturador, a oração vinha-lhe naturalmente, e a crença era a única alternativa ao puro desespero. Rezava, em vez de pensar no que lhe acontecera ou no que estava prestes a suceder. Precisava de acreditar que em breve estaria de novo a salvo, num mundo onde a dor já não existia.

Tinha a garganta dorida dos gritos que ninguém ouvia, e os olhos, inchados, afetavam-lhe a pouca visão noturna. Sentia-se exausta, com a falta de sono a cobrar o seu preço e a alimentar-lhe os medos. Acima de tudo, não estava pronta para que ele se aproximasse novamente dela, embora se preparasse para o fazer. O medo sufocava-a com o desespero por se libertar. Forçando-se a ser racional, deixara de tentar soltar-se; tentara antes, quando estava repousada e forte, e falhara. Continuava pendurada do teto naquele arnês horrível, nua e vulnerável, uma marioneta nas mãos de um hábil torturador, pronta a ser consumida. O coração batia-lhe depressa, com o medo a alimentar a adrenalina que a mantinha consciente, apesar das intermináveis horas de tormento que suportara. A mesma adrenalina alimentava provavelmente aquele último fragmento de esperança, a crença em declínio de que alguém a encontraria em breve. *Por favor, Deus, por favor, faz com que me encontrem... Faz com que me encontrem antes que ele...*

Um barulho chamou-lhe a atenção. Ele aproximava-se, calmo, nu e sorridente. Estendeu a mão para ela, tocando-lhe suavemente no rosto, acariciando-a. Incapaz de se controlar,

soluçou intensa e desesperadamente.

— Não, não, por favor — conseguiu dizer entre soluços. — Por favor, deixe-me ir.

Ele parou de lhe tocar e postou-se à frente dela, fingindo-se ofendido.

— Minha querida — disse ele —, quero ouvir-te dizer sim. Não gosto de te ouvir dizer não.

Ela soltou um grito convulsivo, arquejando.

— Não, por favor... Eu faço qualquer coisa.

— Sim, querida, *sim* — disse ele calmamente, como que a ensinar uma criança. Tocou-lhe de novo na face inchada, acariciando-a, brincando-lhe com o cabelo. — Diz sim, por favor, e podemos ser amigos.

Ela tentou reprimir os soluços e fazer o que ele dizia.

— S-sim — disse, entre arquejos.

— Excelente — respondeu ele.

Então dirigiu-se à bancada, quase invisível no escuro. Um toque num interruptor e a sala inundou-se de luz, forte e fluorescente, vinda do teto.

Ela arquejou, sabendo o que aí vinha.

— Não, por favor — choramingou, antes de conseguir conter-se.

Ele virou-se para a encarar, e ela viu-lhe o bisturi na mão.

— Não, não — gritou, debatendo-se contra as amarras.

— Não te atrevas a dizer-me que não — sussurrou ele, tão perto do seu rosto que Julie sentiu-lhe o hálito contra a pele.

Então, voltou a dirigir-se à bancada, onde preparou outra seringa com a destreza de um perito, puxando líquido de duas ampolas. Bateu com a unha no corpo da seringa e pressionou suavemente o êmbolo, eliminando bolhas de ar até o líquido estar límpido e todo o ar preso ter desaparecido. Pegou numa bola de algodão e embebeu-a em álcool. Depois, aproximou-se dela, sob os seus olhos aterrados.

— Sabes porque os cortes de papel são tão dolorosos? — perguntou ele.

Julie não conseguiu obrigar-se a responder, de olhos fixos na mão que segurava a seringa. Choramingou baixinho.

— É porque o papel só corta as terminações nervosas, onde são mais sensíveis — explicou ele, paciente, como se estivesse a dar uma aula. — É uma experiência única, estou certo de que concordas comigo.

Ela voltou a choramingar, tentando impedir a mente de ceder ao pânico. *Por favor, faz com que eles me encontrem.*

— Isto vai doer um pouco — acrescentou ele —, mas não te preocupes. Não é nada comparado com o que aí vem.

Louca de medo e desesperada, Julie gritou e retorceu-se à medida que ele se aproximava, de seringa na mão. Deve tê-lo pontapeado enquanto se debatia histericamente, pois sentiu o pé atingir alguma coisa e ouviu-o praguejar em surdina.

— Cabra — rosnou, e esbofeteou-a com tanta força que o seu lábio começou a sangrar. Ela paralisou, enquanto ele se debruçava e lhe prendia o lábio rasgado entre os dentes,

apertando-lhe o queixo com os dedos. Então mordeu com força e a boca encheu-se-lhe de sangue, o gosto metálico alimentando-lhe o pânico. Gritou novamente e ele soltou-lhe o lábio e deslocou-se para o lado dela. Com um aperto de aço, agarrou-lhe a coxa e espetou-lhe a agulha bem fundo no músculo, depois carregou no êmbolo com força.

Ela gritou de agonia. Ninguém vinha salvá-la.

CONSIDERAÇÕES

Tess ligou o motor sem dizer palavra e, assim que Michowsky fechou a porta, meteu prego a fundo. Não conseguia respirar, e o ar condicionado não aliviava a pressão que sentia na cabeça nem o martelar no peito.

À esquina da rua, falhou um sinal de *stop* e buzinou furiosamente ao trânsito que vinha em sentido contrário, apesar de ter as luzes apagadas. Tudo o que obtivera até então haviam sido barricadas, todo o tipo de obstáculos a impedi-la de apanhar o suspeito. Com Julie desaparecida há mais de um dia e meio, e com os Dahler a proteger ferozmente Matthew, o que podia fazer? Elaborar uma lista com algumas propriedades, na esperança de acertarem no local onde Matthew Dahler mantinha Julie? E se estivessem errados?

E se Edwina Dahler estivesse prestes a dizer a Matthew que a polícia o procurava? Assim que ele soubesse, mataria Julie e arrumaria a confusão. Nunca encontrariam o corpo, nunca, não com os Glades a uma curta viagem de distância.

— Filho da mãe — gritou, batendo com o punho no volante.

Michowsky virou-se e olhou para ela.

— Importa-se de me dizer onde vamos?

— Preciso de pensar, só isso — respondeu Tess. — Quer que o deixe em algum lado?

— Vou consigo — disse ele, e cruzou os braços sobre o peito. — É suposto sermos uma equipa. Pelo menos em princípio.

Ela ligou as luzes e pisou no acelerador, murmurando palavrões em surdina. O trânsito continuava mau, parado na Interestadual, mas Tess subiu para a berma e não abrandou até chegar à sua saída.

— Reparou? — perguntou Michowsky. — A casa.

— Hã?! O quê?!

— Está voltada para leste e tem praia própria com areia.

— Raios partam... não, escapou-me completamente.

— Viu a Edwina lá fora?

— N-não, fiquei de olho no Dahler. Foi prestável demais, na minha opinião. Porquê? — Franziu o sobrolho, zangada consigo mesma. Como raio lhe escapara aquilo?

— Estava a fazer posições de ioga voltada para o sol. Todo o tipo de posições. Isto não pode ser coincidência. Acho que ele...

— E também a mordeu — interveio Tess. — Mordeu-lhe o lábio, como a algumas das vítimas. Como com a Sonya.

— O que acha que ele está a fazer? A mandar-lhe uma mensagem?

Tess não respondeu durante algum tempo, franzindo o sobrolho e apertando o volante até ficar com os nós dos dedos brancos, à medida que conduzia através de ruas

movimentadas a abarrotar de maus condutores em carros alugados. Os turistas prestavam mais atenção ao oceano e aos locais do que ao trânsito em sentido contrário. Distraídos e segurando nas mãos telemóveis com câmaras, os turistas condutores eram o pior dos males no asfalto de Miami.

— Pode estar — respondeu. — Pode estar a reviver um trauma que tenha alguma coisa que ver com a mãe, aquela praia e o nascer do Sol. Ou algo parecido. Mas também está a experimentar, a aperfeiçoar o seu método. Foi o que o Doutor Rizza afirmou, foi o que o agente especial McKenzie, o *profiler*, disse, e o que faz mais sentido para mim.

— Então está a dizer que ele planeia...

— Matar a mãe, sim.

Ele assentiu, coçando a cabeça.

— Fortuna familiar à parte, quando lançamos um alerta sobre este tipo? E se não conseguirmos falar com ele até à próxima semana?

Tess olhou rapidamente para ele e resfolegou baixinho.

— Não lançamos. No momento em que fizemos isso, a família saberá, e o Matthew também. Alguém da polícia fará um telefonema para os Dahler, ou porque se conhecem de alguma forma ou porque querem obter um pagamento rápido. E é nesse momento que a Julie morre. — Mordeu o lábio e bateu com a mão no volante. — Posso já a ter matado.

Não disse mais nada, por mais intensamente que Michowsky a fitasse. Ele virou a cabeça, olhando pela janela em silêncio. Também ele via a possibilidade de a sua visita aos Dahler ter assustado Matthew, e não havia mais nada para dizer.

Parou no parque de estacionamento do Media Luna, perto da entrada. O parque estava quase vazio àquela hora da tarde. Reconheceu o *Jeep Wrangler* de Catman, adornado com barras de proteção, guincho e projetores no tejadilho, e pintado num padrão de camuflado militar. Algumas coisas faziam de Catman quem ele era, e aquele *Jeep* era uma delas.

— Precisa de uma dose, agente Winnett? — perguntou Michowsky, a desilusão a tingir-lhe a voz.

Ela sorriu-lhe e foi direita ao interior. Ele seguiu-a de perto, com o cenho profundamente franzido e os cantos da boca descaídos.

Tess sentou-se num banco e inclinou a cabeça em resposta ao sorriso de Catman. Ele limpou as mãos a um pano e aproximou-se deles.

— Hambúrgueres e batatas fritas? — perguntou.

Tess assentiu. Cat virou-se para Michowsky e o seu sorriso morreu.

— *Bud Light*, não era?

— Sim, claro, porque não? — respondeu ele, ainda de sobrolho franzido. — Se é uma festa...

Tess enterrou o rosto nas mãos, desfrutando do frio dos dedos contra os olhos cansados. O que raio podiam eles fazer? Talvez o pessoal encontrasse alguma coisa nos registos financeiros. Um local, uma morada, outra pista. Por agora, estavam bloqueados, e ela continuava a rever as opções num ciclo obsessivo e repetitivo, como um computador

quando não consegue processar um conjunto de dados.

Esperava que, por algum milagre, Matthew não se assustasse e decidisse matar Julie mais cedo para cobrir o seu rasto. Agarrava-se a essa hipótese. Nos últimos tempos, porém, a esperança pouco bem lhe fizera. Confiava em encontrar Matthew em casa dos pais e que daí pudessem segui-lo e descobrir onde ia. Esperava poder ver, para lá de qualquer dúvida, que era ele o assassino só de falar com ele.

— Ainda temos dúvidas de que o Matthew Dahler é o suspeito? — perguntou Michowsky.

Quase se encolheu ao ouvir os seus pensamentos ditos em voz alta. Às vezes, Michowsky era assim, desconcertante. Era um bom polícia, que se perdera um pouco, ou levava uma tarefa da vida, e que perdera temporariamente o vigor.

— Você tem?

— Ele encaixa — respondeu Michowsky, agradecendo a Cat com um gesto da mão pela cerveja que tinha à frente. — Por mais que odeie admiti-lo, encaixa. Provavelmente, neste momento podíamos conseguir um mandado. Há um juiz no condado de Palm Beach que não se deixa intimidar muito pelo dinheiro. Talvez alinhasse.

— Precisamos de uma morada, Michowsky. Não podemos pedir um mandado global a cobrir todas as propriedades. Tem demasiadas, e o juiz nunca alinhará nisso. Para não falar de que ele pode estar a usar algum espaço empresarial ou uma propriedade pertencente aos pais. Quem sabe? Nós não sabemos, ainda não. — Tragou a sua bebida, sedenta, parando apenas quando estava quase a engasgar-se com as folhas de hortelã.

— Ei, vá com calma — murmurou Michowsky. — Temos tempo. Presumindo que ele não se passa, temos tempo. É só o segundo dia.

Tess bateu com as mãos no balcão com tanta força que as bebidas chocalharam e Cat virou a cabeça, observando-a atento.

— Acha que temos tempo, Michowsky? — gritou ela, ignorando os poucos clientes. — É isso que pensa, hã? Que ela está num *spa* algures, a arranjar o raio das unhas? Viu sequer as outras vítimas? O que raio se passa consigo?

Catman substituiu silenciosamente o seu copo vazio por um cheio, húmido e turvo, cheio até à borda. Depois, desapareceu sem dizer palavra.

Michowsky fitou-a, de queixo caído.

— Não quis dizer...

— As pessoas nunca recuperam disto, Gary, quase nunca. Não há tempo. Nunca houve. Não desde que ele a apanhou.

Fechou os olhos e as memórias do seu próprio pesadelo invadiram-na. Lembrava-se de tentar fugir, libertar-se do aperto do atacante. De se contorcer sob o seu corpo pesado, tentando arranhar, morder e pontapear. Sentindo-se dominada, vencida, mesmo antes de a dor chegar. Estremeceu e limpou discretamente uma lágrima do canto do olho. Bebeu outra golada do líquido gelado e calmante, sentindo a frescura dissipar os fantasmas e restaurar a normalidade.

O telemóvel de Michowsky tocou, a tempo de a salvar de ter de pedir desculpa pela sua

explosão. Ele pousou o telemóvel no balcão entre ambos e atendeu a chamada em alta voz.

— Daqui Fradella e Brooks. Temos informação acerca das localizações.

— Disparem — replicou Tess, revigorada.

— Reduzimos a lista de possíveis locais na Florida. Há sete anos, ele comprou uma *villa* na ponta norte da ilha de Palm Beach. Pagou tudo em dinheiro e tem liquidado os impostos também em dinheiro. Espanta-me que esteja em seu nome — disse Fradella. — Tivemos sorte.

— Morada?

— Está na sua caixa de entrada. Mas há mais. O que ele fez em todos os estados onde matou foi alugar contentores de carga em cais de expedição. É o único denominador comum que conseguimos encontrar.

— Por que é que isso nos escapou? — perguntou Michowsky.

— Porque ele não os pagou com cartão de crédito. Usou várias sucursais para pagar os contentores. Faturas, cheques, tudo para fazer com que parecessem legais. A propósito, o seu tipo, o Donovan, é um analista do caraças.

— É... por favor, agradeçam-lhe por mim — respondeu Tess.

Um momento de silêncio, depois um riso baixinho de Fradella ou de Brooks; Tess não conseguiu perceber.

— Hum... fizemos isso, e ele disse para se ir lixar também.

Tess retraiu-se, lembrando-se do desastre com o café apenas dois dias antes.

— É uma piada interna que nós temos — conseguiu dizer. — Mais alguma coisa?

— Sim, também há um contentor de carga na Florida. Presumimos que ele usaria a casa, se está a matar aqui, localmente, mas existe um contentor de setecentos e sessenta metros cúbicos com um contrato de arrendamento de longo prazo estacionado no porto de Palm Beach.

— Isso não fica à frente da... — perguntou Tess, hesitante.

— Sim, do outro lado da água, mesmo à frente da casa que ele pagou em dinheiro.

— Brooks, alguma instalação de equipamento de ginásio?

— É fim de semana, por isso tem sido difícil encontrar pessoas. Ainda estamos à espera de duas empresas, mas até agora nada.

Ela rangeu os dentes.

— Está bem, ligue-me assim que souber. E Brooks? Bata a algumas portas, não espere. Preciso dessa informação agora.

Pegou num punhado de batatas fritas e enfiou-as na boca, as primeiras em que tocava desde que Catman lhe trouxera o prato.

— Pronta para aquele mandado agora? — perguntou Michowsky.

— Não, estou pronta para ir — disse, saltando do banco e pegando em mais algumas batatas. — É isto, apanhámo-lo.

— Onde? Onde pensa que vai?

— Ao porto de Palm Beach. Primeiro, vou visitar aquele contentor, depois vou à casa.

— O diabo é que vai! — disse Michowsky, agarrando-lhe o braço. — Talvez depois de dormir um bocado.

— Hã?! Tire a mão de cima de mim — rosnou, petrificada pelo seu toque. — Antes que eu a parta.

Michowsky soltou-lhe o braço, como se estivesse a queimar-lhe a pele, e ergueu as mãos num gesto pacificador.

Cat aproximou-se silenciosamente, de olhos sérios como a morte e mãos enfiadas bem fundo nos bolsos. Aproximou-se de Michowsky, trespassando-o com os olhos, e pôs as mãos em cima do balcão.

— Ao menos beba um café, Winnett, que raio? — insistiu Michowsky.

— Estou prestes a quebrar a lei de muitas maneiras, Michowsky. Confie em mim quando lhe digo para recuar. Fique de fora nesta.

— O que aconteceu quanto a obter um mandado?

Ela não se deu ao trabalho de responder, limitou-se a sair, com as chaves do carro a abanar na mão.

Michowsky abanou a cabeça, preparando-se para ir atrás dela, mas virou-se para Cat.

— Porque não a impede de conduzir?

— Por que raio havia eu de fazer isso? — perguntou Cat calmamente, sem um laivo de humor na expressão.

— Por aquilo — disse Gary, apontando para os copos vazios de Tess. — Três *mojitos* são motivo suficiente, a meu ver.

— São só *mojitos* virgens — disse Cat, rindo-se.

— Hã?!

— Limonadas de hortelã — explicou ele, continuando a rir-se. — Você foi o único a consumir álcool aqui. Não devia conduzir, companheiro, está bem?

— Ah, diabo... — disse Gary, saindo porta fora. Correu para a esquina do parque de estacionamento, mesmo a tempo de ver Tess passar a toda a velocidade, com as luzes acesas. Acenou atrás dela, com os dois braços bem erguidos.

— Ei! Ei! Espere, por amor de Deus! — gritou ele.

Ela carregou nos travões, levantando uma nuvem de pó, depois fez marcha atrás e acelerou até estar suficientemente perto. Michowsky abriu a porta e entrou. Ato contínuo, meteu a primeira e voltou a acelerar, antes de ele ter tido tempo de fechar a porta.

PROCEDIMENTO ADEQUADO

— Oiça — pediu Gary, erguendo o tom de voz. — Oiça-me só, está bem?

Ela lançou-lhe um rápido olhar zangado, devolvendo depois toda a atenção à estrada. Buzinava sempre que os carros não abriam logo espaço para ela. Bufando de frustração, fez uma nota mental para mandar instalar uma sirene no veículo. Um procedimento estúpido... achavam que os agentes do FBI não tinham emergências que o justificassem? Gostaria de ter o burocrata que se chegara à frente com esse procedimento específico amarrado e torturado em vez de Julie, enquanto esperava que Tess se arrastasse pelo estúpido trânsito sem sirene. Servir-lhe-ia bem. Provavelmente, reescrevia de imediato o raio da coisa.

— Podemos obter um mandado, Winnett, porquê arriscar?

— Leva demasiado tempo! Não vou deixar aquela rapariga aguentar um minuto mais do que o absolutamente necessário.

Não havia discussão naquele ponto, e o silêncio de Gary confirmou-o.

— Ouça — disse ela —, neste momento aposto a minha carreira em duas coisas. Que o Matthew Dahler é o suspeito, e tenho noventa e nove por cento de certeza disso, e que vamos encontrar a Julie numa destas moradas. Mas é a minha carreira que aposto, e não estou disposta a apostar a sua. Fique no raio do carro quando lá chegarmos. Cubra-me as costas se eu fizer asneira.

Ele não disse nada durante algum tempo. Ficou ali, ressentido, de olhos virados para a frente, a franzir a cara e a coçar a cabeça.

— Está bem, Winnett, seja como quiser. — Parecia quase cansado, resignado.

— Acha que vamos encontrá-la?

— Espero que sim. Se não, eu... não temos mais pistas, nada. Estamos acabados, e as consequências serão enormes, para todos nós.

— Pois — respondeu ela baixinho. Ele estava certo. Se cometessem um erro, não havia volta atrás. Entrar na propriedade de alguém sem uma causa visível e sem mandado significava violar a lei. Com os Dahler em jogo, nunca deixariam que nenhum deles escapasse impune.

Tess abrandou ao aproximar-se da entrada do porto. Os portões estavam abertos e ela não tinha de parar, mas fê-lo, a fim de obter indicações para a zona de armazenamento dos contentores de um empregado da marina. Depois, desligou as luzes e prosseguiu, lentamente.

Um tinido, e Gary pegou no telemóvel dela para ler a mensagem de texto.

— Dê a volta — disse ele. — Foi instalado equipamento de suspensão na casa, na cave. Está confirmado.

Os pneus guincharam com força no asfalto sobreaquecido, e Gary teve de se agarrar ao puxador da porta, gemendo. Tess saiu da marina a toda a velocidade, dirigindo-se à Highway 1, e virou à esquerda, seguindo para sul. Era a aposta mais segura, mas estava cheia de cruzamentos movimentados.

Gary pegou na *Glock* e verificou as munições, voltando depois a metê-la no coldre.

— Oh, não — disse Tess, friamente —, você fica no carro. Nós concordámos.

— Nós não concordámos. Você ditou e eu desisti de discutir consigo. Estou simplesmente demasiado cansado para discutir, Winnett.

— Não podemos entrar os dois, detetive. Pense bem por um segundo. E se ele nos alveja aos dois, o que acontece?

— Isso é uma treta, e você sabe. Mas, ei, como queira. Eu fico aqui — concedeu, sem se preocupar em esconder a rabugice.

Virou para a rua de Dahler e apagou as luzes. Encostou dois números antes do da sua morada e desligou o motor. Não havia movimento de peões na pequena rua, o que era típico do fim de tarde de um fim de semana tranquilo. Voltou a verificar a arma e saiu do carro, fechando a porta devagar.

Dirigiu-se o mais discretamente possível à casa de Dahler, decidida a tentar entrar pelas traseiras. Analisou de novo a envolvente e entrou no pátio das traseiras, de arma em punho.

Vendo-a à distância, Gary remexeu-se durante alguns segundos, depois pegou no telemóvel e ligou para a central telefónica do FBI.

— Há aí um agente especial responsável chamado Pearson? Pode, por favor, passar-me a ele? É uma emergência.

Assim que desligou, puxou da arma e seguiu Tess para o pátio das traseiras de Dahler.

O COVIL

Estava a ficar escuro e isso ajudava-a a manter-se invisível, coberta em parte por arbustos e por uma vedação de quase dois metros de altura. Tess agachou-se e avançou lentamente, atenta a sensores de holofotes em que pudesse tropeçar. Havia um por cima da entrada lateral, mas se se arrastasse encostada à parede, podia evitar acioná-lo.

Chegou à porta e experimentou suavemente o puxador. Estava trancada. Meteu a mão no bolso de trás e tirou um cartão de crédito da carteira. Alguns segundos depois, a porta estava destrancada.

Abriu-a lentamente, atenta a quaisquer sons vindos da casa. Ouvia a televisão no andar de cima, e lampejos de luz azulada chegavam à escadaria. A entrada lateral, no piso térreo, ficava meio andar abaixo do nível superior e meio andar acima da cave. O lar oficioso de Matthew tinha dois níveis.

Fechou a porta sem fazer qualquer som e decidiu começar pela cave. Desceu silenciosamente as escadas, auxiliada pela grossa alcatifa que cobria os amplos degraus. Uma vez chegada ao nível da cave, verificou primeiro a lavandaria, segurando a arma na mão direita. Na esquerda, tinha uma lanterna tática que segurava como um picador de gelo, com o polegar no interruptor de pressão, e cruzada sob o antebraço direito, para uma estabilidade adicional. Depois, verificou alguns armários e um espaço de armazenamento vazio construído debaixo das escadas.

Só restava uma porta e ela abriu-a lentamente, para não produzir qualquer som. O espaço era grande, estendendo-se talvez por baixo da maior parte da área de habitação da casa. Fechou a porta com cuidado, concentrando-se em verificar cada canto.

Então viu-o, ao centro da sala, o complicado arnês que sustinha o corpo inerte e nu de uma jovem. Tinha a cabeça pendente, e o cabelo castanho tapava-lhe o rosto quase por completo. As costas estavam cobertas de finas linhas traçadas a sangue seco. Tess arquejou. Depois do relatório do Dr. Rizza, pensava que estava preparada para o que ia encontrar, mas não havia preparação possível para o que via. O arnês estava pendurado do teto, e intrincadas cordas e roldanas fazia m com que fosse fácil controlar a posição da mulher nele presa. Alguns metros à frente, numa bancada coberta de azulejo, instrumentos médicos, drogas e parafernália sexual estavam elegantemente alinhados em tabuleiros e, na parede, todo o leque de acessórios para o sádico sexual cujo perfil tinham traçado. Aos seus olhos, fixos de horror ante o que viam, escapou o alarme silencioso na parede. Os LED debaixo do ecrã tornaram-se vermelhos e começaram a piscar.

Aproximou-se do arnês, concentrada na jovem, tentando descobrir se ainda estava viva. Guardou a arma no coldre e verificou-lhe a pulsação, apoiando-lhe suavemente a cabeça. Estava viva, mas quase inconsciente; retraiu-se ante o seu toque e choramingou baixinho.

— Shh... está tudo bem — sussurrou. — Sou do FBI. Vou levá-la para casa.

Julie choramingou baixinho e tentou abrir os olhos, mas não conseguiu. Estava fortemente drogada. Tess procurou de novo o interruptor, ainda que acender a luz significasse chamar a atenção de Dahler. Por fim localizou-o, mesmo por cima da bancada à sua frente. Carregou no interruptor e fortes luzes fluorescentes acenderam-se.

Correu novamente para junto de Julie e verificou-lhe as pupilas. A pobre rapariga esforçava-se, mas não conseguia manter os olhos abertos. Gemeu baixinho e tentou dizer alguma coisa, mas Tess não percebia nada. Tinha o rosto muito inchado e o lábio inferior distendido e rasgado, coberto de sangue seco.

— Está tudo bem — sussurrou-lhe Tess —, vai ficar bem.

Desistiu de tentar reanimá-la e decidiu desatar-lhe as amarras. Começou pelo pulso direito e debateu-se com a algema de couro, os dedos trémulos, esforçando-se por soltar a correia, ignorando cada vez mais o ambiente que a rodeava.

Não o viu chegar, não ouviu nem um som. Deu simplesmente por si a voar pela divisão e chocou contra uma parede, caindo depois no chão. Confusa, o coração a martelar-lhe no peito, levantou a cabeça mesmo a tempo de ver Matthew Dahler avançar na direção dela com os dois punhos. Esquivou-se a um dos golpes e agarrou-lhe o braço, servindo de alavanca para se levantar, enquanto tentava pegar na arma. Não conseguiu. Dahler apertou-a, segurando-lhe os dois braços ao longo do corpo, e arrastou-a, aos pontapés ao ar, para junto da bancada. Bateu-lhe com as costas contra a beira da bancada, fazendo a dor disparar-lhe pela espinha. Pegou numa seringa que ainda continha algum líquido. Como num sonho, Tess ouviu Julie choramingar mais alto, desesperadamente.

Viu com terror como a agulha se aproximava do seu pescoço e invocou todas as forças. Ele era forte, os braços como aço a mantê-la no lugar. Conseguiu levantar o joelho e atingiu-o nos genitais, nem de perto com tanta força como desejava, mas desestabilizou-o e abalou-o um pouco. Aproveitou e enfiou-lhe um cotovelo no estômago. Depois, quando ele se agachou, em reflexo, atingiu-o no queixo com o mesmo cotovelo esquerdo, apoiado com a mão direita a envolver o punho esquerdo. Ouviu-lhe os dentes chocalhar, e ele gemeu, zangado, os profundos olhos azuis cravando-se nos dela, cintilando de raiva. De repente, Dahler grunhiu e cerrou os punhos com tanta força que Tess ouviu os nós dos dedos estalar.

Atirou-se a ela com as duas mãos, agarrou-a pelos braços e lançou-a contra a parede. Tess debateu-se e puxou-o às cegas, prendendo um bocado da *T-shirt* com a mão esquerda. Rasgou-se quando ela chocou contra a parede, deixando-lhe o antebraço exposto, onde uns bíceps bem desenvolvidos se moviam por baixo da pele. Tess arquejou e parou, petrificada, de olhos fixos na tatuagem que descobrira. Uma serpente enrolada num pau. A serpente das suas memórias negras, dos seus pesadelos. A mesma, a testemunha inesquecível da sua hora mais funesta. A imagem que há mais de dez anos a assombrava, mas que até agora não conseguira ver claramente. Uma onda de náuseas paralisou-a, e Tess choramingou baixinho, agachando-se, incapaz de se levantar e reagir.

Ele franziu o sobrolho, preparado para o contra-ataque que não veio. Agarrou-a pelas

lapelas com um aperto forte e levantou-a, com as costas encostadas à parede. Então, examinou-a atentamente, de perto, e sorriu.

— Quem diria — disse ele. — Se a vida hoje não está cheia de surpresas.

Petrificada, Tess olhou-lhe para o rosto, paralisada pelo medo, pela onda de memórias brutais que a invadiam, vindas de anos de silêncio e escuridão. Olhou para o rosto que procurara em toda a parte, em bases de dados e também nas ruas, em lojas, na televisão. Finalmente encontrara-o, mas a sua presença aturdiu-a, transformando-a num trémulo e fraco molho de nervos e náusea.

Continuando a segurá-la contra a parede com uma mão, ele tirou-lhe a arma com a outra e atirou-a para a bancada. Depois, bateu-lhe na face com o punho direito, deitando-a ao chão, e ficou a ver estrelas. A face direita embateu nos azulejos com força e Tess viu um clarão de luz ao colidir com a cabeça na superfície fria. Tentou levantar a cabeça, mas o cotovelo dele mantinha-a no sítio e o joelho esmagava-lhe as costelas. Puxou-lhe o cabelo para trás e expôs-lhe o pescoço.

— Aí está — disse ele, rindo-se, enquanto lhe passava um dedo pela linha do cabelo, entre a orelha e a nuca. — A minha marca. Reconheço o meu trabalho anterior.

Tess choramingou baixinho, odiando-se pela sua fraqueza. Olhou-o nos olhos, tão próximos dos dela, recordando aquela centelha. Naquela noite, há muito tempo, estava escuro, e ele usava máscara, mas aquele brilho, aquele lampejo de crueldade sádica e selvagem estivera lá então e estava ali agora.

— Reconheces-me, não é? — perguntou Dahler, apertando-lhe o ombro esquerdo.

A julgar pela forma como doía, e pela falta de força e coordenação na mão esquerda, esse ombro estava partido, talvez deslocado. Gritou quando a dor lhe disparou pelo osso.

— Sabia que não me esquecerias — acrescentou ele, rindo-se. — Tentei tornar o nosso encontro o mais memorável possível.

Os olhos de Tess deslocaram-se de novo para a tatuagem. A serpente enrolada num bastão, o símbolo da cura e da medicina. O bastão de Asclépio, era assim se chamava; aprendera isso ao examinar milhares de tatuagens na base de dados federal, à procura dele, à procura de Matthew Dahler antes de saber o seu nome.

— Infelizmente, fugiste antes de eu poder completar a minha primeira obra-prima. Bem, mas não há melhor momento do que o presente, não é?

Ouviu Julie choramingar cada vez mais alto, os seus gemidos transformando-se em gritos desesperados. De alguma forma, os gritos de Julie alimentaram-lhe a coragem, infundindo-lhe força nas veias, e Tess começou a sair da paralisia, pensando e planeando a jogada seguinte.

— Levanta-te — ordenou ele, tirando-lhe o peso de cima. Recuou alguns passos e pegou na arma dela em cima da bancada, apontando-lha. — Despacha-te.

Doía-lhe levantar-se, com o braço esquerdo a pender-lhe, frouxo, e a cabeça a latejar de dor. Conseguiu pôr-se em pé, sem desviar os olhos dos dele.

— Sim, fugi — disse ela, encontrando forças para sorrir. — Sabes porquê? Porque havia sacanas como tu a fazer fila para eu os apanhar, foi por isso. Não podia deixá-los à

espera.

Dahler chegou-se um passo mais perto, rangendo os dentes e aproximando mais a arma do peito dela. Tess não se mexeu.

— Sabes porque não podia deixar a escumalha deste mundo à espera? — prosseguiu, obrigando o sorriso a permanecer-lhe nos lábios. — Porque tinha de preparar o caminho para ti. És o próximo a cair. Vais aprender tudo sobre violação na prisão. Será fantástico.

Ele deu mais um passo em frente, torcendo os lábios de raiva.

— Cala a boca, cabra. Estás do lado errado da arma.

Ela estudou-lhe os olhos de novo, por mais perturbador que isso lhe parecesse, fazendo-a ainda sentir-se doente. Ele não era do tipo de disparar. Nunca alvejara ninguém. Queria que ela sofresse, ali pendurada, onde Julie estava, a gritar de dor. Conteve um arrepio.

— Tenho de me questionar — prosseguiu, conferindo à voz todo o sarcasmo que conseguiu reunir — como foi para ti perceber que eu desaparecera e que tinhas ficado ali de gaita na mão. Grande violador, hã?

Dahler deu outro passo, deixando menos de trinta centímetros entre o cano da arma e o peito de Tess. O seu braço esquerdo era inútil, ou quase, e o latejar no ombro direito tornava-se insuportável, mas tinha de agir, e aquela era a oportunidade perfeita.

— Está em posição de segurança, seu imbecil — disse friamente.

Ele desviou os olhos por uma fração de segundo, procurando a patilha de segurança, mas isso foi o suficiente para ela. Atingiu-o no queixo com um movimento para cima da base da mão direita, enquanto dava um passo à direita e desviava a mão que empunhava a arma com todas as forças que conseguiu invocar. Ele largou a arma e agitou-se, tentando manter o equilíbrio, mas Tess atingiu-o com toda a força nos genitais com um joelho. Dahler enrolou-se, agarrando-se à barriga com as mãos e pondo a cabeça ao alcance de um pontapé forte. Um segundo pontapé nos genitais mandou-o a cambalear contra a bancada, e Tess aproveitou para pegar na arma. Apontou-lha com um olhar frio.

— As *Sig* não têm patilha de segurança, seu filho da mãe. — Apertou o gatilho, enfiando-lhe uma bala na coxa. Ele gritou de dor e agachou-se junto à parede, tentando travar a perda de sangue com as mãos.

Então, ela bateu-lhe na cabeça com a coronha da arma e pô-lo inconsciente.

— Agora estamos quites, sacana — murmurou, e guardou a arma no coldre.

Julie estava acordada, com os olhos vidrados e desfocados. Parara de choramingar quando Tess alvejara Dahler e tentava dizer-lhe algo, mas Tess continuava a não perceber. Recomeçou a soltar-lhe as correias, desta vez pelas dos tornozelos, para que ela pudesse apoiar-se nas pernas o mais cedo possível.

— Estamos quase prontas agora, só mais um segundo — disse Tess suavemente. — Prometo-lhe que ninguém vai vê-la assim.

Julie choramingou baixinho e uma nova lágrima rolou-lhe pela face.

Tess acabou de soltar as correias dos tornozelos e guiou-lhe suavemente os pés até ao chão, o mais gentilmente possível, mas Julie continuava a sobressaltar-se e a remexer-se

sempre que ela lhe tocava. Ainda estava fraca e não suportava o próprio peso. Embora os seus pés pudessem tocar o chão, os joelhos cederam-lhe e ela ficou pendurada do arnês, trémula e fraca.

Tess deslocou-se então para a cintura, abrindo as três fivelas do cinto principal. Julie começou de novo a choramingar e a esforçar-se por dizer qualquer coisa.

— Só mais alguns segundos, prometo.

Julie choramingou mais alto, com uma nota de pânico na sua voz fraca, os olhos vidrados olhando para um ponto algures atrás de Tess.

— Olhe — murmurou ela.

Tess virou-se no momento em que o golpe a atingiu. Algo pesado bateu-lhe de lado na cabeça e deitou-a ao chão, confusa e a ver estrelas. Arrastou-se para trás até chegar à parede, em busca da fonte do ataque.

— É o meu filho, sua cabra — disse o homem.

Viu-o então, o pai de Matthew Dahler, de costas voltadas para ela enquanto pegava num taco de basebol na ponta da bancada. Sacou da arma e alvejou-o no momento em que ele se virava. A bala abriu-lhe um buraco na têmpora. Caiu ao chão com um baque pesado, o sangue a formar uma poça à volta da cabeça, a poucos metros do filho.

Matthew grunhiu e abriu os olhos. Olhou para o cadáver do pai e sorriu.

— Pobre pai — disse —, sempre do meu lado, fizesse eu o que fizesse. Acho que, no fundo, ele gostava. Gostava da ideia de se vingar da mãe.

Tess apontou-lhe a arma e adotou uma posição de disparo, curvada e exausta, sem forças no ombro esquerdo.

— Toma. Prende-me — prosseguiu Dahler, estendendo as mãos com os pulsos unidos, prontos a ser algemados. — Amanhã já estou cá fora, assim que contar a toda a gente sobre os bons momentos que vivemos na universidade, tu e eu.

Julie gemeu baixinho.

— Isto foi pessoal, uma vingança, um ajuste de contas. Todos verão isso.

— Deita-te no chão, de cara para baixo e mãos atrás da cabeça. Já — disse Tess. Não ia deixar que aquele filho da mãe brincasse com a sua cabeça.

— O meu erro... O meu único erro, mesmo à minha frente — riu-se ele. — Consegues ver as manchetes? Vamos divertir-nos tanto, tu e eu. Como nos velhos tempos.

Piscou-lhe o olho, e Tess sentiu uma onda de raiva a fazer-lhe o sangue ferver.

— No chão. Já — repetiu.

— Ou o quê? Não podes disparar; estou desarmado e ferido. E vou sair. Ela não vai dizer nem uma palavra — disse ele, inclinando a cabeça na direção de Julie. — Não irá testemunhar. Dirá que foi consensual e que isto foi uma cilada. Uma antiga namorada vingativa com problemas de separação que se tornou agente federal. O silêncio pode comprar-se, estás a ver? A liberdade também.

Tess olhou para Julie, mantendo a arma apontada a Dahler. Ela choramingou e fechou os olhos.

— Por favor, faça-o parar — sussurrou Julie, de forma quase inaudível.

Dahler riu-se.

— Nunca vai parar, nem para ela, nem para ti, Theresa Winnett.

Tess não conseguiu esconder a reação ao ouvir o seu nome dito por aquele homem desprezível.

— Sim, lembro-me de ti — prosseguiu ele —, a que escapou. A que fugiu e depois se tornou *fed*. A que nunca me viu a cara... Oh, como isso te deve ter irritado, hã, Theresa?

Ela olhou para Julie e acenou uma vez. Julie acenou também, depois de lhe sustar o olhar durante um longo e carregado segundo.

— Por favor — sussurrou Julie.

— No chão, já — gritou Tess, de arma apontada ao peito de Dahler. — É o último aviso.

Depois, premiu o gatilho duas vezes, atingindo-o no peito antes que ele tivesse hipótese de reagir. Dahler petrificou na morte, de olhos ainda abertos, transmitindo surpresa no momento em que a vida lhe deixava o corpo. Tess soltou um longo suspiro e guardou a arma no coldre.

— Vamos — disse, soltando Julie da última correia. — Está na hora de ir. — Examinou a sala e encontrou um lençol azul-claro. Embrulhou Julie nele e ajudou-a a deitar-se num sofá, gentilmente.

— Vou buscar ajuda, está bem? Agora acabou mesmo.

— Não me deixe — murmurou ela, com o pânico a infiltrar-se-lhe na voz.

— Não deixo. Estou aqui. — Pegou no telemóvel e marcou o número de Gary. Ouviu o telefone dele tocar ali perto, demasiado perto, do lado de fora da janela.

— Oh, não — arquejou, e correu para o exterior.

Ali estava ele, deitado na relva, imóvel, com o sangue a gotejar lentamente de um ferimento na cabeça. Procurou orifícios de bala e não encontrou nenhum. Tinha o pulso estável, mas fraco. Quando ia a pedir ajuda, ouviu sirenes a aproximar-se e uma carrinha da SWAT estacionou, seguida pelo SUV do agente especial Pearson.

Esperou por eles apenas o suficiente para garantir que cuidavam de Gary. Correu de novo para o interior e sentou-se ao lado de Julie, segurando-lhe na mão. Ouviu atentamente enquanto a SWAT verificava o resto da casa, depois alguns dos agentes desceram.

Um dos homens ofereceu-se para levar Julie até à ambulância. Ela choramingou e virou a cabeça.

— Não lhe toque — respondeu Tess, apertando-lhe a mão. — Mandem descer os serviços de emergência com uma maca. Ninguém lhe toca, ouviram?

UM CONVITE

Tess sentou-se no para-choques traseiro de um dos veículos de emergência, enquanto um paramédico cuidava dela. A adrenalina estava a desaparecer e, na sua ausência, uma onda de dor atingiu-a. O ombro esquerdo encontrava-se em mau estado, a cabeça latejava-lhe e as costelas tinham apanhado com demasiados dos golpes diretos de Dahler. Mas nada disso importava, pois Julie estava viva e em segurança.

O paramédico abriu um medidor de pressão e ela estendeu-lhe distraidamente o braço direito. Ainda estava abalada do confronto com os seus próprios monstros, por se ter visto a centímetros do homem que alterara para sempre o rumo da sua vida, há mais de dez anos. Continuava zonzinha depois de o ter matado. Agora, com ele erradicado da face da Terra, talvez pudesse ter esperança de voltar a viver.

— Winnett — disse o agente especial Pearson, quase a sobressaltando.

— Senhor — respondeu ela, voltando para ele o rosto amassado.

— Tenho uma imensidão de queixas com que lidar. A polícia do condado de Palm Beach ligou duas vezes por causa da tua condescendência e desrespeito pelos procedimentos. Aparentemente, redistribuíste o pessoal sem um orçamento aprovado para horas extraordinárias. Depois, o governador ligou, logo a seguir à tua visita aos Dahler, citando o teu nome e dizendo que tinhas feito perguntas inapropriadas para uma das famílias mais respeitáveis da região. A Senhora Feldman Dahler está ali, a ameaçar trazer o inferno por teres entrado sem mandado.

— Senhor, eu...

— Não me interrompas, Winnett. Já tivemos esta conversa, sobre deixares as pessoas acabarem o que têm para dizer. — Passou as mãos pelo reluzente couro cabeludo e depois pela cara. — Custa-me dizer isto, mas cá vai. Bom trabalho — disse ele, soltando um longo suspiro. — Por amor de Deus, espero que, seja qual for o método que utilizaste neste caso, nunca chegue aos manuais de Quantico. Que raio de confusão.

Tess sorriu, um pequeno puxão no canto dos lábios.

— Estou disposto a apostar que o teu relatório vai ser uma confusão, tal como isto — continuou ele, apontando vagamente para a rua, bloqueada por veículos de emergência e inundada de luzes intermitentes vermelhas e azuis. — Não me faças esperar muito tempo.

— Sim, senhor.

— E Winnett? Quando voltares de seja qual for o repouso e recuperação que estes tipos te vão prescrever, receberás o teu novo parceiro.

— Está bem — respondeu ela, já sem se sentir apreensiva. Talvez estivesse demasiado cansada, ou talvez as coisas pudessem começar a ser diferentes.

— Está bem? — reagiu Pearson. — O quê, bateste com a cabeça, ou assim?

Não esperou pela resposta. Como habitual, limitou-se a virar costas e a ir-se embora, acabando a conversa ao estilo Pearson.

Ficou a sorrir durante algum tempo depois de ele partir, novamente distraída, enquanto o paramédico lhe retirava o colete e cortava a *T-shirt* para lhe examinar o ombro. Os dedos dançavam-lhe na pele e Tess já não se encolhia por dentro. Pegou no telemóvel e procurou o número do agente especial McKenzie na memória. Olhou longamente para o nome, mas decidiu ligar-lhe mais tarde, de um cenário mais privado. Era tempo de a sua cura começar.

— Isto vai precisar de radiografias e provavelmente de cirurgia para reparar — disse o paramédico. Era um jovem de ainda nem trinta anos, com dedos frios e firmes e uma atitude tranquilizadora. — Pode ter alguns nervos e ligamentos rasgados. Depois, vai precisar também de outras radiografias. Vamos interná-la.

— Oh — reagiu ela, não muito entusiasmada com a perspetiva. Queria um banho quente e um dos hambúrgueres com batatas fritas de Cat. Que fosse duplo, com queijo, *bacon* e picles. De rebentar as artérias e consertar a alma, Cat-terapia. Lembrou-se então de uma coisa e o sangue gelou-lhe novamente nas veias, e uma onda de repugnância atingiu-a com força.

— Ei, importa-se de verificar aqui, na linha do cabelo? — pediu, expondo o lado esquerdo do pescoço ao paramédico. — Não consigo ver... o que está aí? Tipo uma cicatriz, talvez?

— Isto não é nada; nem sequer está a sangrar — disse o paramédico. — Parece antigo.

— Sim, mas o que é?

Ele tocou-lhe na pele com o dedo enluvado.

— São três linhas paralelas, muito finas. Como cortes superficiais. Não se lembra de ter feito isto?

— Não — disse ela, estremecendo. — Não lembro. Mas foi há anos, por isso não importa. Como está o meu parceiro, Gary Michowsky?

— Está bem. Tem um traumatismo craniano; vamos também levá-lo.

— Está consciente?

— Sim, está ali, a dar-nos problemas. Polícias, o que se pode esperar? — O paramédico resfolegou e apontou para Gary, sentado na maca, em vez de deitado, enquanto dois paramédicos se esforçavam por o manter no sítio.

— Dê-me um minuto, está bem? — Saltou do para-choques da ambulância, arrependendo-se imediatamente, pois o movimento abrupto enviou-lhe ondas de dor latejante para o ombro e para a cabeça. Dirigiu-se à maca de Michowsky e pôs-lhe a mão no ombro.

— Deite-se. Acabou — disse ela. — Pode permitir-se relaxar.

— Estou bem. Não quero ser transportado por aí como um bebé. Deixa-me tonto.

Ela aproximou-se e sussurrou-lhe ao ouvido.

— Deite-se, ou conto a toda a gente sobre a sua crise de meia-idade. — Depois piscou-

lhe o olho e viu-o deitar-se, deixando que os paramédicos o prendessem à maca. — Vamos à mesma festa de raios X, você e eu. Por isso relaxe. Talvez um dia me conte o que fazia no pátio das traseiras do Dahler, quando era suposto ter ficado no maldito carro. — Hesitou e sorriu para o chão. — Obrigada por me apoiar — acrescentou.

Ele enxotou-a com um aceno e ela fez menção de partir.

— Winnett?

— Sim.

— Talvez possamos ir beber um *mojito* depois de acabarmos com esta confusão, hã?!

Um verdadeiro.

Ela sorriu e continuou a afastar-se.

— Ei, Winnett? — chamou ele novamente.

Ela rodou nos calcanhares, fingindo frustração, mas continuando a sorrir.

— O que foi agora?

— Sabe, para uma cabra empertigada dos *feds*, não é assim tão má.